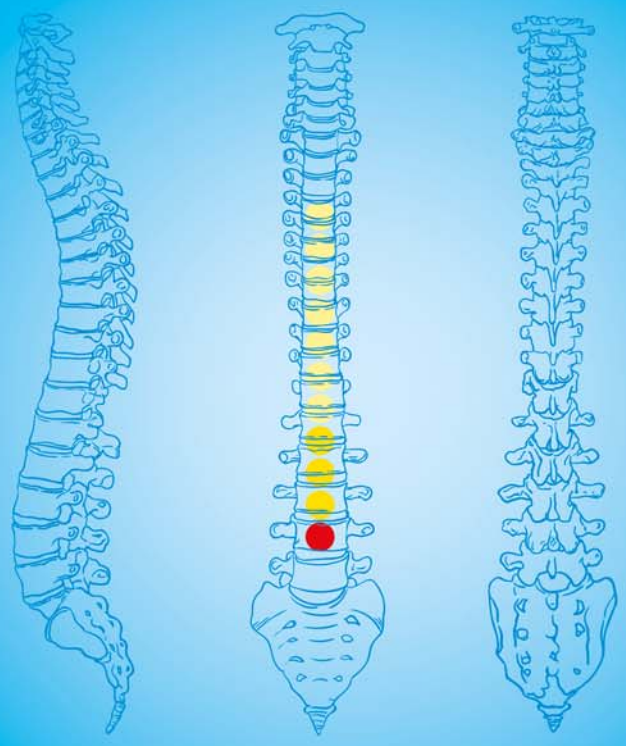
REVISTA

CSA avançado

edição especial • ano 2016

TRANSPLANTE DE MEDULA

AS DIFICULDADES DE COMPATIBILIDADE ENTRE DOADOR-RECEPTOR

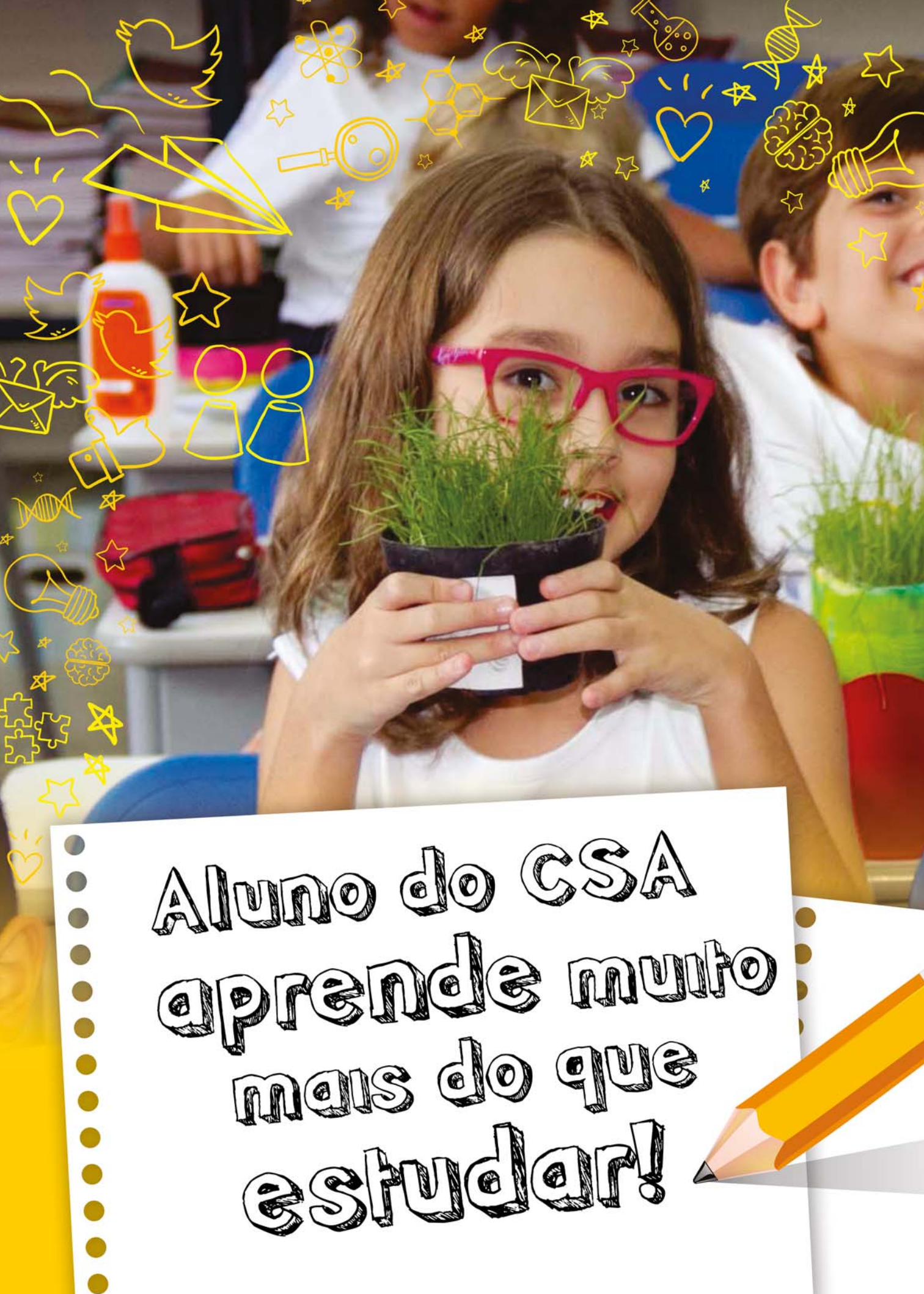


FINANÇAS
A Importância de Investir em Diferentes Tipos de Aplicações

CANDOMBLÉ
Território e Identidade Negra

CINEMA
A Logopatia na 7ª arte

LITERATURA
A Utopia no Sítio do Picapau Amarelo


Aluno do CSA
aprende muito
mais do que
estudar!

APRESENTAÇÃO

"Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!"
(ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*)

A *Revista CSA Avançado* é uma mostra conclusiva do programa de iniciação científica do Colégio Santo Antônio para o ensino médio. A pesquisa começa com a escolha do objeto de estudo pelos estudantes e se desenvolve com a orientação teórica e prática dos professores durante um semestre. A elaboração escrita e a exposição oral dos resultados constituem a parte final. Cada fase é importante porque, além de despertar o espírito científico, contribui para a capacitação de comunicação dos estudantes.

No ano de 2016, destacamos os estudos sobre a compatibilidade doador-receptor em transplante de medula óssea, experimentos de cultivo *indoor*, movimentos sociais (negro, mulher) sob a ótica marxista, educação financeira, educação através da literatura e cinema.

Agradecemos aos familiares e professores que motivaram e acompanharam seus filhos. Nossos parabéns a todos os estudantes pelo interesse e esforço empenhados nesta atividade extracurricular.

VIVER BRASIL

O TEMPO
Jornalismo de Qualidade

200 empresas em destaque

Viver Brasil e O TEMPO
apresentam as companhias que são destaque em Minas.
Dentre elas, está o Colégio Santo Antônio.

COLÉGIO SANTO ANTÔNIO

Referência em educação, o Colégio Santo Antônio tem como base norteadora a pedagogia franciscana desde o ensino fundamental até o ensino médio, visa à formação do aluno a partir de uma perspectiva que preza os valores cristãos e os calores humanos, tais como a ética, a responsabilidade, a solidariedade e o respeito ao bem comum.

Paz e bem!

SUMÁRIO

A IDENTIDADE NEGRA EM QUESTÃO 10

A MULHER NEGRA NO MOVIMENTO FEMINISTA BELO-HORIZONTINO 18

A REALIDADE DA EXPERIÊNCIA DE TRANSPLANTE COMO TÉCNICA TERAPÊUTICA DE DOENÇAS: ESTUDO DE CASO DE UM TRANSPLANTE RENAL 28

A RELAÇÃO SIMBIÓTICA ENTRE **PLANTAS E FUNGOS** EM SISTEMAS FECHADOS 36

A UTOPIA NO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO: A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE PELA LITERATURA 46

O PAPEL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA LUTA DE CLASSES DO SÉCULO XXI ESTUDO DE CASO: OCUPAÇÃO WILLIAM ROSA 56

BOLSA X TESOURO DIRETO: RISCO OU SEGURANÇA? 64

AS AMBIÇÕES DO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA 70

78 **COMPÊNDIO SOBRE A *UTOPIA*** *DAS VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS*

84 **CORRELAÇÃO** ENTRE INFECÇÕES VIRAIS E A OCORRÊNCIA DE POLINEUROPATIAS DESMIELINIZANTES AGUDAS ASSOCIADAS À **SÍNDROME DE GUILLAIN-BARRÉ**

92 CRISES DAS BOLSAS DE VALORES

106 CULTIVANDO BATATAS EM AMBIENTE FECHADO

116 ENSAIO SOBRE A ORIGEM DA QUÍMICA PREBIÓTICA

124 HUMANISMO, RENASCIMENTO E A UTOPIA DE THOMAS MORE

132 LOGOPATIA NA SÉTIMA ARTE II

148 O LÚDICO DE PETER PAN E A IMAGINAÇÃO

154 SENSIBILIZAÇÃO DE COMUNIDADE ESCOLAR PARA AS DIFICULDADES DE COMPATIBILIDADE ENTRE DOADOR-RECEPTOR EM TRANSPLANTE DE MEDULA

162 TERRITÓRIO E IDENTIDADE: ESTUDO DE CASO ILÊ WOPO OLOJUKAN

172 TESOURO DIRETO X POUPANÇA COMPARANDO AS DUAS FORMAS DE INVESTIMENTO

178 A IMPORTÂNCIA DE INVESTIR EM DIFERENTES TIPOS DE APLICAÇÕES

190 O PÁIS DAS MARAVILHAS DENTRO DO SONHO

198 OUTRA VERSÃO DA VERDADE

210 INVESTIMENTOS ADEQUADOS A TEMPO DE APLICAÇÃO

216 A PERPETUAÇÃO CAPITALISTA ATRAVÉS DO HIPERCONSUMISMO

CSA Avançado

A IDENTIDADE NEGRA EM QUESTÃO

THE BLACK IDENTITY IN QUESTION

Orientadores:
Bruno de Araújo Rangel[1]
Wanda Rodrigues[2]

Orientandas:
Ana Carolina de Oliveira Campos[3]
Júlia Graciela da Luz[4]

RESUMO

O trabalho que se segue tem como objetivo principal apresentar e questionar o conceito de identidade negra através da comparação do cotidiano de pessoas que vivem em diferentes contextos sociais e culturais e que são denominadas negras pela sociedade em geral. Os grupos analisados são constituídos por membros do candomblé e frequentadores do estabelecimento Ilê Wopo Olojukan e por alunos do Colégio Santo Antônio. Entre diferenças e semelhanças entre os grupos, buscamos entender o que seria uma identidade negra e quais são suas variações.

Palavras-chave: Identidade. Território. Negro.

ABSTRACT

The following paper has as its main objective to present and to question the concept of black identity by comparing the daily life of people living in different social and cultural contexts which are referred to as black by the society in general. The groups analyzed are constituted by members of the candomblé and regulars of the establishment called Ilê Wopo Olojukan and Colégio Santo Antônio students. Between differences and similarities among the groups, we seek to understand what would be a black identity and what are their variations.

Keywords: Identity. Territory. Black.

1 Graduado em História pela Newton Paiva e especialista em História da Arte pela UFMG.

2 Graduada em História e especialista em História da Arte e Maneirismo no Brasil pela UFMG.

3 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

4 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

OS GRUPOS COMPARADOS

A escolha dos grupos é baseada nos locais onde vivem ou têm mais contato. O Ilê Wopo Olojukan foi escolhido por ser considerado um espaço com muita influência da cultura negra, uma vez que o candomblé é uma religião com raízes africanas. Já o Colégio Santo Antônio foi escolhido por questões sociais, visto que a maioria dos alunos somente teve contato com a religião cristã.

Ilê Wopo Olojukan

O terreiro de candomblé Ilê Wopo Olojukan foi construído em 1964 e é o mais antigo de Belo Horizonte. Sofreu, ao longo dos anos, várias mudanças de espaços até se estabelecer na rua Dr. Benedito Xavier, 2030, Aarão Reis, Belo Horizonte onde ainda se encontra. Em 9 de novembro 1995, o terreiro foi tombado, o que garantiu a proteção do seu espaço cultural. Apenas doze membros desse grupo foram entrevistados, e nome, idade e sexo não serão necessários para a conclusão do trabalho, por isso não serão revelados.

Colégio Santo Antônio

O Colégio Santo Antônio foi fundado em 1909, na cidade de São João del-Rei, e veio para Belo Horizonte em 1950, localizando-se na rua Pernambuco, 880, Bairro Funcionários, Belo Horizonte, onde ainda se encontra. Atualmente o colégio tem cerca de 3 500 alunos, mas apenas doze foram entrevistados, para que o parâmetro de comparação fosse o mesmo. Assim como no outro grupo, nome, idade e sexo não serão necessários para a conclusão do trabalho, por isso não serão revelados.

[... SER ABERTO E LIVRE É ESTAR EXPOSTO E VULNERÁVEL ...]

DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Espaço e lugar

“Lugar é segurança e o espaço é liberdade, estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro» (YI FU TUAN, 1983, p. 1). Os conceitos de espaço e lugar diferem um do outro a partir da visão que se tem de um território geográfico.

> O espaço permanece aberto, sugere futuro e convida à ação. Do lado negativo, espaço e liberdade são uma ameaça. Ser aberto e livre é estar exposto e vulnerável. O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização, não tem padrões estabelecidos que revelam algo (YI FU TUAN, 1983, p. 8).

O espaço é o desconhecido a ser explorado, pois os seres humanos são, por natureza, curiosos. O espaço é aquele que dá vontade de explorar e que de longe parece fantástico, mesmo com possíveis perigos. Já o lugar é oposto, não de forma negativa, mas, uma vez que o espaço nos tenta a correr e conhecer o novo por sua beleza desconhecida, o lugar nos tenta a ficar no conforto e na tranquilidade do conhecido. “O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro de valores estabelecidos” (YI FU TUAN, 1983, p. 8).

O espaço se torna lugar quando o conhecemos e nos familiarizamos com ele. Isso é topofilia. “O lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos” (YI FU TUAN, 1983, p. 5).

A maioria das pessoas atribui a suas casas o sentimento de lugar e ao mundo o sentimento de espaço a ser desvendado. O grupo do Ilê Wopo Olojukan cultiva, em sua maioria, o sentimento de lugar pelo terreiro, enquanto o grupo do Colégio Santo Antônio dedica o sentimento de lugar a outros territórios.

Está relacionado também ao conceito de espaço e lugar o conceito de topocídio. Topocídio é o nome que se dá à transformação do lugar em espaço. O vivido perde o seu sentido no cotidiano e o lugar morre.

Variedades culturais

Em seu livro *Variedades da história cultural*, Peter Burke (2006, p. 139) discute que "mesmo a cultura de um indivíduo talvez esteja longe de ser homogênea". Ou seja, os grupos analisados podem e devem apresentar diferenças e semelhanças em vários pontos de sua cultura, uma vez que ela é fragmentada. Burke também discute a forma como essa cultura é concebida:

> A ênfase transferiu-se do doador para o receptor, com base em que o que é recebido é sempre diferente do que foi originalmente transmitido, porque os receptores, de maneira consciente ou inconsciente, interpretam e adaptam as ideias, costumes, imagens e o que lhes é oferecido (BURKE, 2006, p. 146).

Com isso, mesmo que a cultura transmitida nos dois grupos não fosse a mesma, ainda haveria uma variação, pois as formas como ela foi concebida seriam diferentes. No vídeo de Chimamanda Adichie,[1] ela conta histórias que nos fazem entender o perigo de se ter apenas uma versão de uma história, o que nos faz questionar a veracidade dessas histórias. Ou seja, a história e a cultura terão ainda mais variação se se parar para olhar os pontos de vista de cada um.

Desenvolvimento da identidade do afrodescendente

Ricardo Franklin Ferreira traz, em seu livro *Afrodescendente: identidade em construção*, os estágios no processo de construção da identidade proposto por Helms, no qual o sujeito passa pelos estágios de submissão, impacto, militância e articulação (FERREIRA, 2000, p. 70).

No estágio de submissão, o indivíduo afrodescendente rejeita seus traços, a cultura negra e tenta se encaixar na cultura considerada branca. Nesse estágio, os conceitos de aculturação e branqueamento são essenciais, uma vez que aculturação é, segundo Franz Boas (2005, p. 43), "um processo no qual elementos estrangeiros são remodelados segundo padrões que prevalecem em seu novo ambiente", e o branqueamento refere-se ao processo no qual o negro modifica sua aparência e a sua cultura a fim de se tornar branco física e culturalmente.

> O branqueamento foi uma pressão cultural exercida por uma hegemonia branca, para que o negro negasse a si mesmo, no corpo e na mente, como uma espécie de situação para se integrar na nova ordem social. (BENTO; CARONE, 2002)[2].

No estágio de impacto, o indivíduo percebe que está sofrendo preconceito racial e isso o incomoda. A partir desse momento, ele se revolta contra essa situação e passa a querer lutar contra ela e a afirmar sua identidade como afrodescendente.

No estágio de militância, o indivíduo passa a aderir movimentos sociais, muda sua aparência, começa a frequentar lugares e a fazer coisas consideradas de pessoas negras, tudo para afirmar sua identidade. Nesse estágio, o indivíduo repudia a cultura branca e aqueles que a seguem, pensando que todo branco será como o branco que o discriminou. É nesse estágio que o indivíduo se torna violento, podendo se envolver em brigas por sofrer preconceito ou até mesmo por haver um branco próximo a ele.

1 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc>.

2 Do texto *A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira*, de Idalina Maria Amaral de Oliveira.

No estágio da articulação, o indivíduo passa a entender que todas as culturas são importantes, têm o seu valor e devem ser respeitadas. Não briga mais por isso e, quando sofre preconceito, tenta resolver conversando. É o estágio em que ele reafirma sua identidade como negro.

Os estágios de Helms são descontínuos, ou seja, não seguem uma ordem esquemática e variam de indivíduo para indivíduo. Tais estágios irão ajudar a compreender a variação da identidade negra em ambos os grupos pesquisados.

Racismo no Brasil

No texto *Brasil imaginado* é discutido o racismo camuflado no Brasil. Acredita-se que, por não ter sofrido uma separação clara de negros e brancos, como no *apartheid*, os brasileiros pregam uma mentira: no Brasil não há racismo. Porém ele ocorre tão fortemente como nos Estados Unidos.

O racismo camuflado seria aquele com o qual a população já está habituada e acontece sem se perceber, no cotidiano, em forma de piadas, brincadeiras ou de forma até mesmo opressora. O racismo nessas circunstâncias não acontece apenas de branco para negro, mas também de negro para negro. O racismo camuflado está presente na supervalorização da cultura branca ocidental, na valorização do branco de cabelo liso e de olhos claros, diante do que até o próprio negro se rebaixa. Neste trabalho, pode-se perceber sua presença e, por isso, ele se torna um tópico indispensável.

[... NO BRASIL NÃO **HÁ RACISMO.]**

Identidade

[... **O INDIVÍDUO** DA } PÓS-MODERNIDADE ... **PODE SER VÁRIAS COISAS** AO MESMO TEMPO.]

O conceito de identidade pode ser o mais importante deste trabalho, já que precisamos dele para entender a identidade negra e a identidade de cada indivíduo. De acordo com Stuart Hall (2002), o indivíduo da pós-modernidade tem a identidade diferente de antes, pois ela está fragmentada e agora ele pode ser várias coisas ao mesmo tempo.

> A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada, transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2002, p. 13).

DESENVOLVIMENTO

Para a aplicação dos temas nos grupos, foi desenvolvido um questionário para ambos, e a partir disso os resultados serão analisados. O grupo do Ilê Wopo Olojukan será denominado grupo 1, e o grupo do Colégio Santo Antônio será denominado grupo 2. Em ambos os grupos, os questionários apresentam nome, idade, sexo, escolaridade, bairro e cor.

Grupo 1

As respostas que chamaram a atenção, de início, foi a escolha da cor e sua justificativa. Dos entrevistados, 58,3% se conside-

ram negros, 33,4% pardos e 8,3% brancos. Das pessoas que responderam, 58,3% justificaram suas escolhas por cor de pele, enquanto os outros 41,7% justificaram pelos traços culturais. Ou seja, 58,3% das pessoas naquele lugar acreditam que o que determina sua etnia é sua cor de pele.

Entrevistados	Pessoas que se consideram negras	Pessoas que se consideram pardas	Pessoas que se consideram brancas	pessoas que se consideram amarelas
12	7	4	1	0

Quadro 1: Classificação por cor

	Negros	Pardos	Brancos	Todos
Justificava de etnia por cor de pele	2	4	1	7
Justificativa de etnia por cultura	4			4
Ambas as justificativas	1			1

Quadro 2: Justificativa de etnia

Quando questionadas sobre como se sentiam no Ilê, 100% das pessoas responderam que se sentiam alegres e confortáveis, e que o Ilê era importante. Assim, todos identificam o terreiro como um lugar, pois o espaço tem significado para o grupo. Porém, quando perguntado o porquê, muitos responderam que tinham boas lembranças e que era referência para a sua identidade, reafirmando o sentimento de lugar; e outros, além disso, responderam que era porque era tombado, para aprender sobre o candomblé e sobre a África e para a socialização, reafirmando o sentimento de lugar pelo espaço.

Quanto à relevância de o terreiro ser tombado, muitos responderam pela conservação das edificações. Compreende-se aqui que o território com que essas pessoas criaram um elo afetivo, dando um caráter de lugar, precisa estar seguro, para que o candomblé continue ali. Se o território fosse destruído, aconteceria o topocídio, transformando o lugar em espaço. Muitas pessoas também consideraram a valorização da cultura negra e a preservação da identidade negra ao responder a essa questão.

Foi perguntado como a pessoa se sentiria se o Ilê fosse transferido. Setenta e cinco por cento disseram que se sentiriam mal por isso, reafirmando o sentimento de local, mas os 25% que seriam indiferentes afirmaram que a mudança do território não alteraria no sentimento de lugar, ou seja, para essas pessoas o lugar independe do território.

As pessoas do Ilê são grandes devotas do candomblé e dos orixás e têm orgulho de afirmar isso, revelando que têm orgulho da sua cultura e de quem são, ignorando o racismo e deixando de acreditar que a cultura branca é sempre a melhor.

Dos entrevistados, 33,3% responderam que frequentam outros espaços religiosos, no caso a Igreja Católica. Entende-se com isso que essas pessoas possuem identidades fragmentadas e sentem apego pelo cristianismo.

Cinquenta e oito por cento dos entrevistados não participam de nenhum movimento social, 33,3% participam do movimento negro e 25% fazem parte do movimento antirracismo. Os outros 16,6% fazem parte de outros movimentos, como LGBT e feminismo.

Já sofreram racismo 41,7% dos entrevistados, enquanto 25% afirmam nunca ter sofrido qualquer tipo de preconceito. As pessoas que sofreram racismo reagiram de diferentes maneiras e esse preconceito pode ter tido um resultado em cada caso. Com isso, pode-se observar várias características que, por exemplo, os colocariam no estágio de militância, um dos estágios de construção da identidade afrodescendente proposto por Helms.

Grupo 2

Dos entrevistados, 50% se autodenominam de cor negra, 33,3% se consideram de cor parda, e 16,7% se consideram brancos; 83,3% dessas pessoas justificaram sua escolha pela tonalidade de sua cor de pele. Ou seja, assim como no grupo 1, a escolha da etnia é baseada na escolha de cor de pele.

Todos os entrevistados são cristãos, sendo 66,7% evangélicos e 33,3% católicos não praticantes, e não têm contato com outra religião.

Dos entrevistados, 66,7% não participam de nenhum movimento social, enquanto 16,7% participam do movimento negro e 16,7% participam do movimento antirracismo.

Sessenta e sete por cento dos entrevistados afirmam nunca ter sofrido qualquer tipo de preconceito, enquanto 33% afirmam já ter sofrido racismo e preconceito religioso. Das pessoas que sofreram com o racismo e com o preconceito religioso, a maioria não reagiu por medo, mas superou essa situação.

[... AS PESSOAS QUE SOFRERAM RACISMO REAGIRAM DE DIFERENTES MANEIRAS E ESSE PRECONCEITO PODE TER TIDO UM RESULTADO EM CADA CASO...]

Considerações finais

Podemos, a partir dos dados de que dispomos, relacionar os entrevistados com os estágios de Helms. Em uma situação hipotética, um dos entrevistados do Ilê afirma que antes não se sentia vítima de racismo, porém um dia percebeu que era e se sentiu incomodado por isso. A partir daí, não aceitando essa situação, começou a frequentar espaços da cultura negra, mudou sua aparência e começou a fazer coisas que eram tidas como ações de negros. Esse indivíduo estava no estágio de submissão, passou pelo impacto e atualmente está na militância. A passagem por esses estágios foi o motivo pelo qual hoje ele se encontra no Ilê.

Assim também acontece com os indivíduos entrevistados no Colégio Santo Antônio. A maioria dos entrevistados não teve um ato de militância diante do impacto de sofrer racismo. Nessa situação, fica difícil saber se essas pessoas podem ser relacionadas com o estágio de submissão ou com o estágio de articulação, tendo, em ambos os casos, passado pelo estágio de impacto, mas não pelo de militância.

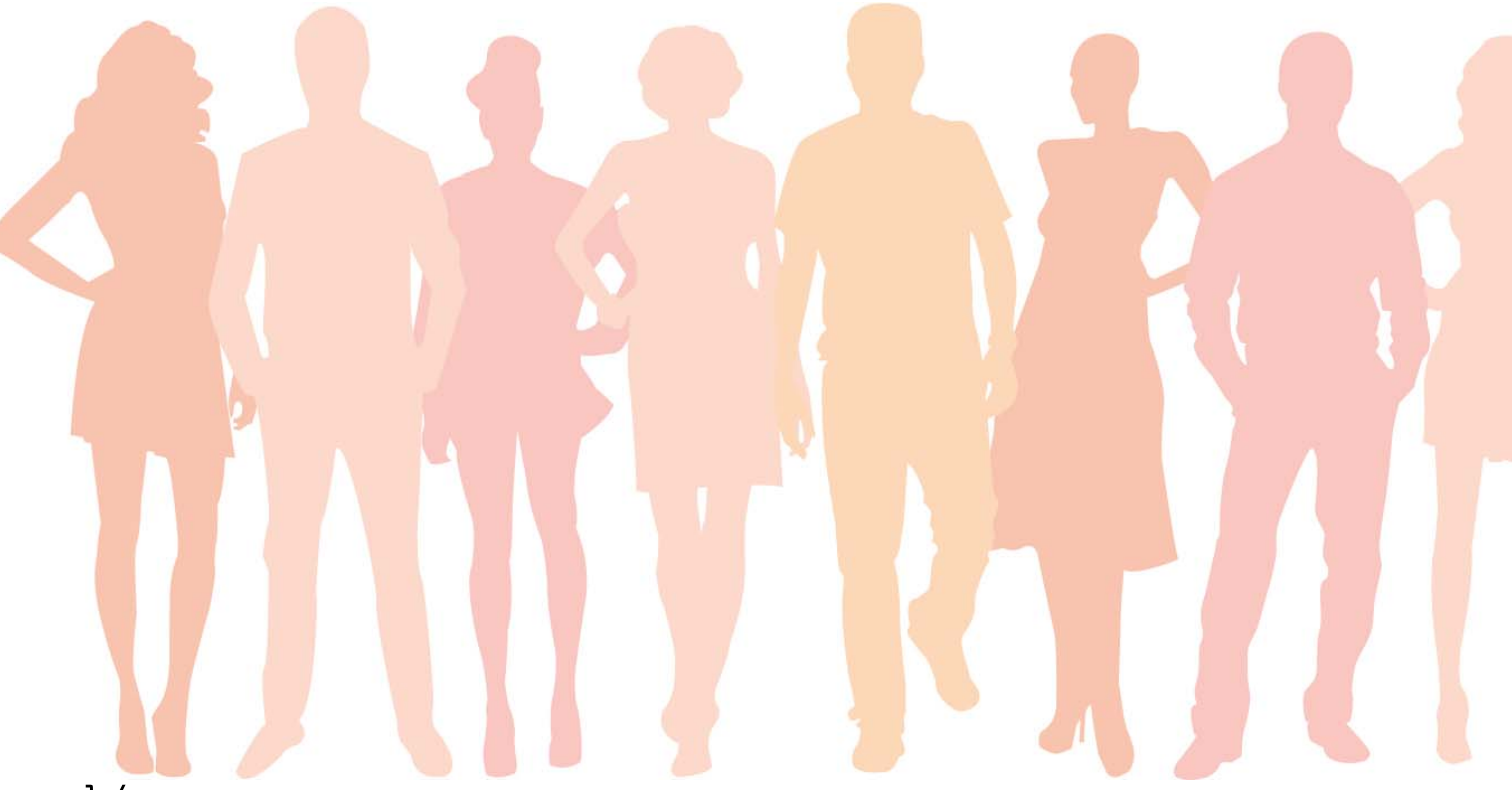
Pode-se basear a cultura negra nos conceitos de cultura heterogênea (BURKE, 2006, p. 139) e nos estágios de Helms.

A cultura negra em geral não é homogênea porque possui traços tanto africanos como brasileiros e de brancos ocidentais. Não podemos caracterizar uma pessoa como negra apenas por sua tonalidade de pele. Mesmo pessoas do candomblé seguem o cristianismo por terem apego a ele e por terem adaptado essa cultura a suas necessidades, num processo de aculturação que pode não ter sido concluído e talvez nunca seja, porque é isso que as faz se sentirem bem e completas e que confirma que a cultura de um indivíduo quase nunca é homogênea.

[... TODOS OS INDIVÍDUOS SÃO IGUAIS **E DIFERENTES** AO MESMO TEMPO **...]**

Os estágios de Helms nos fazem compreender que os momentos que um indivíduo pode passar e suas ações vão definir sua identidade. Um indivíduo no estágio de submissão pode ser considerado um indivíduo com a identidade negra, uma vez que ele não tem acesso à cultura negra e segue os valores dos “brancos”? Essa pergunta não pode ser facilmente respondida, o que nos faz refletir que os estágios de Helms são relativos, são a desconstrução de uma identidade e a construção de outra – e isso de forma sempre contínua.

Todos os indivíduos, de ambos os grupos, estão passando pela crise de identidade, que ainda não estão completamente formadas, e apresentam muitas variações no que se diz respeito ao que pensam e ao ponto de vista com que se olha para esse indivíduo. Concluímos então que todos os indivíduos são iguais e diferentes ao mesmo tempo, passam ou já passaram por situações parecidas ou nunca passaram e nunca vão passar. Têm sentimentos iguais ou sentimentos completamente diferentes por lugares iguais e diferentes. A identidade dessas pessoas se iguala por estarem todas nos estágios de Helms e por estarem em construção, embora cada uma expresse sua identidade de maneira diversa.



Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EC-bh1YARsc.>. Acesso em: 26 out. 2016.

BURKE, Peter. **Variedades da história cultural**. São Paulo/Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC;. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, Idalina Maria Amaral de. **A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira**. Produção didático-pedagógica. Santo Antônio do Paraíso: Secretaria de Estado da Educação, Universidade Estadual do Norte do Paraná, 2000.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

A MULHER NEGRA NO MOVIMENTO FEMINISTA BELO-HORIZONTINO

THE BLACK WOMAN IN THE FEMINIST MOVEMENT OF BELO HORIZONTE

Orientadores:

Bruno de Araújo Rangel[1]

Wanda Rodrigues[2]

Orientandas:

Marina Soares Bentes[3]

Victória Renata de Souza Dias[4]

RESUMO

Este trabalho consiste na pesquisa e análise sobre o movimento feminista belo-horizontino, a fim de verificar qual é o papel e a representatividade da mulher negra no movimento, comparando o ambiente social da década de 1980 com o de hoje (2016). A partir disso, juntamente com pesquisas sobre a mulher negra na sociedade, tiraremos conclusões sobre a existência da diferenciação do feminismo branco e feminismo negro.

Palavras-chave: Feminismo. Belo Horizonte. Mulher. Negra.

ABSTRACT

This work consists of research and analysis about the feminist movement of Belo Horizonte, so we can see what's the role and how black women are represented in the movement, comparing the social ambient of the 1980s with today's (2016). From that on, together with researches about black women in society, we are going to take conclusions about the existence of differences between white feminism and black feminism.

Keywords: Feminism. Belo Horizonte. Women. Black.

1 Graduado em História pela Newton Paiva e especialista em História da Arte pela UFMG.

2 Graduada em História e especialista em História da Arte e Maneirismo no Brasil pela UFMG.

3 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

4 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

Introdução

"O Feminismo é um movimento social e político que tem como objetivo conquistar o acesso a direitos iguais entre homens e mulheres e existe desde o século XIX."[1]

O movimento vem se propalando muito, principalmente entre os jovens que, com uma mentalidade moderna e esclarecida, buscam sanar as injustiças e abolir as desigualdades. "A mulher brasileira tem lutado ao longo de toda nossa história, para conseguir seu espaço, mesmo vivendo numa sociedade paternalista, preconceituosa e discriminatória".[2] Na corrente preconceituosa, temos em posição de destaque a discriminação racial, um problema histórico enfrentado por nações, principalmente o Brasil, que é um país estratificado, de maioria negra – que são os que mais sofrem. "O racismo é qualquer pensamento ou atitude que separa as raças humanas por considerar algumas superiores a outras".[3]

Fundindo ambas as correntes de grupos que são vítimas de preconceito, com base na história e no contexto, compararemos a realidade do movimento feminista na década de 1980, que foi quando surgiu o movimento em Belo Horizonte, com a realidade atual (2016), levando em consideração a participação e atuação da mulher negra nesse movimento.

Em busca de comprovar se há feminismo negro e branco, racismo no movimento feminista belo-horizontino e se a baixa renda da mulher negra a impossibilitou de exercer uma participação tão ativa no movimento quanto a mulher branca, entrevistamos uma das fundadoras do Movimento Popular da Mulher (MPM) e as integrantes da Casa de Referência da Mulher Tina Martins.

O MPM surgiu há 33 anos, no dia 10 de junho de 1983. Foi fundado pela atual deputada federal Jô Moraes, que, junto a outras mulheres feministas, criou o movimento feminista emancipado, que não trata apenas dos direitos das mulheres (não é só uma questão sexista), mas trata dos direitos de uma parcela oprimida da população. "No início, ele era reivindicador de igualdade muito genericamente, era uma época muito difícil, recém-ditadura militar onde os direitos eram muito polidos, com uma cultura muito conservadora" (Maria Isabel Siqueira, 2016).[4]

A Casa de Referência da Mulher Tina Martins, iniciativa do Movimento de Mulheres Olga Benário, é um movimento de caráter classista, que começou dentro das universidades federais há cinco anos, com o objetivo de acolher e fornecer suporte às mulheres que sofrem agressão e de lutar pelos direitos das mulheres que pertencem à classe trabalhadora, de maioria negra.

Ao compararmos a década de 1980 com os dias atuais (2016), estaremos fazendo uma análise da realidade social das duas épocas: uma foi a transição de uma ditadura militar para uma democracia (década de 80), e a outra se encontra em uma sociedade muito mais liberal, mas que ainda possui seus preconceitos e opressões (2016). Com essa análise, poderemos compreender as diferenças existentes entre movimento feminista belo-horizontino e o papel da mulher negra nesse movimento nos dois períodos.

1 MARQUES, R. **O que é o feminismo?** Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-que-e-feminismo-2198.html>. Acesso em: 9 nov. 2015.

2 PORTELA, W.A. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/14032-1>. Acesso em: 14 dez. 2007.

3 Disponível em: <http://racismo-no-brasil.info/>. Acesso em: 7 set. 2016.

4 Entrevista concedida por Maria Isabel Siqueira. Entrevista I. [jun. 2016]. Entrevistador: Marina Soares Bentes. Belo Horizonte, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A deste artigo.

Desenvolvimento

A ditadura civil militar (1964-1985) foi instalada por meio de um golpe, no qual o presidente João Goulart foi deposto e os militares assumiram o poder, instalando um governo autoritário e opressivo, sem liberdade de expressão. Qualquer pessoa que fosse contra alguma lei, ordem ou opinião do governo sofria sérias punições, como tortura, exílio ou morte.

As pessoas não concordavam com o governo, mas tinham medo de ir contra e acabar reprimidas. Vários artistas escreveram músicas que criticavam o governo como forma de protesto: "Podem me prender, podem me bater, podem até deixar-me sem comer, que eu não mudo de opinião…"[5]..

Em meados da década de 80, com o desgaste da ditadura, as pessoas obtiveram mais liberdade de se expressar. Foi quando surgiram movimentos que defendiam os mais diversos interesses da população, entre eles o Movimento Feminista e o Movimento pela Anistia.[6]

Era uma época na qual as mulheres eram muito discriminadas e sofriam demasiado preconceito. É fato que ainda sofrem, mas sempre buscaram igualdade de gênero e lutaram por isso, seja em passeatas, seja fundando movimentos, como é o caso do MPM (Movimento Popular da Mulher), em Belo Horizonte.

No MPM, principalmente no início, grande maioria dos membros era da mesma classe, no caso, a elite: mulheres brancas, estudadas e com renda alta. Nos dias atuais, está mais popularizado, porém, ainda assim, a predominância é de mulheres da elite, devido à disponibilidade de tempo e de recursos.

> No MPM nós procuramos popularizar, não é fácil, a maioria das mulheres são pobres, existem problemas de frequência e horário. Tivemos uma reunião plenária na qual tivemos 60 mulheres convidadas e apenas 22 apareceram, e as justificativas eram as mais banais possíveis: quadrilha do filho, não terem ninguém para olhar a criança, pai chegou do interior... então ainda é bastante elitizado (Maria Isabel Siqueira, 2016).

Atualmente, depois de muita luta e da instalação da democracia, a sociedade e a mentalidade das pessoas são bem mais liberais, o que fez com que as mulheres conquistassem vários direitos garantidos pela Constituição brasileira:

> Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: I - homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.[7]

5 Trecho da música *Opinião*, de Zé Kéti, que foi escrita em 1965 como uma forma de protesto contra a opressão do governo militar.

6 A campanha pela "Anistia ampla, geral e irrestrita" foi coordenada por um comitê formado por intelectuais, artistas, jornalistas, políticos progressistas, religiosos de vários credos, sindicalistas e estudantes, no final dos anos 70, denominado Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA). Foi o primeiro movimento nacional unificado e progressista contra a ditadura militar. As mulheres foram as primeiras a reivindicar anistia às vítimas da repressão. Terezinha Zerbini, em 1975, lidera a criação do Movimento Feminino pela Anistia (MFPA).

7 Cf. Artigo 5º, inciso I, da Constituição Federal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 15 nov. 2016.

Não apenas direitos de gênero foram conquistados, como também os raciais:

> Art. 1º - Esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.[8]

Apesar do grande avanço em relação aos direitos das mulheres, por ser uma sociedade machista, ainda existe uma grande desigualdade: muitas mulheres recebem salário menor que o dos homens, trabalhando em cargos iguais; mulheres são tratadas como inferiores a homens, tanto em relação a sua capacidade física quanto intelectualmente; os altos cargos de empresas são, em grande maioria, ocupados por homens; o número de agressões a mulheres é enorme, principalmente a negras; mulheres têm medo de andar na rua à noite, pois o perigo é maior para elas, que são consideradas frágeis.[9]

Mulheres negras sofrem, além disso, com o racismo. Por não terem oportunidades, como estudo e trabalho, elas, muitas vezes, começam a trabalhar novas, em empregos que são banalizados pela sociedade, como por exemplo, as faxineiras. A grande maioria é vista como escrava do trabalho braçal ou trabalho sexual, até mesmo por uma questão histórica.

[... NUNCA COMO GRANDES *CHEFS* DA GASTRONOMIA E SIM COMO ETERNAS SUBALTERNAS, QUE VIVEM PARA SERVIR AS FAMÍLIAS BRANCAS E RICAS.]

> O estereótipo de mulher trabalhadora e incansável é um dos mais antigos e reforçados, vigorando há centenas de anos e se adaptando às mudanças econômicas e culturais da sociedade. Se séculos atrás a mulher negra era usada e explorada como trabalhadora braçal, supostamente dotada de resistência física infinita, na contemporaneidade esse papel continua sendo intenso, as mulheres negras ainda são exploradas em campos de trabalho escravo, que ainda existem nos dias de hoje. Muitas delas são obrigadas a trabalhar em condições precárias e perigosas em troca de um valor monetário insignificante, estando presente na grande maioria das cozinhas dos lares brasileiros, mas praticamente nunca como grandes *chefs* da gastronomia e sim como eternas subalternas, que vivem para servir as famílias brancas e ricas. Para as mulheres negras que não são vistas como escravas do trabalho braçal resta o rótulo do trabalho sexual – igualmente exploratório e limitado –, que existe sob a pretensão de elogio, atuando como uma exibição de pedaços de carne baratos e hipersexualizados, como se uma tendência à "promiscuidade" fosse característica genética (ARRAES, 2003).

Devido, também, ao meio social em que vivem, elas são consideradas e acreditam serem inferiores aos homens; acreditam também que têm o dever de cuidar

8 Lei n. 12.288. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%2012.288-2010?OpenDocument>.Ver também<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm>. Acesso em: 15 nov. 2016.

9 Conforme ARRAES, J. **Mulher negra**: nem escrava, nem objeto. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2013/11/11/mulher-negra-nem-escrava-nem-objeto/>.Veja-se também entrevista com Maria Isabel Siqueira (anexo A).

da casa e dos filhos, como se fosse algo natural de seu gênero. Isso faz com que elas, mesmo tendo oportunidade de estudo, não disponham de tempo para isso, como é o caso de várias mulheres negras que largam o estudo por terem que cuidar dos filhos. Essas mulheres sofrem muitas agressões de familiares, normalmente de seus maridos, e não têm condições de sair de casa, o que as faz viverem com medo, até mesmo dentro de casa. "Cerca de 45% das vítimas de violência doméstica e familiar contra a mulher em Minas Gerais têm a cor parda, e 15% são negras."[10]

Como o sistema institucional é pífio, em 2011, foi criado o Movimento Tina Martins, de caráter classista, que procura ajudar as mulheres vítimas de qualquer tipo de preconceito e agressão. Ele fornece suporte para elas não só orientando em termos de amparo jurídico, psicológico ou até de moradia, mas também dando o devido suporte no que visa a elas terem disponibilidade para trabalhar e aderir ao movimento.

> "[...] investimos e lutamos para conseguir recursos para atuar na infraestrutura, que é a construção de creches para a mulher ter onde deixar o filho com tranquilidade para trabalhar, participar das reuniões e até mesmo estudar, na tentativa de mudar de vida e conseguir certa independência, porque a grande maioria é negra, pobre, que não dispõe de recursos" (Renata Rocha, 2016).[11]

Considerações finais

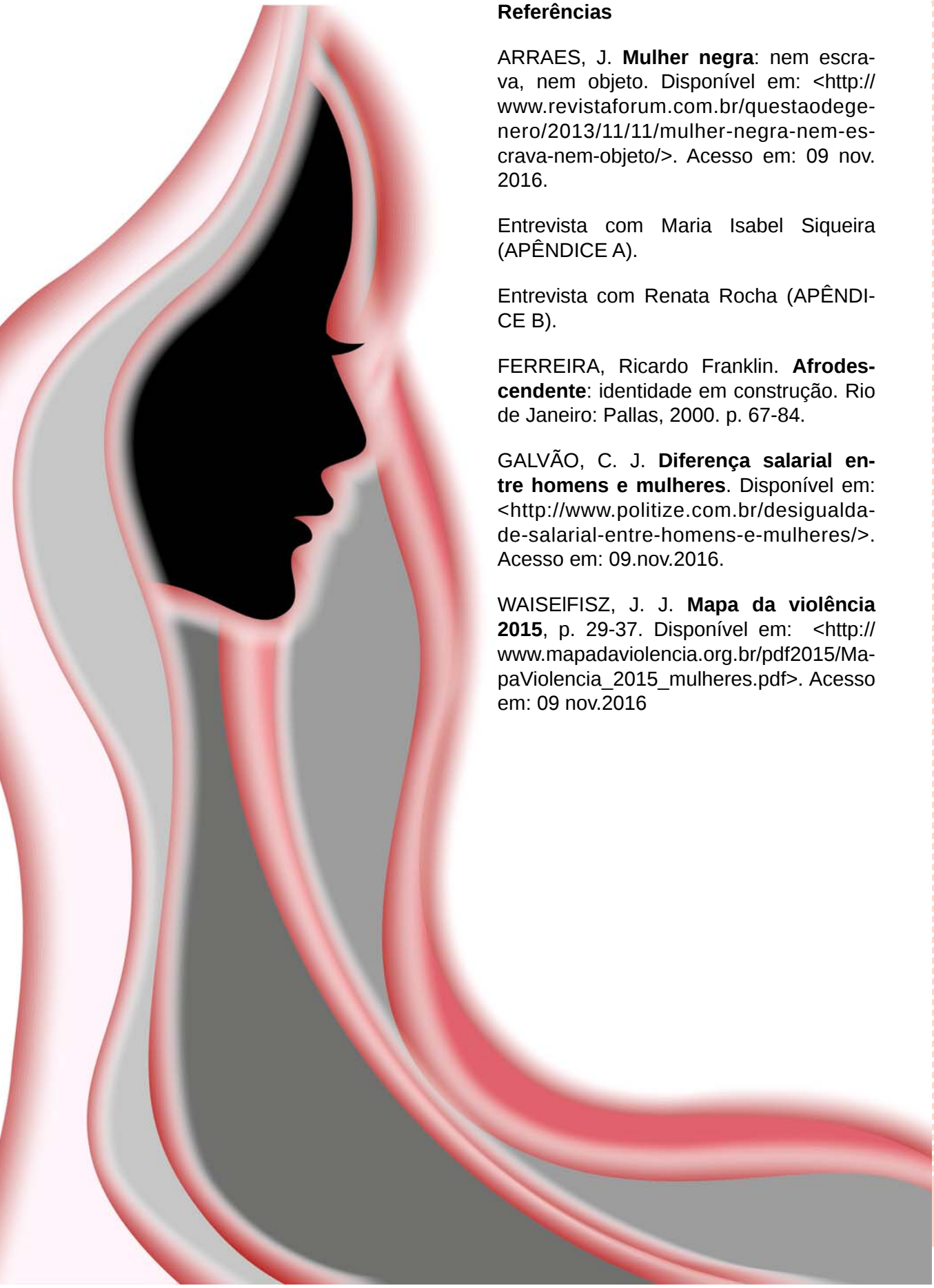
O feminismo é um movimento com uma ideologia única e direta: igualdade de direitos entre os sexos. Pela análise dos movimentos já antes mencionados (MPM e Casa Tina Martins), notamos uma ramificação do feminismo, na qual, respectivamente, a luta é direcionada para todas as mulheres. Devido à impossibilidade e/ou dificuldade da participação das mulheres de uma classe social mais baixa, temos um movimento elitizado, composto de uma grande maioria branca, e outro das trabalhadoras, de grande maioria negra, de acordo com as condições. Pelo fato de existirem movimentos com perfis de atendimento diferentes, prova-se que há a diferenciação do feminismo negro e feminismo branco. "Acredito que exista essa diferença sim. Além de termos essa preocupação de mulher, as negras têm mais uma, porque são negras, são duplamente discriminadas e podem ter uma reivindicação específica" (Maria Isabel Siqueira, 2016).

Os direitos das mulheres brancas a serem conquistados são diferentes dos das mulheres negras, que, além do machismo, convivem também com o racismo, e estão em situação pior na sociedade, sendo a grande maioria de classe baixa, não tendo condições de mudar o rumo de suas vidas, pois não têm acesso a saúde, educação, creche e trabalho. As mulheres já conseguiram muitos direitos, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido, principalmente para as mulheres negras, que estão na base da "escada" que é a sociedade.

[... AS MULHERES JÁ CONSEGUIRAM MUITOS **DIREITOS,** MAS AINDA HÁ UM **LONGO CAMINHO** A SER PERCORRIDO **...]**

10 Disponível em: <http://www.agenciaminas.mg.gov.br/noticia/secretaria-de-defesa-social-divulga--dados-sobre-a-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 21 ago. 2015. Atualizado em: 1º jul. 2016.

11 Entrevista concedida por Renata Rocha. Entrevista II [setembro 2016]. Entrevistador: Marina Soares Bentes e Victoria Renata de Souza Dias. Belo Horizonte, 2016. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B deste artigo.



Referências

ARRAES, J. **Mulher negra**: nem escrava, nem objeto. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/questaodegenero/2013/11/11/mulher-negra-nem-escrava-nem-objeto/>. Acesso em: 09 nov. 2016.

Entrevista com Maria Isabel Siqueira (APÊNDICE A).

Entrevista com Renata Rocha (APÊNDICE B).

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente**: identidade em construção. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 67-84.

GALVÃO, C. J. **Diferença salarial entre homens e mulheres**. Disponível em: <http://www.politize.com.br/desigualdade-salarial-entre-homens-e-mulheres/>. Acesso em: 09.nov.2016.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015**, p. 29-37. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf>. Acesso em: 09 nov.2016

ENTREVISTADA:

MARIA ISABEL SIQUEIRA

Idade: 71 anos

Como você se identifica?

B: Branca.

Você poderia nos contar como começou o MPM? Qual a história dele?

B: O MPM surgiu há 33 anos, no dia 10 de junho de 1983, foi fundado pela atual deputada federal Jô Moraes que é feminista e criou o movimento feminista emancipado que não trata apenas dos direitos das mulheres, não é só uma questão sexista, mas trata dos direitos de uma parcela oprimida da população. No início, ele era reivindicador de igualdade muito genericamente, era uma época muito difícil, recém-ditadura militar onde os direitos são muito polidos, com uma cultura muito conservadora, existia aquela predeterminação de papel do homem e papel da mulher. E a ideia de movimento tem a ver com o fato de querermos estar sempre em movimento, por direitos sociais mais expressivos, por igualdade entre os gêneros, raças, classes sociais, esse último citado é o que diferencia nosso movimento. Havia diversas maneiras de manifestar, deixar pelo na axila, ter relação sexual sem escrúpulos, hoje em dia, já mudou muito, a mulher já tem consciência da sua cidadania, do seu papel na sociedade. No início, nós íamos para as ruas, aglomerados, fazíamos trabalho de panfletagem, peças teatrais, mas o nosso *point* era a Praça Sete, sempre foi. Ali nós fazíamos de tudo, reclamávamos dos assassinos de mulher, cobrávamos mais justiça, menos machismo.

Qual é o papel da mídia nessa época em relação à violência contra a mulher?

B: A mídia era um pouco diferente, assim como hoje, ela tinha o controle de umas cinco, sete famílias. O conceito de morte de mulher era uma coisa muito banalizada, ainda é nos dias de hoje porque ela é vista como uma coisa. Em 1992, só nos 11 primeiros dias do mês de fevereiro foram 12 assassinatos de mulher em Belo Horizonte, chega a ser assustador. Violência contra a mulher é um dos temas que temos que nos debruçar com certo desafio aqui. Vocês devem se lembrar do caso da Elisa Samudio. Logo quando aconteceu nós fomos para a rua com faixas na porta do fórum e o goleiro Bruno foi condenado. No entanto, ontem ouvi dizer que ele mora em Montes Claros, onde ele retomou a carreira e se casou com uma dentista, ou seja, a vida dele ainda é completamente normal, visto que assassinato de mulher ainda é muito banalizado. Apesar da repercussão mundial do caso da adolescente estuprada, até hoje, depois de um mês, não se sabe o número de estupradores se foram trinta, quatro, mais um exemplo da banalização.

Qual era o perfil social das integrantes do movimento? Algum homem?

B: Já tivemos homens, mas nada significante. Geralmente, eles são convidados para reuniões e assembleias. Teve uma vez, que fizemos uma premiação Beta Lurdes, que é aquela famosa médica, consistia em premiar publicamente os homens que já haviam, alguma vez, demonstrado certa preocupação com a igualdade. Premiamos Fernando Brant, Milton Nascimento, foi bem bacana e inédito. O feminismo é um tema muito elitizado, as primeiras feministas eram intelectuais, aqui no Brasil, a maioria era universitária. No MPM nós procuramos popularizar, não é fácil, a maioria das mulheres são pobres, existem problemas com frequência e horário, tivemos uma reunião plenária na qual tivemos 60 mulheres convidadas e apenas 22 apareceram e as justifica-

tivas eram as mais banais possíveis, quadrilha do filho, não tem ninguém para olhar a criança, pai chegou do interior, então ainda é bastante elitizado. A variação é grande, temos pedagogas, médicas, professoras, psicólogas, funcionárias públicas, dançarina, atendente do SUS, salgadeira, cantora, muito mais elitista do que gostaríamos.

Qual é a faixa etária delas? E no início também era muito elitizado?

B: No início a faixa etária era de 30, 40 anos. Hoje em dia é uma faixa etária acima de 50 anos, o que é decepcionante, pois esperávamos mais jovens. E era bem mais elitizado, pois era o início. O movimento ficou bem mais concentrado nas intelectuais ricas que dispunham de tempo e dinheiro para pagar uma babá, por exemplo.

Existe feminismo branco e feminismo negro? A mulher negra deseja as mesmas coisas que a branca?

B: Nunca tinha parado para pensar sobre isso. Acredito que exista essa diferença sim. Além de termos essa preocupação de mulher, as negras têm mais uma porque elas são negras, são duplamente discriminadas e podem ter uma reivindicação específica. É bastante complicado falar disso porque eu sou branca, mas acho que ambas devem ter consciência da sua identidade racial e de gênero. Os movimentos feministas são bem diferentes, temos o caso das "queimas dos sutiãs" onde elas desejavam mais igualdade entre os gêneros que era do momento. Aqui no Brasil isso é cotidiano, é uma discriminação na saúde pública, na questão da violência. O feminicídio aqui é absurdo e escandaloso pelo fato do homem achar que é dono do corpo da mulher e, em minha opinião as mulheres negras são muito mais assassinadas do que as mulheres brancas porque têm esse componente da raça, da escravidão.

Como é e como era organizado o movimento? Existia/Existe alguma hierarquia?

B: O MPM possui um estatuto que nós seguimos, uma diretoria composta de um presidente, vice-presidente, secretária-geral, dois tesoureiros e dois conselhos, um consultivo e outro deliberativo. Temos as reuniões comuns que são convocadas agora, ainda mais com essa facilidade de WhatsApp e qualquer coisa que aparece a gente se reúne para resolver, por exemplo, o estupro da carioca de 13 anos, nós precisávamos fazer uma nota, era domingo, então nós propusemos um texto via WhatsApp, foi aceito e lançamos nota dele para várias pessoas e órgãos, Polícia Federal, Conselho da Mulher do Rio, deputados, deputadas federais e estaduais, defensoras públicas, desembargadores.

As mulheres negras que participam do movimento são ricas?

B: A segunda presidente do MPM é negra e médica, mas isso é um caso bem raro. Negras ricas estão faltando (risos).

Casos à parte...

B: Uma vez fui a um encontro do Movimento Negro Unificado, há 30 anos, na Câmara Municipal, era eu a única branca e, quando fui falar me cortaram a palavra, atualmente as coisas já não são assim, não tem mais essa diferença racial.

B: Se algum jovem quiser participar será muito bem-vindo porque os militantes estão envelhecendo e falta essa alma jovem nas manifestações. Não temos sala própria, mas a gente sempre usa o sindicato dos professores e salas emprestadas. Já tivemos oportunidades de termos uma sede fixa juntamente com outros órgãos que desempenham papel social. Os recursos são bem limitados, pagamos 10 reais por mês para cada militante, é tudo muito na base da solidariedade.

B: O coletivo de mulheres negras é nzinga.

"NÃO TEM RECEITA PARA SER FEMINISTA, FEMINISTA É QUEM LUTA PELA IGUALDADE DE DIREITOS ENTRE MULHERES E HOMENS."

Bebela

ENTREVISTADA:
RENATA ROCHA, estudante (Ciências Ambientais – UFMG)

Idade: 23 anos

Como você se identifica?

R: Não sou branca, mas também não sou negra, porque eu tenho vários privilégios a mais que a mulher negra, parda seria uma boa escolha.

Você poderia nos contar como começou o Movimento Olga Benário e a história dele?

R: O Olga Benário possui 5 anos, é um movimento muito novo, nacional, presente em 17 estados e, desde que surgiu buscava combater a violência contra a mulher, que sofre diariamente com isso, principalmente as que são marginalizadas, pobres, negras, maioria da nossa população. No dia 8 de março de 2016, o movimento Olga Benário tomou conta de um prédio abandonado no centro da cidade. Exigindo medidas direcionadas à segurança da mulher que sofre violência doméstica, tais como delegacia especializada 24 horas, creches e casas abrigo, foi instituído no prédio tomado um centro de acolhimento à mulher e reivindicamos ao Estado a disponibilização de um espaço para o projeto de casa de referência Tina Martins, na qual são realizados debates políticos, oficinas de ensino gratuito e acompanhamento de vítimas de violência doméstica.

Qual é o perfil social das integrantes do movimento?

R: Por ser um movimento classista, focamos na mulher trabalhadora, que é a que mais sofre. É um movimento que, desde que surgiu, já estava inserido nas universidades, escolas secundaristas, nos bairros, ocupações urbanas, enfim, de onde viemos. Dentro das faculdades, nós também vamos com a linha política da mulher mais proletarizada naquele ambiente, na UFMG, por exemplo, o que mais tem lá é classe média, só que a minoria pobre é a que mais sofre, principalmente as mulheres, visto que a assistência estudantil é precária e isso impede que elas consigam concluir o curso. A luta pela assistência estudantil é uma das principais pautas porque é preciso pensar na mulher que tem filho, precisa ter creche na universidade, mas não tem, e isso faz com que a mulher deixe de estudar para cuidar do filho. A creche na UFMG, por exemplo, é utilizada para filho de professores, não para os devidos estudantes que necessitam.

Qual a importância do movimento na vida das mulheres?

R: O movimento é importante para ajudar as mulheres a entenderem seus limites, o que podem ou não fazer e por que, auxiliar também em atividades que parecem bobas como falar em público, mas que é uma grande barreira por timidez, por se sentirem intimidadas por serem mulheres. Muitas vezes, nós vamos até as mulheres porque a locomoção é complicada. Um dos nossos principais objetivos é fazer núcleo onde estamos e aí, juntamos todas uma vez por mês para desenvolvermos esses debates e, é muito interessante, porque elas preocupam em como vão transmitir a mensagem para as outras e tudo mais, também é bastante interessante a troca de experiências que ocorre, seja direta ou indiretamente. Indiretamente, geralmente, ocorre mais no início onde elas têm vergonha e receio de contar, mas com o passar do tempo vão quebrando essa barreira e perdendo o medo de serem julgadas.

Existe feminismo branco e feminismo negro? A mulher negra deseja as mesmas coisas que a branca?

R: Não gostamos de dividir a luta, mas a mulher negra pode se sentir dentro porque é um movimento de mulheres trabalhadoras de maioria negra. E acho, portanto, que não tem necessidade de criar outro movimento. Mas existem movimentos feministas específicos para as mulheres negras por estas não se sentirem incluídas em políticas de outros grupos para as que não se sentem à vontade, mas de fato a mulher negra sofre muito mais. Acreditamos que uma mulher trabalhadora, negra sofre muito mais do que uma mulher que dispõe de recursos financeiros para pagar outra mulher para fazer "seus" serviços domésticos, por exemplo.

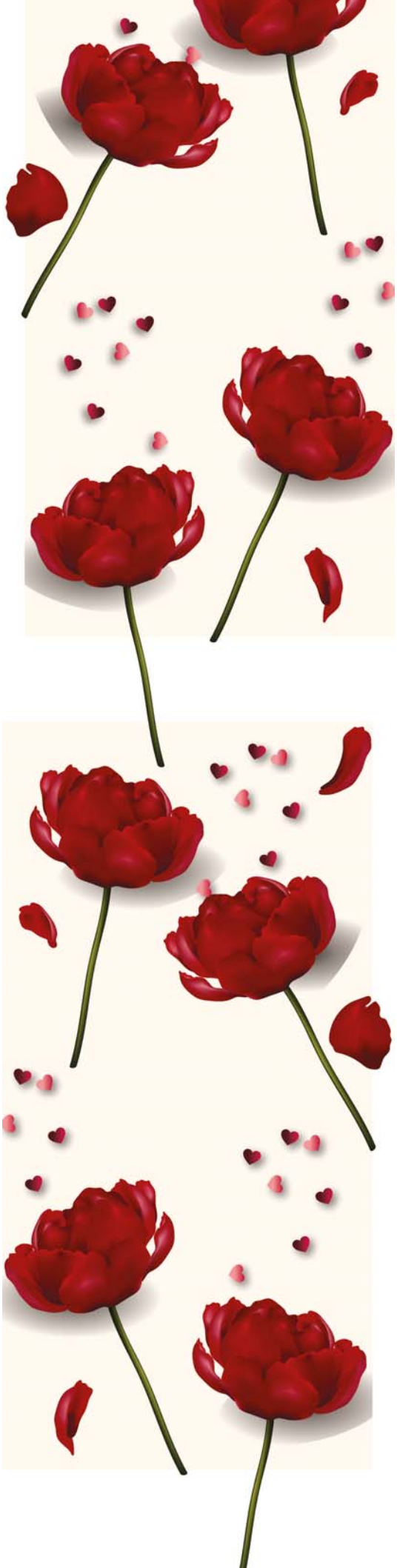
Casos à parte...

R: Achamos que para a emancipação da mulher são necessárias três coisas: casa, creche e trabalho. Casa para ela ter onde morar, creche para ter onde deixar os filhos e poderem trabalhar, esse que vai proporcionar uma independência financeira e libertá-la do homem, muitas vezes, dos castigos físicos.

R: Temos uma creche com 24 crianças com projetos para ampliar, ela foi construída por mulheres trabalhadoras voluntárias e se mantém com a doação de colaboradores. Lá não desenvolvemos a ideia de gênero definida, como por exemplo, boneca rosa de menina e boneco azul para os meninos. E isso permite que eles já cresçam sem os ideais impostos pela sociedade e que as mães possam sair para trabalhar em busca de melhores condições de vida, sabendo que seus filhos terão um lugar para ficar.

R: Somos atuantes e concretas, acho que enquanto escrevemos livros e artigos e ficamos muito superficiais e mulheres estão morrendo, portanto, creio que temos que ser atuantes, não que nós nunca tenhamos escrito livros, é claro que sim, estudar é bastante importante.

R: A cota permite que a pessoa da classe trabalhadora entre na faculdade e traga consigo um debate voltado para a questão humanizada dos cursos.



A REALIDADE DA EXPERIÊNCIA DE TRANSPLANTE COMO TÉCNICA TERAPÊUTICA DE DOENÇAS: ESTUDO DE CASO DE UM TRANSPLANTE RENAL

THE REALITY OF THE TRANSPLANT EXPERIENCE AS A THERAPEUTIC TECHNIQUE OF DISEASE: A CASE STUDY OF A KIDNEY TRANSPLANT

Orientador:
Felipe Scalabrini[1]

Orientandas:
Amanda Melgaço Santana[2]
Ana Carolina Alves Mineiro[3]
Ana Clara Minardi Castro[4]
Ana Luísa Marques Bemquerer[5]
Ana Paula Martins Nascimento[6]
Arthur Fersiva Botinha[7]
Beatriz Chiari Messias[8]
Izabella de Andrade Pisani[9]
Laís Cruz Barroso[10]
Larissa Freitas Viggiani[11]
Larissa Martins Tavares Costa[12]
Laura Ferreira Martins[13]
Mariana Canedo Sanglard Starling Albuquerque[14]
Sophia Faleiro Quintanilla Flores[15]

RESUMO

O sucesso de um transplante é determinado pela tolerância do sistema imune ao enxerto, evitando a rejeição. Ao acompanhar a evolução clínica de um paciente submetido a um transplante renal, reconheceu-se a dificuldade de compatibilidade e os fatores de risco desse procedimento, revelando suas limitações, contrapondo a ideia predominante no senso comum.

Palavras-chave: Imunologia. Transplante. Rim.

ABSTRACT

Transplant success is determined by the immunologic system tolerance for the graft, avoiding rejection. When the clinical evolution of a patient submitted to a kidney transplant is followed up, it is possible to recognize the difficulties to find compatibility and the risk factors of that procedure, revealing their limitations, in opposition to the common senses ideas.

Keywords: Immunology. Transplant. Kidney.

1 Graduado em Ciências Biológicas pela UFMG e mestre em Ensino de Ciências e Biologia pela PUC Minas.
2 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
3 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
4 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
5 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
6 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
7 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
8 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
9 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
10 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
11 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
12 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
13 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
14 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
15 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

Introdução

Imunologia do transplante

A base da imunologia do transplante está no reconhecimento dos antígenos pelos linfócitos T e pela consequente tolerância ou intolerância desencadeada pelo enxerto. A tolerância, caracterizada pela ausência de resposta imunológica, ocorrerá caso, reconhecido o órgão transplantado como antígeno, haja ausência de coestimuladores – sinalizadores – típicos de resposta inflamatória, em torno dos corpos estranhos, causando a inativação ou morte dos linfócitos (ABBAS, 2012).

O reconhecimento de antígenos pelas células T se dá através da apresentação de alguns de seus peptídeos pelas células apresentadoras de antígenos (APCs). A ativação é promovida pela ligação do TCR, reconhecedor de antígenos das células T, ao MHC (complexo de histocompatibilidade) presente na membrana plasmática dessas APCs (ABBAS, 2012).

[... A BASE DA IMUNOLOGIA DO **TRANSPLANTE** ESTÁ ... PELA CONSEQUENTE **TOLERÂNCIA OU INTOLERÂNCIA** DESENCADEADA PELO **ENXERTO.]**

O MHC é o componente mais importante do sistema imune. É formado por um complexo de proteínas codificadas por inúmeros genes e, por isso, é extremamente polimórfico. A expressão desses genes origina duas cadeias distintas denominadas MHC de classe I e II. A função desse complexo proteico é expor um peptídeo (fragmento da molécula estranha) na superfície das APCs do hospedeiro, possibilitando o reconhecimento desses pelos linfócitos T. Conforme Abbas (2012), esse grupo genético extremamente variável é chamado, nos seres humanos, de Antígenos Leucocitários Humanos (HLA). A imunologia do transplante é pautada na tolerância ao enxerto. Essa tolerância depende, além da ausência de coestimuladores, da compatibilidade entre as moléculas do MHC do receptor e do doador. Entretanto, se a compatibilidade não for completa, será reconhecido como antígeno o complexo proteico do enxerto, que receberá o nome de aloantígeno. Os linfócitos T são altamente alorreativos, de forma que uma única molécula de MHC alogênico já gera uma resposta imunológica (ABBAS, 2012).

A rejeição ao órgão transplantado se dá pela atuação de linfócitos B e T. Os linfócitos T se subdividem em dois grupos (T CD4 e T CD8), que, quando ativados, geram diferentes respostas. As células T CD4 diferenciam-se em efetoras e passam a produzir citosina, que medeia uma inflamação no enxerto, danificando-o. As T CD8 se dividem entre as citotóxicas, que reconhecem diretamente moléculas MHC alogênicas e matam-nas; e as que secretam citosinas inflamatórias que danificam o enxerto. Os linfócitos B reconhecem os aloantígenos do doador, na maioria das vezes, a partir da mediação de células T auxiliares ativadas, iniciando a produção de anticorpos (ABBAS, 2012).

A rejeição de enxertos é classificada como hiperaguda, aguda ou crônica com base nas características histopatológicas ou no curso temporal da rejeição após o transplante. A hiperaguda caracteriza-se pela trombose intravascular, mediada por anticorpos e inicia-se pouco depois do contato entre os vasos sanguíneos do enxerto e do receptor. A aguda é um processo de lesão de células específicas de um órgão ou dos vasos sanguíneos, mediada por célulasT alorreativas e anticorpos. A crônica ocorre principalmente por causa da Vasculopatia, isto é, alterações arteriais que destroem os vasos sanguíneos (ABBAS, 2012).

Transplante renal

Normalmente é difícil descobrir o que levou o paciente a submeter-se ao transplante renal. Isso ocorre porque, na maioria das vezes, estes procuram assistência médica quando o órgão já se encontra debilitado. Em casos em que é possível descobrir a causa da perda de função do rim, os maiores causadores são a hipertensão e a diabetes (GUIMARÃES, 2016).

De acordo com a Sociedade Brasileira de Nefrologia, alguns dos indicadores da saúde dos rins são a creatinina e o potássio, que se alteram por conta do funcionamento inadequado dos órgãos, uma vez que sua capacidade de filtrar o sangue fica afetada. Partindo do pressuposto de que os rins estão deficientes em eliminar a creatinina produzida diariamente pelos músculos, esses órgãos provavelmente também terão problemas para eliminar diversas outras substâncias do nosso metabolismo, incluindo toxinas. A persistência de insuficiência renal conduz o doente à hemodiálise (CABRAL, 2016).

[A PERSISTÊNCIA DE **INSUFICIÊNCIA RENAL** CONDUZ O DOENTE À **HEMODIÁLISE ...]**

A hemodiálise, um procedimento realizado, geralmente, de 3 a 4 dias na semana, leva aproximadamente 4 horas e retira do sangue o excesso de sal e líquidos, regulando também a pressão arterial e o equilíbrio de substâncias ao corpo (sódio, potássio, ureia e creatinina). Tal processo terapêutico impacta significativamente na qualidade de vida do paciente e, não havendo reversão do quadro renal, é recorrente apelar a um transplante (CABRAL, 2016).

A realização do transplante depende do encontro de um doador compatível. A compatibilidade entre doador e receptor é verificada por quatro testes: PRA, tipagem HLA, *crossmatch* e DSA (OLIVEIRA, 2014).

O PRA (porcentagem de anticorpos reativos) é determinado a partir da reação do soro de um candidato a transplante em um painel com 60 tipos diferentes de culturas de células escolhidas aleatoriamente. É testada a probabilidade de rejeição considerando tanto as variações no MHC de classe I quanto o de classe II. Essa porcentagem estima a probabilidade de o paciente encontrar um doador com o qual apresente menor reatividade. Quanto menor o PRA, maior a chance de haver compatibilidade (OLIVEIRA, 2014).

O complexo HLA é um grupo de genes localizado no braço curto do cromossomo 6, esse complexo genético representa o MHC. Levando em conta que indivíduos herdam um conjunto de cromossomos e, portanto, um conjunto de genes HLA de cada pai e mãe, é de se esperar que haja mais compatibilidade entre os pais e irmãos do receptor. Desse modo, para verificar a compatibilidade, faz-se a Tipificação HLA, uma comparação entre os *locus* DR, B e A do complexo HLA do doador e do receptor. O grau de semelhança é medido a partir da pontuação HLA, quanto mais semelhanças houver entre os indivíduos (menos *mismatches*), mais pontos são agregados à pontuação (CASTRO, 2005).

É crucial que se analise esse exame, pois quanto menor o número de MM (*mismatches*) na pontuação, maior é a durabilidade do enxerto (Gráfico 1).

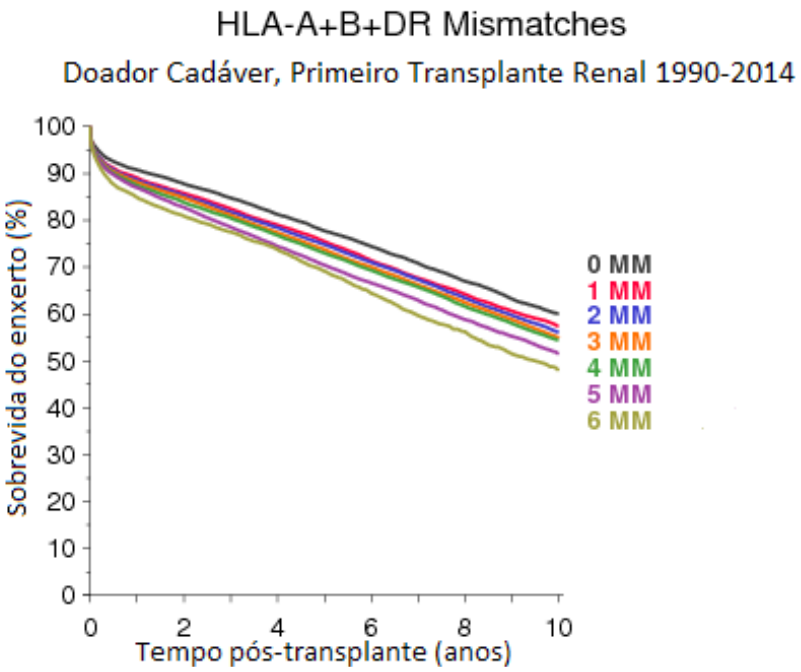


Gráfico 1: Relação entre número de *mismatches* (MM) e expectativa de vida do enxerto pós-transplante (CTS, 2012) – Adaptado.

A compatibilidade HLA entre doador-receptor influi sobre a possibilidade de o transplantado viver por muitos anos com os rins funcionais. Mas, em alguns casos, o tempo de duração pode ser curto (CTS, 2012).

Ainda de acordo com Oliveira e colaboradores (2012), a prova cruzada ou *cross -match* é um exame feito antes de diversos tipos de transplante, inclusive o renal. Seu objetivo é descobrir se o possível receptor tem memória imunológica contra o órgão e evitar uma rejeição hiperaguda. Nela se misturam células do doador com o soro do candidato, coletado normalmente nas seções de hemodiálise. Se houver reação, ou seja, se as células forem atacadas, considera-se o resultado positivo, indicando que existem anticorpos no soro contra proteínas das células do doador e que a rejeição hiperaguda tem grande chance de ocorrer, – o que praticamente proíbe o transplante. Se a reação não ocorrer, o resultado é negativo, e procede-se com a cirurgia de acordo com a fila de espera e a pontuação dos possíveis receptores. Existem variações na prova cruzada, em especial na sensibilidade do exame e o uso de soros coletados em épocas diferentes, já que a variação da quantidade de um anticorpo com o tempo pode mascarar uma resistência que o receptor possui (OLIVEIRA, 2014).

Os anticorpos específicos contra o doador (DSA) representam uma das principais barreiras para o sucesso do transplante renal, já que se tornou essencial a realização de exame para detecção desses anticorpos anti-HLA no pré-transplante para evitar as rejeições do enxerto. O protocolo feito a partir desses anticorpos é eficiente e permite uma avaliação precisa de receptores classificados de acordo com o risco de rejeição mediada por anticorpos (CASTRO, 2005).

O rim a ser transplantado pode ser retirado de um doador vivo ou falecido por morte encefálica que não seja portador de nenhuma doença transmissível. No caso do doador em morte encefálica, é necessário comprovar a morte cerebral e obter a autorização da família. No caso do doador vivo, é necessária a com-

provação de que a retirada do órgão não lesará o funcionamento de seu organismo. Deve-se, também, avaliar a situação psicológica e o preparo desse doador para a cirurgia (CASTRO, 2005).

As cirurgias do doador e do receptor vivos iniciam-se simultaneamente e em salas próximas. O rim do doador falecido é retirado previamente, e até 30 minutos após a parada cardíaca. Ele suporta 48 horas após lavagem e resfriamento, que é realizado pela imersão do órgão em uma solução de preservação adequada.

Após ser transplantado, o rim pode funcionar imediatamente ou pode demorar algumas semanas para exercer a sua função. Se esta última situação ocorrer o receptor terá que retomar a diálise (CASTRO, 2005).

Após a realização da cirurgia, ocorre uma recuperação rápida, que costuma durar de cinco a sete dias. No pós-operatório, uma sonda vesical é inserida para facilitar a eliminação da urina durante a recuperação. Logo que o paciente recebe alta hospitalar, passa a realizar exames clínicos e laboratoriais semanalmente e, posteriormente, duas vezes ao mês, aumentando o período de acordo com a evolução e recuperação do enxerto. Caso o paciente tenha dificuldade de urinar após a cirurgia, ele continua na diálise até se recuperar. Em casa, deve verificar sua frequência cardíaca, respiratória, temperatura e dieta. É necessário o uso de medicamentos imunossupressores para o resto da vida, inicialmente em grandes dosagens, para evitar a rejeição do órgão (CASTRO, 2005).

Caso haja mudança de mais de 0,5kg por semana em relação ao peso do paciente ou o aparecimento de edemas, também é necessário procurar auxílio médico. Para evitar infecções, é de suma importância que o paciente cuide de sua higiene dentária, cutânea e capilar. A alimentação deve ser controlada a fim de evitar a hipertensão arterial, obesidade, diabetes, colesterol HDL (mau colesterol) alto, entre outras doenças (CASTRO, 2005).

[... O TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS DEBILITADOS É IMPORTANTE PARA **MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA** DO PACIENTE AFETADO... ENTRETANTO... AINDA **NÃO REPRESENTA A CURA TOTAL DO PROBLEMA...]**

Tendo em vista a necessidade de acompanhamento constante e os diversos obstáculos a serem solucionados para viabilizar um transplante de sucesso, fatos desconhecidos pelo senso comum, o presente trabalho objetivou verificar que o transplante de órgãos debilitados é importante para melhorar a qualidade de vida do paciente afetado. Esse processo, entretanto, exige a transposição de barreiras e ainda não representa a cura total do problema, que muitas vezes passa o resto da vida acompanhando o transplantado. Nesse sentido, procurou-se desmistificar a crença popular de que enxertar um novo órgão é procedimento simples e representa a cura definitiva da patologia apresentada pelo paciente.

Metodologia

Após o estudo da base imunológica do transplante renal, foram realizadas visitas técnicas ao Hospital Universitário Ciências Médicas, onde se acompanhou a evolução clínica de um paciente, submetido a um transplante renal. Através do estudo de seu prontuário médico, tendo mantido o sigilo de suas informações pessoais, buscamos informações sobre uso de imunossupressores e resultados de exames como DSA, o índice de creatinina, sódio e potássio na urina. Reconhecemos os desafios enfrentados pelo paciente acompanhado, desde o encontro de um rim compatível até o pós-operatório.

Resultados

O relato de caso estudado neste trabalho refere-se a um paciente que será denominado indivíduo D. O paciente iniciou sessões de hemodiálise no ano 2000 devido a uma insuficiência renal cuja etiologia é desconhecida. O transplante não foi uma alternativa terapêutica ao longo de 16 anos devido à vontade do paciente. Quando o paciente mudou de ideia, seguiu-se com os testes de compatibilidade entre doador e receptor, cujos resultados demonstraram dificuldades no encontro de um rim compatível. O teste PRA classe I apresentou resultado de 99%, valor mais negativo possível em relação à possibilidade de compatibilidade. Já o PRA de classe II apresentou resultado de 51%. Mesmo com resultados desfavoráveis, o indivíduo D foi incluído na Lista Única do MG Transplantes, sendo observados os critérios de seleção descritos pela Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais como urgência, compatibilidade de grupos sanguíneos, compatibilidade anatômica (tamanho do órgão e do paciente), compatibilidade genética, idade do paciente, tempo de espera, dentre outros. O paciente D foi selecionado como receptor de um rim. Assim, foi realizada a tipagem HLA tanto do doador quanto do receptor (Tabela 1).

	HLA-A	HLA-B	HLA-DRB1*
DOADOR	3;30	7;42	15;16
RECEPTOR	2;3	7;42	17;15
MISMATCHES	1	0	1

Tabela 1. Resultados da tipagem HLA do indivíduo D e do doador (FHEMIG).

Com dois *mismatches* estima-se que a funcionalidade do rim, após 10 anos de transplante, seja de aproximadamente 57% (CTS, 2012). Esses dados revelam uma limitação da terapia por transplante, que é a baixa funcionalidade do rim pós enxerto ao longo do tempo, o que traz impacto especial em transplantados ainda jovens, como o paciente estudado, com 37 anos na data da cirurgia. O doador foi um cadáver com causa de morte por traumatismo craniano, que teve seus rins retirados no dia 18/05/2016. Após prova cruzada negativa, a perfusão foi realizada nesse mesmo dia. A cirurgia foi realizada com êxito. Ainda no hospital, o paciente apresentou diurese, entretanto, ao receber alta, parou de urinar. Tendo em vista essa regressão no quadro de D, com uma série de exames constatou-se o início de uma rejeição aguda e foi encaminhado para hemodiálise.

Após o retorno do paciente à hemodiálise, um mês após a perfusão, a diurese do paciente era de 300 mL/ dia, sendo o nível diário normal de 800 a 2000ml (MEDLINE, 2015). Além disso, a creatinina do indivíduo estava em 5,9mg/dL, sendo 0,7 a 1,3mg/dL o valor de referência para o sexo masculino (MEDLINE, 2015), e a ureia estava em 85mg/dL, apresentando valor de referência de 15 a 45mg/dL (MEDLINE, 2015), indicando mau funcionamento do rim. Os níveis de sódio (Na) e potássio (K) estavam em 140mEq e 3,8mEq, tendo como base os valores ideais de 135mEq a 145mEq (Na) e 3,5 a 5,0 mEq (K) (MEDLINE, 2015).

No decorrer dos primeiros 15 dias após a volta, os resultados permaneceram sem grandes mudanças, exceto a massa corporal, que teve uma queda de 3,6kg. Os médicos, observando a não melhora clínica do paciente, decidiram dobrar a dose de um de seus imunossupressores.

A mudança na dosagem dos medicamentos surtiu efeitos positivos. A diurese aumentou, alcançando o nível diário normal, com uma média de 1145mL/dia nos 7 dias que se seguiram a alteração. A ureia e a creatinina alcançaram seu nível mais baixo durante todo o processo acompanhado, apesar de manterem níveis altos.

Tendo ficado evidenciado um quadro de rejeição, segue-se atualmente a adoção da plasmaférese, procedimento semelhante à hemodiálise em que o sangue é retirado para filtragem do plasma, retirando dele os anticorpos presentes que são responsáveis pela intolerância imunológica ao enxerto transplantado.

Considerações finais

Por meio das respostas obtidas durante as pesquisas, foi possível substituir a ideia de que o transplante é uma solução "milagrosa" para curar um paciente com insuficiência renal. As dificuldades de compatibilidade entre o órgão do doador e do receptor, rejeição do enxerto, recuperação, dieta e os medicamentos imunossupressores são algumas consequências do pós-operatório, que ilustram os desafios a serem enfrentados pós transplante. Por isso, é importante prevenir as disfunções renais, bebendo ao menos dois litros de água por dia, tendo uma dieta equilibrada, sem excesso de sais e açúcares, praticar exercícios físicos regulares, manter uma boa saúde em geral. Entretanto, é de extrema importância a doação de órgãos pois, quando a patologia já é uma realidade, o transplante dá perspectivas de recuperação e possibilita uma melhora da qualidade de vida do enfermo.

Referências

ABBAS, A. K.; LICHTMAN, A. H.; PILLAI, S. H. I. V. **Imunologia celular e molecular.** 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CABRAL, A. S. **Insuficiência renal**. Sociedade Brasileira de Nefrologia 2016. Disponível em: <http://sbn.org.br>. Acesso em: 01 ago.2016.

CASTRO, M. C. R. **Manual de transplante renal**. *Jornal Brasileiro de Transplante.* São Paulo: vol. 8. ed. 3. p. 1-32, 2005. Disponível em: <http://www.abto.org.br/abtov03/Upload/file/manual_transplante_pos.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

FHEMIG, 2016. Disponível em: <http://www.fhemig.mg.gov.br/atendimento-hospitalar/complexo-mg-transplantes>. Acesso em: 22 ago. 2016.

GUIMARÃES, S. G. **Insuficiência renal**. Disponível em: <http://www.portaldadialise.com/portal/insuficiencia-renal>. Acesso em: 03 out. 2016.

MEDLINE, 2016. Disponível em: <https://www.medlineplus.gov>. Acesso em: 16 ago. 2016.

OLIVEIRA, **Raquel Aparecida Fabreti. Antígenos leucocitários humanos (HLA) na avaliação imunológica para a seleção de receptor-doador para transplantes** [manuscrito] /2014.

Collaborative Transplant Study, 2016. Disponível em: <http://www.ctstransplant.org/publicgraphics/sample.shtml>. Acesso em: 22 ago. 2016.

SIGA-NOS

NAS REDES SOCIAIS PARA NOVIDADES EM TEMPO REAL.

@csapazebem

colegiosantoantonio

csa.colegiosantoantonio

#colegiosantoantonio

EDUCAR as partes, construir o TODO

A RELAÇÃO SIMBIÓTICA ENTRE **PLANTAS E FUNGOS** EM SISTEMAS FECHADOS

Orientador:
Marcelo Fernando Silveira Rezende[1]

Orientandos:
Antônio Candiotto[2]
Artur Moreira[3]
Caio Mendonça[4]
Fernanda Stark[5]
Francisco Galuppo[6]
Henrique Najar[7]
Victor Melo[8]

Introdução

O projeto de cultivo de plantas e fungos associados foi idealizado para ser uma continuação dos experimentos realizados no ano de 2015 (REZENDE *et al*, 2015). A proposta de cultivo em ambientes fechados lançada pelo professor no programa de disciplinas optativas do Colégio Santo Antônio — matérias e conteúdos além dos propostos pelos programas curriculares básicos da escola — permaneceu como o foco de nossas aulas e projetos. Para este ano, o cerne do projeto é a existência de micorrizas e como elas podem ser usadas no aumento de produtividade. Uma produção sustentável de alimentos, tema central da UFMG Jovem de 2016.

Cultivo em ambientes fechados

Como já foi discutido em nosso último trabalho (REZENDE *et al*, 2015), o aumento da população e de sua longevidade demandará uma maior produção de alimentos, em que determinados processos deverão ser revistos. A estrutura agrícola brasileira atual, por exemplo, desperdiça, segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação, cerca de 35% de sua produção ao longo de toda a cadeia, uma perda equivalente a 12 bilhões de reais diários (Gestão no Campo). Além disso, há a tendência ao estrangulamento de fronteiras agrícolas levar a uma possível produção insuficiente de alimentos no futuro.

Em *The Photosynthetic Process* (WHITMARSH e GOVINDJEE, 1995), é realçado que os organismos vegetais produzem sua própria substância energética por meio de um processo químico denominado fotossíntese. Esse processo converte grandes quantidades de luz solar em energia química, consumindo dióxido de carbono (CO_2), água (H_2O) e energia luminosa, e produzindo carboidratos e oxigênio (O_2). A energia padrão liberada na síntese

1 Graduado em Ciências Biológicas e mestre em Genética pela UFMG.

2 Estudante da 3ª Série do Ensino Médio.

3 Estudante da 1ª Série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

4 Estudante da 1ª Série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

5 Estudante da 3ª Série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

6 Estudante da 3ª Série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

7 Estudante da 2ª Série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

8 Estudante da 3ª Série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

dos carboidratos é destinada à desenvoltura das atividades metabólicas de tais organismos.

Fatores climáticos e geológicos são determinantes para uma produção agrícola de grande extensão (CHANG, p.1), já que umidade, tipo do solo e incidência de luz são variáveis difíceis de serem controladas nos padrões atuais e importantes para o crescimento de vegetais. Dessa forma, há um desequilíbrio, uma desigualdade da disponibilidade de áreas passíveis de serem usadas para a produção agrícola. A produção horizontal também promove uma assimetria. Grandes populações requerem grandes quantidades de alimento. Regiões altamente populosas são, sob esse aspecto, desfavorecidas, uma vez que a demanda superaria a área de produção.

[... O CULTIVO VERTICAL EM AMBIENTES FECHADOS SERIA A SOLUÇÃO PARA UM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E DEMOCRÁTICO...]

Conclui-se, portanto, que o cultivo vertical em ambientes fechados seria a solução para um desenvolvimento sustentável e democrático: sustentável por ser uma tecnologia que busca agir nos grandes centros urbanos, reduzindo principalmente o desperdício no transporte; e democrático por proporcionar o cultivo agrícola em qualquer área independente de condições naturais, como geologia e clima, de forma vertical, um eixo praticamente ilimitado para as dimensões das estruturas antrópicas.

Capsicum baccatum

Como o trabalho lidará com pimentas — pimenta-dedo-de-moça, *Capsicum baccatum*, é fundamental entender os principais compostos de tal vegetal. Os frutos de *Capsicum* são fontes importantes de três antioxidantes naturais, de vitaminas A, das do complexo B (tiamina, riboflavina, niacina, B-6 e ácido fólico), C e E, de fibras (elementos essenciais no processo da digestão e prevenção de doenças intestinais), e altas quantidades de carotenóides (capsantina e capsorubina, protegem o aparato fotossintético das reações oxidativas deletérias e conferem coloração vermelha e amarela aos frutos) (DOMENICO, 2011, p.6).

A capsaicina é o princípio ativo que representa as propriedades farmacêuticas das pimentas, e principal responsável pela sensação de ardor. As substâncias responsáveis por essa ardência são denominadas de capsaicinoides (classe dos alcaloides, 90% são produzidos pelas células da placenta dos frutos e liberados quando ocorre dano físico na região placentária) e são exclusivas do gênero *Capsicum*. Sabe-se que a capsaicina e seus análogos são produzidos a partir dos aminoácidos fenilalanina e valina, pela via dos fenilpropanoides, com ação de enzimas distintas. Contudo, ainda não é conhecida a enzima que faz a conversão final para capsaicina, embora alguns estudos já tenham identificado os genes candidatos (DOMENICO, 2011, p.11-13).

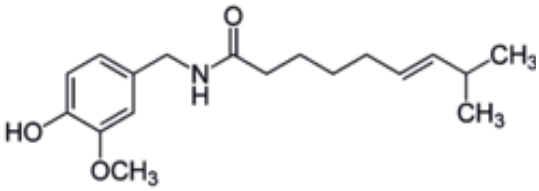


Figura 1: Estrutura química da capsaicina (Wikipedia).

Estrutura, nutrição e aplicações de fungos

Os fungos representam um grupo único de organismos, diferente de todos os outros quanto a seu comportamento e a sua organização celular — o que justifica seu *status* de reino, bem como os reinos animal e vegetal, compondo, assim, os três principais desdobramentos dos organismos multicelulares. São fundamentais aos ecossistemas em geral por serem os principais decompositores e recicladores de matéria orgânica, incluindo a degradação de celulose e madeira (DEACON, 2006, p. 1).

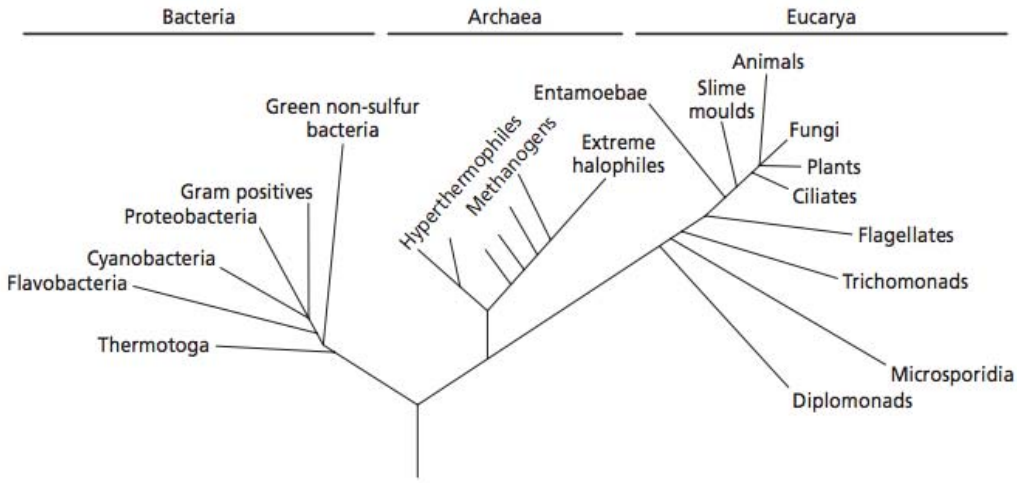


Figura 2: Cladograma dos Domínios dos seres vivos (DEACON, 2006, p.3).

Os fungos são responsáveis por diversas atividades essenciais para o desenvolvimento de ecossistemas. Estão entre os principais recicladores de nutrientes, particularmente nas florestas. Atuam também na mineralização, estocagem e transporte de elementos (N, P, K, S, etc.), além do transporte de água e outros nutrientes entre o solo e plantas e entre plantas. Conseguem modificar a permeabilidade do solo e promover a agregação, assim como na sua detoxificação. Participa na síntese de substâncias húmicas, na cadeia alimentar, na produção de antibióticos e até mesmo como estímulo da germinação de certas sementes (WICKLOW & CARROLL 1981, *apud* MAIA, p. 2).

Diversas espécies são usadas pelo homem para fins que diferem de seu papel ambiental padrão. São empregadas na produção de uma variedade de compostos químicos, como antibióticos, esteroides (contraceptivos), ciclosporina (imunossupressor) e enzimas para a indústria alimentícia; representam grandes setores dessa indústria, usados na fermentação de diversos alimentos (em especial, os pães) e na produção de cogumelos comestíveis; além de desempenharem o papel de “organismos modelos” na investigação genética e na biologia genética (DEACON, 2006, p.1).

J. W. Deacon, em *Fungal Biology*, descreve, entre outros, o processo de nutrição dos fungos. Esse grupo depende da absorção de nutrientes simples e solúveis, que difundem através da parede celular e entram dentro das células por meio de proteínas de transporte específicas. Apenas moléculas pequenas, como monossacarídeos, aminoácidos, e pequenos peptídeos de dois ou três aminoácidos conseguem penetrar. Até mesmo dissacarídeos, como a sacarose e a celobiose (um produto da quebra da celulose) precisam, na maioria dos fungos, de ser degradados em monossacarídeos antes de serem absorvidos. Qualquer outra molécula maior deve ser reduzida por enzimas extracelulares, secretadas pelos fungos.

Como as enzimas são moléculas grandes, fungos criam regiões específicas para a decomposição do substrato, provocando um esgotamento nutritivo do solo. As hifas — estruturas cuja função é, entre outras (reprodução do fungo e digestão extracelular), a fixação do fungo no substrato — precisam estender-se continuamente para zonas mais nutritivas. Fungos dependem de um abaste-

cimento contínuo do substrato ou de correntes de água com nutrientes (DEACON, 2006, p.114). As hifas são filamentos microscópicos em forma de tubos ricos de quitina no interior da qual se aloja a massa citoplasmática que contém os núcleos, que podem ou não serem separados por septos. Quando reunidas, as hifas formam o micélio (FERNANDES, 2010, p.3).

Micorrizas

Micorrizas são estruturas formadas durante a relação mutualística entre fungos do solo e raízes de plantas. Estas classificam-se em ectomicorrizas, endomicorrizas e ectoendomicorrizas (BELLEI e CARVALHO, 1992, *apud* MIRANDA, 1993, p. 6).

As ectomicorrizas ocorrem predominantemente em áreas temperadas e frias e são encontradas majoritariamente em plantas coníferas (ALEXANDER e HOGBERG, 1986, *apud* MIRANDA, 1993, p. 7). Nelas, o fungo forma um manto revestindo a raiz sem desenvolvimento intracelular (BELLEI e CARVALHO, *apud* MIRANDA, 1993, p. 7). Além de atuarem na absorção de nutrientes, os fungos protegem as raízes das plantas contra organismos patogênicos tanto física como biologicamente pela formação de antibióticos (HARLEY, 1969, *apud* MIRANDA, 1993, p. 7). Os principais fungos ectorrizoicos pertencem à classe dos *Basidiomicetos,* entre eles, as espécies: *Pisolithus tinctorius, Suillus granulatus, Scleroderma citrinum* e *Scleroderma cepa*. Algumas dessas espécies foram encontradas naturalmente no Brasil (BELLEI e CARVALHO, *apud* MIRANDA, 1993, p. 7). (Figura 3.)

As endomicorrizas possuem uma distribuição geográfica mais abrangente, e colonizam a maioria das plantas nativas e cultivadas. Estas são divididas em três tipos: ericoide, orquidoide e arbusculares (SILVEIRA, 1992, *apud* MIRANDA, 1993, p. 8). As do tipo arbusculares ocorrem em cerca de 80% das espécies de plantas (BONFANTE e PEROTO, *apud* HOFFMANN, 1995, p.13). Os fungos envolvidos na formação das micorrizas dos dois primeiros tipos pertencem às famílias da Ericáceas e Orquidáceas respectivamente, enquanto que os fungos responsáveis pelas micorrizas arbusculares (de maior interesse para o nosso projeto) pertencem às famílias das Glomáceas, das Aucalosporáceas e das Gigasporáceas (SIEVERDING, 1991, *apud* MIRANDA, 1993, p. 9).

Nas micorrizas arbusculares, as hifas, estruturas com grande capacidade de ramificação, absorvem água e nutrientes, que podem ser doados para as plantas por meio de arbúsculos — estruturas intracelulares. Agem como extensão das raízes das plantas. Essa última, por sua vez, transfere ao fungo fotoassimilados (HOFFMANN & LUCENA, 2006, p. 7). A hifa externa nesse tipo de fungo pode abastecer grande parte do fósforo (80%),

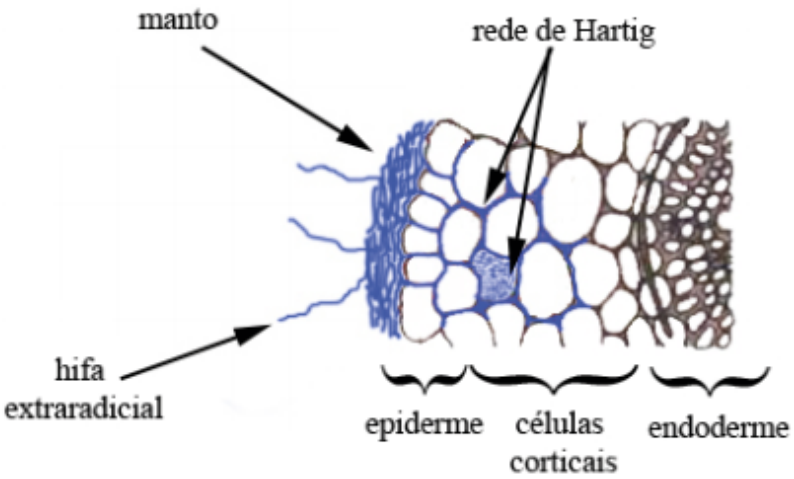


Figura 3: Corte transversal de raiz ectomicorrizada (GURGEL, 2009, p. 7).

do nitrogênio (25%), do potássio (10%), do zinco (25%) e do cobre (60%) necessários (MARSCHNER E DELL, 1994, *apud* HOFFMANN & LUCENA, 2006, p. 16). A relação também pode ser benéfica na proteção de plantas contra estresse salino (GIRI *et al*., 2002, *apud* HOFFMANN & LUCENA, 2006, p.16).

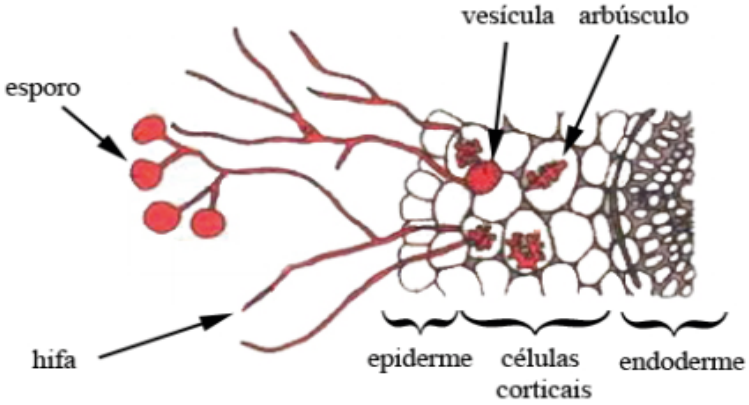


Figura 4: Corte transversal de raiz endomicorrizada (GURGEL, 2009, p.5).

Em presença de seca, as plantas micorrizadas possuem, em relação às não micorrizadas: maior sensibilidade de estômatos à umidade; uma taxa fotossintética maior, devido ao maior período de abertura dos estômatos; tempo maior para o declínio do potencial hídrico da folha e um tempo menor para recuperação; uso da água de forma mais eficiente (AUGÉ, 2001; SIMPSON e DAFT, 1990, *apud* HOFFMANN & LUCENA, 2006, p.16).

Justificativa

Com o intuito de continuar os projetos na área de cultivo de vegetais em ambiente escolar, procuramos intensificar a eficácia do sistema fechado (REZENDE *et al*, 2015). Poderíamos, além de manter estáveis as variáveis já estudadas — temperatura, umidade, nutrição mineral e iluminação —, aumentar o rendimento da produção com o uso de micorrizas, ampliando a rizosfera.

Tendo em vista o tema de sustentabilidade da UFMG Jovem 2016 — sustentabilidade representa um desenvolvimento econômico de forma a prejudicar o menos possível o equilíbrio entre o meio ambiente, as comunidades humanas e toda a biosfera (*Wikipedia*) —, optou-se por um projeto de caráter sustentável, com o uso de materiais recicláveis e com objetivos que tentassem romper com o *status quo* contemporâneo do cultivo agrícola.

Objetivo Geral

Verificar a produtividade e a viabilidade econômica e espacial do cultivo de vegetais — no caso a pimenta-dedo-de-moça, *Capsicum baccatum* — e fungos, de forma simbiótica, em um sistema fechado com temperatura e luminosidade controladas, no ambiente escolar, que possui restrição de espaço físico adequado para o cultivo de plantas.

Metodologia

O projeto *Simbiose* foi concebido para proporcionar dois meios extremamente similares, a fim de minimizar as possíveis variáveis na coleta de dados. Portanto, são sistemas fechados, com iluminação artificial e tubulações de gotejamento automatizadas. Estruturalmente, o projeto é composto de dois tonéis de 100 litros, adaptados. Suas dimensões (74 cm de altura X 47 cm de diâmetro) permitiram a introdução de 20 cm de terra de altura (cerca de 50 kg de terra) e um grande espaçamento para as plantas crescerem de forma individual. Foi fundamental usar mais de uma planta nos tonéis (tanto no grupo teste quanto no de controle), já que eventuais diferenças no desenvolvimento do *teste* e no *controle* poderiam decorrer de outras variáveis. A utilização de mais de uma planta nos permite trabalhar com médias e reduzir os possíveis desvios.

Figura 5: Projeto *Simbiose* em desenvolvimento (14/07/2016).

Foram acopladas a cada tampa 3 lâmpadas (45w/127v/6400k) como fonte luminosa, distribuindo-as de forma triangular para manter a simetria na iluminação. As plantas foram iluminadas por 16 horas todos os dias, na tentativa de simular a iluminação solar (usamos o aplicativo *Sensor Sense* para medir a intensidade da iluminação, disponível gratuitamente na loja de aplicativos do *Android*). No centro, uma ventoinha de computador para o intercâmbio de ar entre o sistema e o meio externo.

Para a irrigação, foram usadas mangueiras transparentes de aquário (½ polegada), uma bomba de aquário comum e diversos gotejadores GA-2. A água é impulsionada pela bomba em um balde externo, dividida entre duas mangueiras por meio de uma bifurcação e direcionada aos tonéis. No interior, os GA-2, devidamente regulados, permitem que água goteje de forma controlada. No desenvolvimento do projeto, a pressão nas mangueiras era muito baixa para que ocorresse o gotejamento. Resolvemos o problema ao criar um obstáculo na terminação da mangueira. Iluminação e umidade passam, assim, a ser variáveis controladas.

Figura 6: Tampa em funcionamento (30/07/2016)

Termômetros foram colocados em ambos os tonéis com o intuito de verificar a estabilidade térmica e comparar com a temperatura externa.

Foram utilizadas 2 mudas de pimenta-dedo-de-moça, *Capsicum baccatum*, em cada tonel, totalizando 4 pés. Apesar de apresentarem alturas iniciais diferentes, a margem de variância era pequena (ver Gráfico 1 em resultados obtidos).

No grupo teste, adicionamos uma cultura de fungos em grânulos composta de 10 espécies de fungos que realizam ectomicorrizas (*Pisolithus tinctorius*, *Rhizopogon luteolus*, *Rhizopogon fulvigleba*, *Rhizopogon villosullus*, *Rhizopogon amylopogon*, *Scleroderma citrinum*, *Scleroderma cepa*, *Suillus granulatus*, *Laccaria laccata*, *Laccaria bicolor*) e mais 9 espécies de fungos que realizam endomicorrizas (*Glomus aggregatum, Glomus intraradices, Glomus mosseae, Glomus etunicatu, Glomus monosporum, Glomus deserticola, Glomus clarum, Paraglomus brasilianum, Gigaspora margarita*), adquirida pela internet através da loja *on-line Fabergé Orquídeas*.

Figura 7: Interior do tonel *controle* no primeiro dia de coleta de dados (14/07/2016)

O projeto incluía, inicialmente, o cultivo de fungos com micélios comestíveis em paralelos às mudas de planta. Uma das propostas sugeridas na confecção do projeto era verificar se outros fungos, além dos já documentados, conseguiriam promover micorrizas, ou outras relações simbióticas, com as mudas de pimenta. Pela limitação da coleta de dados, os resultados seriam inconclusivos. Optamos, portanto, por outra proposta.

Figura 8:
Espécime de Cogumelo salmão, *Pleurotus djamor* (14/06/16).

Para descomplicar a coleta de dados e o entendimento do trabalho, codificamos as plantas do projeto: as *Capsicum baccatum* do *teste* foram, devido ao fato de representarem as plantas micorrizadas, apelidadas de M1 e M2; enquanto que aquelas no tonel controle foram apelidadas de C1 e C2, as plantas controle.

A altura foi escolhida para servir como referência no desenvolvimento da planta por ser de fácil coleta e por contribuir na análise da pesquisa. Em contrapartida, é um resultado pouco preciso e susceptível a incoerências. O foco da análise dos dados está na taxa de crescimento, e não em valores absolutos isolados.

Resultados Obtidos e Discussão

Durante o período de estudo, próximo de um mês (38 dias), a altura das quatro mudas (M1, M2, C1 e C2) foi documentada. Vale relembrar o que já foi dito na metodologia: coletar a altura das plantas é insuficiente para conclusões definitivas, mas é opção mais adequada, tendo em vista nossas limitações de estrutura. Independentemente, a coleta das alturas ainda permite a discussão dos resultados. Segue abaixo o gráfico dos dados coletados.

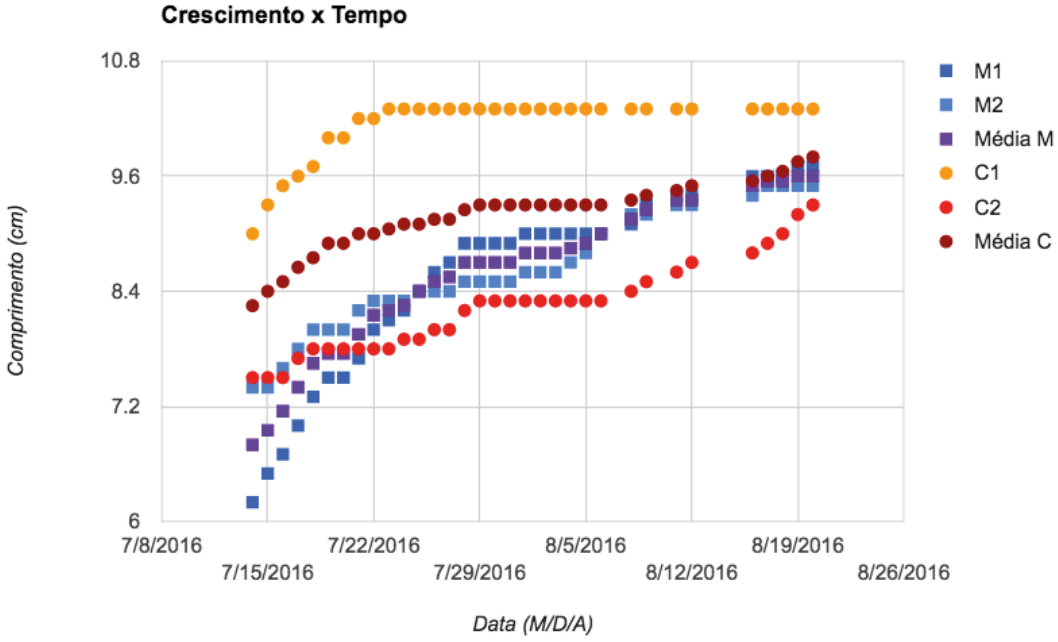


Gráfico 1: Crescimento das mudas de pimenta — Crescimento (cm) x Tempo (data M/D/A).

As plantas no tonel micorrizado (M1 e M2) foram representadas no gráfico como quadrados, em dois tons diferentes de azul. Já as plantas do *controle* (C1 e C2) foram representadas como círculos, em laranja e vermelho. Para homogeneizar os dados e diminuir o impacto das possíveis variações não relacionadas às variáveis em questão (a diferença entre o crescimento das plantas pode decorrer de fatores de difícil controle, como predisposição genética ou o desenvolvimento prévio em relação ao início do projeto), usamos também da média dos crescimentos das plantas de cada tonel em nosso gráfico (quadrado roxo nas micorrizadas e círculo marrom nas de controle).

As plantas apresentavam alturas iniciais diferentes: M1 com 6,2 cm; M2 com 7,4 cm; C1 com 9 cm; e C2 com 7,5. Dessa forma, ambas as plantas do *teste* eram menores do que as do *controle*. C1 apresentava uma altura assimétrica em relação às demais. Antes do projeto, as pimentas que se encontravam presas às plantas foram retiradas.

[... O **TESTE** CRESCEU DE FORMA MAIS INTENSA DO QUE O **CONTROLE**.]

Durante a primeira semana do cultivo (entre 14/07 e 22/07) a taxa de crescimento foi acentuada, sendo que todas as plantas apresentaram uma variação de altura. M1 teve o desempenho mais acentuado, começando com 6,2 cm de altura e alcançando a marca de 8 cm (crescimento vertical de 1,8 cm). O *teste* cresceu de forma mais intensa do que o *controle*. Analisando o *controle*, C1 apresentou um intenso crescimento, chegando, de 9 cm, à marca de 10,2 cm (crescimento vertical de 1,2 cm).

A semana seguinte (até o dia 29/07) apresentou uma queda no ritmo global de crescimento. As plantas no *teste* continuaram a crescer de forma mais pujante do que as do *controle*, mas não da mesma forma. M1, a que mais cresceu, saiu da marca de 8 cm até 8,9 cm (crescimento vertical de 0,9 cm), superando M2, que alcançou 8,5 cm. A média M se aproximou da média C. C1 iniciou um processo de estagnação que persistiu até o fim das coletas de dados. Foi durante essa semana que o incidente descrito na metodologia ocorreu.

O período seguinte (até o dia 06/08), foi de pouco crescimento, com estagnação de C1 e C2. Entretanto, foi quando M1 e M2 convergiram a um valor muito próximo, elevando a média M a um valor muito similar ao da média C.

Figura 9: Pimenta C1 no 17º dia da coleta de dados (30/07/2016).

As duas semanas seguintes tiveram resultados muito semelhantes, positivos. Ambas as médias apresentaram um crescimento, com destaque à recuperação de C2, que deixou a marca de 8,3 cm para alcançar 9,3 cm (crescimento vertical de 1 cm). Dessa forma, M1, M2 e C2 apresentam, no momento final da coleta, valores muito parecidos.

Comparando a situação final à inicial, tem-se que o *teste* cresceu, em média, 2,8 cm, o equivalente a um crescimento de 41% (M1: 3,5 cm, 56,5%; M2: 2,1 cm, 28,4%), enquanto que o *controle* cresceu, em média, 1,55 cm, o equivalente a um crescimento de 18,8% (C1: 1,3 cm, 14,4%; C2: 1,8 cm, 24%).

Dessa forma, torna-se claro que o crescimento das plantas micorrizadas foi mais intenso. Entretanto, nossa coleta de dados deixa em aberto se a causa foi realmente a presença dos fungos micorrízicos. A diferença pode ter decorrido de outros fatores, o universo amostral de duas plantas por grupo é insuficiente para se chegar a uma conclusão definitiva. É possível que o resultado seja de fato fruto da ação dos fungos, já que o crescimento nos tonéis foi extremamente diferente.

A temperatura interna de ambos se manteve entre 25ºC e 26ºC, enquanto que a externa apresentou grandes flutuações, principalmente com os períodos noturnos.

Em um dos momentos iniciais da pesquisa, os gotejadores liberaram mais água do que o necessário, alagando o *controle*. A resposta inicial foi fechar os GA-2 do tonel em questão. Porém, ao fechar os gotejadores, a pressão na outra mangueira aumentou e o *teste* acabou recebendo um volume de água maior, alagando. O sistema normalizou assim que o excesso de água foi reduzido, de forma natural (evaporação e utilização da água pela planta), com a irrigação desligada. Discutiu-se a possibilidade de o alagamento ter ocasionado a morte de fungos micorrízicos no *teste*, o que justificaria a desaceleração do crescimento e a lenta recuperação, que seria o momento de reproliferação dos fungos.

Considerações finais

O objetivo inicial era verificar um aumento de produtividade, o que não ocorreu. Como já foi discutido, a análise da altura das plantas e o pequeno universo amostral não permitem chegar a conclusões definitivas sobre a influência das culturas de fungos micorrízicos sobre o desenvolvimento das plantas.

Ademais, é interessante verificar a viabilidade financeira do uso extensivo de fungos micorrízicos no cultivo de vegetais. Sem a devida informação de valores para grandes quantidades de material micorrízico, a conclusão sobre esse aspecto fica comprometida. O produto que foi usado teve o custo de R$45,00, destinado a pequenos cultivos. O tempo decorrido no trabalho foi insuficiente para a formação de frutos, portanto é desconhecido o retorno produtivo do uso desse composto. Analisando o crescimento vertical, tem-se que o uso de micorrizas é, possivelmente, fator de aumento de produtividade, mas não é possível, tendo base nos dados coletados, saber qual seria o aumento de rentabilidade. *Teste* passaria a ser rentável se a produção de fungos fosse sustentável e de fácil acesso ao produtor, em que os custos seriam menores, ou caso a rentabilidade do uso do composto se mostrasse de fato lucrativo.

Referências

CHANG, Jen Hu. **Climate and Agriculture:** *An Ecological Survey*. 1. ed. p. 1. Chicago: Aldine, 1968.

DEACON, Jim. ***Fungal Biology***. Disponível em: <http://fmedicine.ajums.ac.ir/_fmedicine/documents/Fungal%20Biology_20140517_172134.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2016.

DOMENICO, Carolina. **Caracterização agronômica e pungência em pimenta**. Disponível em: <http://www.iac.sp.gov.br/areadoinstituto/posgraduacao/dissertacoes/pb1215009%20CAROLINA%20IATESTA%20DOMENICO.pdf> Acesso em: 19 jun 2016.

FERNANDES, Carolina. **Morfologia e citologia dos fungos**. Disponível em: <http://www.ufjf.br/microbiologia/files/2012/12/Morfologia-e-citologia-dos--fungos-NUTRICAO.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2016.

Gestão no Campo. **Brasil: Campeão de Desperdício Agrícola**. Disponível em: <http://www.gestaonocampo.com.br/ biblioteca/desperdicio-producao-agricola/>. Acesso em: 19 jun. 2016.

GURGEL, Francisco. **Fungos ectomicorrízicos em áreas de Mata Atlântica do Nordeste do Brasil.** Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/13046/1/FranciscoEG.pdf> Acesso em: 29 jul. 2016.

HOFFMANN, Lúcia Vieira; LUCENA, Valeska Silva. **Para Entender Micorrizas Arbusculares**. Disponível em: <http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CNPA/18310/1/DOC156.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

MAIA, Leonor *et al*. **Fungos**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/14_Biodiv_14_Cap04a.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2016.

MIRANDA, J.C.C. de. **Utilização das micorrizas na agricultura**. 3. ed. revista e atualizada Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1993. (EMBRAPA-CPAC. Documentos, 20).

WHITMARSH, John. GOVINDJEE. **The photosynthetic process.** Disponível em: <http://www.life.illinois.edu/govindjee/paper/gov.html#/h>. Acesso em: 19 jun. 2016.

WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. ***Capsaicina***. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Capsaicina>. Acesso em: 19 jun. 2016.

WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. **Sustentabilidade.** Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sustentabilidade>. Acesso em: 28 ago. 2016.

REZENDE, Marcelo *et al*. ***A luz no cultivo de vegetais em ambientes fechados*.** Disponível em: <https://goo.gl/wfpNKD> Acesso em: 19 jun 2016.

A UTOPIA NO SÍTIO DO PICAPAU AMARELO:

A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE PELA LITERATURA

Orientadora:
Cleide de Fátima Simões[1]

Orientando:
Danilo Albuquerque[2]

RESUMO

O presente artigo analisa a produção de Monteiro Lobato e sua literatura infantil, relacionando o lugar imaginário Sítio do Picapau Amarelo com o conceito de utopia. Ele examina sua contribuição para a educação das crianças, de forma conceitual e prática, e a associa com as ideias do filósofo Jean-Jacques Rousseau, principalmente em sua obra *Emílio*, ou *Da educação*.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Utopia. Educação. Rousseau.

ABSTRACT

This paper analyzes the production of Monteiro Lobato and his children's literature, relating the imaginary place Sítio do Picapau Amarelo with the concept of utopia. It examines his contribution to the education of children, conceptual and practical, and associates it with the philosopher Jean-Jacques Rousseau's ideas, especially in his work *Emile*, or *On Education*.

Keywords: Monteiro Lobato. Utopia. Education. Rousseau.

1 Graduada em Letras pela PUC Minas e especialista em História da Arte na Escola Guignard.

2 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

UTOPIA

A utopia pode ser compreendida como uma ideia. Uma ideia poderosa: a busca de uma sociedade ideal. Porém, por "ideal" deve ser entendido uma sociedade melhor, mas não perfeita. A concepção de perfeição está muito ligada com a teologia e seria – humanamente – impossível. Já a utopia busca o possível, a melhora real. Mesmo que muitas vezes sejam idealizações distantes e de difícil acesso, ela sempre esteve presente na humanidade como a necessidade social de querer melhorar. Eduardo Galeano, quando questionado sobre o porquê de existir a utopia, mesmo que ela esteja no horizonte, ao longe, e que quando caminhamos em direção dela, ela se afasta, responde: "Para isso, para caminhar."

Ao longo da história, a utopia esteve presente de diversas formas, como lugares imaginários (fantásticos ou não). São formas de os autores externalizarem seus pensamentos sobre a sociedade em que vivem e como melhorá-la. Servem como projetos, como guias a serem seguidos. Geram discussões sobre os problemas, tentam encontrar soluções.

Dentre essas representações encontra-se a ideia de educação proposta por Rousseau como o guia ideal para a educação infantil. A partir desse princípio, o filósofo contrapõe-se à educação formal, na qual a criança é orientada a agir em favor da apreciação e aprovação do mundo adulto, o que alimenta, precocemente, uma frustração e um certo "padrão social". Para ele, é preciso dar às crianças "mais verdadeira liberdade e menos domínio, deixar que façam mais por si mesmas e exijam menos dos outros" (ROUSSEAU, 1999).

Já outro projeto educacional que faz uso da utopia é o *Sítio do Picapau Amarelo*, em que Lobato também critica o modelo de educação formal da época, fechado e limitado. O ensino era chato e sofrido para as crianças, e retirava delas o desejo de aprender, além de desfavorecer a criatividade. Com seu projeto do sítio, o autor propõe uma educação divertida, que favoreça a liberdade e a imaginação, tentando formar pessoas independentes, livres e críticas, preparadas para mudar o mundo.

Essas duas imagens utilizam a imaginação para criticar o modelo de ensino e propor mudanças. As duas colocam como um local melhor para o ensino o campo e discorrem sobre como ele deve ocorrer. Além do espaço físico, a utopia trabalha com o espaço pessoal, social, imaterial.

A utopia é um instrumento poderoso. Quando bem usada, pode incomodar. Exemplo disso é o sítio de Lobato, que afetou tantas crianças e gerou discussões sobre qual o verdadeiro papel delas na sociedade e como devemos prepará-las para o futuro.

Monteiro Lobato

[... É PRECISO DAR ÀS CRIANÇAS **MAIS VERDADEIRA LIBERDADE E MENOS DOMÍNIO ...]**

O escritor brasileiro estava, em meados de 1916, inconformado: "É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil [...] que nada acho para a iniciação de meus filhos" (LOBATO apud AZEVEDO, 1998). O pequeno número de obras nacionais não agradava e as estrangeiras eram poucas e, quando disponíveis, mal traduzidas – normalmente para o português de Portugal e não para as crianças brasileiras. Nesse contexto, pensou em traduzir e vestir à brasileira velhas fábulas como as de Esopo e La Fontaine, mas o projeto não foi para a frente. Entretanto, em 1921 publicou a primeira versão de *A menina do narizinho arrebitado.* Muito bem recebido pela crítica, foi considerado um marco na renovação da literatura infantil do país, como uma obra que levará à criança o gosto

pela leitura, “um livro que estimula a vida, que fecunda a imaginação, que desperta a curiosidade” (ATAÍDE *apud* AZEVEDO, 1998). Depois de seus resultados, Lobato levou seus livros às escolas, onde obteve grande aceitação pelos estudantes. Em 1926, está decidido em sua mudança para a literatura infantil: “De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para crianças, um livro é todo um mundo” (LOBATO *apud* AZEVEDO, 1998).

Em 1931, agrupa a sua primeira história aos novos capítulos escritos e forma *Reinações de Narizinho.* A partir daí, escreve até 1944, durante todo o período ditatorial de Getúlio Vargas. Em seus escritos estão presentes suas ideias de liberdade e progresso nacionalista, sua luta pelo petróleo e sua tentativa de transformação do país pela educação. “Militante da causa do progresso, Monteiro Lobato percebeu acertadamente que só através dos jovens seria possível apressar a modificação do mundo” (PRADO *apud* AZEVEDO, 1998). Entre seus pensamentos está a crítica a outros autores infantis, que tratam a criança como um adulto em pequeno tamanho. Ele percebe a complexidade da infância e que “A criança é um ser onde a imaginação predomina em absoluto”. Dessa forma, trabalha em suas obras um mundo repleto de fantasia e, com isso, um significado muito maior, já que “O meio de interessá-la é falar-lhe à imaginação” (LOBATO apud AZEVEDO, 1998).

O Sítio do Picapau Amarelo

Inspirado em suas lembranças da infância, o autor cria um ambiente rural calmo e agradável, que remete à sua infância e se transforma no espaço utópico que permite a imaginação, a fantasia e o ensino, em contraste com a vida agitada da cidade. Um sítio no interior, na beira de um rio, com a presença da natureza e de animais, o que lhe permite um prazeroso reencontro com a meninice. O espaço não é muito grande fisicamente, mas, por meio da imaginação, estende-se até outros mundos, lugares imaginários da mente de Lobato ou de outros livros e culturas populares. Personagens vão até lá ou, com um passeio nas estradas, as crianças chegam até eles.

O local é habitado por Dona Benta e Tia Nastácia, e frequentado nas férias por Narizinho e Pedrinho. Compondo a fantasia do ambiente, lá estão a boneca de pano Emília e o Visconde de Sabugosa. Esses personagens interagem em suas aventuras, discussões e aprendizagens. Eles apresentam uma forte relação entre si, sempre se divertindo nas refeições, nas contações de histórias, nos passeios pelos arredores, com diálogos interessantes e enriquecedores.

Para os indivíduos, o sítio é o ponto central por onde giram as aventuras imaginárias do mundo. Lá já se encontraram diversos personagens de livros, filmes, seriados de TV, além dos seres mágicos que vivem nas matas em seus arredores. Ademais, quando não foram até lá, o pessoal do sítio foi até eles, pois, mesmo que pareçam distâncias enormes, quando o grupo vai do sítio a algum lugar, ele se apresenta como próximo do local imaginário desejado.

A educação para Rousseau

O filósofo Rousseau defende a ideia de que o ser humano é bom por natureza e que a vida em sociedade o corrompe. Para ele, essa sociedade, cheia de vícios e pre-

conceitos, transforma o ser que a frequenta em outro corrupto. A solução para isso seria retirar o ser humano, ainda criança, desse ambiente e levá-lo a um espaço rural, onde ele deve ser ensinado seguindo os preceitos naturais e preparado para viver na cidade sem ser corrompido por ela.

Outra ideia sempre presente nos pensamentos do autor, vista como o quesito maior da formação humana, é a liberdade. Essa educação deve preservar a liberdade natural da criança e depois promover sua liberdade moral, pois os adultos da sociedade não são verdadeiramente livres. Visando a tal fim, a educação deve formar o ser humano como indivíduo antes de relevar seu papel na sociedade, pensando em seu desenvolvimento e não apenas na ocupação social que ele possuirá para manter o *status* do poder. Ela deve formar o ser completo, humano e cidadão, fruto do mesmo projeto político-educacional.

Para tanto, esse método deve se utilizar de exercícios práticos, jogos, brincadeiras e passeios para desenvolver a sensibilidade, o raciocínio, a criatividade e a bondade. Os exercícios do corpo, dos órgãos e dos sentidos devem ser transformados em instrumentos para a criança construir o seu conhecimento. A interação física com o mundo ao redor promove um grande aprendizado, tanto nos pulos como nas quedas. Como afirma o filósofo, "sofrer é a primeira coisa que deve aprender e a que terá mais necessidade de saber" (ROUSSEAU *apud* GROSS, 2007). Para ele, a liberdade está ligada ao sofrimento, e a criança correrá riscos quando explorar esse novo mundo, mas o educador deve conduzi-la para novas experiências pelas quais ela poderá se fortalecer, e não apenas afastá-la do perigo. Para Rousseau (*apud* GROSS, 2007), isso está relacionado com "nossa mania pedante de educar", que "é sempre a de ensinar às crianças o que aprenderiam muito melhor sozinhas e esquecer o que somente nós lhes poderíamos ensinar".

[... SOFRER É A PRIMEIRA COISA QUE DEVE **APRENDER** E A QUE TERÁ MAIS **NECESSIDADE DE SABER.]**

Ainda, é preciso trabalhar com o ensino de forma a não aceitar antigas verdades impostas e sempre questionar. Para Rousseau, não se deve conformar-se com ideias absolutas, mas sim filosofar sobre as questões e encontrar as respostas na interioridade humana. Para ele, esse ensino de dogmatismos e mecanização é prejudicial: "o único hábito que se deve deixar a criança adquirir é o de não contrair nenhum" (ROUSSEAU *apud* PAIVA, 2007). É preciso combater as ideias antigas e conservadoras que enfatizam os interesses dos adultos e não das crianças.

Dessa forma, a criança deve adquirir o conhecimento por meio de experiências, questionamentos, brincadeiras e discussões. Crescer distante dos preconceitos, vícios, autoridades e exemplos da sociedade corrompida. Aprender sobre liberdade e cidadania, para saber seus limites, respeitar os outros e exigir seus direitos. Ser respeitada e estimulada. Assim, com uma educação que valorize a infância e a criança, é possível formar seres humanos completos, cidadãos e livres.

A educação no Picapau Amarelo

O sítio de Dona Benta é um refúgio no campo aos males da cidade. Como Rousseau, Lobato traz as crianças para aprenderem junto à natureza, longe dos vícios da sociedade. Nesse espaço rural, calmo e tranquilo, o autor cria um aprendizado completo, que visa, de forma divertida, ao que é ensinado nas escolas e acrescenta uma completa formação humana, promovendo o desenvolvimento pessoal. Acrescido a isso, ele trabalha a ideia de liberdade, presente no sítio, e sua relação com os personagens e as aventuras.

As crianças, Narizinho e Pedrinho, constroem conhecimentos pelo exercício físico e a exploração do espaço ao redor, como propõe Rousseau. Mas, além disso, o sítio apresenta sua dimensão imaginada; assim, os dois, em suas aventuras, exploram outras localidades, como a Terra do Nunca e a Grécia Antiga, fazendo contato direto com outros tempos e personagens diversos, imaginários ou reais, aprendendo diretamente por meio dessa intertextualidade. As crianças correm, pulam e caem, se machucam, adentram perigos e fazem novos amigos, e tudo isso promove um aprendizado divertido e real, que elas guardam consigo para a vida.

Ainda, a educação dos infantes ocorre pela participação direta de Dona Benta, que fornece uma educação formal. Esta ocorre principalmente com a leitura de livros para as crianças. Porém, as personagens não apenas recebem as histórias, elas dialogam, discutem, questionam, ora concordando, ora não. Dessa forma, elas se tornam mais críticas, como recomenda Rousseau, não apenas aceitando ideias antigas e dogmatismos, mas apresentando novas formas de ver o mundo e atuar nele.

Na época em que Lobato escrevia havia várias discussões, no Brasil e no mundo, sobre a educação. Ela era vista pelos alunos como chata e maçante, ensinada pelos pedagogos de forma difícil e não valorizando o conhecimento. Nesse ambiente, o escritor cria suas obras, em que apresenta um projeto educacional diferenciado, que valoriza a criança e ensina brincando. Em seus livros, não apenas os personagens aprendem, mas o leitor também. Com métodos bastante didáticos, mas a sua maneira, ele ensina conteúdos como gramática, história, ciências e outras, além de promover o pensamento crítico, convidando o leitor a analisar as ideias que recebe, inclusive suas próprias.

Assim, Lobato cria algo novo, um mundo imaginário que convida o leitor a nele adentrar e aprender, divertindo-se junto aos personagens ali presentes, e a participar das aventuras com o uso da imaginação, encontrando outras terras e indivíduos pela intertextualidade. O espaço formado, o sítio, representa um local fantástico que permite a educação, além de ser uma ideia para colocar em prática mudanças no sistema educacional presente. Ele atua, enquanto lugar imaginário, como a representação literária de um projeto socioeducacional do autor. Ele apresenta a ideia de convivência social, sempre ligada à liberdade, enquanto promove a educação infantil, meio que o autor encontra de mudar o mundo, agindo concretamente com as crianças.

A utopia no sítio de Dona Benta

O Picapau Amarelo concretiza essa utopia da educação. Ele atua assim quando é um projeto, um modelo a ser seguido, que projeta a ideia do autor sobre como melhorar o ensino. Lobato apresenta suas propostas para os entraves de seu tempo e demonstra em suas obras e por meio de seus personagens como ensinar brincando, como atrair as crianças para o conhecimento e como promover sua boa formação.

> **[...** O SÍTIO SE APRESENTA COMO UMA UTOPIA... SOCIAL, POLÍTICA, ECONÔMICA E, CERTAMENTE, EDUCACIONAL **...]**

Mas o sítio se apresenta como uma utopia maior. Uma utopia social, política, econômica e, certamente, educacional. Como a Ilha de *Utopia* de Moore ou a *República* de Platão, o Picapau Amarelo se constitui como um espaço imaginário, saído da mente de seu autor, para retratar um mapa, um guia para uma sociedade melhor. Ele representa um mundo imaginário onde o leitor pode adentrar e se aventurar, se divertir, brincar, aprender, criticar e, quando retorna, leva consigo seus aprendizados e experiências para tentar mudar o mundo real.

O projeto literário de Lobato visa ao público infantil, apresentando a ele, por meio do sítio, um ambiente justo, livre, em que aprender é divertido. Dessa forma, a ideia de utopia – almejar um mundo melhor – é apresentada às crianças desde cedo, de forma muito envolvente, o que faz com que elas se animem e queiram promover tais mudanças no país. Essa prática é muito importante, pois introduz nas gerações futuras uma grande visão de mundo, senso de responsabilidade social e protagonismo. O autor comenta sobre a repercussão de suas obras, dizendo que os pequenos querem que o país todo se torne um sítio de Dona Benta, o abençoado refúgio onde não há opressão nem cárceres – lá não se prende nem um passarinho na gaiola. Todos são comunistas à sua moda, e estão realizando a *República* de Platão, com um rei-filósofo na pessoa de uma mulher [...]. (LOBATO *apud* AZEVEDO, 1998).

Isso mostra o poder dos livros na infância. Lobato relata que quando escreve quer criar livros em que as pessoas poderão morar, não apenas ler uma vez e descartar, mas ler e reler, entrar no mundo imaginário que a história proporciona e levar para a vida ensinamentos profundos. Suas histórias são envolventes e agradam aos leitores, que o compreendem e, mais do que isso, o amam. Como se lê em uma matéria do *El Mundo*, de Buenos Aires:

Ele as libertara do primitivismo das histórias de bruxarias. Criara, para as suas imaginações, um mundo, um lugar maravilhoso que reúne tudo – humorismo, fantasia, filosofia, noções científicas, brincadeiras, sonhos, realidades (*apud* CAVALHEIRO, 1962).

Um de seus traços marcantes para esse público é o uso da imaginação. Não apenas de uma forma superficial para entretenimento, mas para falar à criança, já que acredita ser essa uma de suas preferidas linguagens. Para o autor, sua escrita "deveria fundar-se não na descrição da realidade, mas na sua crítica através da construção da fantasia" (GOUVÊA, 1999). Por meio dela, seus livros são críticos ao Brasil, sem medo de falar aos pequenos a verdade sobre o mundo. Ele afirma que a sociedade vive em um regime de mentiras e, como está tão habituada a ela, a verdade dói. Seus livros são muito criticados por falarem mal de seu país, mas o autor retruca que "não será mentindo às crianças que consertaremos as coisas tortas" (LOBATO *apud* CAVALHEIRO, 1962).

Lobato "não criou um personagem, ou um livro, e sim todo um 'mundo', uma 'obra', um ciclo, uma literatura completa" (CAVALHEIRO, 1962). Seus personagens são enriquecedores, suas aventuras são divertidas, seus ensinamentos são valiosos. O sítio é, em si, uma utopia da imaginação onde os personagens se movimentam, as histórias nascem, os mundos fantásticos são visitados.

Frutos

A obra que contempla o Sítio do Picapau Amarelo promoveu um grande impacto social, desde o período em que foi lançada até os dias atuais. Ela influenciou as crianças que a leram e proporcionou mudanças em seu modo de agir e pensar. Uma dessas mudanças foi na forma de se relacionar com os livros. Para Lobato, as experiências literárias muito jovens podem influenciar muito no futuro leitor. Assim, seus livros infantis, bastante diferentes dos outros da época, conseguem trazer o gosto pela leitura, e os confirmam como poderoso agente de formação.

Outra mudança muito louvável foi na relação do aprendizado. O autor muda a ideia de um aprendizado chato e maçante que ocorria nas escolas para um ensino conjunto com brincadeiras. Essas influências foram muito importantes na formação dos jovens, na sua relação com o conhecimento e na discussão na sociedade sobre a educação. Relacionado a isso, os maiores frutos da literatura de Lobato são percebidos por meio das cartas que recebia de seus leitores (ANEXO A).

> "O SENHOR TEM UM MODO TÃO SIMPLES DE DIZER AS COISAS DIFÍCEIS QUE ELAS SE TORNAM LOGO FÁCEIS"

> "A PROFESSORA ME MANDOU DECORAR UNS VERBOS E QUANDO EU LI O SEU LIVRO APRENDI TUDO"

Os leitores apreciam a linguagem do escritor e o modo como ele consegue ensinar tão bem e tão claramente em seus livros: "O senhor tem um modo tão simples de dizer as coisas difíceis que elas se tornam logo fáceis" (WANDA apud AZEVEDO, 1998). E "a professora me mandou decorar uns verbos e quando eu li o seu livro aprendi tudo" (ALARIQUINHO *apud* AZEVEDO, 1998).

A apreciação pela dúvida e pelo questionamento, temas muito importantes e muito discutidos nos livros, também é passada adiante, muito inspirada em Emília: "Vieram os seus livros. Neles aprendi a duvidar de tudo que não me parecesse lógico e a investigar a verdade nos próprios absurdos" (MODESTO *apud* AZEVEDO, 1998).

Considerações finais

Rousseau e Lobato, em *Emílio* e no *Sítio do Picapau Amarelo*, concordam sobre as dificuldades de se educarem as crianças em grandes centros de aglomeração humana: excesso de normas, alto custo, burocratização, pouca produção imaginativa, anonimato – tudo isso resulta em um adulto egoísta e infeliz. Segundo o filósofo, "os homens não foram feitos para viver em formigueiros, [...] quanto mais se reúnem, mais se corrompem" (ROUSSEAU, 2004). A natureza, portanto, oferece um outro campo de ação e formação para o homem, principalmente para a criança, o que atestou Lobato no utópico Sítio do Picapau Amarelo.

As propostas de mudanças dos dois, tanto Rousseau no século XVIII quanto Lobato no século XX, continuam atuais e ainda não foram alcançadas. O modelo de educação continua antiquado e retrógrado, muitas vezes ineficiente. As propostas de um ensino focado na criança, em suas liberdades e experiências, são cada vez mais discutidas e colocadas em prática, com escolas promovendo grandes espaços naturais em que os pequenos possam correr e ser livres, aprendendo com os erros e acertos. Ainda, a ideia de uma escola crítica, que não apenas aceita dogmatismos, mas os leva como reflexão, está cada vez mais presente, com ambientes que promovem debates e discussões para formar seres pensantes e agentes do futuro.

Dessa forma, o projeto dos autores continua como um guia. Partes dele foram implementados, outras foram discutidas e modificadas, mas, no geral, ele ainda constitui uma utopia no horizonte. A sociedade deu passos em sua direção, mas ainda falta um longo caminho para melhorar o modelo atual. Educação, uma questão tão importante, é, muitas vezes, deixada de lado. Por isso, é necessário revisitar esses autores que propõem discussões e mudanças, estabelecem modelos e utopias e nos incentivam a continuar caminhando em busca de uma educação melhor, de uma formação melhor, de um futuro melhor.

Referências

AZEVEDO, C. L.; CAMARGOS, M. M. R.; SACCHETTA, V. **Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia**. 2.ed. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato vida e obra**. 3.ed. São Paulo: Gráfica Urupês S.A., 1962.

CLAEYS, Gregory. **Utopia: a história de uma ideia.** Tradução de Pedro Barros. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7., 2007. Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba: Champagnat, 2007.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v.1.

ECO, Umberto. **História das terras e lugares lendários.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**. São Paulo: Editora da Unesp, 1999.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. 17.ed. São Paulo: Brasiliense.

LOBATO, Monteiro. **O Picapau Amarelo**. 17.ed. São Paulo: Brasiliense.

LOBATO, Monteiro. **A chave do tamanho**. 17.ed. São Paulo: Brasiliense.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MANGUEL, Alberto; GUADALLUPI, Gianni. **Dicionário de lugares imaginários**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

MORUS, Thomas. **Utopia**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

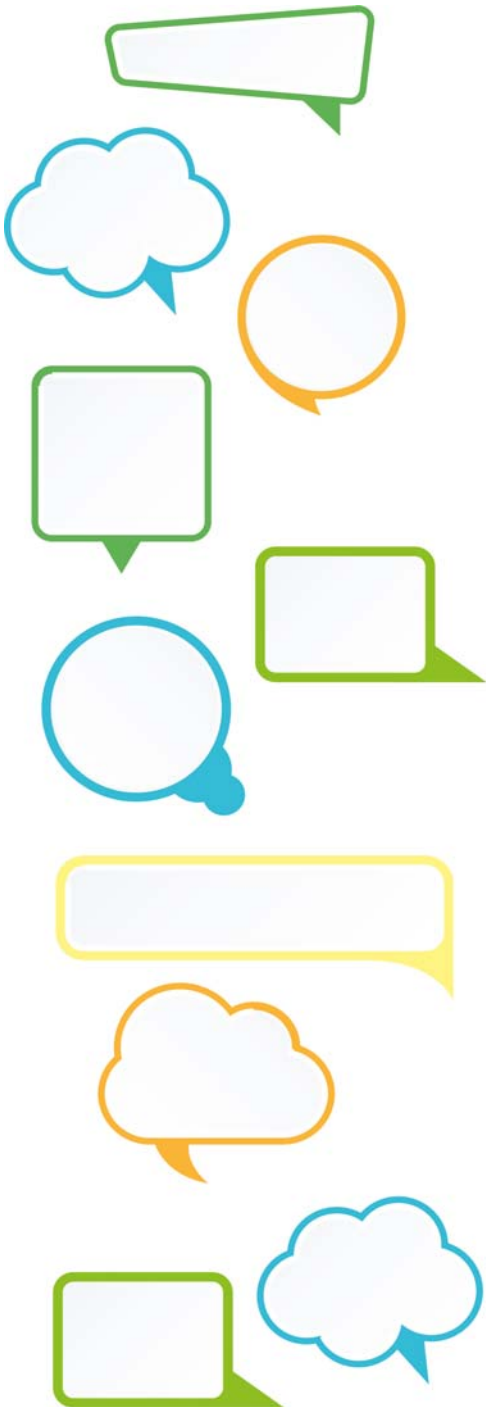
PAIVA, Wilson Alves de. A formação do homem no Emílio de Rousseau. **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 33, n. 2, p. 323-333, Aug. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&piS1517-97022007000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 out. 2016.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. Coleção Os Pensadores.

ROSA, João Guimarães. A terceira margem do rio. In: **Várias estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaios pedagógicos**. Trad. Priscila Grigoletto Nacarato. São Paulo: Editora Comenius, 2004.



"Imagine só a minha sorte!", confirma Dora, do 1º ano. "Dentre tantas alunas da Escola Técnica Secundária Orsina da Fonseca, fui eu a escolhida para escrever-lhe pedindo um seu retrato autografado." E explica: "D. Maria da Conceição procurou conhecer os gostos literários de suas alunas e ficou então provado que o senhor é o mais popular e querido de todas". Aproveita para recomendar: "Deve escrever muitos livros no gênero de *História do mundo para as crianças* e *Emília no país da gramática*, porque além de recreativos são altamente instrutivos e têm muita saída".

Nicean congratula-se pela liberdade que o "caro patrício" acabava de obter – na verdade, a absolvição em primeira instância no Tribunal de Segurança Nacional. "Quando li o telegrama mandando prendê-lo, não imagina como fiquei triste! É que, embora pequenina, pois tenho oito anos, gosto imensamente de ler e o senhor é meu autor predileto!" Por isso comemora, contente em saber que Lobato "está livre e pode continuar assim a instruir as crianças brasileiras, produzindo ótimos livros".

"O professor de português para mim é um tapera. (...) Outro dia fiz um trabalho de redação chamado 'Luz e Treva'. Tendo como tema liberdade, que é luz, e ditadura, treva. Só porque eu disse uma porção de verdades, falei do nosso governo, do modo de ele governar, etc., acredita que na metade do trabalho (porque ele lia o trabalho à classe, para fazer a crítica) começou lê-lo baixinho, com medo, dando ares de crime, pondo os meus colegas em expressão de terror. No fim da leitura disse: Sabe que você podia ser preso? (...) Ir preso por dizer a verdade é simplesmente sublime", respondeu, conforme conta orgulhoso a Lobato.

É Gilson, de vinte anos, quem revela: "Com seus livros lidos na cabeça, quase decorados, eu fiz os meus primeiros alicerces literários. Deles me vieram a imaginação enorme que me põe hoje a olhar para o chão, sem ver, a cismar em coisas e gatos e histórias que eu invento. E dali veio a vontade de ler e o entusiasmo pelos livros. E o carinho com que os trato. E por fim, abrasante, violentíssima, veio a loucura que tenho de escrever". Prossegue, lembrando que muita gente influíra na sua formação. "Mas você foi a base. Foi e é a parte fundamental desse edifício que tem pouco mais de um andar."

"DE ALGUMA FORMA, TODOS PODEM FAZER O BEM A ALGUÉM"

Junte-se ao GEV

Grupo de Estudantes Voluntários do CSA
GEV

O GEV faz:

- Campanhas de Doações
- Visitas Orientadas e Assistenciais
- Apoio às ONG´s

E VOCÊ? QUER SER VOLUNTÁRIO?

Com sua ajuda vamos continuar o trabalho voluntário do GEV, intensificando as atividades solidárias, destacadas nas metas para 2017. Traga o seu talento, sua dedicação, suas boas ideias e força de vontade para fazer a diferença na vida de muitas pessoas.

www.colegiosantoantonio.com.br

O PAPEL DOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA LUTA DE CLASSES DO SÉCULO XXI

ESTUDO DE CASO: OCUPAÇÃO WILLIAM ROSA

THE ROLE PLAYED BY SOCIAL MOVEMENTS IN THE CONTEXT OF CLASS STRUGGLE IN THE 21ST CENTURY

CASE REPORT: WILLIAM ROSA OCCUPATION

Orientadores:

Robson Araújo[1]

Wanda Rodrigues[2]

Miguel Almeida[3]

Orientandos:

Anna Carolina Duarte Chrispim Nunes Coelho[4]

Clara Mendonça Saliba[5]

Henrique Mundim de Mattos Paixão[6]

RESUMO

O artigo pretende esclarecer o real papel dos movimentos sociais na luta de classes do século XXI, embasado, principalmente, nos preceitos marxistas. É realizado um estudo de caso baseado em entrevistas feitas a moradores e líderes da ocupação William Rosa, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, a partir do qual conclui-se que tais movimentos continuam a desempenhar, na contemporaneidade, sua função primordial de criação de consciência de classe e eixo de ações reivindicatórias, sendo, então, de fundamental relevância na luta do proletário.

Palavras-chave: Marxismo. Luta de classes. Movimento social. Ocupação.

ABSTRACT

The main focus of this article is to establish the real role played by social movements in the context of class struggle, in the 21st century, based, mostly, on marxists precepts. A case report is made from interviews to residents and the leadership of William Rosa occupation, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil, from which is concluded that those movements are still playing, in contemporaneity, their primordial role of conscience creation and reference to claiming actions, maintaining their fundamental relevance in proletariat's causes.

Keywords: Marxism; Class struggle. Social movement. Occupation.

1 Licenciado em Química pela UFMG/Cefet-MG, bacharel em Filosofia pela PUC Minas e mestre em Filosofia e História pela UFMG.

2 Graduada em História e especialista em História da Arte e Maneirismo no Brasil pela UFMG.

3 Graduado em História pela UFJF e mestre em Ciências Sociais pela PUC Minas.

4 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

5 Estudante da 2ª série Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

6 Estudante da 3ª série Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

[A HISTÓRIA DE TODAS AS SOCIEDADES QUE ATÉ HOJE EXISTIRAM TEM SIDO A HISTÓRIA DA LUTA DE CLASSES - KARL MARX, MANIFESTO COMUNISTA (1848)]

Considerações iniciais e base teórica

A partir de uma visão marxista, a chamada luta de classes, ou seja, um movimento dialético entre a classe dominante e a dominada, seria a causa das mudanças estruturais numa sociedade. Essa concepção tem sido, ao longo dos anos, importante ferramenta para uma análise efetiva, não somente histórica, como também sociológica. O objetivo deste trabalho é, nesse sentido, utilizar dos preceitos marxistas da luta de classes para analisar, do ponto de vista sociológico, o real papel dos movimentos sociais na conquista de melhorias para as classes oprimidas, bem como na relação dialética oprimido/opressor como um todo. Para tal, faz-se o estudo de caso da ocupação William Rosa, localizada em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, MG, Brasil, que se define como "3900 famílias ocupando um terreno há mais de 40 anos abandonado, sem cumprir sua função social", cuja luta é "por um direito humano básico: ter uma moradia digna"[1].

A dialética proposta por Marx muda o entendimento da dialética de Hegel ao introduzir causas materiais, tais quais os meios de produção e o trabalho, como o "motor'' do processo, diferentemente do idealismo hegeliano. Em suas críticas à filosofia de Hegel, Marx afirma que o processo dialético estaria invertido, pois não seria a vida intelectual dos homens aquela a determinar seu modo de vida material, e sim o contrário. Os processos concretos vividos pelo homem seriam, então, responsáveis por definir suas crenças, pensamentos e ideologias. Mais especificamente, a maneira como o homem lida com o meio à sua volta, em ordem de criar sua subsistência, é o principal fator determinante à configuração da sociedade em que ele se insere.

A essa interação determinante entre o homem, a natureza e o outro, Marx chamou de relações de produção, determinadas, logicamente, pelos meios de produção e relações de trabalho impostas por eles. Basta observar os períodos de transição entre escravismo e feudalismo ou entre feudalismo e capitalismo para entender como mudanças relativas, essencialmente, aos meios de produção tiveram por consequência a criação de sociedades inteiramente novas.

Entende-se, também, que, no decorrer da história, as relações de produção foram marcadas pela exploração e opressão de uma classe, detentora dos meios de produção, e a outra, representada pela força de trabalho. Desse modo, percebe-se a existência de um conflito de interesses entre as duas classes, que desenvolvem uma relação dialética, conhecida como luta de classes. A partir disso e com a atenção voltada especificamente aos moldes capitalistas, criam-se instrumentos, tanto da burguesia, classe opressora, quanto do proletariado, classe oprimida, para que se atinjam os objetivos da manutenção ou alteração do sistema vigente, respectivamente.

É nesse viés de artimanhas e estratégias em busca da mudança no sistema que surgem os movimentos sociais, como forma de organização reivindicativa do proletariado, com o intuito de amparar as diversas reclamações e situações de opressão.

Em sua obra *Miséria da Filosofia*, escrita em 1846, Marx dá aos movimentos sociais, então conhecidos como coalizões de trabalhadores, devida definição e importância. Ressalta a relevância das

1 Disponível em: <http://ocupacaowilliamrosa.blogspot.com.br>. Acesso em: 02 ago. 2016.

coalizões, na Europa do Século XIX, considerando-as fundamentais à percepção da convergência de interesses da classe trabalhadora.

As condições econômicas tinham a princípio transformado a massa da população do país em trabalhadores. A dominação do capital criou para essa massa uma situação comum, interesses comuns. Assim, essa massa já é uma classe diante do capital, mas não o é ainda em si mesma. Na luta, da qual assinalamos apenas algumas fases, essa massa se reúne, se constitui em classe em si mesma. Os interesses que ela defende tornam-se interesses de classe (MARX, 1846, p. 159).

[...SOMENTE NUMA ORDEM DE COISAS EM QUE NÃO EXISTAM MAIS CLASSES E ANTAGONISMOS ENTRE CLASSES AS EVOLUÇÕES SOCIAIS DEIXARÃO DE SER REVOLUÇÕES POLÍTICAS.]

Marx (1846, p. 160) trata, também, da inquestionável natureza política dos movimentos sociais. Em suas palavras, "... somente numa ordem de coisas em que não existam mais classes e antagonismos entre classes as evoluções sociais deixarão de ser revoluções políticas".

O filósofo reconhecia, nos movimentos sociais de sua época, a importante função de formação da consciência de classe, fator essencial para a superação dos padrões opressores da sociedade capitalista. Na Europa do século XIX, essas organizações surgiram cercadas de críticas e com grandes interesses contrários a sua existência, realidade que se repete no Brasil do século XXI. Na conjuntura política brasileira, os movimentos sociais foram de grande importância em diversas lutas de causas proletárias, conseguindo unir os diversos grupos de trabalhadores e pressionando as autoridades por lutas comuns. No entanto, esses movimentos sofrem com ataques constantes, vindos tanto de uma burguesia, que se vê ameaçada por eles, quanto de um grupo de pessoas que está desacreditada na capacidade de tais movimentos de cumprirem sua função.

No contexto da luta de classes, a função do movimento social no século XIX pode aparecer apenas como a de promover a união das classes oprimidas em busca de melhoramentos diversos. Todavia, a contribuição fundamental dos movimentos sociais à dialética da luta de classes é muito maior do que um simples mecanismo de pressão e reivindicação. Sua importância é, então, dada pela responsabilidade de criar, dentre os trabalhadores, a consciência de sua classe, ou seja, a percepção de que há outros na sociedade que também desempenham a mesma função e sofrem dos mesmos males e devem, portanto, convergir suas lutas no intuito de efetivá-las.

É com base nesses preceitos teóricos que se estabelece a pergunta acerca das funções dos movimentos sociais trazidos à realidade brasileira do século XXI. Uma vez considerada a importância das coalizões dos trabalhadores do século XIX, é possível afirmar que hoje os movimentos sociais desempenham o mesmo papel? E seria esse papel ainda fundamental à luta de classes, agora inserida num contexto completamente diferente?

Com o objetivo de responder a tais indagações, é feito o estudo de caso da ocupação William Rosa, que se encontra nos moldes de um movimento social reivindicatório pelo direito à moradia.

Relato da pesquisa de campo e análise sociológica

A Ocupação William Rosa começou no dia 12 de outubro de 2013, com a ocupação de um terreno baldio que havia sido ce-

dido ao CEASA pela União, no bairro de Laguna, Contagem. A Ocupação William Rosa contava, naquele momento, com cerca de 300 pessoas, número que hoje chega a 3900 famílias. Foi organizada pelo movimento nacional "Luta Popular". A maioria dos moradores é de baixa renda, recebendo um salário mínimo ou menos. O protesto tem como principal reivindicação a construção de casas pelo programa social "Minha Casa, Minha Vida" do governo Federal.

O primeiro contato com a Ocupação William Rosa foi mediante uma palestra realizada por alguns dos líderes do movimento, no Colégio Santo Antônio, em 2016. Durante a exposição, foram apresentados os problemas que geraram a ocupação, a realidade dos moradores e suas perspectivas. A seguir, ainda no mesmo ano, foram realizadas três visitas ao local ocupado. A primeira, com o intuito de conhecer a realidade das famílias; a segunda, feita meses depois, partiu de uma iniciativa conjunta entre alunos da terceira série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio, professores e integrantes do GEV – Grupo de Estudantes Voluntários que, após uma campanha de arrecadação, conseguiu madeirites, brinquedos, roupas, e outros materiais e disponibilizou-se para ajudar na construção de um centro social e para entreter as crianças durante um dia de brincadeiras e gincana.

A última visita foi realizada no dia 22 de setembro de 2016 para entrevistar alguns dos moradores e algumas lideranças do movimento, para que fosse possível sanar dúvidas acerca do nível de conscientização dos integrantes e com isso fazer uma análise sociológica e marxista do caso. A entrevista contou com quatro depoimentos, disponibilizados por: Lacerda dos Santos Amorim, de 40 anos, que, apesar de ter realizado o sonho da casa própria, continua participando ativamente da liderança, não apenas deste, como também de outros movimentos reivindicatórios; Débora Rodrigues, de 21, que mora sozinha com a filha na ocupação há três anos; Maria Elsa, de 58 anos que, após ter participado de uma mobilização semelhante em São Paulo e ter sofrido com uma ação de despejo, teve que se mudar para a capital mineira e morar com sua sobrinha, a qual faleceu alguns anos depois, fazendo com que Maria se mudasse para a ocupação, onde reside há três anos, com sua filha e seu neto; Betânia Gomes Rodrigues, de 39 anos, que também participa do movimento há três anos e vive sozinha.

Utilizando o marxismo para entender todo o processo da luta pela casa própria, pode-se dizer que a condição em que os moradores vivem reflete o jogo ideológico do capital, sendo de interesse de uma classe dominante a manutenção de um sistema que não oferece moradia justa para todos e, oposto a esse desejo, interesse do proletariado, classe a qual os entrevistados pertencem, de tornar o acesso à moradia igualitário e democrático. Os moradores da William Rosa são prova da existência desse conflito. Em algumas partes da entrevista, eles falam sobre a repressão que ocorreu na ocupação, a negligência de serviços básicos e o grande preconceito que sofrem por serem parte desse movimento.

A gente tenta ter alguma coisa e não consegue [...], eles olham para a gente com cara de nojo [...] e acham que todo mundo que mora aqui é bandido. A gente que tem filho a gente não consegue ter direito a atendimento [médico].[2]

A partir dos depoimentos, percebe-se a discriminação sofrida pelas entrevistadas. A cultura discriminatória e o medo das classes marginalizadas surgem, no contexto capitalista, como uma consequência direta do domínio ideológico. A burguesia, detentora do poderio econômico, usa de sua condição para subjugar o poder político e, através das relações desenvolvidas nele, garante a manutenção de seu *status quo* de supremacia, por meio, fun-

2 Débora Rodrigues durante a entrevista - disponível em anexo.

damentalmente, do domínio ideológico das classes oprimidas. Isso se dá na medida em que são criados artifícios para a instrumentalização da ideologia, tais como a mídia e próprio Estado policial-coletor, que atuam como sustentáculo e transmissor de um conjunto de ideias que procuram ocultar sua própria origem nos interesses sociais de um grupo particular da sociedade.

Nesse sentido, não é estranho que apenas a liderança do movimento tenha apontado uma questão estrutural como causadora da sua situação atual. As moradoras, em suas respostas, colocaram a culpa no "governo" ou na então presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, que aparecem, *a priori*, como os causadores desse tipo de discriminação. Contudo, para Marx, o Estado apenas cumpre os desejos de uma classe dominante. Essas respostas mostram que a consciência acerca das causas do problema ainda não foi espalhada para todos os membros do movimento, mesmo que esse fosse o objetivo da liderança, segundo Lacerda.

O resultado primordial da situação vivida pelas entrevistadas é o medo, que no capitalismo exerce um papel inibidor de quaisquer tentativas de revolução popular e de instauração de um governo que atenda as demandas do proletariado. A partir disso, permanece vigente a ordem político-social de um Estado legitimado pela burguesia e que, portanto, é representante apenas dessa classe.

Outro artifício usado pela burguesia para atacar os movimentos sociais é a mídia. Sob influência direta do poder econômico burguês, a grande mídia, grupos de empresas de comunicação que atingem a maior parte das pessoas e são controlados pelas classes altas da sociedade, tem a função de passar informações de interesses burgueses e tentar direcionar a opinião da maior parte da população. A ação desses meios de comunicação leva à doutrinação indireta e consequente formação de ir contra os movimentos sociais. E nessa situação configura-se uma sociedade que, embora seja composta por diversas classes, é levada a crer numa ideologia notoriamente burguesa.

Ainda com o objetivo de constatar o efeito da manipulação midiática, foi mostrada aos entrevistados uma reportagem da revista *Veja*, que falava sobre ocupações, usando de expressões como "invasões" e "ameaças". As moradoras relataram que as mesmas expressões já foram usadas por outras pessoas ao se tratar da William Rosa, destacando que o uso foi preconceituoso e incorreto.

MTST ameaça fazer uma ocupação por semana

O movimento pressiona a prefeitura de São Paulo a aprovar Plano Diretor, que reordena o crescimento de São Paulo pelos próximos 16 anos

Por **Da Redação**
22 jun 2014, 17h26

Imagem: reportagem mostrada aos moradores da ocupação William Rosa durante entrevista. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/brasil/mtst-ameaca-fazer-uma-ocupacao-por-semana>

"QUE QUANDO EU GANHAR O MEU EU VOU AJUDAR A QUEM PRECISA. (...) PORQUE MUITA GENTE VEM AJUDAR A

GENTE, ENTÃO QUANDO TIVER O MEU VOU AJUDAR." [3]

Através de suas respostas, as moradoras da ocupação esclareceram que, ao participarem dessa luta por uma moradia digna, mudaram a sua forma de pensar e de perceber a realidade. Quando se pronunciaram acerca de seu passado, deixaram claro que só foram para a ocupação por não terem outra opção. A maioria delas nunca havia participado de um movimento desse tipo antes e afirmou que, mesmo com o sonho da casa própria realizado, ajudará outras mobilizações reivindicatórias no futuro.

Percebe-se que a evolução no nível de conscientização das entrevistadas, acerca do que representa o movimento, cresceu concomitantemente com a identificação mútua de suas realidades, o que permitiu a confiança para com os membros da ocupação e uma maior integração entre eles. Assim, apesar das muitas dificuldades enfrentadas no cotidiano da comunidade, foi possível um avanço significativo na luta social que ela representa. Tal sentimento é explicitado no discurso da moradora Maria Elsa, durante a entrevista[4]:

"Eu sei que eu tô no meio das pessoa boa pessoa é humilde umas pessoa que ajuda a gente e eu pensava que as pessoa ia fazer maldade com a gente".

A ajuda de outros movimentos e a cooperação interna da ocupação passam sensação de segurança para os moradores e fazem com que eles reconheçam em si suas lutas e suas dificuldades. Essa mudança na mentalidade permite uma maior resistência a ações contra o movimento e aumenta até a crença dos moradores em sua vitória, crença essa que não é, entretanto, depositada no Estado. Uma prova desse processo e referência dos próprios moradores é a liderança de Lacerda, que participa de movimentos de ocupação desde o ano de 2003 e ajudou na estruturação de inúmeras mobilizações sociais. Participa da luta vivenciada pelos moradores da William Rosa, mesmo com a posse da casa própria, continua auxiliando o movimento, ajudando nas diversas negociações, no diálogo com outros grupos de mesmo cunho social e na politização dos membros da ocupação. Durante a entrevista, abordou, em vários momentos, a persistência dos problemas enfrentados, demonstrando que não são restritos a esse momento histórico nem a uma nação, mas sim, são resultados de uma composição social injusta e global. Reiterou ainda que o objetivo maior do movimento é criar uma consciência entre os sem-teto e mostrar como eles são parte de um grupo oprimido muito maior, cuja emancipação carece de luta.

Ainda em sua obra *A Miséria da Filosofia*, Marx (1846, cap. 2, §V: As greves e as coalizões de operários) fala sobre a importância da união do proletariado em coalizões, mesmo que esses tenham de início o intuito de resolver um problema imediato, pois é nessas reuniões que se começa a desenvolver a consciência de classe que levará a uma revolução. Como dito na entrevista: *a ocupação ela tá para o sem casa assim como a greve está para o trabalhador*[5]. Conclui-se, com isso, que o movimento de ocupação hoje tem também o objetivo de criar uma consciência de classe e possibilidades de mudança, levando em consideração que o sem-teto, mesmo que muitas vezes não assalariado, também é oprimido pela ordem burguesa e, portanto, também faz parte do proletariado.

A consciência de classe é uma etapa essencial para a superação do modelo capitalista, pois sem ela é impossível a convergência de lutas que leva a uma revolução, conceituada por Marx como "a destruição violenta da superestrutura política anti-

3 Débora Rodrigues durante a entrevista - disponível em anexo.

4 Disponível em anexo.

5 Lacerda dos Santos em entrevista – disponível em anexo.

quada”[6]. Nesse sentido, a revolução seria o único caminho para a derrubada do sistema estruturalmente opressor da classe proletária, e seu alcance ocorreria apenas por meio da união dos trabalhadores que, conscientes de sua classe e situação de oprimidos, se levantariam contra ele.

Dentro das perspectivas de revolução e luta de classes, os movimentos sociais têm tanto o papel de organizar ações, quanto a função de promover a identificação do proletariado como classe. Tal função é dificultada, não só pelo contexto midiático e social, que oprime certo tipo de consciência, mas também pela própria condição socioeconômica dos moradores da ocupação que, em meio a tantas dificuldades, acabam alienados pela própria marginalização. Desse modo, prevalece o imediatismo e o não reconhecimento do problema sistêmico, em ordem de garantir a sobrevivência em uma situação do verdadeiro “capitalismo selvagem”.

Evidência palpável da dificuldade da criação dessa identificação é percebida pelos bairros que cercam a ocupação e que eram, num primeiro momento, também terrenos ocupados. No entanto, após a conquista do direito à casa própria, as comunidades oriundas de tais bairros passaram a ver com maus olhos os membros da William Rosa, tratando-os com preconceito e discriminação.

Considerações finais

Diante das entrevistas e do arcabouço teórico marxista, percebe-se a existência de uma sociedade capitalista movida pelo ímpeto do consumo e pelo medo. Na dinâmica dos poderes, a esfera econômica é capaz de não apenas estabelecer as regras do capital, como também as políticas e sociais. Sendo assim, o poder, na sociedade contemporânea, resulta da aquisição de posses e é assegurado por artifícios criados pela classe dominante de forma a manter sua hegemonia. Tais instrumentos manifestam-se das mais diversas maneiras, seja na própria presença do Estado, que busca defender os interesses de uma classe social, ou na propagação de uma ideologia, que permite a manutenção pacífica do sistema, tendo em vista que governo nenhum se sustenta sem a legitimidade popular, facilmente concebida a partir da exportação do ideário burguês.

Contraditoriamente, é a partir da compreensão do falso discurso capitalista que é adquirida a consciência de classe. Entre outras coisas, tal discurso propaga a meritocracia como regente da vida social, e o agente oprimido é capaz de constatar que o trabalho, por si só, não funciona como um instrumento para ascensão econômica, já que sua vida e suas oportunidades estão condicionadas por um sistema que fora programado para oprimi-los e mantê-los à margem da sociedade. Diante desse cenário, surge a importância dos movimentos sociais, que atuam como importantes meios de conscientização dessa disparidade no sistema, permitindo uma ruptura na estruturação do modelo vigente.

> **[...** É A PARTIR DA COMPREENSÃO DO **FALSO DISCURSO CAPITALISTA** QUE É ADQUIRIDA A **CONSCIÊNCIA DE CLASSE.]**

O primeiro passo para obter mudanças estruturais e, posteriormente, conjunturais no corpo social é adquirir a consciência de si, sendo intrínseca à luta de qualquer indivíduo a necessidade de se reconhecer como profissional e de valorizar seu trabalho, compreendendo a sua importância perante a sociedade e o direito de usufruir dos benefícios que ela dispõe, tais como serviços de saúde, educação e transporte.

O segundo passo seria a formação de uma consciência em si, ou consciência de classe, que prevê a identificação mútua entre indivíduos que compõem uma comunidade ou um grupo trabalhista. Esses passam a perceber que as dificuldades e os entraves sociais impostos a eles são

6 Disponível em: <https://leituracapital.wordpress.com/2011/02/11/o-que-e-a-revolucao-do-ponto-de--vista-marxista>. Acesso: em 07 nov. 2016

comuns a todos do grupo no qual estão inseridos, surgindo uma consciência comum e um senso de pertencimento que dão aos movimentos sociais, como o da William Rosa, força e projeção.

Por tudo isso, a William Rosa, apesar de ter surgido como uma alternativa imediatista para sanar o problema da falta de moradia, configura-se hoje como um importante mecanismo reivindicatório, que cumpre sua função social. Reúne milhares de pessoas que compactuam com os mesmos interesses e buscam inserir-se no corpo social, de maneira justa, a fim de garantir seus direitos, em toda sua abrangência, não incluindo apenas o acesso à residência digna, mas também ao sistema de saúde, educação e trabalho.

Apesar de, durante as entrevistas, serem percebidos diferentes níveis de conscientização acerca da dimensão do sistema no qual estão incluídos os entrevistados, é comum a todos a solidariedade para com outros movimentos e a certeza de que a conquista da moradia, no futuro, não representa o fim da luta por melhores condições de vida. Sendo assim, fica claro que, em meio à luta de classes e especificamente dentro de movimentos reivindicatórios, estabelecem-se diferentes níveis de conscientização, escalados da mínima consciência de si até a mais plena consciência em si.

Isso não prova, no entanto, que os movimentos sociais não cumprem sua função, uma vez estabelecido que essa seja a de formação da consciência em si. Afinal, a capacidade perceptiva do indivíduo de seu meio e do sistema que o constrói não se subjugam, exclusivamente, à variável estudada, sendo também influídos por inúmeras questões socioculturais e propriamente individuais.

Por fim, percebe-se que, apesar de passados os anos, as mobilizações sociais de cunho reivindicatório continuam desempenhando sua função social, que é a formação de uma consciência coletiva e autêntica. Essa função não é, todavia, desempenhada de maneira uniforme, dando a entender que o processo de formação da consciência coletiva não seja, surpreendentemente, desempenhado pelo coletivo. Portanto, a formação da consciência em si é entendida como o processo individual da percepção coletiva, que é auxiliado, dentre outros fatores, pelos movimentos sociais e reivindicatórios.

Referências

CASTRO, Deborah; LOURENÇA, Izabella; GONÇALVES, Jennifer. **Ocupação William Rosa: histórias e vidas que se cruzaram na luta pela moradia**. Belo Horizonte, 2015.

GUIMARÃES, Bruno; PIMENTA, Olímpio; ARAÚJO, Guaracy. **Filosofia como Esclarecimento**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2014.

MARX, Karl. **A Miséria da Filosofia**, Local: Editora: 1846.

NETO, José Paulo. **O Que é Marxismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.

Sites:

<https://leituracapital.wordpress.com/2011/02/11/o-que-e-a-revolucao-do-ponto-de-vista-marxista>. Acesso: em 07 nov. 2016.

<http://ocupacaowilliamrosa.blogspot.com.br>. Acesso em: 02 ago. 2016.

<http://www.sociologia.com.br/movimentos-sociais>. Acesso: em 08 ago. 2016.

<http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art13_rev6.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2016.

<https://www.m/arxists.org/portugues/marx/1847/miseria>. Acesso em: 27 set. 2016.

Anexos:

https://medium.com/@goodreamerss/entrevista-realizada-com-moradores-da-ocupação-william-rosa-22-09-2016-2bd9670ba30a#.3na3robuf

BOLSA X TESOURO DIRETO: RISCO OU SEGURANÇA?

STOCK MARKET VS TREASURY DIRECT PROGRAM: RISK OR SAFETY?

Orientador:
Eustáquio Junior[1]

Orientandos:
Luana Alves Madeira Brandão de Caux[2]
Lucas Grossi Vieira Santos[3]
Vinicius Mares Lacerda Spinelli[4]
Vinicius Zuin de Abreu[5]

RESUMO

O objetivo deste artigo é diferenciar os investimentos na Bolsa de Valores dos feitos no Tesouro Direto e traçar o perfil de investidor de cada uma dessas modalidades, além de mostrar os pontos positivos e negativos de cada uma delas. Usamos o conteúdo aprendido em nossas aulas e da internet para explicar em que consiste o Tesouro Direto e a Bolsa de Valores, mostrando seus pontos positivos e negativos e, com base neles, elaborarmos nossa conclusão de que o investimento na Bolsa é mais arriscado, já que ela é influenciada por fatores externos e depende das ações de outras pessoas. Já o Tesouro Direto é mais conservador, possuindo prazos definidos e não variando tanto.

Palavras-chave: Bolsa de Valores. Tesouro Direto. Aplicações.

ABSTRACT

The objective of this article is to explain the differences between the investments on the Stock Market and on the Treasury Direct Program and to make the profiles of investors of this types of investments, apart from showing the positive and negative points of each one. We used the content learned at the classes and the internet to explain what the Treasury Direct Program and the Stock Market consist in, showing their good and bad points and using them to elaborate our conclusion. The investment on the Stock Market is riskier, since it is influenced by external factors and depends on other people. On the other hand, the Treasury Direct Program is more conservative, having determined deadlines and not having so much variation.

Keywords: Stock Market. National Treasure. Investments.

Introdução

Iremos, a partir deste artigo, introduzir e explicar duas maneiras diferentes de investimento, com base nos conhecimentos adquiridos durante o curso e em algumas pesquisas. Discutiremos as vantagens de investir no Tesouro Direto e na Bolsa de Valores e quando devemos optar por cada uma das modalidades de investimento.

1 Graduado em Engenharia Mecânica e pós-graduado em Ensino de Matemática pela UFMG.

2 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

3 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

4 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

5 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

Tesouro Direto

O Tesouro Direto é um Programa do Tesouro Nacional desenvolvido em parceria com a BMF&F Bovespa para venda de títulos públicos federais para pessoas físicas, por meio da internet. Antes do Tesouro Direto, o investimento em títulos públicos por pessoas físicas era possível somente indiretamente, por meio de fundos de renda fixa que, por cobrarem elevadas taxas de administração, especialmente em aplicações de baixo valor, reduziam a atratividade desse tipo de investimento. Oferece títulos com diferentes tipos de rentabilidade, de prazos de vencimento e de fluxos de remuneração.

Existem três maneiras diferentes de se investir no Tesouro Direto. Estas são:

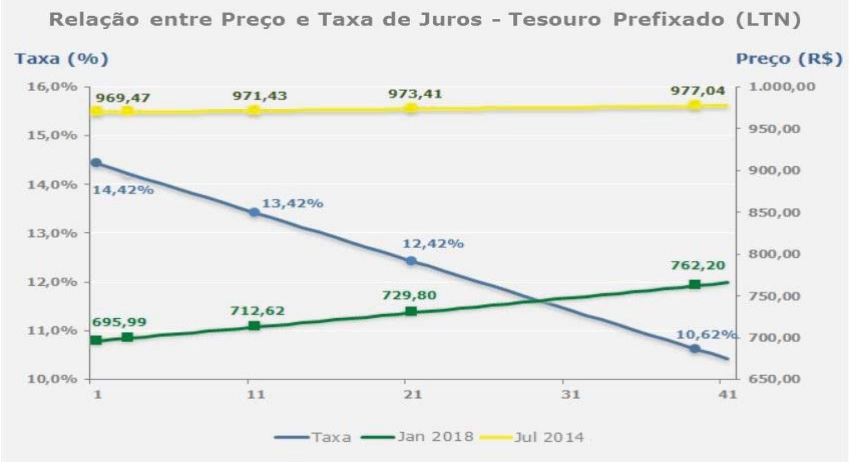
- Por meio de títulos prefixados.
- Por meio de títulos pós-fixados indexados à inflação (IPCA).
- Por meio de títulos pós-fixados indexados à taxa Selic.

Títulos prefixados

Nos títulos prefixados, o investidor sabe exatamente a rentabilidade que irá receber se mantiver o título até a data de vencimento. Para cada unidade de título, o valor bruto a ser recebido no vencimento é de R$1.000,00. Por terem rentabilidade predefinida, seu rendimento é nominal, ou seja, é necessário descontar a inflação para obter o rendimento real da aplicação.

Esse título possui fluxo de pagamento simples. Isso significa que o investidor faz a aplicação e recebe o valor investido somado à rentabilidade na data de vencimento do título.

Gráfico 1 – Relação entre Preço e Taxa de Juros – Tesouro Prefixado (LTN)



Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto-como-funciona-o-mercado--de-titulos-publicos>. Acesso em: 29 set. 2016.

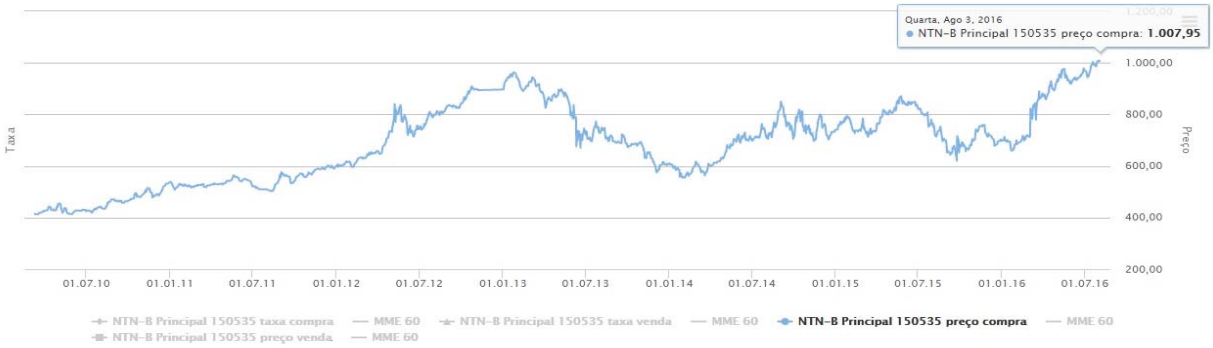
Títulos pós-fixados – IPCA

Proporciona rentabilidade real, ou seja, garante o aumento do poder de compra do investidor, pois seu rendimento é composto de duas parcelas: uma taxa de juros prefixada e a variação da inflação (IPCA). Desse modo, independentemente da variação da inflação, a rentabilidade total do título sempre será

superior a ela. Ele tem disponibilidade de vencimentos mais longos e fluxo de pagamento simples.

Caso seja necessário vender o título antecipadamente, será pago o seu valor de mercado, de modo que a rentabilidade poderá ser maior ou menor do que a contratada na data da compra, dependendo do preço do título no momento da venda.

O Gráfico 2, a seguir, demonstra a variação do preço de compra de um título de Tesouro IPCA de 10/3/2010 até 3/8/2016.



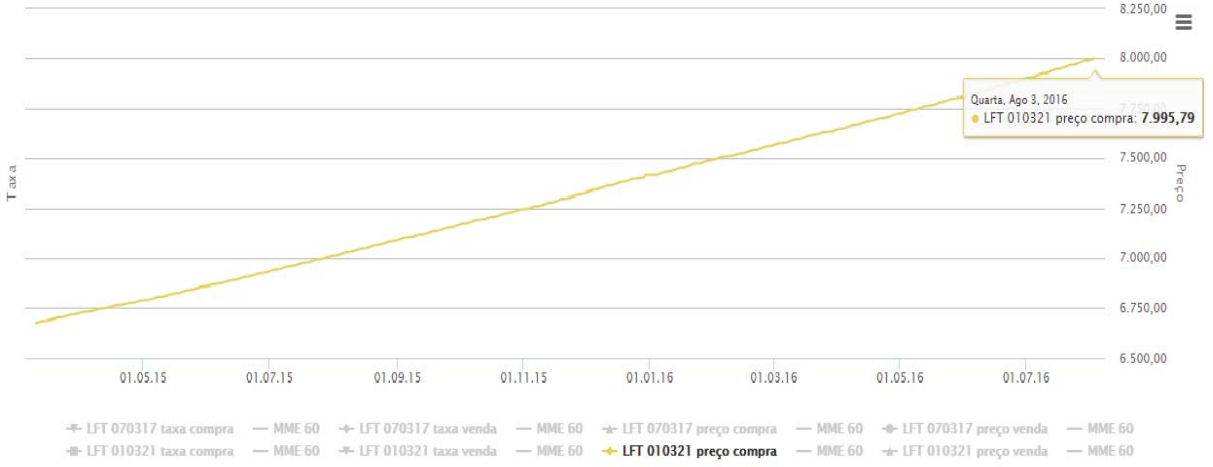
Disponível em: <http://tdcharts.info/titulos>. Acesso em: 29 set. 2016.

4 Títulos pós-fixados – Selic

A rentabilidade desse título é indexada à taxa de juros básica da economia. Sua remuneração é dada pela variação da taxa Selic diária registrada entre a data de liquidação da compra e a data de vencimento do título, acrescida, se houver, de ágio ou deságio no momento da compra.

Seu valor de mercado apresenta baixa volatilidade, evitando perdas no caso de venda antecipada. Por esse mesmo motivo, sua rentabilidade tende a ser mais baixa que a dos demais títulos.

O Gráfico 3 demonstra a variação do preço de compra de um título de tesouro Selic de 10/3/2015 até 3/8/2016.



Disponível em: <http://tdcharts.info/titulos>. Acesso em: 29 set. 2016.

Bolsa de Valores: como funciona e como investir

A Bolsa de Valores nada mais é do que o mercado por meio do qual podemos vender e comprar ações. A Bolsa de Valores brasileira é a BM&F Bovespa, e as operações atualmente são feitas *on-line*, através do *home broker*. Cada ação representa uma parcela do patrimônio líquido de uma empresa, portanto, possuir uma ação significa possuir uma parte dos bens dessa empresa.

Existem basicamente duas maneiras de ganhar dinheiro com ações: recebendo dividendos ou vendendo as ações por um preço maior que o preço pago por elas.

Os dividendos são a parte do lucro de uma empresa paga aos acionistas. No Brasil, as empresas são obrigadas a pagar pelo menos 25% do lucro.

Para ter acesso ao ambiente de negociações e começar a investir, é necessário abrir uma conta em uma corretora. São elas que intermedeiam as operações da Bolsa. A corretora irá cobrar uma taxa de custódia (mensal) e uma taxa toda vez que uma operação for realizada: a corretagem.

Investimentos em ações apresentam maiores riscos e, por isso, é importante estudar o mercado. Sua capacidade de analisá-lo e acertar o momento ideal de comprar e vender ações irá determinar o seu lucro. Existem duas correntes de análise de mercado: a fundamentalista e a técnica.

Análise fundamentalista: busca avaliar a saúde financeira de uma empresa, com a intenção de projetar seu futuro e prever seu crescimento. Apresenta maior preocupação com a empresa, seus fundamentos e os fatores macro e microeconômicos que influenciam seu desempenho. Visa a um investimento de médio e longo prazo.

Análise técnica: baseada em probabilidade estatística, tenta entender o cenário mais provável para o futuro próximo por meio do estudo de gráficos. Analisando os topos e fundos do gráfico de uma ação, por exemplo, é possível identificar sua tendência de valorização ou desvalorização.

Comparação entre as duas formas de investimento

O Tesouro Direto e a Bolsa de Valores têm características bem distintas quanto ao risco do investimento, a rentabilidade e o perfil de investidor. Portanto, é necessário conhecer essas características e investir usando a razão.

O Tesouro Direto pode ser considerado um investimento seguro. Os riscos existem somente caso o dinheiro seja retirado antes do prazo (no caso do prefixado e do pós-fixado) ou caso a inflação aumente (prefixado), diminuindo o poder de compra.

[O INVESTIMENTO NA BOLSA DE VALORES APRESENTA **RISCO MAIOR**.... MERECEM MAIOR DESTAQUE: O **RISCO DE MERCADO** E O **RISCO DE LIQUIDEZ**.]

O investimento na Bolsa de Valores apresenta risco maior. Dentre os riscos desse investimento, dois merecem maior destaque: o risco de mercado e o risco de liquidez.

O risco de mercado é associado à possibilidade de desvalorização ou de valorização de um ativo (título público ou ação, por exemplo) devido às alterações políticas, econômicas, internacionais, entre outras. É a possibilidade de ocorrerem mudanças na rentabilidade do seu investimento por causa de notícias ou acontecimentos que dizem respeito direta ou indiretamente à aplicação que você escolheu. Isso pode ser visto nas altas e baixas da Bolsa de Valores, que ocorrem em consequência de movimentos favoráveis ou desfavoráveis do mercado.

Para evitar esse risco, o investidor deve diversificar suas aplicações entre diferentes classes de investimento. Além de diminuir as chances de perda, essa estratégia tem o objetivo de maximizar o retorno, já que investimentos diferentes reagem de maneiras também diferentes.

Por sua vez, o risco de liquidez surge da dificuldade de se conseguirem compradores potenciais para um determinado ativo no momento e no preço desejado. Ocorre quando um ativo está com baixo volume de negócios e apresenta grandes diferenças entre o preço que o comprador está disposto a pagar (oferta de compra) e aquele pelo qual o vendedor gostaria de vender (oferta de venda). Quando é necessário vender algum ativo num mercado ilíquido, tende a ser difícil conseguir realizar a venda sem sacrificar o preço do ativo transacionado.

É possível fazer com que esse risco trabalhe a favor do investidor. Uma parte de suas aplicações deve ser direcionada para o longo prazo, para que você possa aplicar em produtos de menor liquidez e se beneficiar do maior retorno que eles oferecem.

[HÁ UMA RELAÇÃO ENTRE **RISCO E RETORNO**. PODE-SE DIZER QUE OS DOIS **ANDAM DE MÃOS DADAS**. **]**

Há uma relação entre risco e retorno. Pode-se dizer que os dois andam de mãos dadas. Para isso, basta olhar o mercado financeiro. Enquanto poupanças, Tesouro Direto Selic e DI mostram mais segurança, investimentos em ativos mais arriscados, como a Bolsa, acabam mostrando retornos de longo prazo mais elevados.

Perfis de investidores

Com base nas suas características e devido a elas, o Tesouro Direto e a Bolsa de Valores atraem diferentes perfis de investidores. Enquanto o Tesouro Direto é um investimento mais seguro, como já dito anteriormente, a Bolsa de Valores apresenta muito mais riscos, mas também pode dar mais lucro.

Sobre os perfis de investidores da Bolsa, podemos classificá-los em conservadores, moderados e agressivos.

Conservador: Compra ações de boas empresas e busca o resultado no longo prazo. Para escolher as ações, utiliza a análise fundamentalista. Esse investidor se preocupa em acompanhar apenas os resultados das empresas que compõem sua carteira, sendo que só vai vender uma delas quando a empresa deixar de atender aos critérios de sua análise de fundamentos, ou porque tem outra possivelmente mais atraente. Esse tipo de investidor simplesmente não se importa com as variações de curto prazo e pode ganhar um rendimento extra alugando suas ações.

Moderado: Não opera todo momento como o investidor arrojado e nem é tão parado como o conservador. Assim como o conservador, ele também apenas compra ações de boas empresas visando ao médio/longo prazo, mas quando encontra, em notícias ou gráficos, uma “brecha” para fazer uma operação mais rápida com essas ações, não deixa de fazer.

Agressivo: É o investidor que gira muito o capital em busca de lucro rápido. Opera ações de empresas boas ou ruins baseado em notícias, análise gráfica ou simplesmente “achismo”, e precisa ser certeiro nos momentos de comprar e vender. São operações que obrigam o investidor a tomar decisões “milimétricas”, o que aumenta muito o risco delas. Um erro, por exemplo, pode obrigá-lo a assumir um prejuízo, ou arriscar aguardar uma recuperação, incerta, da cotação da ação. O investidor

arrojado se dedica mais à Bolsa, lê notícias, acompanha gráficos e cotações praticamente em tempo real.

Também é arrojado o investidor que compra ações de empresas que apresentam resultados ruins, em busca de um retorno estrondoso no longo prazo, caso ocorra uma reviravolta nos resultados dessas empresas.[1]

Já os investidores do Tesouro Direto se dividem mais quanto ao prazo de investimento. Em muitos casos, eles usam o Tesouro como uma forma de aposentadoria, deixando o seu dinheiro que não será utilizado se valorizando cada vez mais, até o ano de sua aposentadoria. Porém, também pode-se usar o Tesouro Direto para guardar um dinheiro que ficará intacto ou até mesmo como forma de evitar a perda de poder de compra. Seguindo esses exemplos, podemos associar o perfil desse investidor com o perfil do investidor conservador da Bolsa de Valores.

Considerações finais

Para quem busca ganhar dinheiro rapidamente, é aconselhado o investimento na Bolsa de Valores. Quem deseja guardar seu dinheiro, seja para aposentadoria, seja para comprar um carro ou uma casa, ou até mesmo para fazê-lo valorizar sem correr muitos riscos, deve investir no Tesouro Direto.

1 **Classificação do perfil dos investidores da bolsa de valores**. Disponível em: <http://www.investimentonabolsa.com/2015/04/classificacao-do-perfil-dos.html?m=1>. Acesso em: 3 ago. 2016.

Referências

Disponível em: <http://tdcharts.info/titulos>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto-como-funciona-o-mercado-de-titulos-publicos>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto-entenda-cada-titulo-no-detalhe>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto-conheca-o-tesouro-direto>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://queroficarrico.com/blog/tesouro-prefixado>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://queroficarrico.com/blog/tesouro-selic>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://queroficarrico.com/blog/tesouro-ipca>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://viverdeinvestimento.com/acoes/como-investir-na-bolsa>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://www.infomoney.com.br/educacao/guias/noticia/568480/conheca-diferencas-entre-analises-financeira-fundamentalista-tecnica>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://www.comoinvestir.com.br/acoes/riscos/tipos-de-riscos/paginas/default.aspx>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://www.infomoney.com.br/onde-investir/noticia/2533310/principais-riscos-dos-investimentos-como-evita-los>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://www.infomoney.com.br/educacao/guias/noticia/485239/entenda-como-funciona-relacao-risco-retorno>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://www.investimentonabolsa.com/2015/04/classificacao-do-perfil-dos.html?m=1>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://www.exame.abril.com.br/seu-dinheiro/noticias/como-funciona-analise-fundamentalista-acoes-576374>. Acesso em: 29 set. 2016.

Disponível em: <http://www.tororadar.com.br/analise-tecnica-de-acoes>. Acesso em: 29 set. 2016.

AS AMBIÇÕES DO NEGRO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

THE AMBITIONS OF BLACK PEOPLE IN THE BRAZILIAN SOCIETY
LAS AMBICIÓNES DEL NEGRO EN LA SOCIEDAD BRASILEÑA

Orientadores:

Bruno de Araújo Rangel[1]

Wanda Regina Rodrigues[2]

Orientandos:

Amanda Silva de Vasconcellos[3]

Marina Oliveira Bottaro[4]

Renata Salomão Avelar[5]

RESUMO

Considerando a discriminação sofrida pelos negros na sociedade brasileira, este estudo investiga os desejos do discriminado diante dessa realidade, bem como seus modos de luta contra o racismo. Para tanto, é realizado um trabalho de campo na Vila Marçola, no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, à luz de conceitos relacionados ao tema, apresentando uma alternativa ao senso comum no combate à problemática da opressão da raça negra.

Palavras-chave: Racismo. Identidade. Combate ao racismo. Discriminação. Afirmação da identidade.

ABSTRACT

Taking into consideration the discrimination suffered by black people in the Brazilian society, this study investigates the yearns of the discriminated one facing this reality, as well as his ways of fighting racism. Therefore, it is accomplished a field work in the Vila Marçola, in the Aglomerado da Serra, in Belo Horizonte, bearing in mind concepts related to the topic, presenting an alternative to common sense in the fight for the problem of opression against the black race.

Keywords: Racism. Identity. Fight against racism. Discrimination. Identity affirmation.

RESUMÉN

Teniendo en cuenta la discriminación sufrida por las personas negras en la sociedad brasilenã, este estudio investiga los deseos de lo discriminado frente a esa realidad, así como sus medios de lucha contra el racismo. Por lo tanto, es realizado un trabajo de campo en la Vila Marçola, en el Aglomerado da Serra, en Belo Horizonte, en vista de conceptos relacionados a el tema, presentando una alternativa a el sentido comun en la lucha contra el problema de la opresión de las personas negras.

Palabras-clave: Racismo. Identidad. Lucha contra el racismo. Discriminación. Afirmación de la identidad.

1 Graduado em História pela Newton Paiva e especialista em História da Arte pela UFMG.

2 Graduada em História e especialista em História da Arte e Maneirismo no Brasil pela UFMG.

3 Estudante da 1ª série do Ensino Médio no Colégio Santo Antônio.

4 Estudante da 1ª série do Ensino Médio no Colégio Santo Antônio.

5 Estudante da 2ª série do Ensino Médio no Colégio Santo Antônio.

Introdução

Diante da situação de racismo que a sociedade brasileira enfrenta na contemporaneidade, pesquisas sobre as partes envolvidas na discriminação mostram-se necessárias. Depois de tantas discussões nas mídias e conversas do cotidiano, tendo estas como tema o racismo e os negros, é preciso chegar a alguma conclusão real. Afinal, o que o negro quer?

Em nosso trabalho, buscou-se analisar, sob a luz dos conceitos de raça, identidade, e racismo, as frustrações, objetivos e aspirações do negro[1] enquanto ser inserido na sociedade brasileira contemporânea que ainda vive as consequências de um passado escravista.

Ainda que, a ideia de raça como algo definido pela biologia tenha sido refutada no século XX, é levada em conta, neste trabalho, a definição sociológica da raça, uma vez que, ainda que a biologia não corrobore a existência de tais subgrupos na espécie humana, continuamos a estabelecer divisões sociais baseadas em raça. Como afirma Pierre-André Taguieff (*apud* D'ADESKY,1998, p. 46),

> Porque a raça, queira-se ou não, permanece sendo um elemento maior da realidade social, na medida em que emprega, a partir de características físicas visíveis, formas coletivas de diferenciação classificatória e hierárquica que podem engendrar, às vezes, comportamentos discriminatórios individuais ou coletivos.

Dada essa afirmação, levamos em conta o cenário de opressão da raça negra em nossa sociedade para desenvolver as questões que levaram à nossa pesquisa. Conceituando racismo como o preconceito relativo à raça, tivemos acesso, em grande parte de nossas referências bibliográficas, apenas a constatações e análises sobre a negritude no pós-colonialismo e a como todo o processo histórico contribuiu para a presença constante do racismo na sociedade ocidental. Estudamos a estereotipação do negro, a coletivização das várias etnias que são englobadas pela dita raça negra, a insubmissão do nativo ao ser colonizado, entre várias outras perspectivas acerca de um mesmo tema: a opressão de negros por brancos.

[... O QUE O NEGRO QUER ?]

Entretanto, nosso grupo foi constantemente permeado por uma pergunta, a despeito de toda a digressão sobre o passado da negritude: o que o negro quer? Cientes de todos os problemas de discriminação enfrentados por essa considerável parcela da sociedade – em especial em países tão miscigenados como o Brasil –, perguntamo-nos acerca dos reais desejos desta, que certamente não deveria encontrar-se em situação de resiliência perante o racismo. Entretanto, embora haja anseios para uma sociedade mais igualitária e mais digna por parte desses indivíduos, é preciso, para isso, que eles passem a afirmar sua identidade. Nosso questionamento faz uma provocação, uma crítica, a condutas de letargia perante essa realidade, pois é preciso que negros reconheçam suas aspirações para que possam lutar por elas.

Focando no pragmatismo de tal pergunta, realizamos na Vila Marçola, no Aglomerado da Serra, um trabalho de campo, buscando investigar, por meio de entrevistas, respostas às nossas perguntas,

1 Em nossa pesquisa, foram considerados como negros aqueles que se autodeclaravam como pretos ou pardos, as cores empregadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística nos recenseamentos que realiza. Disponível em: <https://goo.gl/87SM0o>. Acesso em: 23 set. 2016.

incluindo em nossa pesquisa também questões socioeconômicas. Os resultados para todos nós foram surpreendentes. A começar por um relevante dado estatístico: dentre os negros por nós entrevistados, 44% não consideravam já terem sido vítimas de discriminação em decorrência de cor de pele, embora os relatos de alguns contradissessem suas respostas. Em adição a nosso trabalho de campo, também fomos ao lançamento do DVD BH *Soul* – um documentário sobre a subcultura da música soul em Belo Horizonte – e ao Ille Wopo Olojukan – terreiro de candomblé de Belo Horizonte, em sua celebração da festa do orixá Exu –, e tivemos também impressões que colaboraram para a realização de nossa pesquisa.

Nosso projeto buscou averiguar quais são as principais demonstrações de racismo presentes em nossa sociedade e compreender como estas atingem aos moradores da Vila Marçola, que, além de vítimas de preconceitos de raça, são marginalizados por morarem numa região periférica, sendo, portanto, desfavorecidos diante da sociedade. Contudo, esse local carrega consigo uma história, desde sua formação, e representa uma identidade da cultura negra. Por fim, neste texto serão apresentados com maiores detalhes os conceitos brevemente trabalhados nesta introdução, assim como os resultados obtidos em nosso trabalho de campo.

Metodologia e desenvolvimento do projeto

No início de nossos estudos no CSA Avançado acerca da identidade e do território negro, foram realizados seminários a partir de textos lidos por nós, estudantes, todos com temáticas relacionadas ao colonialismo, ao racismo, à construção da identidade e da opressão. À medida que o projeto decorria, entretanto, tornava-se necessário que nos dividíssemos em grupos, de acordo com a afinidade entre os temas que cada um desejava pesquisar.

Como já brevemente dito na introdução deste artigo, nosso grupo direcionou-se por uma pergunta pragmática. A curiosidade que foi em nós despertada pelas leituras e debates concentra-se no presente. Nas referências bibliográficas que foram a nós direcionadas no início deste projeto, havia pouca ou nenhuma afirmação sobre os desejos do negro. De um modo geral, discorre-se sobre o passado da raça negra, o contexto histórico no qual ela foi oprimida, porém pouco se fala sobre seus anseios para o futuro e os obstáculos que esse grupo vivencia nos dias atuais. Mesmo no Brasil, onde a população negra representa 50,7% da população[2], ainda se fala pouco sobre essa maioria de nossa população. Estereotipa-se sua cultura, ignoram-se suas frustrações, seus objetivos permanecem incógnitos. Afinal: o que quer o negro? Quais seriam essas vontades, tão pouco comentadas na literatura científica?

Realizada a divisão dos temas, nosso grupo procurou responder a essas perguntas. Novas leituras nos foram delegadas, a fim de que pudéssemos ter uma base teórica sobre a qual poderíamos construir nossas hipóteses e, posteriormente, corroborá-las ou refutá-las. Baseando-nos na leitura de autores como Frantz Fanon, Homi K. Bhabha e Kwame Anthony Appiah, realizamos nosso trabalho de campo na crença de que o desejo do negro mostrar-se-ia ser a aceitação social, ver-se livre de gestos e atitudes preconceituosas que o colocam como ser inferior, receber dos brancos empatia pelo racismo sofrido ao longo da história, e, por fim, ter acesso a locais e posições que, atualmente, são restritos aos brancos, por questões culturais. Afirma Fanon (2008, p. 96):

> Em outras palavras, o negro não deve mais ser colocado diante deste dilema: branquear ou desaparecer, ele deve poder tomar consciência de uma nova possibilidade de existir, ou ainda, se a sociedade lhe cria dificul-

2 Dados do Censo de 2010. Disponível em: <https://goo.gl/87SM0o>. Acesso em: 23 set. 2016.

dades por causa de sua cor, se encontro em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será dissuadi-lo, aconselhando-o a "manter as distâncias", ao contrário, meu objetivo será, uma vez esclarecidas as causas, torná-lo capaz de escolher a ação (ou a passividade) a respeito da verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais.

Levando isso em conta, escolhemos a Vila Marçola, comunidade periférica localizada no Aglomerado da Serra, para realizar entrevistas que confirmassem nossas suposições. Muitos de seus moradores provêm da Bahia ou de São Paulo, e vieram a Belo Horizonte em busca de emprego. Encontrando-se em situação de marginalização, foram morar na comunidade, ou descendem de famílias que já viviam lá.

Contextualização teórica

Para que os resultados de nossos estudos possam ser compreendidos, todavia, é necessário que se tenha uma noção dos conceitos que são empregados como premissas suas. O mais essencial de todos, sem o qual não seria possível que este trabalho fosse realizado, é o de identidade.

Para Stuart Hall (2006, p. 10), há três definições para a identidade do indivíduo: a iluminista, a sociológica e a pós-moderna. Em resumo, a definição iluminista concentra-se numa visão individualista, na qual o indivíduo humano, é dotado pela razão, a qual lhe permitiria ter uma identidade centrada em si, quase estática, contínua durante toda sua existência, inabalável por fatores externos. A concepção sociológica, por outro lado, reflete a crescente complexidade do mundo moderno e enxerga o indivíduo como o produto de sua cultura, sua criação, as influências de seu meio, de modo geral. E, dado que, nesta visão, nos encontramos já no estágio pós-moderno do desenvolvimento humano, o sujeito depara-se com uma nova maneira de ser, múltipla, líquida. Para Hall, a identidade em tempos hodiernos está em constante mudança, e não passa da soma das várias identidades temporárias que estamos a assumir ininterruptamente.

[A **RAÇA** DA QUAL TRATAMOS NESTE ARTIGO ... NÃO É UM CONCEITO BIOLÓGICO, **MAS SIM SOCIOLÓGICO**...]

A raça da qual tratamos neste artigo, por sua vez, não é um conceito biológico, mas sim sociológico, como anunciado na introdução. Na visão de d'Adesky (2001, p. 44), a coletivização do indivíduo pela raça remete a uma origem comum, seja ela qual for, e, aos olhos da sociedade, de modo geral, pouco importa a palavra dos geneticistas, que afirmam a inexistência de divisões na espécie humana; ao homem comum, um agrupamento por características culturais e fenotípicas permanece, e esforços para abolir o uso da designação "raça" não avançam muito além da questão lexical, sendo ineficazes para extinguir o racismo.

[... O **RACISMO**... TRATA, BASICAMENTE, DA **DISCRIMINAÇÃO** RELACIONADA À RAÇA.]

Já o racismo, no que lhe concerne, trata, basicamente, da discriminação relacionada à raça. Numa definição mais extensa, torna-se claro o histórico de opressão que leva a tais formas de discriminação, que não são aleatórias na sociedade. Para Du Bois (*apud* APPIAH, 1997, p. 75), esse é um preconceito sistêmico, e os insultos racistas não se relacionam diretamente à dignidade do indivíduo, mas sim ao conjunto, à raça de sua pertença, o que se explica pela semelhança cultural que os sujeitos de um mesmo grupo racial possuem entre si, e os processos históricos escravistas, imperialistas e colonialistas (vivenciados e executados por grande par-

te do mundo ocidental) que submeteram a África negra a outras nações apenas reforça a existência da discriminação racista sobre os de pele negra.

Panorama da discriminação

Com base nos dados qualitativos que recolhemos em nossa visita à Vila Março-la, pudemos construir uma ideia geral do modo como o racismo ocorre em nosso cotidiano, muitas vezes sem que suas próprias vítimas percebam. Como já dito na introdução, 44% dos entrevistados não sentiam terem sido vítimas de racismo e, entre os que afirmaram já terem sido vitimados, 64% afirmaram que a atitude diante da qual se sentiram discriminados foi o tratamento diferenciado. Dentre outras atitudes preconceituosas apontadas pelos entrevistados, de quantidade igualmente relevante, foram as menções a comentários (47% dos entrevistados) e gestos (35% dos entrevistados). Embora alguns entrevistados tenham relatado já haver sofrido agressão física ou psicológica (17% dos entrevistados relataram agressão física e também psicológica, nenhum sofreu apenas uma das agressões separadamente), tratou-se de uma minoria.

Algo também notável entre os entrevistados era a baixa escolaridade e condição social de sua imensa maioria. Apenas 8% possuíam ensino superior completo, e mesmo entre os demais era raro encontrar alguém que houvesse completado o ensino médio. Com faixa de renda abaixo do atual salário-mínimo estavam 24% dos entrevistados; 36% recebiam entre um e dois salários-mínimos; e 32% sequer possuíam renda, devido principalmente ao desemprego, situação na qual se encontravam outros 24% dos entrevistados. Certamente, as discriminações por eles sofridas em decorrência do racismo têm, ainda, o agravante da situação de classe social baixa.[3]

Outro aspecto relevante dos relatos recolhidos foi o fato de que alguns dos entrevistados, embora não considerassem a si mesmos como vítimas de discriminação em virtude da cor de pele, afirmavam já haver presenciado tais discriminações ocorrerem contra outros indivíduos. A grande questão observada por nós foi que as formas de racismo no Brasil não são explícitas, pelo contrário, são discretas, a ponto de se tornarem naturais aos olhos de muitas de suas vítimas. Enquanto em certos lugares do mundo é visível a segregação entre raças, ou formas de agressão graves contra negros, no Brasil ocorrem formas de tratamento diferenciado, e uma falsa concepção de que não vivenciamos consequências de nosso passado escravista, considerando que não há, no país, discriminação de raças. Nas instituições públicas, por exemplo, a maioria dos entrevistados relatava ter sido vítimas de tratamento diferenciado somente indiretamente (29%), ou então nunca terem se sentido vítimas (29%). Os indivíduos que consideravam nunca ter sido vítimas de discriminação reconheciam, por exemplo, a pouca representatividade do negro na educação, na mídia, a inequalidade de nossa sociedade. Como afirma Carl Jung (1964, p. 22),

> Há, ainda, certos acontecimentos de que não tomamos consciência. […] Aconteceram, mas foram absorvidos subliminarmente, sem nosso conhecimento consciente. […] E apesar de termos ignorado originalmente a sua importância emocional e vital, estas mais tarde brotam do inconsciente como uma espécie de segundo pensamento.

Na fala de Jung, explica-se o processo da inconscientização dos acontecimentos, como o racismo. E, deste modo, o racismo vai se naturalizando na mente daqueles que são por ele oprimidos, que, inicial-

3 A Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa considera a renda de, em média, um salário-mínimo (considerando que tal classificação se baseia em dados de 2013, quando o salário-mínimo era de R$678) como indicador de pertença à classe social D-E. Disponível em: <https://goo.gl/Qrk0Zp>. Acesso em: 23 set. 2016.

mente, não se dão conta das formas de agressão e tratamento diferenciado; porém, segundo afirma Janet E. Helms (*apud* FERREIRA, 2000, p. 61), após um estágio de submissão às opressões sofridas por culpa do preconceito, o oprimido passa a sentir seu impacto, e daí para frente passa por um período de militância, até alcançar um estágio de articulação, no qual passa a abrir-se à alteridade e à construção de uma identidade equilibrada. Entretanto, o oprimido transita entre tais estágios de modo não linear, e foi possível observar a aplicação prática dessa teoria em nossa pesquisa.

O QUE O NEGRO QUER?

Além das indagações que fizemos aos moradores da Vila Marçola acerca de seus sentimentos em relação à discriminação e às situações nas quais a vivenciaram, nós os questionamos acerca da grande pergunta que guiou nossos estudos: o que o negro quer? E, para obtermos uma resposta o mais aprofundada possível, preocupamo-nos também em não prender os questionamentos aos desejos do indivíduo negro para si mesmo, mas também em relação aos seus entes queridos, e igualmente no que diz respeito a mudanças efetivas em nossa sociedade e na relação do Estado com o problema do racismo, para que seus desejos no tocante ao sobrepujamento da discriminação possam ser, com efeito, postos em prática.

Antes que se detalhe a respeito das respostas a cada uma das perguntas feitas, contudo, é pertinente que se desenhe um breve panorama dos relatos recolhidos.

Decerto, o aspecto que mais nos chamou a atenção foi o orgulho que os moradores da Vila Marçola apresentavam de sua negritude. Todos eles, entre os que se consideravam vítimas de racismo e os que não se consideravam, tinham orgulho de ser negros, o que, para alguns, era até mesmo um fator que os fazia não se importarem com as discriminações sofridas. O morador A.G.J., por exemplo, relatava que, embora, de fato, se sentisse vítima de discriminações relacionadas à raça, não dava importância a isso, pois tinha orgulho de sua cor, e não dava valor a atos discriminatórios, uma vez que estes, em sua opinião, vinham “de gente inferior, que precisava se rebaixar aos outros para sentir-se superior”.

Retornando à teoria de Helms, pudemos perceber naqueles entrevistados um misto de submissão e militância: ainda que tivessem orgulho de sua identidade e procurassem autoafirmar-se enquanto indivíduos negros, muitos não se sentiam impactados pelas formas de discriminação já mencionadas neste artigo. Deste modo, muitos deles (59%), no desenvolvimento de seu estágio de militância, no qual se assume uma identidade baseada por completo na negritude, antes motivo de retração, desejavam aumentar o compromisso com a própria identidade, e uma parte igualmente grande deles (41%) afirmava não desejar mudar nada em si próprios, sendo que em nenhuma das entrevistas realizadas o indivíduo deu indícios, explícitos ou não, de descontentamento por ser negro, e absolutamente ninguém desejava assumir uma identidade branca, embora 12% almejassem alterar em si características físicas.

Notamos, ainda, que uma grande parte daqueles que não se consideravam discriminados eram mais velhos (40 anos ou mais), e, destes, boa parte não demonstrava engajamento com movimentos contra o racismo. Para esses indivíduos, que já haviam convivido com o racismo por boa parte de suas vidas, os pequenos atos de discriminação que vivenciavam pareciam naturais, e já não consideravam tais atos merecedores de maiores atenções. Em geral, estes eram os que mais demonstravam uma característica que marcou os relatos de vários participantes da entrevista: a descrença em relação a uma melhora em nossa sociedade e certa resignação quanto à possível melhora da questão do racismo. Um dado chocante que corrobora esta visão foi que, quando perguntados acerca do que desejavam para seus filhos,

tendo em vista os preconceitos da sociedade, a segunda opção mais apurada (perdendo apenas para sociedade mais igualitária, desejada por 68% dos entrevistados) foi ensiná-los a lidar com a discriminação, anseio de 63% dos entrevistados.

A despeito da resiliência apresentada por alguns, evidentemente deparamo-nos com indivíduos esperançosos, desejosos por mudanças sociais. Embora apenas 10% dos entrevistados participassem efetivamente de movimentos antirracistas, boa parte era engajada com projetos culturais da comunidade, projetos estes que visavam à conscientização e divulgação de elementos da cultura negra, como o *hip hop* e o *soul*. De modo geral, os métodos preferidos pelos entrevistados na luta contra o racismo evitavam o confronto. A preferência de 85% dos entrevistados em relação às mudanças que poderiam ser executadas em nossa sociedade para diminuição das agressões racistas foi o tratamento igualitário entre negros e brancos, sendo que uma imensa maioria deles não apenas rejeitou, como também demonstrou ojeriza a opções que remetiam a revanchismo, como segregação racial e desejo de que os brancos sofressem. De modo geral, os modos de luta relatados tinham profunda relação com educação e pacificidade.

Quando perguntados sobre o que fariam nas situações em que haviam sido discriminados caso tivessem liberdade e/ou oportunidade, metade dos entrevistados afirmou que gostaria de conversar com seus agressores e questionar o motivo da agressão, enquanto as alternativas revanchistas foram, uma vez mais, praticamente ignoradas. Não parece haver, no negro, um sentimento vingativo em relação aos brancos, tampouco, ao contrário do que pensávamos, um desejo por receber deles empatia ou compensação pelos danos sofridos em decorrência da discriminação. O grande foco das lutas antirracistas destes indivíduos não é conseguir um reembolso pelo passado, mas sim garantir a eles, a seus entes queridos e filhos, um futuro mais digno, com acesso a educação e possibilidade de ascensão social. Esse foco, para eles, não seria o branco, os erros por ele cometido, mas sim o negro, e o que pode ser feito para que sua condição de vida possa ser melhorada. Seu desejo maior é afirmar sua negritude, em detrimento de tentar reconstruir uma identidade, adaptada aos padrões brancos de nossa cultura.

Entre os entrevistados, houve quase unanimidade acerca da pouca representatividade do negro na educação. Não há informação sobre a cultura negra, tampouco sobre os problemas enfrentados por esta parcela da população em decorrência do racismo. A ausência de acesso à educação por parte da comunidade, para eles, também se mostra um problema, uma vez que dificulta a ascensão social, embora cotas em universidades não tenham sido uma medida apreciada pelos entrevistados – pelo contrário, foi a opção mais preterida entre eles, desejada por somente 21% dos indivíduos.

No tocante à ajuda governamental para prevenção e diminuição do racismo, uma problemática levantada por alguns dos entrevistados é que, em tese, já existem medidas estatais que o previnem, como campanhas de conscientização e leis que criminalizam certas formas de discriminação. Todavia, tais medidas não são postas em prática de maneira eficaz, de modo que não podem ser de grande ajuda àqueles que são vítimas de discriminação. Para os entrevistados, a obrigação do Estado perante nossa realidade de discriminação deveria ser proporcionar penalidades mais efetivas para a discriminação – não apenas multas – e assegurar o cumprimento das penalidades já existentes. Além disso, a questão cultural e educacional volta a ter presença marcante entre os desejos do

negro em relação ao Estado, levando em consideração que boa parte dos depoentes tinha desejo por reforma na educação que valorizasse mais a cultura negra, os espaços negros e/ou a cultura negra nos espaços culturais públicos.

Considerações finais

Ainda que seja extremamente complexo definir os desejos de um recorte social tão amplo, como a população negra no Brasil, nosso estudo de campo na Vila Marçola em muito foi útil para que delineássemos um perfil da discriminação em nossa sociedade e do modo como o discriminado lida com ela. Não obstante a maioria de negros em nossa população, ainda há vários estereótipos que circundam a cultura dessa parcela que tanto contribui para nossa sociedade. Tais estereótipos dificultam nosso acesso à realidade de discriminação que é tão velada na sociedade brasileira e que fica ofuscada por incessantes tentativas de provar que temos uma "democracia racial" – como afirma Gilberto Freire – no Brasil. Enquanto não houver o combate ao estereótipo, o maior acesso à realidade do negro, não se poderá melhorar sua situação. Como afirma Bhabha (1994, p. 105),

> A fixidez, como signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca. Do mesmo modo, o estereótipo, que é sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre "no lugar", já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido.

Deste modo, é importante que se fuja ao senso comum no momento de lidar com culturas que, ainda que estejam geograficamente próximas de nós, ainda estão socialmente distantes, para que se supere o racismo, a deplorável herança de nosso passado colonial.

O negro deseja, primariamente, ser valorizado enquanto negro, poder ter sua cultura, tão intimamente relacionada à sua identidade, valorizada, o que pode, como consequência, levar à extinção de atitudes discriminatórias. O acesso à educação pode proporcionar a essa parcela da população também uma ascensão social que foi negada à sua grande maioria. Na comunidade que visitamos, a cultura negra é um elo entre os indivíduos, o fator de aglutinação que leva à comunidade união e empoderamento, e, por isso, é do desejo de seus membros que seja valorizada não só entre eles, como também por aqueles que não participam da comunidade, levando-os a uma melhor condição de vida e aceitação por parte da sociedade.

Referências

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai:** a África na filosofia da cultura. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multiculturalismo**: racismos e antirracismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afrodescendente**: identidade em construção. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNG, Carl. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

COMPÊNDIO SOBRE A *UTOPIA* DAS *VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS*

COMPENDIUM ON THE UTOPIA OF *TWENTY THOUSAND LEAGUES UNDER THE SEA*

Orientadora:

Cleide de Fátima Simões[1]

Orientando:

Hélio Milito Martins de Amorim Neto[2]

RESUMO

Trabalho sobre a utopia apresentada por Jules Verne em seu livro *As Vinte Mil Léguas Submarinas*, através das misteriosas motivações do Capitão Nemo, sua tripulação e seu desconhecido submarino, o Náutilus, pensado a partir do tema proposto pela professora Cleide Simões, do terceiro ano do ensino médio do Colégio Santo Antônio, de um CSA Avançado que apresentasse um olhar sobre os lugares imaginários e seus significados.

Palavras-chave: Utopia. Mobilis in mobile. Lugares Imaginários.

ABSTRACT:

Essay on the utopia presented by Jules Verne, in his book *The Twenty Thousand Leagues Under the Sea*, through the mysterious motivations of the Captain Nemo, his creed, and his unknown submarine, the Nautilus, thought from the subject presented by teacher Cleide Simões, from the third year of the high school at Colégio Santo Antônio. of CSA Avançado that presents a look about the imaginary places and what they mean.

Keywords: Utopia. Mobilis in mobile. Imaginary Places.

1 Graduada em Letras pela PUC Minas e especialista em História da Arte pela Escola Guignard.

2 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

Disponível em:<http://blogs.diariodonordeste.com.br/sopadelivros/wp-content/uploads/2014/06/k_546.jpg>. Acesso em 17 out.2016

Introdução

A partir do projeto de CSA Avançado a nós apresentado pela professora do Colégio Santo Antônio, Cleide Simões, o grupo foi instigado a adentrar em lugares imaginários e fantásticos, presentes em inúmeros livros de ficção, escritos por diversos escritores, a fim de tentar compreender as motivações dos autores para a criação daqueles lugares, sejam mundos inteiros, países ou apenas um jardim, e tentar interpretar o que esses lugares sugerem de melhorias para a sociedade humana, tendo como base, para isso, textos como *Utopia*, de Thomas Morus, *A República*, de Platão, "A Terceira Margem do Rio", de Guimarães Rosa, e "Vou-me Embora para Pasárgada", de Manuel Bandeira, além do *Dicionário de Lugares Imaginários*, de Giani Guadallupi e Alberto Manguel.

O artigo a seguir tratará sobre as motivações do Capitão Nemo, personagem dos romances *Vinte Mil Léguas Submarinas* e *A Ilha Misteriosa*, ambos escritos por Jules Verne, na segunda metade do século XIX, para seu rompimento com a sociedade terrestre, e criar um mundo paralelo para si e seus companheiros dentro de seu submarino, o Náutilus, mas sem abandonar sua própria humanidade ou seu amor pela ciência e pelas artes.

DESENVOLVIMENTO

O Conceito de Utopia

A utopia é uma ideia inerente à humanidade desde as civilizações antigas, como os gregos ou romanos, e é uma idealização, seja do presente, do passado ou do futuro, um lugar melhor, ideal, podendo ser fictício ou não. É um conceito de origem religiosa, como os campos Elíseos dos gregos, um futuro pós-vida ideal, ou o Jardim do Éden, o passado ideal dos cristãos, antes do pecado original. Atualmente, é algo difícil de conceber, já que o presente é um caos, cheio de guerras, fome e doenças. Poucos ainda veem um futuro envolto na ciência, que nos permitiria avançar em direção ao sublime, sem que seja necessário abrir mão das ambições. E menos ainda encontram pontos no passado aos quais seria ideal retornar. É em um cenário como esse que Jules Verne escreve seus livros e nos apresenta suas histórias, sempre repletas de avanços científicos e aventuras.

Capitão Nemo: Viajar é preciso

Para entendermos as motivações desse misterioso capitão, o porquê da construção de maravilhoso invento da engenharia e de seu rompimento com a terra fixa e com todos os que nela vivem, é necessário que voltemos a seu passado. Nemo era príncipe indiano, em um dos cantões da Índia ainda livre da dominação do imperialismo inglês. Seu nome era Dakkar e era filho de um dos mais ricos homens da Índia. Seu pai o mandou estudar na Europa, onde passou boa parte de seus anos viajando, e era visto apenas como

um jovem que vivia e viajava às custas do pai, quando, na realidade, para cada lugar que ia, havia sido impulsionado por uma busca de conhecimento, pensando sempre em voltar a seu país e livrar seu povo da dominação estrangeira.

Quando voltou, foi líder da Revolta dos Sipaios, e teve sua esposa e filhos assassinados como forma de represália. Ao final do movimento, sufocado pelas forças inglesas, se autoexilou nas montanhas de seu país, junto a alguns de seus homens de confiança. Aronnax, em um prejulgamento do capitão, em seu primeiro encontro, logo após a batalha entre a fragata Abraham Lincoln, onde se encontravam o professor, seu criado Conselho e o arpoador Ned Land, e o submarino, disse:

> O segundo desconhecido merece descrição mais minuciosa. Era fácil ler em sua fisionomia. Reconheci, sem hesitar, as suas qualidades dominantes: a confiança em si, porque a sua cabeça assentava nobremente sobre o arco formado pela linha dos ombros e seus olhos negros fitavam com impassível segurança. A Calma, porque a sua pele, tendendo mais para a palidez do que para o corado, denunciava o equilíbrio sanguíneo. A energia, demonstrada pela facilidade de contração dos músculos superciliares e, enfim, a coragem, porque a sua respiração profunda denotava grande expansão vital (VERNE, 1972, p. 58).

[... NAVIO CAPAZ DE SUBMERGIR ÀS MAIS PROFUNDAS CAMADAS DOS OCEANOS ... ALGO INÉDITO À SOCIEDADE DA ÉPOCA.]

Deu início, em uma ilha remota, à construção do Náutilus, maravilha da engenharia até então não existente, navio capaz de submergir às mais profundas camadas dos oceanos, capaz de suportar as altas pressões das águas e movido à eletricidade, algo inédito à sociedade da época. As partes do submarino eram construídas em diversos países, para não levantar suspeitas sobre a existência de seu projeto, e montadas na ilha, de onde ele, sob a alcunha de Nemo, que em latim quer dizer "ninguém", e seus companheiros partiriam da terra para nunca mais voltar a pisá-la, quando concluída a construção.

O perfil de Nemo, nessa perspectiva, torna-se opaco. Ainda que tenha suas motivações pessoais e políticas, ele é um amante da ciência. Não são poucas as passagens da obra em que ele revela a seu interlocutor, Aronnax, o gosto pela aventura, o espírito cientificista, catalogador, desbravador, comum aos homens de sua época. O Náutilus é um repositório de objetos, de invenções, de experiências que encantam a mente científica do professor. Várias incursões são realizadas em ambientes marinhos totalmente inusitados, como florestas, aquários com espécimes raras e ainda desconhecidas pela ciência marinha. Tudo isso provocava no capitão um estado de realização íntima e uma profunda indagação no seu interlocutor, que é o porquê de tudo aquilo, que se perderia no fundo do mar quando todos os marinheiros estivessem mortos, ao que responde o capitão:

> Eis aqui, senhor Aronnax, um manuscrito em várias línguas. Contém o resumo de meus estudos sobre o mar e, se Deus quiser, não morrerá comigo. Este manuscrito, assinado por mim, completado pela história de minha vida, será encerrado em pequeno aparelho insubmersível. O último sobrevivente a bordo do Náutilus lançará esse aparelho ao mar e ele irá aonde as ondas o levarem (VERNE, 1972, p. 342).

É inequívoco o gosto de Nemo pela viagem e pela descoberta. Ele é o "*Homo viator*". Os seus destinos no fundo dos oceanos o dirigem para algo mais profundo do que a busca de riquezas e solidão. Ele desenha uma cartografia enciclopédica, habitada por seres raros e outros ainda não catalogados pela ciência positivista. O

conhecimento que demonstra ter adquirido ocupa o limite entre o real, o possível e o imáginário. Michel Serres (2007) ressalva o ineditismo e a vanguarda de Verne por meio da saga do misterioso Nemo, seu gosto pelas viagens oceânicas a bordo do fascinante Náutilus.

> Ele avança pelo mundo silencioso que, mais tarde, o comandante Jacques Cousteau vai dar a conhecer. Mas para voltar ao *Mobile*, desde o começo do século XIX, o tempo entra na ciência: este é o detalhe, com a termodinâmica, a cosmogonia, o que se tornará mais tarde a geofísica, a paleontologia, o darwinismo. Uma verdadeira ciência do tempo começa e desenvolve-se surpreendentemente hoje. Desde aquela época de Jules Verne, a História entra então na ciência: assim o céu tem uma história como os astros, a Terra e a vida.

Disponível em:<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/d/d0/Nemo_Octopus.jpg/200px-Nemo_Octopus.jpg>. Acesso em 17 out.2016

O Náutilus

O Náutilus, submarino do capitão Nemo, e refúgio para ele e seus companheiros após romperem com a sociedade, é máquina fantástica, capaz de suportar a altas pressões, emergir ou submergir o quanto for de desejo de seu capitão, estar fora do alcance das tempestades e furacões, além de percorrer grandes distâncias em curtos intervalos de tempo. Construído em grossas chapas de metal e com tecnologia de ponta, é verdadeiro museu de maravilhas, tanto submarinas, como pérolas, conchas e exemplares marinhos, quanto da superfície, com grande biblioteca e quantidade de obras de artistas renomados. Em sua divisa lê-se "*Mobilis in mobile*", que em latim significa "móvel no elemento movente". Nele, Nemo pode mover-se em qualquer direção, imerso em água por todos os lados, conseguindo, finalmente sua liberdade, o que não era possível em terra fixa, pode ir a quase qualquer lugar do globo que quiser, contanto que haja água em quantidade suficiente para a navegação de seu submarino, passando, inclusive, por baixo da terra em alguns pontos, como em um suposto canal subterrâneo que liga o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho, por ele chamado de Túnel Arábico.

O Náutilus é a ferramenta essencial do rompimento de Nemo com a sociedade, é ele quem o permite explorar os fundos dos mares, realizando grandes descobertas biológicas, como novas espécies, geográficas, como locais nunca antes explorados, ou até mesmo antropológicos, como tesouros de naufrágios e todo um continente submerso.

Disponível em: http://chc.org.br/wp-content/uploads/2013/06 /nautilus2.jpg, acesso em 17/10/2016

A Utopia de Nemo

Nemo pode ter rompido com a sociedade, mas, como o Professor Aronnax diz em diversos momentos do romance *As Vinte Mil Léguas Submarinas*, não rompeu com sua humanidade. Ele por várias vezes se utiliza de tesouros encontrados no fundo do mar para financiar movimentos de independência ou ajudar os oprimidos. O ápice veio no romance *A Ilha Misteriosa*, em que Nemo até mesmo chega a romper seu juramento e pisa em terra para socorrer os náufragos da ilha, após todos os seus companheiros já estarem mortos e jazerem em seu cemitério no fundo do oceano e só restar ele em seu submarino, que já não mais viaja pelos oceanos. Estacionado em uma caverna submarina de uma ilha do Pacífico, ficou preso por uma movimentação sísmica, e ali encontrou seu fim, dentro de seu querido Náutilus, e junto de quase todas as maravilhas por ele colecionadas ao longo de sua vida, por exceção de um cofre com pérolas e diamantes por ele coletados, dado aos náufragos, a quem ele percebeu ter um bom coração e espírito de desenvolvimento da humanidade.

Nemo, em toda a parte conhecida de sua história, sempre foi um defensor dos oprimidos e entusiasta do desenvolvimento, da ciência e das artes. Portanto, em seu submarino, criou uma sociedade paralela, em que todos eram iguais, em direitos e deveres. Sua cabine era tão simples quanto a de sua tripulação, alimentava-se com os mesmos alimentos, vestia as mesmas roupas, caçava, pescava e trabalhava da mesma forma que qualquer outro. Não havia grau de superioridade entre eles – mesmo existindo hierarquia e divisão de funções.

No entanto, ele é o homem que a tudo idealizou e propiciou recursos para a materialização do seu ideal revolucionário, político. É o líder silencioso, enigmático, e de incontestável carisma perante a sua tripulação. Todos o ouvem e se submetem às suas ordens, silenciosos e firmes. O herói verniano acrescenta, ainda, outro viés: é amante da ciência, consagra grande parte de suas aventuras ao conhecimento, à catalogação de um mundo ainda desconhecido. Sua paixão pela física, pela geografia, pela história e pela biologia são patentes.

Nesse recorte se confundem a história pessoal, a paixão pela ciência e a capacidade de enredar outros homens aos seus ideais. A sua devoção aos seus companheiros é do tamanho exato à da de seus comandados por ele. A cena da morte de um deles em luta pelo pouco esclarecido ideal revolucionário é pungente, bem como o funeral do fundo do oceano, algo que tanto impactou o Professor Aronnax.

> Observamos e veio-me o pensamento que íamos assistir uma estranha cena. Olhando atentamente para o solo, notei que o mesmo se intumescia em certos lugares e as pequenas elevações estavam incrustadas de depósitos calcários e dispostas com regularidade que traía a mão do homem. No centro da clareira, sobre pedestal de pedras grosseiramente amontoadas, erguia-se uma cruz de coral, abrindo longos braços, que pareciam ser feitos de sangue petrificado.
>
> [...]
>
> Compreendi tudo! Aquela clareira era um cemitério, aquele buraco, uma cova, e o objeto oblongo, o cadáver do homem que morrera durante a noite. O capitão Nemo e a sua tripulação vinham enterrar o companheiro naquela morada comum, no fundo inacessível do oceano!
>
> Nunca meu espírito sofreu comoção tão profunda. Nunca ideias mais impressionantes invadiram-me o cérebro! Não desejava ver o que contemplava meus olhos.
>
> Entretanto, a tumba era lentamente cavada. [...] A cova alongava-se, alargava-se e em breve foi bastante profunda para receber o corpo. [...] O

cadáver, envolto em mortalha de bisso branco, desceu à sua única sepultura. O capitão Nemo, com os braços cruzados sobre o peito, e todos os amigos do que se fora ajoelharam-se. Meus dois companheiros e eu fizemos uma referência religiosa.

[...]

Quando tudo terminou, o capitão Nemo e seus companheiros ergueram-se. Depois, aproximando-se do túmulo, todos dobraram ainda uma vez o joelho e lhe estenderam a mão em sinal de adeus (VERNE, 1972, p.181-182).

Considerações finais

Conclui-se, portanto, que o Capitão Nemo não rompeu com a sociedade, partindo para um mundo completamente à parte, apenas por capricho, excentricidade ou guiado pelo desejo de conhecer o inexplorado. Ele buscava, desde o começo, criar um mundo melhor, em que não mais um país dominasse e oprimisse outro, ajudando os movimentos de independência de diversas nações sob controle de potências imperialistas, e não apenas os da sua terra natal, que ele busca tentar esquecer, exceto por raros lapsos, como ocorrido no encontro com o navio, posteriormente descoberto pelo leitor, inglês, em que trava furiosa batalha a fim de afundar aquela embarcação proveniente do país que subjugou sua terra, ocasião em que o Professor Aronnax e seus companheiros conseguiram fugir do Náutilus e revelar ao mundo toda a história por eles passada dentro do submarino, através do diário de viagem escrito pelo Professor e posteriormente por ele publicado, denominado *Vinte Mil Léguas Submarinas*.

Referências

BANDEIRA, Manuel. Vou-me embora pra Pasárgada. Disponível em: <http://www.releituras.com/mbandeira_pasargada.asp>. Acesso em 17 out.2016.

GUADALLUPI, Giani & MANGUEL, Alberto. **Dicionário de Lugares Imaginários**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

MORUS, Thomas. **A Utopia**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

ROSA, Guimarães. **"A Terceira Margem do Rio"**. Disponível em: <http://www.releitura.com/guimarosa_margem.asp>. Acesso em 17 out.2016.

SERRES, Michel. **Júlio Verne: a ciência e o homem contemporâneo**/ Michel Serres: diálogos com Jean-Paul Dekiss. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

VERNE, Jules. **A Ilha Misteriosa**. São Paulo: Artes Gráficas Bisordi S. A.,1972.

VERNE, Jules. **Vinte Mil Léguas Submarinas**. São Paulo: Artes Gráficas Bisordi S.A., 1972.

CORRELAÇÃO ENTRE INFECÇÕES VIRAIS E A OCORRÊNCIA DE POLINEUROPATIAS DESMIELINIZANTES AGUDAS ASSOCIADAS À SÍNDROME DE GUILLAIN-BARRÉ

CORRELATIONSHIP BETWEEN VIRAL INFECTIONS AND THE OCCURRENCE OF ACUTE DEMIELYZING POLINEUROPATHIES, RELATED TO THE GUILLAIN-BARRÉ SYNDROME

Orientador:
Felipe Scalabrini Pinto[1]

Orientandos:
Amanda Menezes de Matos Augusto[2]
Anna de Melo Pena[3]
Artur Assreuy Diniz[4]
Edelweïss Leticia Peluso Paccacini[5]
Gabriel Macedo Malta Santos[6]
Gabriela Esteves Trindade Pereira[7]
Giovanna Pimenta Alves de Souza[8]
Lara Cardoso da Silva[9]
Lara Mattos Pires[10]
Laura Esteves Teixeira[11]
Lucas Bicalho Magalhães[12]
Luiz Gustavo Pessoa Pires Jabour[13]
Maria Laura Malta Lopes[14]
Maria Paula Duarte Schettino[15]
Marina Accioly Rosa[16]
Nara Maria Meira Valadares[17]
Pedro Chabot Barroso[18]
Rafael Anthony Alves Batista[19]
Victoria Maria Jorge Freitas Colobó[20]
Vítor Emídio de Mendonça[21]

1 Graduado em Ciências Biológicas pela UFMG e mestre em Ensino de Ciências e Biologia pela PUC Minas.
2 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
3 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
4 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
5 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
6 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
7 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
8 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
9 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
10 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
11 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
12 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
13 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
14 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
15 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
16 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
17 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
18 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
19 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
20 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
21 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

RESUMO

O artigo analisa dados sobre a ocorrência de infecções virais, como Dengue e Zika vírus, e de casos de polineuropatias agudas, especificamente a Síndrome de Gillain-Barré, objetivando definir se uma relação entre ambos pode ou não ser estabelecida. Os números obtidos reafirmam e reforçam a existência de tal relação, que já foi comentada em outros artigos, mas não permitem chegar a uma conclusão definitiva, mesmo porque os dados de diferentes fontes se contradisseram em alguns aspectos.

Palavras-chave: Dengue. Zika vírus. Síndrome de Guillain-Barré.

ABSTRACT

This article analyses data relative to the occurrence of viral infections, such as Dengue fever and Zika virus, and to the cases of acute polyneuropathy, specifically the Gillain-Barré Syndrome, aiming to define whether a relation between the two of them can be established. The results supports and reaffirms the existence of the referred relation, that has already been discussed in other articles, but don't provide enough material for a definitive conclusion, even more because the numbers from different sources contradicted each other in some aspects.

KeyWords: Dengue fever. Zika virus. Gillain-Barré Syndrome.

Introdução

A autotolerância é definida como a capacidade do sistema imune de não reagir contra antígenos próprios. A grande diversidade de receptores de antígenos gerada pelos linfócitos T e B poderia, se não controlada, levar ao surgimento de respostas imunes contra o próprio organismo, desencadeando uma doença autoimune (ABBAS, 2012, p. 341).

A Síndrome de Guillain-Barré (SGB) é um exemplo de doença autoimune que pode ser acionada por infecções recentes (Organização Mundial da Saúde, 2016), como Zika e Dengue, o que levanta a possibilidade de uma reação cruzada chamada mimetismo molecular entre anticorpos e antígenos. Nesse processo, os anticorpos que são produzidos para combater uma infecção acabam por apresentar autorreatividade devido à semelhança entre as proteínas do antígeno e das células do corpo (ABBAS, 2012, p. 240-241). Um dos subtipos da doença se dá através da lise das células da bainha de mielina.

A interação entre moléculas C5b-9 e C6 (proteínas que, associadas, formam o complexo do sistema complemento de ataque à membrana), que se ligam a linfócitos T e macrófagos, causa sua aglomeração ao redor das células de Schwann. Isso promove a desestabilização da membrana celular e, consequentemente, a inflamação do axônio (SOARES e ESPÍNDOLA, 2011). Com a reposição incompleta das bainhas de mielina, as membranas lipoproteícas perdem seu potencial de transmissão de corrente elétrica, uma vez que as bombas de sódio e potássio não funcionam propriamente, e os estímulos nervosos não são passados para os músculos de forma adequada.

O principal sintoma é a fraqueza muscular, que normalmente começa nos membros inferiores e depois passa a afetar os membros superiores. Em 20% - 25% dos casos, há dificuldade na respiração devido ao comprometimento dos músculos do tronco. Outros sintomas oriundos da síndrome de Guillain-Barré são o formigamento e a perda de sensibilidade nos braços e nas pernas, dor nas costas, nos quadris e nas coxas, palpitações no peito e taquicardia, alterações da pressão, dificuldade para engolir e para controlar a urina e as fezes, além de provocar sensação de medo, ansiedade, desmaio e vertigem (OMS, 2016).

A síndrome de Guillain-Barré ataca partes do sistema nervoso periférico, sob forma de inflamação aguda desses tecidos, podendo afetar regiões do sistema que controlam os movimentos musculares, além das que transmitem sensação de dor, toque e temperatura (OMS, 2016). A doença pode se desenvolver rapidamente, piorando ao longo do tempo, de forma a deixar o indivíduo paralisado em menos de 3 dias. A recuperação pode ocorrer naturalmente pela reconstituição da bainha de mielina, mas o processo é lento.

A SGB ainda não tem cura, mas possui tratamento que consiste em duas alternativas: plasmaférese ou infusão endovenosa de imunoglobulina. A primeira é semelhante à hemodiálise em que o sangue é retirado e o plasma é filtrado, retirando os anticorpos presentes que podem atacar o sistema nervoso. Em seguida, o sangue é enviado novamente para o corpo do paciente. A segunda é baseada na injeção de altas doses de imunoglobulina, que bloqueiam os anticorpos que causam a inflamação. Essa forma de tratamento é considerada a mais eficiente, uma vez que atinge o mesmo resultado da primeira, porém em um curto espaço de tempo e com menos efeitos colaterais. Ambos os tratamentos são seguidos por sessões de fisioterapia para recuperar as funções musculares e respiratórias afetadas pela doença (OMS, 2016).

Foi teorizada uma relação entre a ocorrência de zika e da Síndrome de Guillain-Barré (OMS, 2016). Uma pesquisa liderada pelo Instituto Pasteur de Paris e divulgada na revista científica *The Lancet* demonstrou essa ligação pela primeira vez com a realização de exames sorológicos[22].

Em maio de 2015, o primeiro caso autóctone de Zika vírus foi notificado no Brasil. Uma teoria diz que tal vírus foi trazido da África, devido à intensa circulação de pessoas no território brasileiro gerada pela Copa do Mundo de 2014, porém estudos filogenéticos apontam para um elevado grau de parentesco entre o vírus existente no Brasil e o da Polinésia Francesa (Organização Pan-Americana de Saúde, 2016). Inicialmente esse novo vírus não atraiu atenção dos pesquisadores, por gerar uma doença até então considerada como enfermidade leve, sendo assintomática em cerca de 80% dos casos[23].

Tendo em vista que a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas) estima que entre três e quatro milhões de pessoas contrairão o Zika Vírus em 2016 em todo o continente americano, a preocupação da Organização Mundial da Saúde aumenta, uma vez que pesquisas, como a já citada, apontam uma ligação entre Zika e a SGB (OMS, 2016). Considerando que a Síndrome de Guillain-Barré é uma doença grave e de longa duração, é de grande interesse comum que pesquisas e estudos acerca da relação com o Zika sejam estimuladas e avancem.

De posse dos dados que revelam a incidência de Zika vírus, dengue e da Síndrome de Guillain-Barré nos últimos anos em Minas Gerais, o presente estudo objetiva reconhecer coincidências entre o registro dessas doenças, evidenciando uma possível relação de causa e efeito entre elas.

METODOLOGIA

Para a realização das pesquisas, foram utilizados dados provenientes de portais da internet como Portal da Saúde, Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), Sistema Eletrônico do Serviço de Informação do Cidadão (e-SIC), Secretaria Estadual de Saúde de Minas Gerais (SES-MG), além do Sistema Estadual de Regulação Assistencial, que registrou o número de internações baseados em po-

22 CAO-LORMEAU, *et al.*,Guillain-Barré Syndrome outbreak associated with Zika virus infection in French Polynesia: a case-control study, *The Lancet*, Volume 387, Issue 10027, p. 1531 – 1539.

23 Disponível em: <https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Miami/en-us/file/Fact_Sheet_ZikaVirus_Jan16.pdf>.

lineuropatias e mielites/mielopatias. Com esses dados, elaborou-se uma tabela para a análise da doença Guillain-Barré e sua relação com as outras infecções pesquisadas, Dengue e Zika. A análise consiste na avaliação dos dados obtidos em busca de uma correlação entre a variação do número de casos de SGB e a ocorrência das outras doenças.

RESULTADOS

Foi elaborada uma tabela a partir dos dados recolhidos relativos ao número de casos de Zika, Dengue e SGB entre 2010 e julho de 2016 (tabela 1). O Zika só surgiu no Brasil em 2015, sendo mínimo o número de casos nesse ano. Em 2016 os casos cresceram expressivamente, chegando a ser causa de preocupação de entidades internacionais de saúde. A Dengue já é uma enfermidade recorrente no país, com quase 200 mil casos já em 2010. Esse número chegou a cair no período estudado, mas no momento do surgimento do Zika já havia crescido novamente e até ultrapassado a quantidade inicial. A SGB é de difícil reconhecimento, gerando incertezas quanto aos dados. Os dados registrados como SGB no estudo são de diagnósticos de polineuropatias agudas e mielites/mielopatias, indícios da ocorrência da doença. Ocorreram flutuações nos casos de 2010 a 2014, com uma acentuada queda de aproximadamente 27% em 2015. Em 2016, entretanto, o número de casos volta a aumentar já que até o meio do ano, junho, o número de diagnósticos já representava 80% do total de 2015.

Ano	Zika	Dengue	SGB
2010	0	194.636	196
2011	0	32.085	169
2012	0	22.105	181
2013	0	368.387	174
2014	0	4.936	175
2015	9	196.139	128
2016*	5.766	522.769	103

Tabela 1: Número de casos de Zika, dengue e SGB em Minas Gerais, ano a ano, de 2010 a junho de 2016 (Fontes: e-SIC – Dengue e Zika – e Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte – SGB). *até junho.

A epidemiologia dessas infecções ao longo dos anos de 2015 e 2016 foi estudada de forma mais detalhada, com análises mensais das enfermidades, que foram representadas na tabela 2.

Os registros de SGB e de dengue sobem concomitantemente no início do ano de 2015, mas em abril os casos de Guillain-Barré começam a cair e os de Dengue continuam a aumentar. No fim do ano, os casos de SGB sobem novamente, mas, nesse momento, os de Dengue estão em queda. Em 2016 as flutuações nos números de casos variam proporcionalmente durante todo o período estudado, exceto no mês de maio, reforçando a ideia de tendência de aumento significativo dos casos de Guillain-Barré ao longo deste ano.

Só há registros de casos de Zika vírus a partir de dezembro de 2015. A partir dessa data o número cresce consideravelmente, chegando a ultrapassar dois mil ca-

sos em fevereiro e março de 2016. Após esse período há uma nova queda, mas com números ainda altos em comparação com os quase nulos de 2015. Nos meses em que os casos de Zika são mais numerosos, fevereiro, março e abril de 2016, os casos de SGB são também altos, sendo que a quantidade mensal de casos mais alta em toda a pesquisa, 27 casos, é registrada nesse período.

Minas Gerais				
		Número de Casos de Infecções		
		SGB*	Dengue**	Zika Vírus***
2015	Janeiro	14	5.055	0
	Fevereiro	10	9.549	0
	Março	20	28.355	0
	Abril	11	60.624	0
	Maio	5	51.052	0
	Junho	9	14.606	0
	Julho	9	3.474	0
	Agosto	13	1.298	0
	Setembro	14	1.064	0
	Outubro	9	1.456	0
	Novembro	8	4.094	0
	Dezembro	6	15.512	9
	Sub-Total	128	196.139	9
2016	Janeiro	9	63.484	369
	Fevereiro	16	143.302	2.541
	Março	27	159.877	2.195
	Abril	16	119.555	501
	Maio	20	33.272	116
	Junho	15	3.273	39
	Sub-Total	103	522.763	5761
	Total	231	718.902	5770

*Número de tratamentos clínicos de polineuropatias e mielites/mielopatias. **Casos prováveis de dengue. ***Casos confirmados de Zika pelo e-sic.

Tabela 2: Número de casos de SGB, dengue e zika em Minas Gerais, mês a mês, de janeiro de 2015 a junho de 2016 (Fontes: Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte – SGB – e Boletim epidemiológico de monitoramento dos casos de Dengue, Febre Chikungunya e Febre Zika. Nº 26, Semana Epidemiológica 27, 04/07/2016 – dengue e zika*).

É possível observar que em meses como junho, julho e outubro de 2015 e janeiro de 2016, o número de casos de SGB é o mesmo. Porém, o número de casos de Dengue tem uma variação significativa, o que diminui a probabilidade de que tal virose desencadeie o SGB.

Os aumentos nos índices tanto de Zika quanto de SGB de 2015 para 2016 podem indicar uma possível correlação entre tais doenças. Enquanto de janeiro a junho de 2015 houve 69 casos de SGB em Minas, o número de casos durante esses mesmos meses de 2016 é de 103, acompanhado de um aumento de zero para 5.761 casos de Zika vírus nos mesmos intervalos.

É importante ressaltar que, embora os dados utilizados sejam todos oficiais (dos governos Federal e Estadual de Minas Gerais), existem grandes divergências entre eles, o que torna a análise das informações difícil. O total de casos de Zika em Minas Gerais fornecido pelo SES/MG está em desacordo com os dados encaminhados pelo e-SIC, como mostram as tabelas 1 e 2.

Até março de 2016, o crescimento de Guillain-Barré acompanha aproximadamente o crescimento das notificações de Zika, subindo até maio e caindo em seguida, o que reforça a hipótese de que o Zika vírus esteja relacionado com a SGB (Gráfico 1).

Porém, de março a junho, vemos que, mesmo com um gradual declínio nas notificações de Zika, o número de casos de Guillain-Barré cresce uma segunda vez no ano, evidenciando a ideia de que existem outros fatores ambientais que estão relacionados com o desenvolvimento da síndrome. Esses fatores podem ser outras infecções, como aquelas que se espalham mais facilmente no inverno.

A análise do gráfico 2 permite afirmar que não existe uma forte relação entre dengue e a SGB, uma vez que o número de casos flutua independentemente. O momento em que os casos de dengue são mais numerosos é o momento de queda do número de casos de Guillain-Barré.

Já o gráfico 3 é mais uma evidência de que Guillain-Barré e Dengue não se relacionam diretamente, mesmo nos anos anteriores ao surto de Zika. Por exemplo, em 2013 houve um grande surto de dengue em Minas Gerais, que não foi acompanhado por um aumento significativo no número de casos de SGB. Já o caso do Zika vírus não pôde ser analisado com certidão, pois como citado anteriormente, não existem dados para tanto.

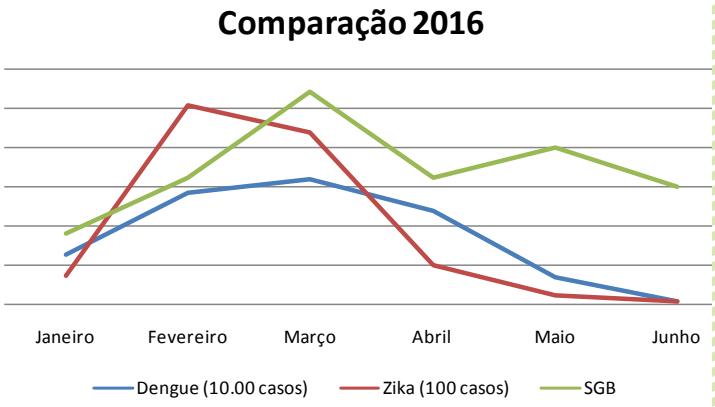


Gráfico 1: Comparação entre as curvas de números de casos de Dengue, Zika e SGB em Minas Gerais, mês a mês de janeiro a junho de 2016 (Fontes: e-SIC – dengue e zika – e Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte – SGB).[24]

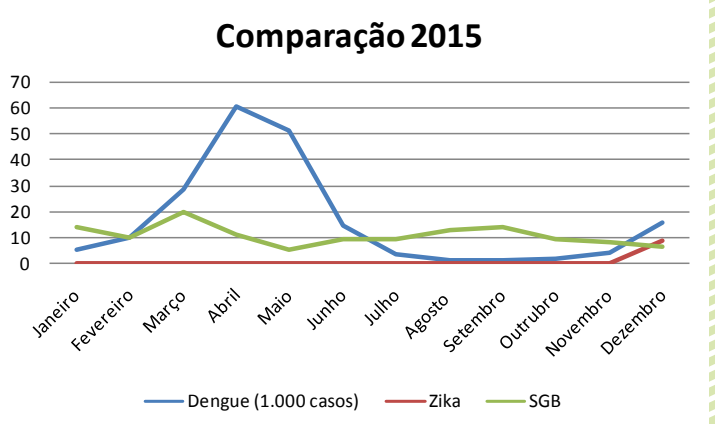


Gráfico 2: Comparação entre as curvas de número de casos de dengue, zika e SGB em Minas Gerais, mês a mês de janeiro a dezembro de 2015 (Fontes: e-SIC – engue e zika – e Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte – SGB).

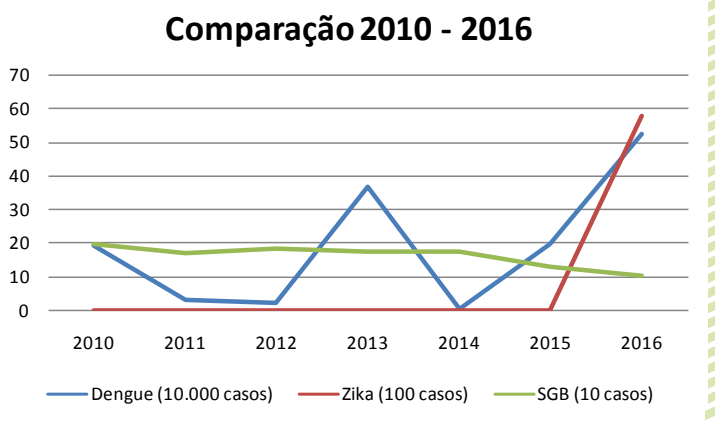


Gráfico 3: Comparação entre as curvas de números de casos de Zika, Dengue e SGB em Minas Gerais, ano a ano, de 2010 a junho de 2016 (Fontes: e-SIC – zika).

[24] Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/dengue/story/6891-informe-epidemiologico-da-dengue-03-04-2015-dengue-e Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte – SGB>.

Considerações finais

É possível concluir que a relação entre a SGB e o Zika Vírus é uma possibilidade evidenciada pelos dados apresentados, enquanto que a relação entre SGB e dengue não é provável. A relação com Zika é, nesse caso, impossível de ser estudada e documentada com precisão pela deficiência de informações sobre a infecção, que só passou a ser monitorada atentamente após dezembro de 2015. Além disso, só será possível confirmar essa ideia baseando-se em estudos não apenas estatísticos, mas clínicos.

Referências

ABBAS, A. K.; LICHTMAN, A. H.; PILLAI, S. H. I. V. **Imunologia celular e molecular**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

BARREIRA, Amilton Antunes. **Síndrome de Guillain-Barré**. Disponível em: <www.neuroimunologia.com.br/materias/sindrome-de-guillain-barre>.

CAO-LORMEAU, Van-Mai; BLAKE, Alexandre; MONS, Sandrine; LASTÈRE, Stéphane; ROCHE, Claudine; VANHOMWEGEN, Jessica; DUB, Timothée; BAUDOUIN, Laure; TEISSIER, Anita; LARRE, Philippe; VIAL, Anne-Laure; DECAM, Cristophe; CHOUMET, Valerie; HALSTEAD, Susan K.; WILLISON, Hugh J.; MUSSET, Lucile; MANUGUERRA, Jean-Claude; DESPRES, Philippe; FOURNIER, Emmanuel; MALLET, Henri-Pierre; MUSSO, Didier; FONTANET, Arnaud; NEIL, Jean; GHAWCHÉ, Frédéric. (*Guillain-Barré Syndrome outbreak associated with Zika virus infection in French Polynesia: a case-control study.*) **The Lancet**. Elsevier, v. 387, n. 10027, p. 1531-1539, 2016.

FRAZÃO, Arthur. **Sintomas, causas e tratamento para Síndrome de Guillain-Barré.**

HAFER-MACKO, C. E.; SHEIKH, K. A.; LI, C. Y.; HO, T. W.; CORNBLATH, D. R.; MCKHANN, G. M.; ASBURY, A. K.; GRIFFIN, J. W*. Immune attack on the Schwann cell surface in acute inflammatory demyelinating polyneuropathy.* Annals of Neurology. John Wiley & Sons, 1996.

ITURRY-YAMAMOTO, G.R.; PORTINHO, C.P. *Sistema complemento: ativação, regulação e deficiências congênitas e adquiridas.* Rev. Assoc. Med. Bras., São Paulo, v.47, n.1, p. 41-51, Mar. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302001000100029&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 out.2016.

JUNQUEIRA, Fábio Miranda; ABATI, Paulo; ROCHA, Maria Carolina Pereira da. *A origem do Zika* vírus e a microcefalia. 2015. Disponível em: <http://www.cartaeducacao.com.br/disciplinas/ciencias/a-origem--do-zika-virus-e-a-microcefalia>. Acesso em: 08 out.2016.

OEHLER, E. WATRIN, L. LARRE, P. LEPARC-GOFFART, I. LASTÈRE, S. VALOUR, F. BAUDOUIN, L. MALLET, HP. MUSSO, D. GHAWCHE, F. *Zika virus infection complicated by Guillain-Barré syndrome – case report, French Polynesia, December 2013*. Euro Surveill. 2014;19(9). Disponível em: <http://www.eurosurveillance.org/ViewArticle. aspx?ArticleId=20720>. Acesso em: 08 out.2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Zika** Vírus. 2016. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/zika/en/>. Acesso em: 08.out.2016.

Pan American Health Organization/World Health Organization. **Zika - Epidemiological Report Brazil**. October 2016. Washington, D.C.: PAHO/WHO; 2016. Disponível em: <http://www.paho.org/hq/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=35221&Itemid=270&lang=en>. Acesso em: 08 out.2016.

Presidência da República Federativa do Brasil, Secretaria de Comunicação Social, Área Internacional. **Vírus Zika no Brasil**. 2016. Disponível em: <https://sistemas.mre.gov.br/kitweb/datafiles/Miami/en-us/file/Fact_Sheet_Zika_Virus_Jan16.pdf>. Acesso em: 08 out.2016.

Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerias. **Boletim epidemiológico de monitoramento dos casos de Dengue, Febre Chikungunya e Febre Zika**. Nº 26, Semana Epidemiológica 27, 04/07/2016. Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/images/noticias_e_eventos/000_2016/Boletins/AREA_TECNICA_Boletim_04-07-2016.pdf>. Acesso em: 08 out.2016.

SOARES, Elyara Maria, ESPÍNDOLA, Milena Sobral. *O Sistema Complemento*. Programa de Pós-Graduação em Imunologia Básica e Aplicada. Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2011.

CRISES DAS BOLSAS DE VALORES

CRISES OF STOCK EXCHANGES

Orientador:

Eustáquio Junior[1]

Orientandos:

Camille Oliveira Rabbi Magalhães[2]

Maria Luiza dos Santos Batista[3]

RESUMO

Este trabalho apresenta algumas das principais crises que as Bolsas de Valores sofreram ao longo da história, mostrando suas causas e consequências que afetaram tanto a política, quanto a sociedade não só dos países que a provocaram, mas de vários outros.

Palavras-Chave: Bolsa de Valores. Crise. Queda. Capital. Mercado.

1 Graduado em Engenharia Mecânica e pós-graduado em Ensino de Matemática pela UFMG.

2 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo .

3 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

ABSTRACT

This job presents some of the most important crises that the Stock Exchange has suffered along the history, showing its causes and consequences that affected both politics and society not only from the countries that caused them, but also from many others.

Keywords: Stock Exchange. Crisis. Fall. Capital. Market.

Introdução

Recentemente, a Educação Financeira se tornou um assunto incrivelmente importante e amplamente estudado, afinal, a maioria absoluta das pessoas está procurando no mínimo uma estabilidade no campo das finanças.

Em busca dessa estabilidade, nos deparamos com opções que vão além do trabalho, como a obtenção de lucro a partir da compra e venda de ações nas chamadas Bolsas de Valores.

Este artigo trará em sua extensão pequenos textos sobre as principais crises ocorridas nessas instituições, investigando suas principais causas e consequências.

O que é a Bolsa de Valores

Bolsa de valores é um centro de negociação de ativos padronizados (ações, títulos de créditos, *commodities*, moedas, derivativos etc). Essas instituições funcionam como um mercado organizado que estabelece as regras e assegura transparência na realização de negócios. Além disso, fortalecem a economia por possibilitar que as empresas levantem capital para suas atividades e criam oportunidade para que pequenos investidores diversifiquem e expandam seus investimentos de forma inteligente. Portanto, são um indicador da prosperidade da economia e do país.

Como Funciona

As corretoras são intermediárias nas negociações entre o investidor e a bolsa, tanto no processo de compra de uma ação quanto na venda. Há também os agentes de liquidação e de custódia, cujas funções são pagamento e recebimento de transações ou venda e entrega de ações, e armazenamento seguro dos títulos, respectivamente. No Brasil, a CBLC, Companhia Brasileira de Liquidação e Custódia, é responsável por isso. Após a compra e a venda no pregão da bolsa, o processo de liquidação ocorre em três dias úteis.

Brexit

Brexit (*Britain exit*) é o termo que se refere à saída do Reino Unido da União Europeia. A decisão foi tomada após um plebiscito em que 52% da população foi a favor da saída, após 43 anos de participação do bloco.

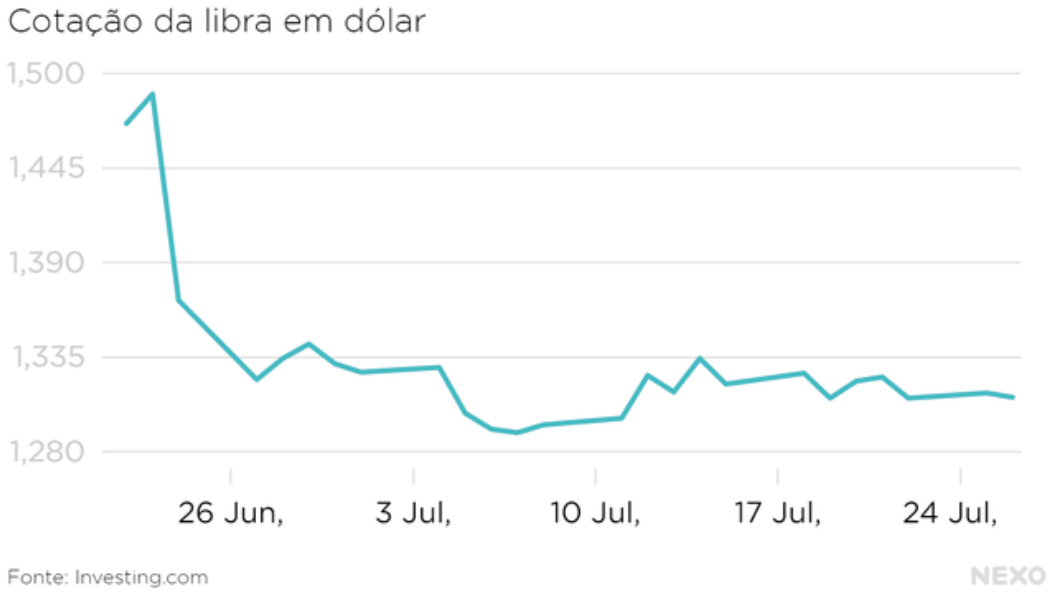
Dentre as causas que levaram à decisão, destacam-se três principais: imigração, questão econômica e maior autonomia. Quanto à imigração, foi sugerido que Reino Unido não poderia controlar a entrada de imigrantes enquanto fizesse parte do bloco e que, dentro dos próximos 20 anos, os efeitos disso poderiam ser maiores e piores do que se suspeitava. O Reino Unido era um dos três pilares sobre o qual se apoiava a União Europeia, pagando mais ao bloco do que recebendo (em 2014/15 a contribuição foi de £8,8 bilhões, enquanto o retorno foi de £5,7 bilhões, contando com o pagamento direto ao setor privado e às pesquisas de universidades). O país mantinha uma relação complexa com o bloco há anos, sobretudo a respeito da centralização das tomadas de decisão em Bruxelas, capital da UE.

É evidente que a melhor solução foi a saída do Reino Unido, por uma questão até mesmo de identidade nacional, tendo os britânicos maior autonomia para ditar suas próprias regras. Outro ponto é que o dinheiro que deixaria de ser enviado a Bruxelas (cerca de £440 milhões semanais) pode ser investido no próprio país, em áreas como saúde e pesquisa científica. O Reino Unido também passa a ter maior liberdade para negociar com outros países fora do bloco, agora sem as altas taxas cobradas pela UE.

No entanto, a saída não trouxe apenas benefícios. De imediato, o Brexit derru-

bou as Bolsas na Ásia e em Tóquio e os mercados futuros da Europa e dos Estados Unidos, resultado de um intenso mau humor que foi desencadeado e atingiu todo o mundo. A libra esterlina, moeda do Reino Unido, teve sua maior queda em 31 anos, caindo mais de 10% frente ao dólar. Até mesmo moedas latino-americanas desvalorizaram-se.

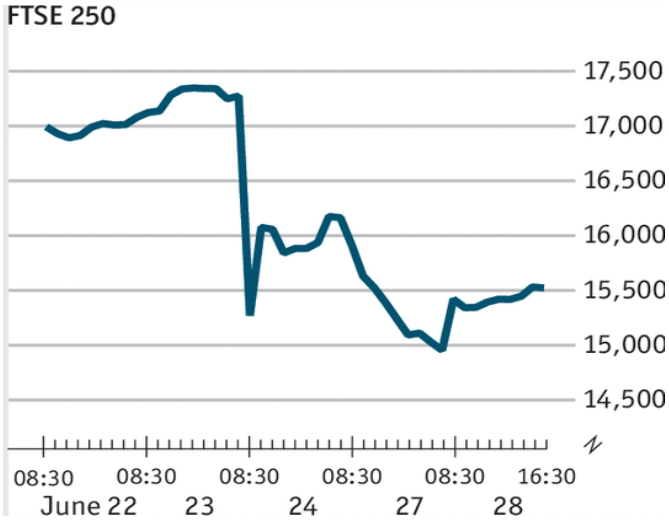
O mercado imobiliário também foi atingido, havendo uma queda na procura e, consequentemente, queda nos preços, que pode chegar em até 50%. A construção civil sofreu reflexos disso e a maior construtora britânica, *Barratt Developments*, teve uma queda de 28% em suas ações. Felizmente, pesquisas apontam que esse declínio deve durar apenas 12 meses .



Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/07/26/Um-m%C3%AAs-de-Brexit-o-que-mudou-na-economia-do-Reino-Unido>. Acesso em: 29 out.2016.

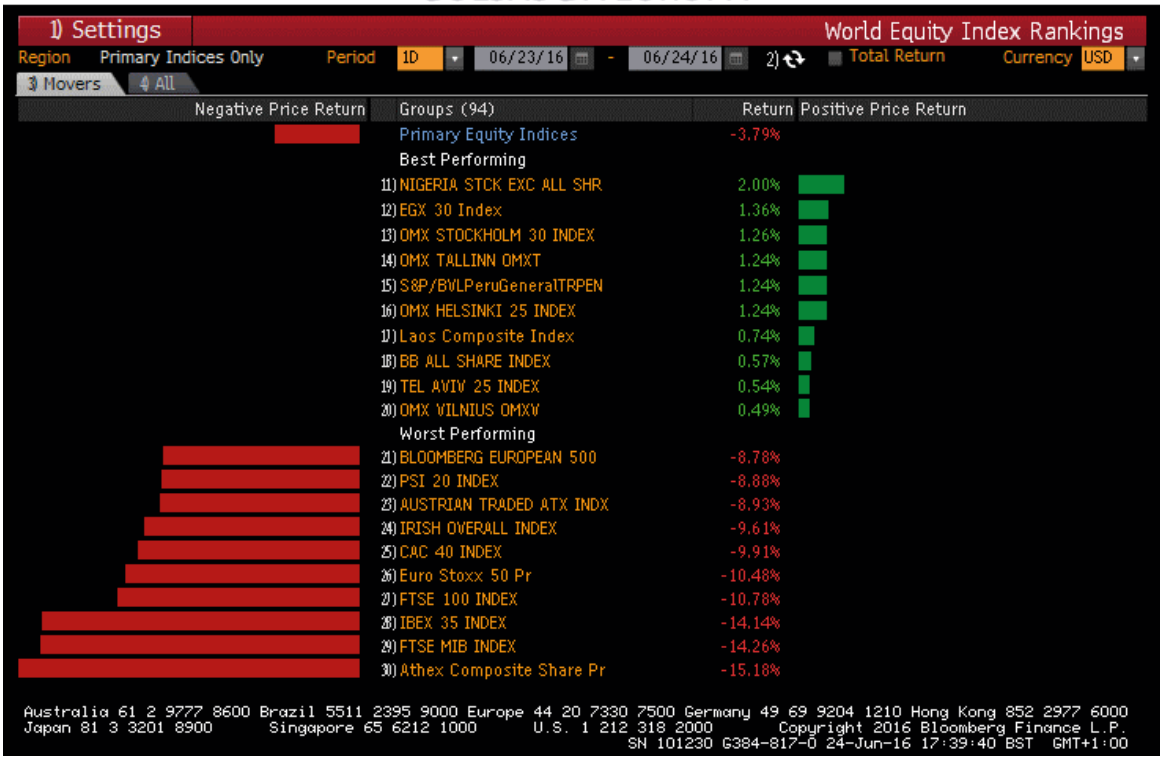
Quanto às empresas, responsáveis por contratações e investimentos, ainda não apresentaram redução imediata no número de empregos, mas preveem uma recessão nos próximos 12 meses. As intenções de investimento também sofrerão um impacto negativo nos próximos meses, de acordo com contatos do Banco da Inglaterra. A intenção de investimento de manufatura manteve-se no mesmo nível, enquanto que a de serviços decaiu.

Os mercados reagiram de forma bastante áspera. Além de a libra despencar, o FTSE 100, principal índice da Grã-Bretanha, caiu 5,6%, derrubando mais de £ 100 bilhões em valor de mercado. O FTSE 250 também caiu 7,2%, a maior queda desde o *crash* de 1987. A Bolsa de Frankfurt perdeu 3,02% e a de Paris, 2,97%. S&P 500 cedeu 2,5%. Em Lisboa, o PSI-20 recuou 6,99%. Na Itália, MIBTEL caiu 12,48%. Na Espanha, IBEX-35 perdeu 12,35% A perda de todas as Bolsas do mundo juntas foi de US$ 2,54 trilhões em capitalização de mercado.



Disponível em: <http://www.economist.com/blogs/graphicdetail/2016/06/daily-chart-19>. Acesso em 29 out.2016.

BOLSAS DA EUROPA



Disponível em: <http://www.jornaldenegocios.pt/mercados/detalhe/mercados_cinco_graficos_que_mostram_o_efeito_do_brexit>. Acesso em 29 out.2016.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/06/1782733-como-a-saida-do-reino-unido-interfere-na-economia-veja-graficos.shtml>. Acesso em 29 out.2016.

A própria população foi afetada uma vez que o custo do dia a dia aumentou, assim como os produtos importados, uma vez que a libra está valendo menos. O preço nas lojas deve subir principalmente no próximo ano. Além disso, o rombo nas contas britânicas de, segundo projeções do ministro da economia, George Osborne, £30 bilhões tem de ser coberto com aumentos de impostos, cortes na saúde, educação e defesa e anos de políticas de austeridade (exigência do FMI de que o país reduza gastos para conseguir pagar suas dívidas).

Crise de 1929

A crise de 1929 (também conhecida como a Grande depressão) foi uma grave crise econômica que se iniciou nos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial, em decorrência da superprodução. Ao término da guerra, a Eu-

ropa estava arrasada economicamente e com sérios problemas no setor agrícola. Nesse cenário caótico, os Estado Unidos prosperaram, exportando muitos alimentos e produtos industrializados, o que gerou um grande crescimento na produção norte-americana, tendo em vista os lucros obtidos nas suas comercializações. Esse grande crescimento fez com que a indústria americana se acostumasse a produzir cada vez mais. Com o restabelecimento da economia europeia, a exportação norte-americana diminuiu, e os Estados Unidos não tinham mais um mercado que suportasse toda sua produção. Essa baixa na exportação provocou a queda do preço das mercadorias, o que resultou em uma queda na produção, numa onda de falências e no consequente aumento do desemprego. Tais fatores foram decisivos para a queda dos lucros americanos, e que consequentemente gerou a queda das ações e a quebra da bolsa. O gráfico a seguir mostra a desvalorização das ações da Bolsa de Nova York em 1929 e nos anos subsequentes:

Disponível em:<http://daltonvieira.com/dow-jones-desdobramentos-da-crise-de-1929>. Acesso em 29 out.2016.

Crise Argentina

Desde o final do século XX a Argentina vinha se arrastando através de uma sucessão de problemas econômicos e, consequentemente, políticos e sociais. Antes da Segunda Guerra Mundial, o país era apontado como a economia mais próspera da América Latina. No entanto, a economia começou a colapsar. Em 1989, o presidente Carlos Menem fixou a moeda do país ao dólar para conter a hiperinflação, introduzindo o sistema de *currency board.* Dessa forma, o presidente visava impedir o Estado de cometer abusos inflacionários enquanto ganhava credibilidade devido ao dólar, uma moeda forte. A política funcionou no início, diminuindo a inflação e incentivando investidores, mas logo começou a ruir, principalmente por causa das crises de contaminação: crise do México, crise dos Tigres Asiáticos e crise da Rússia. Somando-se essas crises à desvalorização do real, acabou diminuindo a confiança dos investidores nos países emergentes, como a Argentina.

Em 1999, uma série de boatos vindos da Argentina provocou a queda de 4,29% do índice Merval, da Bolsa de Buenos Aires. A Bovespa também teve baixa de 1,21% em apenas um dia, enquanto a Bolsa do Rio de Janeiro 0,73%. Ainda, devido a rumores de inadimplência de empresas argentinas, o C-Bond, principal título da dívida externa brasileira, caiu 2,71%. Até a Bolsa de Nova York fechou instável.

A grande crise argentina, que perdurou anos, acabou afetando a economia de outros países emergentes, como o Brasil. Os investidores conservadores costumavam evitar a bolsa argentina devido à volatilidade do peso, o que prejudica as ações. Além disso, a bolsa é pequena, o que faz com que pouca saída de capital já provoque uma grande queda. Prova disso é a capitalização de mercado da Bolsa de Comércio de Buenos Aires, US$ 64,6 bilhões, a mesma da empresa e-Bay Inc. Nos primeiros oito meses de 2014, apenas US$ 2,7 bilhões mudaram de mãos na bolsa Argentina, em comparação a US$ 461 bilhões na Bovespa.

No entanto, a Argentina já aderiu a políticas para melhorar a economia e, em 2014, a bolsa subiu 118%, com o melhor desempenho do mundo, graças a grandes investimentos da família de George Soros e do administrador de fundos, Daniel Loeb. A argentina é uma pequena economia em desenvolvimento, um mercado de fronteira, e começou a atrair investidores que estão dispostos a correr o risco a partir de 2013.

A Bolha da Internet

Os investidores usam o termo “bolha” para fazer menção a um superaquecimento do mercado que, como uma bolha, cresce e infla, mas corre o risco de explodir.

A Bolha da Internet foi formada entre os anos de 1995 e 2000 (quando aconteceu a queda da bolsa eletrônica dos EUA) e consistiu na perspectiva de que a internet seria um mercado amplamente promissor e sem fim, atraindo muitos investidores que, levando em consideração a alta confiança do mercado no setor, acabaram apostando nas companhias *ponto com*, sem analisar os métodos tradicionais de avaliação dos investimentos, atraídos também por baixas taxas de juros.

Inicialmente, os investimentos trouxeram ótimos resultados. A bolsa eletrônica norte-americana chegou a atingir 5.132,52 pontos, sua máxima histórica. Empresas como MSN-hotmail, Google, Yahoo e Amazon somaram lucros absurdos.

Porém, após seis elevações seguidas na taxa de juros pelo Federal Reserve no final de 1999 e início de 2000, o mundo se deu conta que as projeções de crescimento ilimitado poderiam não ser reais. Com isso, o valor das ações começou a despencar, provocando a falência de várias empresas.

Especialistas justificam o estouro da bolha a partir de fatores como a corrupção corporativa, os altos gastos com a transição da virada do milênio e até mesmo os maus resultados das varejistas online na temporada de natal em 1999.

Apesar do prejuízo, empresas sobreviventes como Google e Yahoo tiraram proveito da situação, e a internet ganhou grandes proporções nos anos seguintes.

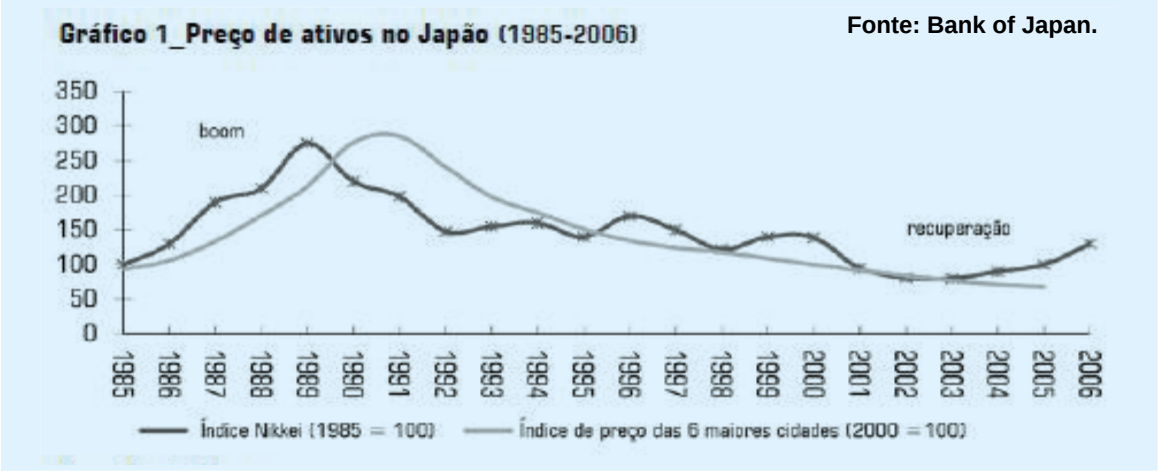
Crise Japonesa

Após a Segunda Guerra Mundial o Japão vivenciou um vertiginoso crescimento e desenvolvimento econômico, conhecido como Milagre Japonês. Esse período foi marcado por um grande investimento na educação, o que proporcionou que o país se tornasse uma potência, com superávit já na década de 1960. Os bancos estavam abarrotados de dinheiro e a grande prosperidade estimulava os empréstimos.

Em meio a todo esse crescimento, as especulações foram inevitáveis. O mercado imobiliário foi um dos que se inflaram, tanto pela prosperidade quanto pela falta de

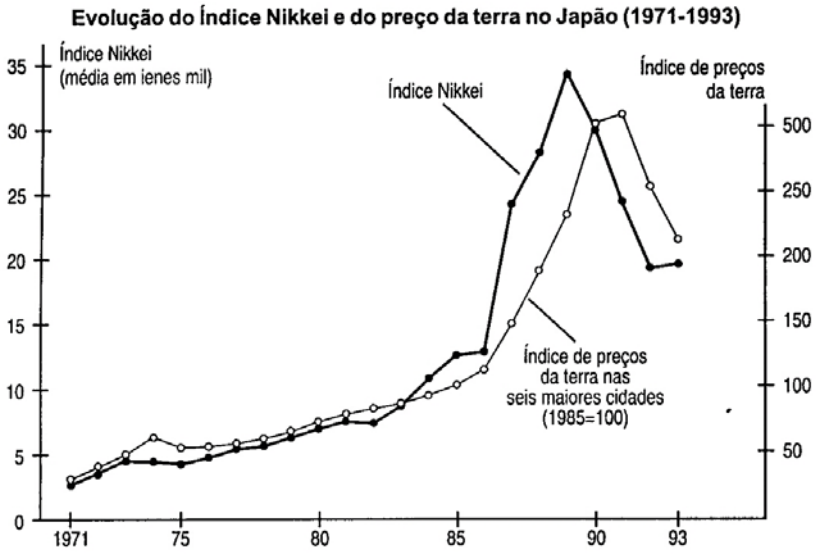
planejamento urbano no Japão. O preço dos terrenos chegou a uma valorização de 100% em menos de 5 anos. O próprio governo proporcionava essa supervalorização. Da mesma forma o mercado acionário teve seu valor multiplicado, devido à prosperidade das exportações japonesas. E isso aumentava ainda mais os empréstimos e investimentos no Japão. Tudo parecia perfeito, um sistema capitalista capaz de suprir a si mesmo. Mas foi bem no início da década de 1990 que ele entrou em crise.

O problema começou quando, em 1985, foi assinado o Acordo de Plaza, que estabelecia a valorização do iene em relação ao dólar. Com isso, o setor de exportação sofreu uma queda de 65% em seu crescimento e nem mesmo o afrouxamento da política monetária foi capaz de reaver o prejuízo. O governo, então, elevou a taxa de juros até 6%, o que causou o colapso. O índice Nikkei da bolsa de valores caiu mais de 60%, passando de elevados 40.000 pontos para menos de 15.000 em 1992, atingindo seu menor valor, 7.000 em 2003.



Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512013000300002>. Acesso em 5 nov.2016.

Houve a Segunda-Feira Negra, em 1987, que começou com um *crash* nas bolsas asiáticas até atingir a norte americana, uma das maiores quedas da história. Mas, mesmo com com a preocupação do Banco do Japão sobre a supervalorização das ações, o preço continuou a subir e o índice Nikkei chegou a mais de 38.000 pontos. Já em 1988, o valor das ações começou a estagnar em Tóquio, onde alguns imóveis começaram a desvalorizar. Em pouco tempo, as regiões ao redor da cidade também sofreram esses efeitos, perdendo 4,2% de seu valor. No início do ano de 1990, o índice Nikkei perdeu mais de 35% dos pontos.



Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.rep.org.br/pdf/65-1.pdf&ved=0ahUKEwjCqeGry5HQAhWKf5AKHT1tCXEQFghDMAM&usg=AFQjCNEyuIsSkXHVLR4_rbkFyx28aAdHzg>. Acesso em 05 nov.2016.

A queda nos preços das ações afetou inclusive os investimentos no país, uma vez que a folha de balanço das empresas estava ruim. O valor dos imóveis também despencou mais de 70% ao longo da década.

Depois da década perdida, como ficou conhecido o período de 1990 a 2000, o Japão ainda continuou enfrentando dificuldades. Atualmente, no entanto, o país conseguiu se recuperar e ocupa o lugar de segunda maior economia do mundo por PIB nominal, a quarta maior em poder de compra, e é o segundo país mais desenvolvido do mundo.

Grande Recessão

A Grande Recessão foi uma crise financeira que, após décadas de pequenas crises, eclodiu em 2008, resultado do estouro de uma grande bolha imobiliária.

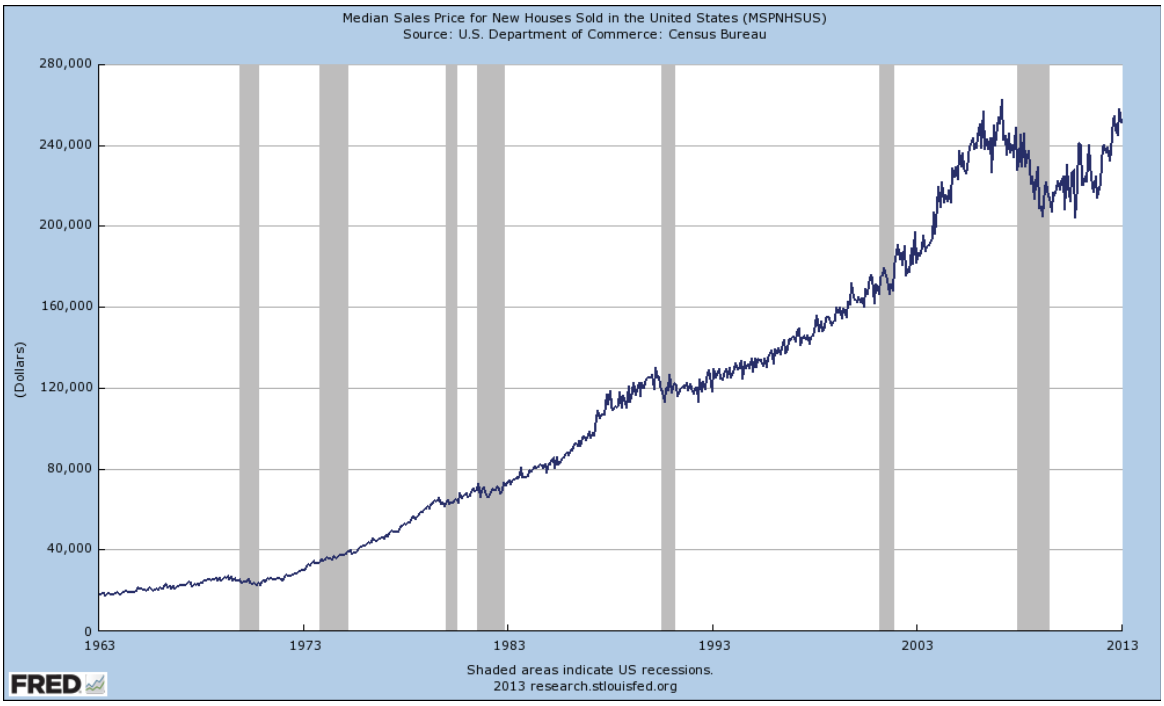
Na década de 1990 houve um incremento nas medidas governamentais voltadas para o mercado imobiliário, para aumentar o número de proprietários. No entanto, os bancos tinham um limite de crédito que poderiam conceder, de forma a não ultrapassar o patrimônio líquido do banco. O problema foi solucionado através de duas grandes empresas, Fannie Mae e Freddie Mac. Tais empresas, criadas pelo Congresso americano, atuavam no mercado imobiliário, garantindo liquidez ao mercado de hipotecas, elas *compram empréstimos hipotecários dos bancos* e, assim, permitir que os bancos dessem continuidade aos empréstimos quase ilimitadamente. Assim, os bancos passaram a oferecer ainda mais empréstimos e cresceu a desregulamentação do sistema financeiro.

Mas era uma manobra perigosa, pois o fluxo de caixa dessas empresas dependia de que cada pessoa continuasse pagando suas hipotecas. Se isso não acontecesse, elas teriam um grande prejuízo. Para não ficar nesse grande risco, Fannie Mae e Freddie Mac começaram a vender os títulos de hipoteca, que ficaram conhecidos como títulos lastreados em hipotecas, (*mortgage-backed securities*) para investidores ao redor do mundo. Essas empresas eram apoiadas pelo Tesouro americano, o que dava segurança aos investidores.

Mas Fannie e Freddie não eram as únicas a estimular o mercado. O governo adotou uma nova medida: ação afirmativa para empréstimos, que obrigava os bancos a fazerem empréstimos mais arriscados, sob a ameaça de processos por discriminação e racismo.

Com isso, o aumento na compra de imóveis gerou um aumento nos preços. O que acontecia era que uma pessoa adquiria a hipoteca de uma casa, fazia algumas melhoras no imóvel e vendia a um preço muito maior para outra pessoa que, muitas vezes acabava fazendo o mesmo. Assim, o mercado imobiliário transformou-se num empreendimento rentável, um setor repleto de especulações. Além disso, quando um imóvel se valorizava, o proprietário ia ao banco e pegava novos empréstimos sobre o valor aumentado da casa, que garantia o empréstimo. Se os preços começassem a cair, todo esse sistema iria despencar: o valor da hipoteca seria maior que o do próprio imóvel e os calotes cresceriam absurdamente. E foi isso o que aconteceu.

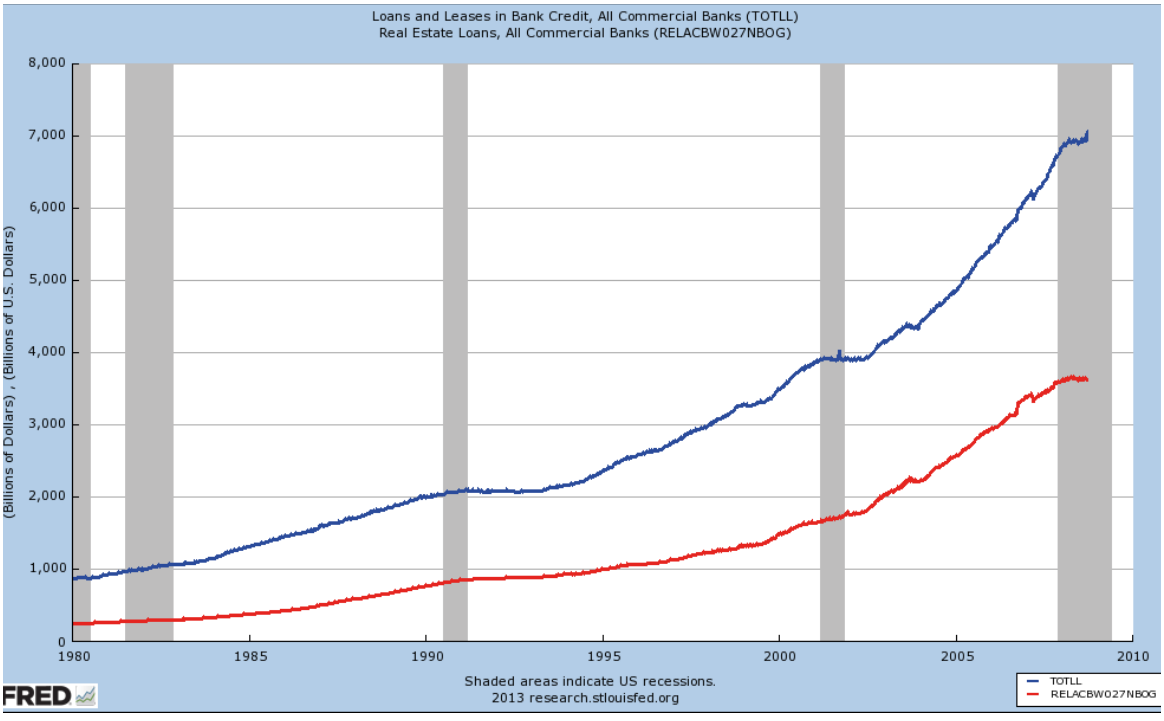
Mediana dos preços de venda de imóveis



Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1696>. Acesso em: 29 out.2016.

Tudo isso só foi possível graças ao Banco Central, que criou dinheiro e injetou no setor imobiliário, dando aos bancos para que concedessem hipotecas. E isso formou a bolha de tamanha proporção.

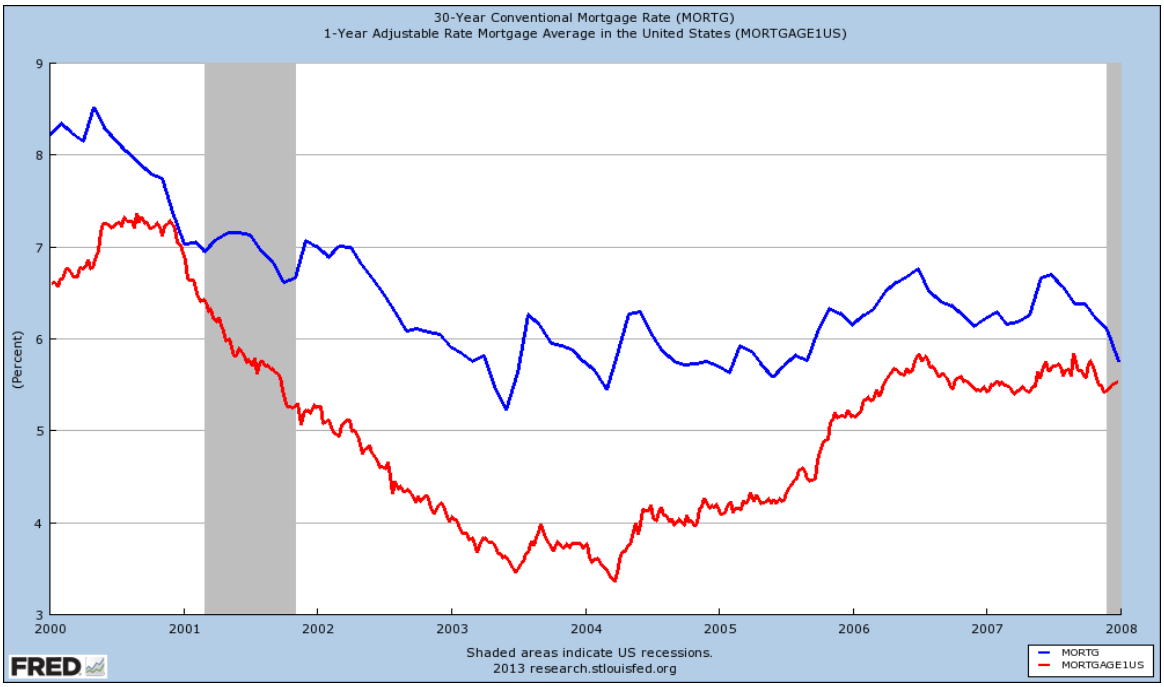
Crédito total concedido pelo setor bancário (azul) crédito concedido ao setor imobiliário (vermelho)



Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1696>. Acesso em: 29 out.2016.

Em 2000, estourou uma bolha no de tecnologia. O Fed injetou ainda mais dinheiro. E tudo ficou ainda pior com os ataque do 11 de setembro. Em 2004, o Fed diminui as injeções, o que aumentou enormemente os juros.

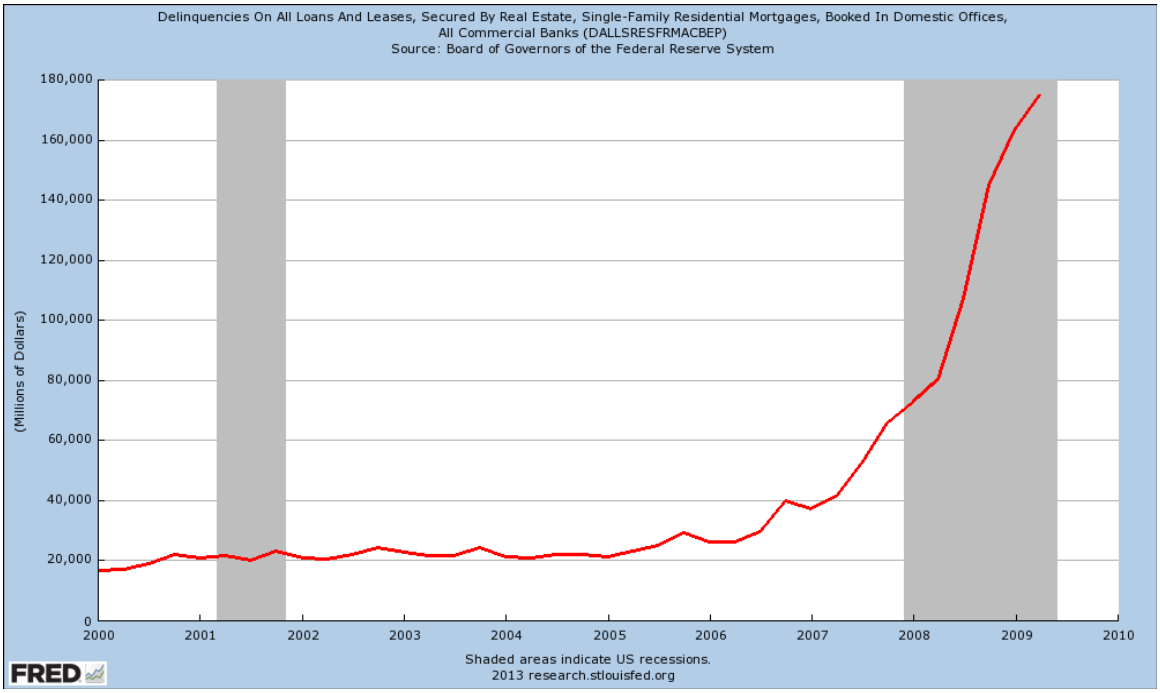
Taxas de juros das hipotecas com taxas ajustáveis (vermelha) e taxas de juros das hipotecas convencionais, de 30 anos (azul)



Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1696>. Acesso em: 29 out.2016.

Com os juros altos, a demanda de imóveis diminuiu e os preços começaram a cair em 2006. Essa queda afetou as especulações e as pessoas simplesmente pararam de pagar suas dívidas, e muitas abandonaram suas casas.

Inadimplência dos empréstimos imobiliários



Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1696>. Acesso em: 29 out.2016.

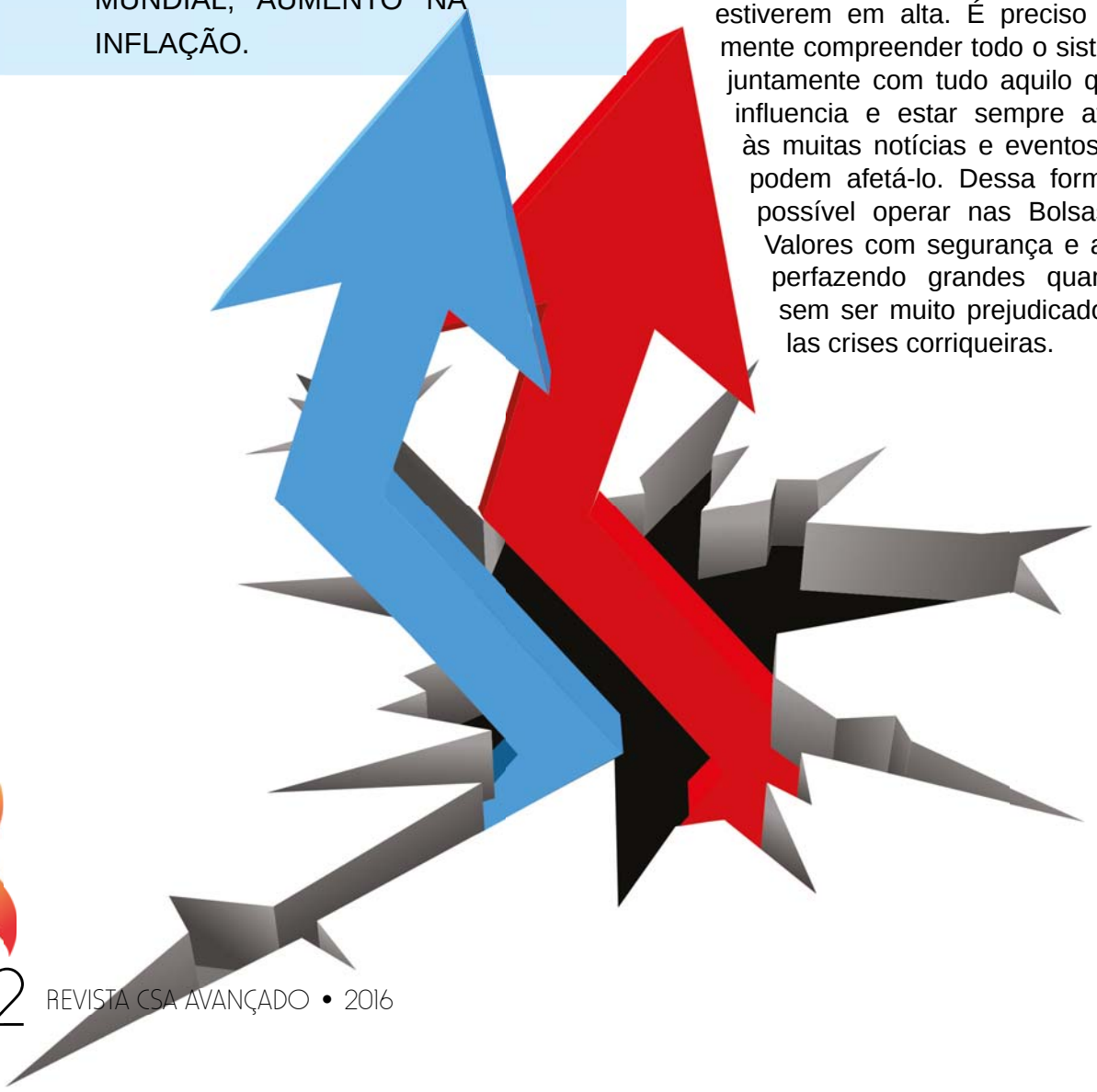
O valor dos ativos dos bancos caiu enquanto o passivo continuava grande. O patrimônio líquido dos bancos foi muito afetado e os empréstimos cessaram. Houve, então, o congelamento do mercado de crédito. Até mesmo o banco inglês Northern Rock foi afetado quando uma corrida bancária fez com que os clientes quisessem sacar seu dinheiro. Lehman Brothers também faliu e a seguradora AIG quebrou.

A CRISE TEVE EFEITOS NO MUNDO TODO, PROVOCANDO DEMISSÕES EM LARGA ESCALA; BAIXA NAS AÇÕES DA BOLSA DEVIDO À INVESTIDORES QUE QUERIAM VENDER SEUS TÍTULOS PARA RECUPERAR SEU DINHEIRO; ALTA DO DÓLAR; FALTA DE CRÉDITO DE MERCADO MUNDIAL; AUMENTO NA INFLAÇÃO.

Considerações finais

Através dos estudos de caso aqui apresentados, é possível ver o quão interligado é o sistema financeiro mundial atual, principalmente no que diz respeito às Bolsas de Valores. Bastante volátil, esse sistema está sujeito a grandes alterações devido a acontecimentos não apenas nas finanças de uma empresa ou na economia de um país, mas também no âmbito político e até mesmo social, como ocorrido na Brexit. Más políticas econômicas por parte do Estado, corrupção, interpretação errada do mercado e visão equivocada sobre o futuro são capazes de afetar todo o globo e causar vastos prejuízos em capitalização de mercado.

Para atuar no mercado de ações é necessário mais que capital e um espírito audacioso. Não se trata apenas de comprar ações na baixa e vender quando estiverem em alta. É preciso realmente compreender todo o sistema, juntamente com tudo aquilo que o influencia e estar sempre atento às muitas notícias e eventos que podem afetá-lo. Dessa forma, é possível operar nas Bolsas de Valores com segurança e ainda perfazendo grandes quantias, sem ser muito prejudicado pelas crises corriqueiras.



Referências

Disponível em: <http://investidorderisco.blogspot.com.br/p/grandes-crises-economicas-mundiais.html?m=1>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://exame2.com.br/mobile/mundo/noticias/cronologia-crises--mais-graves-1929-572924>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://m.zerohora.com.br/284/noticias/2295273/confira-as-principais-crises-mundiais-desde-a-grande-depressao-de-1929>. Acesso em: 29 out. 2016.

Disponível em: <*http:/www.renatrader.com.br/como-funciona-a-bolsa-de-valores.html*>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <*http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2008/05/14/guia-como-funciona-a-bolsa-de-valores-e-como-aplicar-em-acoes-na-bovespa.htm*>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <*http://mundoestranho.abril.com.br/materia/como-funciona-a-bolsa-de-valores*>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bolsa_de_valores>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://economia.uol.com.br/financas-pessoais/guias-financeiros/guia-como-funciona-a-bolsa-de-valores--e-como-aplicar-em-acoes-na-bovespa.htm>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.coladaweb.com/economia/o-que-sao-acoes-e-como--funciona-a-bolsa-de-valores>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <https://www.tororadar.com.br/blog/bolsa-de-valores-como-funciona >. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/economia/bolsa-de-valores.htm>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.infoescola.com/economia/bolsa-de-valores/>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.investpedia.com.br/artigo/O+que+e+a+bolsa+de+valores.aspx>. Acesso em: 29.out.2016.

Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36555376>. Acesso em: 29.out.2016.

Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/07/26/Um-m%-C3%AAs-de-Brexit-o-que-mudou-na-economia-do-Reino-Unido>. Acesso em: 29.out.2016.

Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2016/06/brexit-economia-relacoes-com-o-brasil-e-o-futuro-da-uniao-europeia>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <https://next.ft.com/content/b95af98a-4e5e-11e6-88c5-db83e-98a590a>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.economist.com/blogs/graphicdetail/2016/06/daily--chart-19>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <https://espresso.economist.com/996740de914ced0902e686373e319391>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/24/economia/1466783439_166579.html>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.jornaldenegocios.pt/mercados/detalhe/mercados_cinco_graficos_que_mostram_o_efeito_do_brexit.html>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/06/1782733-como--a-saida-do-reino-unido-interfere-na-economia-veja-graficos.shtml>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/negocios/brexit-leva-bolsas--mundiais-perderem-us-254-tri-em-unico--pregao-19593006>. Acesso em: 29 out. 2016.

Disponível em: <http://blogs.elconfidencial.com/economia/grafico-de-la-semana/2016-07-01/brexit-mercados-libra-euro-bolsas-ibex_1226275/ >. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.expansion.com/mercados/2016/06/22/576adfbd-46163fb7588 b45d3.html>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/internacional/2016/06/brexit-economia-relacoes-com-o-brasil-e-o-futuro--da-uniao-europeia>. Acesso em: 29 out. 2016.

Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/06/como-brexit-afetaria-economia-veja-perguntas-e-respostas.html>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://economia.uol.com.br/cotacoes/noticias/redacao/2014/12/31/dolar-bolsa-e-petrobras-dao-sustos-com--sobe-e-desce.htm>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-06/brexit-entenda-o-que-esta-em-jogo-no-referendo-sobre-saida-do-reino>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2449>. Acesso em: 29 out. 2016.

Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/post/o-efeito-dramatico-do-brexit.html>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36609225>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36555376>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/reino-unido-decide--deixar-uniao-europeia-em-referendo.html>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://monitordigital.com.br/crise-na-argentina-impede-recuperau uo-das-bolsas/>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://br.wsj.com/articles/SB10362228127429084907704580188792832975492>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,crise-argentina-influencia-dolar-e-bolsa-no-pais-imp-,1537150>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.esquerdadiario.com.br/Uma-comparacao-com-a-crise-Argentina-de-2001>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://m.zerohora.com.br/284/noticias/45 66265/como-a-argentina-passou-de-nacao-rica-a-pais-em-recessao-e-deficit-de-credibilidade>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://e-internacionalista.com.br/2015/08/05/a-crise-argentina--de-2001- e-seus-desdobramentos-governo-kirchner/>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.institutomillenium.org.br/artigos/crise-argentina-seus--efeitos-sobre-brasil-parte-1-de-3/>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://exame2.com.br/mobile/economia/noticias/entenda-a-crise-que-levou-a-argentina-ao-calote-tecnico>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1562>. Acesso em: 29 out. 2016.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo. php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100006#not5>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <https://www.10emtudo.com.br/artigo/crise-da-argentina/>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://m.jb.com.br/economia/noticias/2011/12/02/maior-crise-economica-argentina-completa-dez-anos/>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u93997.shtml>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Crise_econ%C3%B4mica_da_Argentina>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/economia/ajuste-fiscal-e-de-ideias-9837.htm>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/economia/administracao-fiscal--pedaladas-e-ideologia>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://mercadopopular.org/2015/03/entenda-o-que-esta-acontecendo-com-a-economia-brasileira-em--menos-de-3-minutos/>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.vivoseudinheiro.com.br/saiba-o-que-e-deficit-publico-e--se-questao-preocupa-no-brasil/>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <www.vivoseudinheiro.com.br/saiba-o-que-e-deficit-publico-e-se--questao-preocupa-no-brasil/>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://g1.globo.com/jor--nal-nacional/noticia/2015/03/pib-queda--dos-investimentos-no-brasil-preocupa--economistas.html>. Acesso em: 29 out. 2016.

Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,pib-despenca--3-8-em-2015--na-maior-recessao-desde-1990,1839219>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://economia.uol.com.br/cotacoes/noticias/redacao/2014/12/31/dolar-bolsa-e-petrobras-dao-sustos-com--sobe-e-desce.htm>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/14314-o-que-foi-a-bolha-da--internet >. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63 51201 3000300002>. Acesso em: 29 out. 2016.

Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=184>. Acesso em: 29 out. 2016.

Disponível em: <http:/www.mises.org.br/Article.aspx?id=1696>.Acesso em: 29 out. 2016.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Recess%C3%A3o >. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://escolakids.uol.com.br/a-crise-financeira-de-2008.htm >. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://economia.uol.com.br/ultnot/2008 /03/31/ult4294u1176.jhtm>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <http://daltonvieira.com/dow-jones-desdobramentos-da-crise--de-1929>. Acesso em: 29.out.2016.

Disponível em: <http://brainly.com.br/tarefa/1064593>. Acesso em: 29 out.2016.

Disponível em: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100804161713AAzbSuG>. Acesso em: 03 nov.2016.

Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=184>. Acesso em: 03 nov. 2016.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Década_perdida_(Japão)>. Acesso em: 03 nov.2016.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63 51201300 0300002>. Acesso em: 03 nov.2016.

Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/canutocrisejaponesa.pdf>. Acesso em: 03 nov.2016.

Disponível em: <https://economia.terra.com.br/japao-adota-emprego-vitalicio--e-cria-empresas-zumbi,322217a7adc4b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 03 nov.2016.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_do_Jap%C3%A3o>. Acesso em: 05 nov.2016.

Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Black_Monday_(1987)>. Acesso em: 05 nov.2016.

Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Japanese_asset_price_bubble>. Acesso em: 05 nov.2016.

CULTIVANDO BATATAS EM AMBIENTE FECHADO

Orientador:
Marcelo Fernando Silveira Rezende[1]

Co-orientador:
Victor Melo

Orientandos:
Bernardo Palhares Silva Puliero[2]
Fernanda Ferreti Santiago Calic[3]
Júlia Fonseca Almeida[4]
Luíza Melo Mascarenhas Ulhôa[5]
Mara Luiza De Almeida Santos[6]
Rafaela Pontello[7]

1 Graduado em Ciências Biológicas e mestre em Genética pela UFMG.

2 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

3 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

4 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

5 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

6 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

7 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

Introdução

O trabalho faz parte do projeto CSA Avançado, em que os alunos desenvolvem projetos de iniciação científica no ensino médio, sob a orientação de professores de diferentes áreas. O projeto de cultivo dentro da escola visa mostrar que é possível plantar em ambientes restritos e com baixa luminosidade.

A ideia do trabalho surgiu com a vontade e curiosidade em participar de todas as etapas necessárias para que o alimento chegue até às nossas mesas e saber suas origens, além de desenvolver a consciência da importância ambiental e nutricional dos legumes, no caso, a batata. De acordo com ***Rezende e alunos (2015)***, o projeto de cultivo *indoor* se iniciou em 2015 e foi apresentado o projeto ***"A luz no cultivo de vegetais em ambientes fechados"*** em que eles idealizaram dois sistemas de cultivo em ambiente interno, o primeiro cultivou cebolinhas em balde "Casca1" e o segundo utilizou do sistema de hidroponia em canos de PVC para plantar pés de alface, ambos usando luzes artificiais.

Nutrição

Armazenamento

O tubérculo de batata, caule da planta, é uma parte viva que contém uma grande quantidade de água e amido. Como todo ser vivo, esse tubérculo consome oxigênio para a realização de reações químicas em seu interior. Alguns fatores garantem um melhor armazenamento do cultivar e, consequentemente, um melhor aproveitamento. As temperaturas mais baixas, entre 3 e 4ºC, a respiração torna-se um pouco débil e a proliferação de fungos e bactérias é mínima, conservando a batata melhor e por maiores períodos (DICA, 2014). Para evitar a perda de água do tubérculo, é importante manter os níveis de umidade do ar adequados, superiores a 90%. Por outro lado, o excesso de umidade pode levar à putrefação, à ação de patógenos e à germinação dos brotos. Outra opção para evitar a germinação dos brotos, no caso da batata para consumo, é aplicação de produtos inibidores chamados antiabrolhantes. Vale ressaltar que ocorre o aumento de açúcares redutores nas batatas conservadas entre 3 e 5ºC. Logo, a temperatura de conservação deve se adequar ao destino dado aos tubérculos.

Em resumo, as condições básicas que se deve fornecer às batatas para que haja uma boa conservação (curto ou longo prazo) são: 1) Evitar que as perdas por evaporação, respiração, germinação e ação de patógenos sejam mínimas. 2) Os tubérculos sejam mantidos num estado fisiológico adequado. 3) A composição química seja mantida num patamar fisiológico de qualidade. 4) Ter tido uma boa colheita, além de evitar exposição prolongada ao sol (pode formar solanina e causar um gosto amargo).

Metabolismo

A batata, cujo valor nutricional é maior que o considerado pelos consumidores, não apenas como fonte de amido, mas também pelo teor de proteínas, vitaminas e sais minerais, constitui-se em um importante alimento (TABELA 3), sendo a maior fonte de calorias da dieta humana. O amido é o principal carboidrato armazenado nos tubérculos, com importante função nos processos metabólicos da planta, pois constitui cerca de 80% da matéria seca do órgão. Os principais componentes do grão de amido são os polímeros de glicose: amilose e amilopectina.

Os aminoácidos proteicos, além de fornecer à batata uma fonte direta para que esta sintetize as proteínas, fornece energia adicional necessária para suprir as demandas nos momentos críticos do ciclo reprodutivo, por exemplo, quando o tubérculo ainda não desenvolveu o caule e as folhas para realizar a fotossíntese. Uma vez absorvidos, são transportados rapidamente para todas as partes da planta, principalmente os órgãos de crescimento. Os aminoácidos podem ser utilizados em todo o ciclo vegetal, tendo portanto várias funções; 1) Função nutritiva na germinação; 2) Formação de proteínas; 3) Fonte de energia para as plantas.

A batata também é rica em vitaminas B, vitamina C e fibras, além de conter cobre, magnésio e folato (vitamina B9).

Finalidade

Segundo a ONU, a população mundial deverá chegar aos 8,5 bilhões em 14 anos (2020) e 11 bilhões nos próximos 90 anos. Esses dados mostram como o número de pessoas não para de crescer e, em contrapartida, a quantidade de terras cultiváveis só diminui. Nos últimos 40 anos, um terço das terras de cultivo desapareceu por conta das práticas abusivas e intensas no solo que inviabilizam futuras plantações (DOCKRILL, 2015).

O cultivo *indoor* pode ser uma das possíveis soluções para o problema que a diminuição da produção de vegetais no mundo causa. São eles as principais fontes de nutrientes para o nosso organismo. Cultivar dentro de casa ou até mesmo em edifícios comerciais está se tornando cada vez mais comum, já que é possível plantar sem muita dificuldade e gerar o suficiente para o consumo próprio sem precisar depender da produção mundial de vegetais.

Projeto

Basicamente, todos os tipos de batatas podem ser cultivados dentro de casa dadas as condições essenciais do ambiente (solo, luz, água e nutrientes). O cultivo tanto da batata quanto de outros vegetais é muito benéfico para os humanos por diversos motivos. Tanto para a nutrição, considerando que precisamos muito dos carboidratos das batatas e também para o bem-estar de plantar e colher que funciona como terapia.

[O CULTIVO DE BATATA NÃO EXIGE MUITO DE QUEM ESTÁ PLANTANDO...]

O nosso projeto avaliou quais seriam as melhores formas de cultivar as batatas em menores ambientes (como a escola). O cultivo de batata não exige muito de quem está plantando, o que facilita ainda mais.

Justificativa

Muitos foram os motivos que nos incentivaram a plantar batata em nossa escola e aprender um pouco mais sobre o cultivo *indoor*. Esta é uma prática que vem se tornando tendência no mundo inteiro por seus inúmeros benefícios. Primeiramente, o desejo de se ter uma alimentação mais saudável e equilibrada. Uma dieta rica em nutrientes provenientes de frutas, legumes e verduras frescas dá ao nosso corpo mais saúde, disposição e evita a predisposição a doenças. Ao cultivar em nossas casas, sabemos exatamente a procedência do que comemos e nos livramos um pouco das toxinas e agrotóxicos.

Ao pensar na natureza, plantios residenciais podem reduzir o enorme impacto que a plantação em massa provoca nos hábitats naturais. A indústria agrícola, na maioria das vezes, age de maneira insustentável e sem respeito com as nossas terras. Outro motivo é que comprar alimentos na forma mais orgânica possível está cada vez mais caro e adquirir mudas e plantá-las em casa pode se tornar muito mais rentável.

Por fim, acreditamos que cultivar em casa é uma atividade prazerosa e muito benéfica para a mente. Com esse projeto, pretendemos aprender um pouco mais sobre o mundo vegetal e adquirir cada vez mais experiência.

Objetivo Geral

O projeto busca a análise da viabilidade do cultivo *indoor* de batatas em ambiente escolar com pouca luminosidade e com recursos limitados, buscando, assim, criar meios para o incentivo da prática do cultivo *indoor* e tornar mais sustentável a vida no colégio.

Como a batata apresenta uma gama de nutrientes que a torna alimento essencial em várias culturas ao redor do mundo, foi escolhida para o projeto, que tem, também, como objetivo a longo prazo a busca de uma solução para a fome em locais onde o problema é endêmico.

Metodologia

Foram utilizados quatro baldes no total do experimento, dos quais dois possuíam 60 litros (Figura 1) com altura de 32 cm e largura de 31 cm e os outros dois 20 litros (Figura 1.1), com altura de 65 cm e largura de 44 cm. O volume de terra utilizado em cada balde foi a metade de sua capacidade (10L e 30L). Todos os baldes foram forrados com drenos (Figura 1.2).

A estufa foi construída com canos PVC e lona transparente (Figura 2). Dessa forma, a iluminação foi natural do ambiente em que ela ficou. Ela também possuía um termostato (Figura 2.1) para a temperatura interna ser regulada.

Os demais baldes ficaram sob a luz artificial de LED 100W 6000K, uma lâmpada para cada balde (Figura 3). Foram fincados termômetros em cada balde para a medição de temperatura da planta/terra. Nos baldes de 60 litros, foram colocadas duas colheres de sopa (60 gramas) de fertilizante, já nos baldes de 20 litros foi apenas uma colher de sopa (30 gramas).

A irrigação foi feita por irrigadores construídos com garrafa PET. Para os baldes de 20L foram utilizadas garrafas de 2L (Figura 4) e para os baldes de 60L utilizaram-se duas garrafas PET de 2L acopladas (Figura 5).

Não foi utilizado nenhum sistema de ventilação especial. Contudo, a estufa possuía uma abertura lateral, possibilitando a ventilação natural do vento no terraço.

Na germinação foram utilizadas 10 batatas inteiras de tamanho pequeno. Decorridas quatro semanas, os olhos dos brotos se formaram e os brotos foram plantados nos baldes (Figura 6). Os recipientes escolhidos possuíam profundidade de 31cm e 64cm, correspondendo aos baldes de 20 e 60L, respectivamente.

Inicialmente, os baldes da luz artificial receberam quatro pedaços de broto em cada um, enquanto os baldes da estufa tiveram dois pedaços de broto em cada um. Posteriormente, retiramos os brotos em excesso, que não estavam crescendo, dos baldes da luz artificial e então todos os baldes ficaram com o total de dois brotos em cada um.

As batatas podem ser colhidas quando as ramas estão amareladas e os tubérculos estão se soltando com facilidade. A colheita no projeto foi feita apenas uma vez, no dia 11 de agosto (Figura 7), no balde de 60L da estufa, quando a planta já havia parado de crescer.

Figura 1: balde de 60 litros

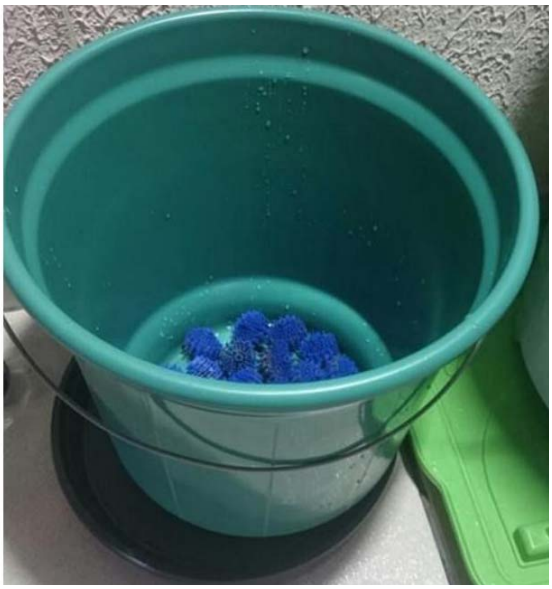


Figura 1.1: balde de 20 litros

Figura 1.2: fundo do balde forrado com drenos

Figura 2: estufa montada

Figura 2.1: termostato da estufa

Figura 3: disposição dos baldes na luz artificial

Figura 4: Irrigador para balde pequeno

Figura 4.1: posicionamento do irrigador

Figura 5: irrigador para balde grande

Figura 5.1: sistema de gotejamento

Figura 6: broto de batata

Figura 6.1: broto de batata

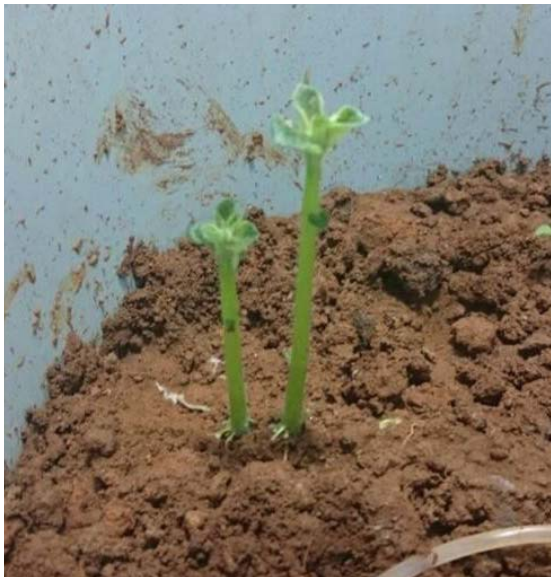


Figura 6.2: broto de batata

Figura 6.3: planta em fase quase adulta

Figura 7: primeira colheita no dia 11 de agosto de 2016

Problemas

Os problemas do cultivo das batatas aconteceram por causa das falhas dos irrigadores e da estufa.

Os irrigadores foram construídos a partir de garrafas PET que tiveram suas tampas perfuradas para que os tubos do equipo fossem acoplados nelas. Os irrigadores utilizados não foram funcionais de modo geral. Em alguns, porque a vazão da água estava bloqueada pela cola utilizada na junção da tampa da garrafa PET ao tubo.

E em outros, porque a vazão de água foi excessiva, resultando no encharcamento da terra.

A estrutura da estufa foi montada com canos de plástico, unidos por parafusos de rosca que proporcionaram a articulação de dobragem da estufa, enquanto o revestimento foi feito com plástico lona transparente. No entanto, a estrutura não apresentava uma base firme, uma vez que estava sustentada apenas pelos canos apoiados ao chão verticalmente. Assim, a estrutura se movia e derrubava os gotejadores que estavam ligados aos baldes. Além disso, o plástico lona não cobria inteiramente a estrutura, deixando a estufa com uma abertura, de modo que a temperatura interna e externa não apresentavam muita diferença.

Gráficos e Tabelas:

Gráfico 1: Variação de crescimento dos pés de batata em diferentes fontes de luz.

Tabela 1: Média de crescimento das plantas em balde na luz artificial

DATA	MÉDIA DO BALDE 20L	MÉDIA DO BALDE 60L
04/07	5cm	11cm
06/07	6cm	13,5cm
07/07	6cm	15,5cm
09/07	7cm	16,5cm
12/07	morte	18,5cm
14/07	-----	19cm
18/07	-----	24cm
20/07	-----	24cm
04/08	-----	morte

Tabela 2: Média de crescimento das plantas em balde na luz natural

DATA	MÉDIA DO BALDE 20L	MÉDIA DO BALDE 60L
06/07	sem brotos	11cm
12/07	5cm	13,5cm
14/07	5,5cm	15,5cm
18/07	6,5cm	16,5cm
20/07	5cm / morte do broto 1	18,5cm
26/07	7cm	19cm
04/08	9cm	24cm
11/08	morte do broto 2	24cm

Tabela 3: Valor nutricional da batata inglesa crua

BATATA INGLESA CRUA	100g	% VD*
Valor energético	64.4kcal = 270kj	3%
Carboidratos	14,7g	5%
Proteínas	1,8g	2%
Fibra alimentar	1,2g	5%
Fibras solúveis	0,2g	-
Cálcio	3,6mg	0%
Vitamina C	31,1mg	69%
Piridoxina B6	0,2mg	15%
Fósforo	38,5mg	6%
Manganês	0,1mg	4%
Magnésio	14,6mg	6%
Ferro	0,4mg	3%
Potássio	302,1mg	-
Cobre	0,1ug	0%
Zinco	0,2mg	3%
Tiamina B1	0,1mg	7%

Fonte: TACO Tabela Brasileira de Composição de Alimentos.
Disponível em: <http://www.tabelanutricional.com.br/batatainglesacrua>.

Considerações finais

Verificando os resultados obtidos, podemos concluir que houve muitos problemas na execução do projeto, como a falta de aeração na terra, irrigação e compactação da terra.

Primeiramente, o erro mais evidente que foi verificado é a irrigação, uma vez que o sistema mostrou-se falho e insuficiente para regar a batata. As garrafas PET possuíam capacidade pequena de armazenamento, o que gerava transtornos para enchê-las. Era necessário que, diariamente, seu volume fosse completado, o que não podia ser feito aos finais de semana e recessos. Além disso, a vazão dos irrigadores era desigual e imprecisa, alguns tendo fluxo bloqueado pela cola usada e outros tendo um enorme volume de água sendo depositada na terra. Com isso, em muitos baldes, a água ficava acumulada, encharcando a terra e fazendo com que houvesse escoamento de nutrientes e compactação do solo. Portanto, alguns pés não conseguiram fazer com que suas raízes crescessem, ficando deficientes e morrendo rapidamente. Outros morreram simplesmente pela falta de água causada pelos irrigadores defeituosos. Além disso, alguns tubérculos não se desenvolveram devido à falta de oxigênio na terra, dificuldade de crescimento e falta de nutrientes.

Porém, analisando mais profundamente os dados, é possível perceber que a existência de batatas, mesmo que pequenas, ao final do processo revela que, se contornados os problemas na execução do projeto, ele é perfeitamente viável e seus objetivos alcançáveis.

Para isso, algumas alterações, pequenas, são necessárias. É indispensável para o projeto que se resolva a questão da irrigação e da aeração do solo. Porém, são questões simples.

Visando tornar eficiente o regar das plantas, este deve ser manual ou contar com um aspergidor de água, de preferência automatizado, utilizando um temporizador, ligado uma ou duas vezes ao dia, por cerca de 15 minutos. Com isso, a irrigação se torna independente e autônoma, dispensando a ação humana de encher os irrigadores. Além disso, a aspersão de água dificulta a compactação do solo.

Focando em ambos os problemas causados pela compactação (lixiviação de nutrientes e falta de oxigênio), a solução encontrada é adicionar minhocas à terra, o que ajudaria na circulação dos sais minerais presentes no adubo pela terra e maior área de entrada de O_2 no solo, solucionando a questão.

Concluímos, portanto, que o projeto tem potencial de obter sucesso, com algumas alterações básicas colocadas em prática. Se realizado corretamente, o cultivo de batata em baldes pode tornar-se prático e eficiente para obtenção do tubérculo, de maneira barata, prática e sustentável.

Mesmo com alguns erros e com falta de experiência em plantações, chegamos à conclusão de que é, sim, possível plantar batatas em casa. Plantamos em quatro baldes distintos, e conseguimos colher batatas pequenas. As folhas cresceram e infelizmente, por problemas técnicos, morreram. Daremos continuidade ao projeto, melhoraremos nosso sistema de irrigação e, com muita pesquisa e dedicação, mostraremos que é totalmente viável e possível plantar batatas em casa, da maneira mais sustentável e econômica possível.

[MESMO COM ALGUNS ERROS E COM **FALTA DE EXPERIÊNCIA EM PLANTAÇÕES**, CHEGAMOS À CONCLUSÃO DE QUE **É SIM POSSÍVEL PLANTAR BATATAS EM CASA.]**

Referências:

ABBA. ***Utilização de aminoácidos pelas plantas***. Disponível em: <http://www.abbabatatabrasileira.com.br/revista16_028.htm>. Acesso em: 22 ago.2016.

ABREU, Claudete M.; BACARIN, Marcos A.; PEREIRA, Arione da S.;LIMA, Maria da G. de S. ***Composição bioquímica de tubérculos de diferentes genótipos de batata cultivados em casa de vegetação.*** Disponível em: <http://www.ceres.ufv.br/ojs/index.php/ceres/article/view/2749/843>. Acesso em: 22 ago.2016.

CENTRO DE NOTÍCIAS DA ONU/TRADUZIDO & EDITADO POR UNRIC. ***Onu projeta que população mundial chegue aos 8,5 bilhões em 2030***. Disponível em: <http://www.unric.org/pt/actualida-de/31919onuprojetaquepopulacaomundialchegue aos85milmilhoesem2030>. Acesso em: 18 ago.2016.

Como plantar batata. Disponível em: <http://hortas.info/comoplantarbatata>. Acesso em: 27 de agosto de 2016. <http://flores.culturamix.com/dicas/cultivodabatatainglesa>. Acesso em: 27 ago.2016

COSTA, Ricardo.; LEÇA, Joaquim. ***O armazenamento e conservação da batata.*** Parte I. Disponível em: <http://www.sra.pt/dica/index.php/comercio/poscolheitaecomercializacao/727oarmazenamentoeconservacaodabatatapartei>. Acesso em: 22 ago.2016.

DOCKRILL, Peter. ***The world has lost a third of its farmable land in the last 40 years***. Disponível em:<http://www.sciencealert.com/theworldhaslostathirdofitsfarmablela ndinthelast40years>. Acesso em: 18 ago.2016.

LOUREDO, Paula. ***Amido e glicose***. Disponível em: <http://educador.brasilescola.uol.com.br/estrategiasensino/amidoglicose.htm>. Acesso em: 20 jul.2016.

Propriedades da Batata Inglesa. Disponível em: <http://www.klickeducacao.com.br/bcoresp/bcorespmostra/0,5991,POR-8072h,00.html >. Acesso em: 07 jun.2016.

QUELI, Patrícia. ***Aprenda a utilizar o NPK na adubação de suas plantas.*** Disponível em: <http://terracotajardinagem.com.br/?p=14#.V2L1a7srLIU>.Acesso em: 16 jun.2016.

ENSAIO SOBRE A ORIGEM DA QUÍMICA PREBIÓTICA

ESSAY ON THE ORIGINS OF THE PREBIOTIC CHEMISTRY

Orientador:
Rogério Janot M. de Barros Jr.[1]

Orientandos:
Beatriz Lopes Grego[2]
Bernardo Palhares Silva Puliero [3]
Clara Rodrigues Pereira[4]
Efigênio Cardoso Pimentel Jr.[5]
Eric Fernandes de Oliveira Neves[6]
Gabriel Oliveira Faria[7]
Henrique Machado Silva[8]
Hélio Milito M. de Amorim Neto[9]
João Carlos Starling Passos[10]
João Pedro Senna S. de Matos[11]
Júlia Teixeira Rodrigues[12]
Lucas Barroso Rocha[13]
Micaela Flávia Moreira Santos[14]
Valentina Agnes Gloria Pinel[15]
Vítor Emídio de Mendonça[16]

RESUMO

Este trabalho visa analisar e formar argumentos a partir das diversas teorias sobre a origem da vida, destacando as de Oparin, Haldane e Russell. Para tanto, foram estudados artigos científicos de outros autores com o intuito de levar a uma conclusão acerca desse tema. Dentre os artigos analisados, *From Spontaneous Generation to prebiotic chemistry* (Dimas A. M. Zaia e Cássia Thaïs B. V. Zaia), *Life in the universe: From the Miller experiment to the search for Life on other Worlds* (Joseph Seckbach, Julian Chela-Flores, Tobias Owen e François Raulin) e *The emergence of life from iron monosulphide bubbles at a submarine hydrothermal redox and pH front* (Michael J. Russell e A. J. Hall) tiveram maior influência para a elaboração deste artigo.

Palavras-chave: Química prebiótica. Análise.

ABSTRACT

This project aims to analyze and argue about different theories concerning the origin of life, mainly Oparin's, Haldane's and Russell's. Therefore, scientific articles from other authors were studied in order to lead to a conclusion on this subject. Among the articles analyzed, *From Spontaneous Generation to prebiotic chemistry* (Dimas A. M. Zaia and Cássia Thaïs B. V. Zaia), *Life in the universe: From the Miller experiment to the search for Life on other Worlds* (Joseph Seckbach, Julian Chela-Flores, Tobias Owen and François Raulin) and *The emergence of life from iron monosulphide bubbles at a submarine hydrothermal redox and pH front* (Michael J. Russell and A. J. Hall), were the ones that had the most influence on the development of this article.

Keywords: Prebiotic chemistry. Analysis.

1 Graduado pela PUC Minas, pós-graduado pela UFMG e curador de Museu (PUC Minas).
2 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
3 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
4 Estudante da 3 série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
5 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
6 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
7 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
8 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
9 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
10 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
11 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
12 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
13 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
14 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
15 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
16 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

Introdução

A partir do projeto de CSA Avançado ministrado pelo professor Rogério Janot, do Colégio Santo Antônio, foi definido que seria feito um trabalho sobre evolução, com base na análise de artigos científicos, dentre os quais *From Spontaneous Generation to prebiotic chemistry* (Dimas A. M. Zaia e Cássia Thaïs B. V. Zaia), *Life in the universe: From the Miller experiment to the search for Life on other Worlds* (Joseph Seckbach, Julian Chela-Flores, Tobias Owen e François Raulin) e *The emergence of life from iron monosulphide bubbles at a submarine hydrothermal redox and pH front* (Michael J. Russell e A. J. Hall). O tema foi escolhido com intuito de aprofundar conhecimentos sobre a evolução dos sistemas prebióticos da Terra, com base na análise de hipóteses propostas por diversos pesquisadores em diferentes momentos.

Nesse artigo, são trazidos argumentos a favor da hipótese de Oparin-Haldane, de acordo com a qual as primeiras moléculas orgânicas teriam surgido através de reações entre gases atmosféricos (destacando-se o metano, a amônia, o hidrogênio e vapor d'água), mediadas por energia proveniente de descargas elétricas e radiações cósmicas. O texto também traz ideias de outros artigos acerca do mesmo tema, argumentando sobre outras hipóteses, as de Calvin e de Russell.

DESENVOLVIMENTO

Conceitos

Vida

Nesse trabalho, é considerado ser vivo todo organismo que apresentar estrutura celular, ou seja, que for constituído de um grupo de moléculas capazes de armazenar informações sobre a produção de outras moléculas e se autorreplicar (material genético), imersas em um fluido composto de grande variedade de substâncias e biomoléculas em constante atividade química (citoplasma), isolado do ambiente externo por meio de uma membrana de permeabilidade seletiva (membrana plasmática).

Evolução:

O conceito de evolução usado nesse artigo está de acordo com a ideia neodarwinista, uma ideia aprimorada a partir dos conceitos estabelecidos por Darwin em seu livro *A origem das espécies* (Campbell, 2015, p. 462-479), na qual, através da seleção natural, indivíduos que possuem características que permitam a sobrevivência no ambiente conseguem deixar descendentes. Essas características são condicionadas pela expressão gênica, que podem ser alteradas por fatores como mutação, recombinação associada à deriva gênica e, também, por influência do ambiente.

Essa ideia pode ser extrapolada para a evolução dos sistemas prebióticos, aplicando-se o conceito para a seleção de moléculas biológicas que podem ter dado origem aos seres vivos mais simples. As moléculas seriam selecionadas por sua estabilidade química e, mais tarde, pela sua capacidade ou facilidade em se autoduplicarem, em comparação com outras moléculas, competidoras.

[... INDIVÍDUOS QUE POSSUEM CARACTERÍSTICAS QUE PERMITAM A SOBREVIVÊNCIA NO AMBIENTE CONSEGUEM DEIXAR DESCENDENTES.]

Teorias sobre a origem das primeiras biomoléculas

Origem dos elementos químicos presentes nas biomoléculas

Um ponto convergente em todas as teorias a seguir apresentadas é que as primeiras biomoléculas foram sintetizadas a partir de substâncias mais simples, sejam elas orgânicas ou inorgânicas, tais como hidrogênio (H_2), água (H_2O), amônia (NH_3), dióxido de carbono (CO_2) e metano (CH_4).

Existe evidência científica de que a Terra e outros planetas do Sistema Solar formaram-se devido à condensação de uma grande nuvem de poeira e rochas, que circundavam o jovem Sol, denominada nebulosa. Assim, as substâncias citadas e outras estariam presentes na Terra desde a sua origem, momento em que aglomerados de partículas sucumbiram à forte atração gravitacional, formando as grandes e densas esferas de matéria que hoje denominamos planetas. Com relação aos elementos constituintes dessas substâncias, os mais leves, como hidrogênio (H) e hélio (He), estavam presentes em grande quantidade nessa nebulosa, dada a sua abundância no Universo desde os seus primórdios. Elementos mais pesados e menos abundantes, de número atômico entre 6 (carbono, C) e 28 (níquel, Ni), eram provenientes dos processos de fusão nuclear ocorridos no cerne de estrelas (nucleossíntese estelar) que, com sua morte, espalharam esses elementos para partes distantes do Universo. Elementos de número atômico superior a 28, presentes em ínfima quantidade, foram forjados em periferias explosivas como as das supernovas, que são violentas explosões de estrelas, cuja energia, junto com os processos de captura de nêutrons, permitiram a formação de núcleos mais pesados que o níquel (Ni).

Assim, essas substâncias mais simples e seus elementos constituintes, presentes na Terra desde a sua formação, junto às moléculas que lá aportaram posteriormente, vindas do espaço sideral na forma de cometas (que, por possuírem um núcleo de gelo, explicam a abundância de água no planeta Terra), asteroides e meteoros, constituíram a base para a síntese das primeiras biomoléculas e biopolímeros, essenciais ao surgimento e sustentação da vida no planeta (Campbell, 2015, p. 520-522).

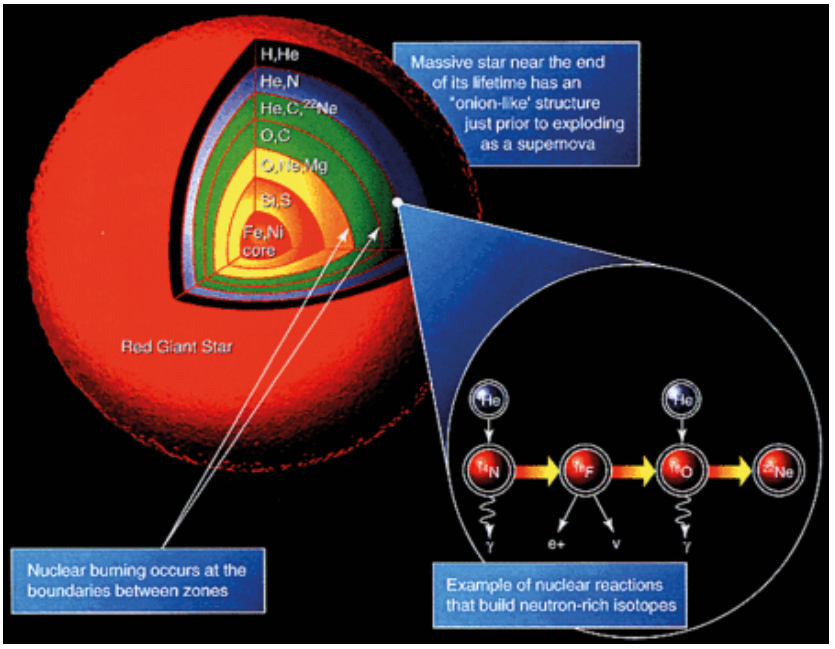


Figura 1 - Esquema da nucleossíntese estelar, que é conjunto das reações nucleares, no caso fusões, que ocorrem nas estrelas para fabricar elementos mais pesados. Fonte: Wikipedia, domínio público.

Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Nucleoss%C3%ADntese_estelar>. Acesso em 13 set.2016.

Oparin e Haldane

Uma das teorias utilizadas para explicar a origem da vida é baseada nas teorias do cientista russo Aleksandr I. Oparin e do cientista inglês John Burdon S. Haldane (Campbell, 2015, p.520-522), conhecida como teoria Oparin-Haldane. Segundo essas teorias, a atmosfera primitiva era formada por hidrogênio, amônia, vapor de água e metano. Devido à escassa quantidade de oxigênio (O_2) e de outros agentes oxidantes, ela era redutora, afinal os elementos que compunham seus gases ou eram eletropositivos ou, mesmo quando eletronegativos, como o nitrogênio (N), encontravam-se ligados a átomos de hidrogênio, reduzindo seu poder oxidante.

Além disso, as erupções vulcânicas eram muito frequentes, liberando grande quantidade de gases e de partículas para a atmosfera. Devido às altas temperaturas da superfície terrestre, a água evaporava e ascendia para camadas mais altas da atmosfera onde, em função das baixas temperaturas, o vapor resfriava e, condensava, precipitando na forma de chuva. A água trocava calor com o solo e, consequentemente, sua temperatura se elevava e a do solo resfriava, de forma que a Terra passou, então, por um processo de resfriamento, que permitiu o acúmulo de água nas depressões da sua costa, formando os mares primitivos. Através da erosão, parte dos minerais presentes nas rochas vão para a água.

Figura 2 - Formação da Terra. 24 de junho de 2016. Fonte: RODRIGUES, Júlia Teixeira, autora do artigo, 23 jun.2016.

A partir do princípio da não existência do gás oxigênio (O_2) na atmosfera da Terra primitiva, não haveria produção de ozônio (O_3), logo, as radiações, especialmente a ultravioleta (UV), poderiam atingir a Terra com grande intensidade.

Além disso, nessa atmosfera, as tempestades provavelmente eram muito carregadas eletricamente e, como consequência, havia relâmpagos em grande quantidade e intensidade. As descargas elétricas e as radiações eram, portanto, intensas e teriam fornecido energia para que os elementos presentes na atmosfera reagissem entre si formando os aminoácidos. Através das chuvas, esses aminoácidos acabavam sendo levados para os mares, onde havia sais minerais e, devido às altas temperaturas da água, as reações químicas eram aceleradas. Essas condições possibilitaram a formação das primeiras moléculas orgânicas, os coacervados.

Russell

Em 1989, o geólogo Michael John Russell (1997, p. 1-26)[1] e (2003, p. 580-581)[2] realizou pesquisas sobre fontes hidrotermais para levantar hipóteses sobre a origem da vida na Terra. Devido à grande atividade vulcânica e à presença de um oceano primitivo que cobria boa parte do planeta, os movimentos da crosta terrestre (tais como a convergência e divergência das placas tectônicas) ocorriam de forma mais ativa. Portanto, havia locais onde o magma do manto entrava em contato diretamente com a água, que consequentemente sofria elevação na temperatura, permitindo a formação de fontes hidrotermais. Tais fontes, como a de Cidade Perdida, no Oceano Atlântico, situada a quilômetros de profundidade e descoberta em 2000, soltam água alcalina, aquecida no manto da Terra, cheia de minerais dissolvidos. Quando, por meio das correntes de convecção, a água quente misturava-se à água fria, o que estava dissolvido nesta (em suspensão) precipitava e formava "chaminés" rochosas cheias de poros e bolhas ricas em ferro (Fe) e enxofre (S).

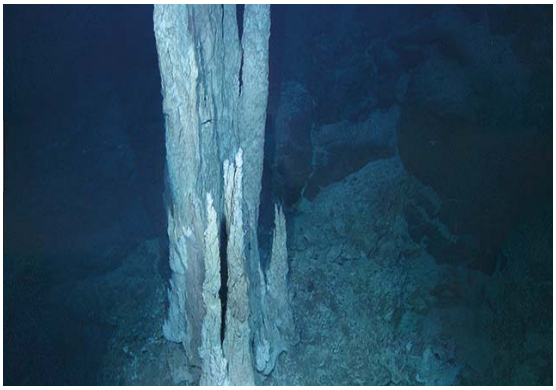


Figura 3 - Chaminés formadas no fundo do oceano em virtude das fontes termais. Fonte: Nasa. Disponível em: <http://www.nasa.gov/jpl/news/astrobiology20140415/#.V8hvxnUrItM>. Acesso em: 13 set. 2016.

Conforme a água quente passava por dentro dos poros, liberava enxofre e ferro, que poderiam reagir com o gás carbônico (CO_2) e o hidrogênio, também liberados no processo, produzindo metano (CH_4), metanol (CH_3OH), adenosina trifosfato, ou ATP (nucleotídeo responsável pelo armazenamento de energia em suas ligações químicas), entre outras moléculas orgânicas. Essas condições são ideais para a síntese de substâncias formadoras de membranas celulares ou que armazenam energia utilizável nos processos metabólicos de células. Além disso, é possível encontrar organismos na Cidade Perdida que utilizam metano e hidrogênio como fonte de energia.

EXPERIMENTAÇÃO

Miller

[COM ESTE EXPERIMENTO, INAUGUROU-SE O QUE HOJE É CHAMADO DE **QUÍMICA PREBIÓTICA**.]

Em 1953, Stanley Miller (Campbell, 2015, p.57-58 e 520-522), à época funcionário do laboratório de Harold Urey, na Universidade de Chicago, conseguiu sintetizar aminoácidos (conforme previsto pela teoria de Oparin), utilizando um balão com metano, amônia e hidrogênio gasosos, para simular a atmosfera primitiva, e eletrodos, que simulavam as descargas elétricas e forneciam energia para as reações, como demonstrado na figura 4. A análise da solução aquosa, após algumas semanas, indicou a presença dos aminoácidos α-alanina, ß-alanina e α-aminoácido-n-butírico, blocos construtivos das proteínas e outros peptídeos. Com esse experimento, inaugurou-se o que hoje é chamado de Química Prebiótica. Hoje, contesta-se se a atmosfera terrestre primitiva seria como a prevista por Oparin, redutora, ou se seria oxidante, mas não se questiona a importância histórica do experimento de Miller,

1 Disponível em: <http://www.gla.ac.uk/projects/originoflife/html/2001/pdf_files/Russell_%26_Hall.pdf->. Acesso em: 15 set.2016.

2 Disponível em: <http://www.gla.ac.uk/projects/originoflife/html/2001/pdf_files/Russell_2003_Science2.pdf>. Acesso em: 15 set.2016.

já que foi a primeira vez que se produziram biomoléculas a partir de substâncias inorgânicas. Esse experimento foi reproduzido diversas vezes, por outros cientistas, obtendo-se sempre resultados similares.

Calvin

Melvin Calvin[3], bioquímico da Universidade da Califórnia em Berkeley, realizou um experimento no qual bombardeou os gases que supostamente compunham a atmosfera primitiva com radiações altamente energéticas, compostas por íons de hélio. Contudo, Calvin não seguiu a teoria de Oparin, que afirma que a atmosfera terrestre era redutora e composta principalmente de metano, amônia e hidrogênio. Em vez disso, ele utilizou uma mistura de gás carbônico, vapor d'água e nitrogênio, que caracterizam uma atmosfera eletroquimicamente neutra. A partir do experimento, observou a formação de dois compostos orgânicos, o formaldeído (H_2CO) e o ácido fórmico, oficialmente ácido metanoico (HCOOH).

Fox

Em 1957, na Universidade Estadual da Flórida, o bioquímico Sidney Fox[4] preparou uma solução líquida contendo aminoácidos e colocou-a em uma superfície seca e aquecida. Em seguida, adicionou água salgada ao sistema, simulando a água do mar. Após algum tempo, Fox analisou a solução ao microscópio e observou a formação de pequenas esferas, formadas internamente de proteínas, resultantes das ligações entre os aminoácidos. Essas esferas foram chamadas de coacervados e, atualmente, constituem uma evidência importante da hipótese de Oparin, no sentido de que demonstram que as condições previstas por ele viabilizam não apenas a formação de aminoácidos, mas também a de proteínas.

3 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Melvin_Calvin>. Acesso em: 15 set.2016.

4 Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sidney_Fox>. Acesso em: 15 set.2016.

Em 1964, Fox e Kaoru Harada realizaram um experimento no qual metano fluía através de uma solução concentrada de hidróxido de amônio (NH_4OH) e depois em um tubo aquecido a 1000°C que continha areia de sílica. O gás foi, então, inserido em uma solução aquosa fria de amônia. Foi constatada a formação de 12 aminoácidos: ácido aspártico, ácido glutâmico, glicina, alanina, valina, leucina, isoleucina, serina, treonina, prolina, tirosina e fenilalanina. Muitos outros experimentos similares foram feitos por times de cientistas como Heyns e Pavel, Oro e Kamat, e Fox e Windsor, e todos levaram à produção de aminoácidos.

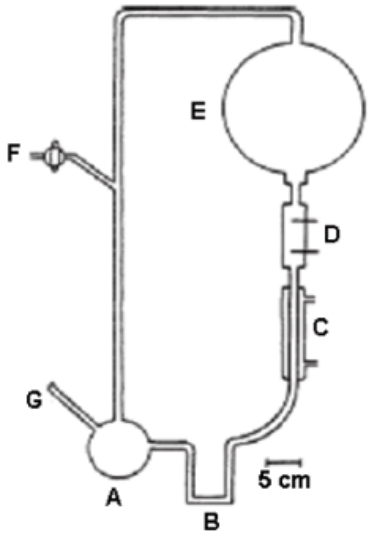


Figura 4 - Esquema do aparelho utilizado por Miller. A- frasco com água aquecida a 80º C; B- tubo em U para evitar a circulação dos gases na direção oposta; C- condensador; D- eletrodos; E- balão de 5L onde foram adicionados os gases (metano, amônia e hidrogênio); F- torneira ligada ao sistema de vácuo para fazer os gases circularem; G- torneira para retirada de amostras. Fonte: **Algumas controvérsias sobre a origem da vida**, Dimas A. M. Zaia e Cássia Thaïs B. V. Zaia. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/244751032_Algumas_controversias_sobre_a_origem_da_vida>. Acesso em: 13.set. 2016.

DISCUSSÃO

O experimento de Miller, feito para testar a teoria de Oparin-Haldane, abre margem para a possibilidade de os resultados do experimento terem sido coincidência ou

não. Tendo em vista que esse experimento foi refeito várias vezes posteriormente por cientistas, como Sidney Fox e Melvin Calvin, dando resultados semelhantes, podemos afirmar que não foi mera coincidência.

Em busca de fatos que pudessem refutar a teoria de Oparin, foram realizadas pesquisas sobre a composição química da atmosfera primitiva da Terra. Por meio destas, foi descoberta a possibilidade de que planetas gasosos, como Júpiter, Saturno, Urano e Netuno, possuam atmosferas ou redutoras ou oxidantes, ricas em hidrogênio e hélio, enquanto planetas rochosos, como Mercúrio, Vênus, Terra e Marte, possuam atmosferas praticamente neutras. Existem teorias que afirmam que a atmosfera terrestre primitiva não continha gases redutores como metano, amônia e hidrogênio e, em vez disso, conteria dióxido de carbono e nitrogênio.

Conforme Hubert Yockey[5], a visão moderna sobre a atmosfera da Terra primitiva é que era neutra e composta de nitrogênio, dióxido de carbono, água e talvez um pouco de amônia. A atmosfera da Terra seria, então, na melhor das hipóteses, pouco redutora e, nesse tipo de atmosfera, a produção de aminoácidos é baixa. Se no processo for envolvida maior quantidade de energia, entretanto, mesmo a atmosfera sendo menos redutora do que se supunha anteriormente, ainda é possível a síntese de moléculas orgânicas em maior quantidade.

Levando-se em consideração a ausência da camada de ozônio e a consequente baixa densidade da atmosfera, poder-se-ia questionar a capacidade de o hidrogênio ficar retido na atmosfera primitiva. Todavia, estudos realizados por Feng Tian, Owen Toon, Alexander Pavlov e Hans De Sterck[6], na Universidade do Colorado, mostram que o escape de hidrogênio da atmosfera da Terra ocorreu em taxas com duas ordens de grandeza a menos do que anteriormente suposto. Com o escape lento de hidrogênio e a emissão de gases vulcânicos, acredita-se que até 40% da atmosfera primitiva poderia ser constituída por hidrogênio.

Um fator que influenciaria seu escape mais lento é a temperatura, que, supunha-se, era superior a 830°C, nas camadas mais elevadas da atmosfera. Os novos modelos matemáticos, entretanto, indicam que ela deveria ser apenas um terço disso. Portanto, o hidrogênio, ao alcançar elevadas altitudes, não possuiria suficiente energia cinética para sair da atmosfera.

Também foram realizados estudos sobre as concentrações de gás carbônico na atmosfera primitiva. Como sua atmosfera deveria ser praticamente neutra, tal gás provavelmente se faria presente. Assim, é possível que a Terra tivesse atmosfera com prevalência de dióxido de carbono (além de nitrogênio), porém, foi concluído que, mesmo que as concentrações de CO_2 fossem grandes, as concentrações de hidrogênio teriam sido maiores. Com base nessa hipótese, criou-se um novo cenário, no qual a atmosfera apresenta predominância de hidrogênio e gás carbônico.

Outra pergunta levantada foi sobre como os monômeros formados poderiam se ligar para formar, além de peptídeos, os ácidos nucleicos, polímeros essenciais para os seres vivos. Se a quantidade de energia era suficiente para que houvesse a síntese de aminoácidos, e depois a junção de compostos inorgânicos e orgânicos para formar o coacervado, então a energia disponível era, provavelmente, suficiente para formar as ligações entre os monômeros e, consequentemente, permitir a síntese de biopolímeros. Além disso, segundo a teoria de Oparin, a temperatura elevada dos mares primitivos catalisaria as reações químicas que, por mais lentas que pudessem ser, a exemplo da síntese de aminoácidos, teriam um longo período de tempo para ocorrer, permitindo a ação

5 Disponível em: <http://www.hubertpyockey.com/hpyblog/>. Acesso em: 15 set. 2016.

6 Disponível em: <http://www.scb.org.br/scb/index.php/noticias/2033-uma-atmosfera-primitiva-rica-em-hidrogenio>. Acesso em: 15 set. 2016.

do acaso, que poderia se dar de maneiras diferentes em condições diferentes.

Considerações finais

Conclui-se, a partir dos fatos apresentados acima, que as hipóteses de Oparin-Haldane e Russell pressupõem as mesmas condições iniciais (presença de água, energia, sais minerais e uma atmosfera contendo hidrogênio, nitrogênio e carbono) e têm respaldo em evidências científicas, conforme os experimentos analisados. Apesar disso, há pesquisas que apontam que a atmosfera terrestre primitiva não poderia ter sido redutora como afirmava Oparin, sendo, na verdade, neutra ou próxima disso, porém isso não comprometeria a capacidade de síntese de biomoléculas.

Referências

CAMPBELL, Neil A.; REECE, Jane B.; URRY, Lisa A.; CAIN, Michael L.; WASSERMAN, Steven A.; MINORSKY, Peter V.; JACKSON. Robert B. *Biologia de Campbell.* Anne D. Villela; Ardala Elisa Breda Andrade; Armando Molina Divan Junior; Christian Viezzer; Denise Cantarelli Machado; Gaby Renard; Jocelei Maria Chies; Jordana Dutra de Mendonça; Laura Roberta Pinto Utz; Leandro Vieira Astarita; Leonardo Krás Borges Martinelli; Paulo Luiz de Oliveira; Rodrigo Gay Ducati; Thamires Barreto Ferreira. 10ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2015.

CLAVIN, Whitney. New Study Outlines 'Water World' Theory of Life's Origins. 15 de abril de 2014. Disponível em: <http://www.jpl.nasa.gov/news/news.php?release=2014-115>. Acesso em: 30.maio 2016.

LAS CASAS, R., 2011, <http://www.observatorio.ufmg.br/Pas102.htm>. Acesso em: 02 jun.2016.

MULLEN, L., 2002, <http://www.astrobio.net/news-exclusive/defining-life/>. Acesso em: 30 maio 2016.

PLENKE, M., 2015, <https://mic.com/articles/124083/where-did-life-come-from--new-science-confirms-theory#.2gcgnf8RI>. Acesso em: 30 maio 2016.

RUSSELL, M., 2003, p. 580-581, http://www.gla.ac.uk/projects/originoflife/<html/2001/pdf_files/Russell_2003_Science2.pdf>. Acesso em: 15 set.2016.

RUSSELL, M.; HALL, A., 1997, p. 1-26, http://www.gla.ac.uk/projects/originoflife/<html/2001/pdf_files/Russell_%26_Hall.pdf>. Acesso em: 15 set.2016.

SECKBACH, J.; CHELA-FLORES, J.; OWEN, T.; RAULIN, F., 2004, p. 1-363, <https://ia800206.us.archive.org/14/items/sprin ger_ 10. 1007-978-94-007-1003-0/10.1007-978-94-007-1003-0.pdf>. Acesso em: 15 set.2016.

TIAN, F.; TOON, O.; PAVLOV, A..; STERCK, H., 2005, <http://www.scb.org.br/scb/index.php/noticias/2033-uma-atmosfera-primitiva-rica-em-hidrogenio>. Acesso em: 30 maio 2016.

VASCONCELOS, F.; DE SOUZA, A.; ROCHA, W.; BONFIM, V., 2015, <http://www1.univap.br/spilling/AQ/Aula%2012%20-%20A%20quimica%20de%20atmosferas%20Planetarias.pdf>. Acesso em: 15 set.2016.

ZAIA, D.; ZAIA, C., 2007, <https://www.researchgate.net/publication/244751032_Algumas_controversias_sobre_a_origem_da_vida>. Acesso em: 30 set.2016.

HUMANISMO, RENASCIMENTO E A UTOPIA DE THOMAS MORE

HUMANISM, RENAISSANCE AND THOMAS MORES *UTOPIA*
HUMANISMUS, RENAISSANCE UND THOMAS MORES "UTOPIA"
HUMANISMO, RENACIMIENTO Y "LA UTOPIA" DE THOMAS MORE
HUMANISME, RENAISSANCE ET "L'UTOPIE" DE THOMAS MORE

Orientador:

Cleide de Fátima Simões[1]

Orientanda:

Luca Vilela Zwernemann[2]

RESUMO

Este trabalho acadêmico analisa o livro *A Utopia*, de Thomas More, expondo seus elementos humanistas e renascentistas. A interpretação da obra foi feita sob um ponto de vista literário, político, social e histórico.

Palavras-chave: Utopia. Thomas More. Lugares imaginários.

ABSTRACT

This academic article analyzes Thomas Mores book *Utopia*, exposing its humanistic and renaissantist elements. The interpretation of the work is based on a literary, political, social and historic point of view.

Keywords: Utopia. Thomas More. Imaginary places.

ZUSAMMENFASSUNG

Dieser Artikel analysiert Thomas Mores Buch „Utopia" und präsentiert dessen humanistische und renaissantistische Elemente. Die Interpretation basiert auf einer literarischen, politischen, sozialen und geschichtlichen Perspektive.

Schlüsselwörter: Utopie. Thomas More. Imaginäre Orte.

RESUMEN

Este artigo analisa el libro "La Utopia", de Thomas Morus y presenta sus elementos humanistas y renacentistas. La interpretación de la obra se hizo desde un punto de vista literario, político, social y histórico.

Palabras Clave: Utopia. Thomas More. Lugares Imaginarios.

RÉSUMÉ

Cet article examine le libre "L'Utopie" de Thomas More et présent ses éléments humaniste et renaissantiste. L'interprétation de l'œuvre a eté fait d'un point de vue littéraire, politique, social et historique.

Mots-clé: Utopie. Thomas More. Lieux Imaginaires.

1 Graduada em Letras pela PUC MInas e é especialista em História da Arte pela Escola Guignard.

2 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

Introdução

A Utopia é um livro de Thomas More ou Morus (latim). A palavra Utopia significa "lugar que não existe" e foi criada por Thomas Morus como uma junção dos termos gregos *ou* e *topos*.

A primeira edição foi publicada no ano de 1516. Trata-se de uma obra ficcional, humanista e renascentista, a qual é dividida em duas partes. More, que era diplomata, político e cristão católico, trabalhava às ordens de Henrique VIII, rei da Inglaterra na época, e era muito crítico em relação à situação política e social da Inglaterra, seu país natal. O autor expõe a sua insatisfação logo na primeira parte do livro. Na segunda, há a apresentação da ilha de Utopia e da sociedade que a habita. Trata-se de uma ilha geograficamente semelhante à da Inglaterra e de uma sociedade ideal, que é, claramente, uma antítese da civilização inglesa e europeia.

[A OBRA REPRESENTA A BUSCA POR UMA SOCIEDADE PERFEITA E PACÍFICA, DESEJADA POR TODOS OS POVOS, EM TODOS OS MOMENTOS HISTÓRICOS.]

O livro influenciou diversos pensadores e serviu como base para muitas correntes de pensamento, em especial ao socialismo utópico. *A Utopia* foi lida e interpretada de forma diferente por várias gerações e, devido à genialidade e inteligência de More, sempre permanece atual. A obra representa a busca por uma sociedade perfeita e pacífica, desejada por todos os povos, em todos os momentos históricos.

> A utopia está no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei (BIRRI, Fernando).
>
> Então para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar (GALEANO, Eduardo).

Os capítulos de *A Utopia,* em que ficam mais explícitas as críticas de More, são os que tratam da Política, Geografia, Religião e do Trabalho em Utopia.

Desenvolvimento

Livro Primeiro

Algo que surpeende o leitor ao iniciar a leitura é que More é um dos personagens de seu próprio livro, o qual tem muitos elementos autobiográficos. O autor inicia a obra falando sobre as suas experiências em Antuérpia, cidade belga à qual foi em missão diplomática no ano de 1515, a pedido do rei Henrique VIII, visando resolver divergências com o príncipe Carlos de Castela. Em Antuérpia, More conhece Peter Gillis, um humanista conhecido de Erasmo de Roterdã. Ainda na Bélgica, More escreve sobre Rafael Hitlodeu, um homem navegante que lhe foi apresentado pelo amigo Gillis. Hitlodeu é, entretanto, um personagem fictício imerso em um contexto real. Esse relato de viagem feito por More confunde o leitor, já que a brilhante fusão entre descrições reais e imaginárias não permite que haja uma identificação concreta e efetiva do que realmente ocorreu. Esse embaralhamento gera certa desorientação, logo no princípio de *A Utopia*.

Inicia-se, assim, uma conversa entre o personagem imaginário Rafael Hitlodeu e Thomas More. Rafael conta que navegou com Américo Vespúcio e que, após expedicionar a costa brasileira com ele, lançou sozinho ao oceano. Durante as suas viagens, viu vários povos diferentes, com os quais aprendeu várias coisas que seriam capazes de corrigir os defeitos das cidades, dos países e dos reinos europeus. More direciona a narrativa à ilha de Utopia já no início, afirmando que seu único propósito é relatar o que Rafael lhe contou a respeito dos costumes e das instituições dela. Antes de apresentar a ilha e sua sociedade ao leitor, More explica em que circunstâncias Rafael passou a falar dessa comunidade. O português estava debatendo vários temas políticos e problemas sociais com Gillis e More em um jardim, quando resolveu falar da sociedade perfeita e sem falhas de Utopia.

More aproveita esse debate político imaginário para criticar, implicitamente, a sociedade inglesa e europeia da época. É impressionante que, mesmo sendo um servidor do Estado inglês, More denuncie as falhas do próprio país para com a guerra, o armamento, o absolutismo, a pobreza, a pena capital, o sistema penitenciário, a agricultura e a economia. Além de apontar os pontos negativos da conjuntura política como um todo, More utiliza Rafael Hitlodeu para revelar pontos importantes do caráter dos integrantes da corte e da classe política inglesa, inexplicitamente na pessoa de Henrique VIII. Um momento em que essa crítica fica clara é quando Gillis pergunta a Hitlodeu por que não serve a um rei, já que tem tanto conhecimento sobre o oceano e as sociedades do "Novo Mundo":

> *Eu me pergunto por que não vos colocais ao serviço de algum rei. Não há nenhum príncipe, tenho certeza, que não estaria ansioso para ter-vos junto a si. Não somente vosso saber e vosso conhecimento dos países e dos homens o encantariam, mas ainda poderíeis instruí-lo com numerosos exemplos, sendo muito útil junto ao conselho real* (MORE, 1516, p. 9).

[... UM BOM REI TEM DE GOVERNAR PENSANDO NA **FELICIDADE DE SEU POVO** E NÃO NA PRÓPRIA ...]

O português retribui que um bom rei tem de governar pensando na felicidade de seu povo e não na própria e conclui dizendo que não trabalharia para nenhum rei europeu, uma vez que a filosofia não os agrada. "Não há, na corte, lugar para a filosofia." (MORE, 1516, p. 38).

> Os príncipes preferem a arte da guerra, de que nada entendo nem quero entender, às artes benfazejas da paz. Eles preferem conquistar por todos os meios, bons ou maus, novos reinos, a bem administrar os reinos que já possuem (MORE, 1516, p. 10).

As afirmações de Hitlodeu, que são de certa forma uma representação metafórica do autor, no livro primeiro de *A Utopia* são, provavelmente, uma das razões de Henrique VIII ter se distanciado de More posteriormente.

O relacionamento entre Henrique e Thomas merece destaque especial. More ocupou vários cargos políticos e diplomáticos durante o reinado de Henrique VIII, em especial o de Chanceler do Reino, segundo cargo mais importante na Inglaterra. A luta pela manutenção da dinastia Tudor, por parte de Henrique VIII, que se casou com seis mulheres não tendo filhos homens, porém, fez com que More se distanciasse de Henrique VIII. O monarca, que culpava as suas esposas pela própria incapacidade de ter filhos do sexo masculino, acabou rompendo com a igreja católica, da qual More era integrante, para poder anular o seu casamento com Catarina de Aragão.

Houve a formação da igreja anglicana, liderada por Henrique VIII, que a moldava levando em conta seus interesses políticos e pessoais. Thomas More fez uma oposição dura às ações tomadas pelo Tudor, deixando o meio político por definitivo, no ano de 1532. More não reconheceu a Igreja Anglicana como legítima e criticou a anulação do casamento de Henrique com Catarina, sendo, por isso, decapitado por traição, no dia 6 de julho de 1535. More jamais cedeu aos interesses políticos de Henrique VIII e manteve a sua religião e filosofia de vida, até o seu último dia de vida. A Igreja Católica o declarou Santo em 1935, devido à sua intensa luta pela justiça.

"Eu nunca pensei em concordar com algo que vai contra a minha consciência." (Thomas More).

Livro Segundo

Ainda no final do *Livro Primeiro*, Rafael Hitlodeu começa a falar da ilha de Utopia de forma minuciosa. Na ilha, de localização omitida objetivamente pelo autor, há uma civilização de aproximadamente 1.200 anos de idade. A localização da ilha fez com que os utopianos nunca houvessem entrado em contato com povos ocidentais. O único momento em que estrangeiros pisaram na ilha foi quando um navio de egípcios e romanos afundou na costa e houve sobreviventes. Os resgatados passaram todo o seu conhecimento artístico e tecnológico aos utopianos. Nessa passagem há uma grande valorização do Mundo Antigo e da cultura Clássica. O livro primeiro termina definitivamente com More, Gillis e Hitlodeu deixando o jardim para um almoço, combinando de retornar posteriormente para aprofundar na conversa sobre a ilha e a sociedade de Utopia.

A Geografia e Política de Utopia

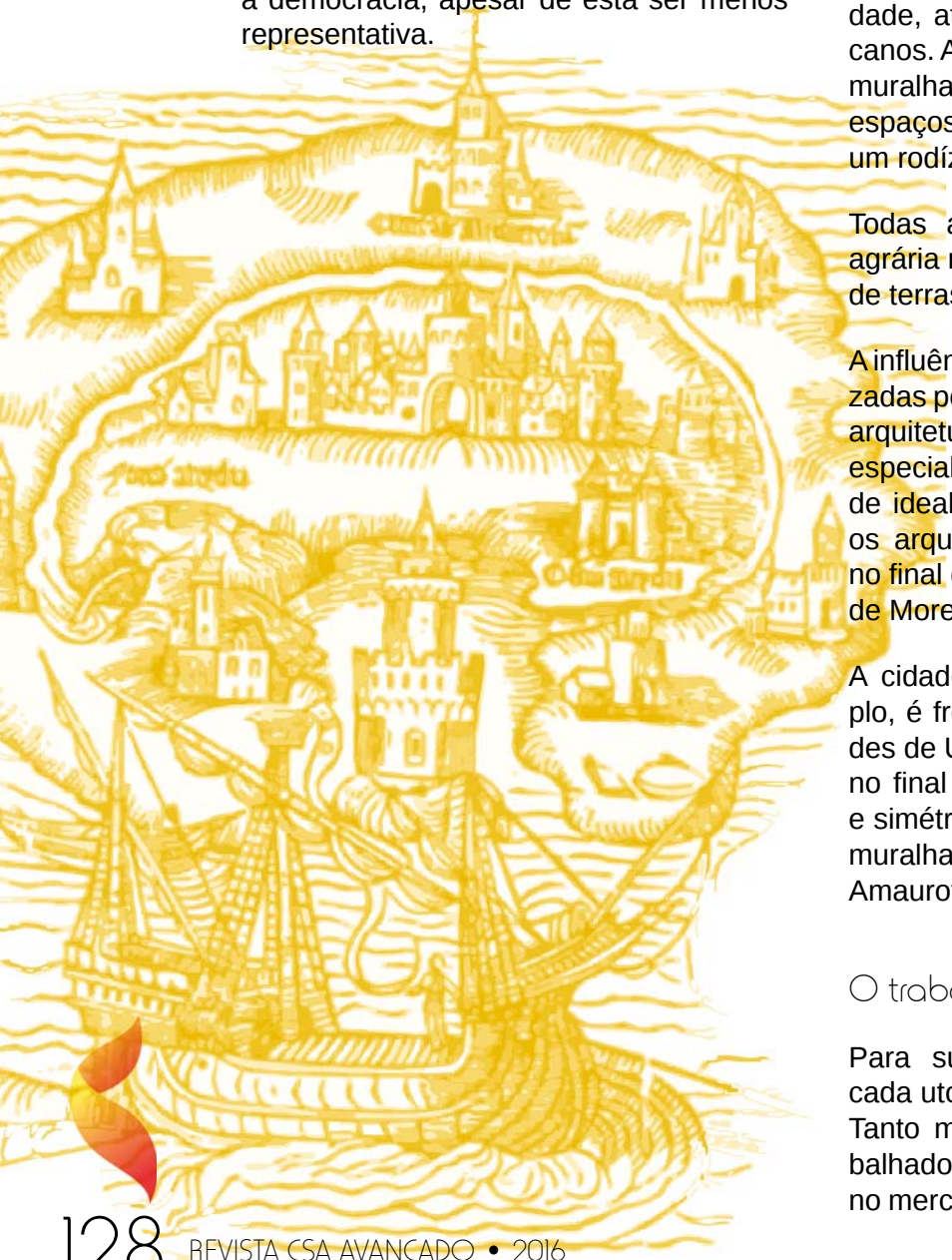
A localização geográfica da ilha de Utopia não é mencionada por Rafael Hitlodeu. A ilha é semelhante a um semicírculo com um arco de 500 milhas e duas penínsulas. O formato da ilha não permite que haja ventos fortes, tranquilizando o mar e permitindo o uso de um porto. Nas áreas costeiras há grandes bancos de areia e arrecifes, que inviabilizam a entrada de navios inimigos. Especialistas são encarregados de manter o controle sobre a área costeira e de ajudar civis em travessias marítimas.

A ilha chamava-se Abraxa, antes da chegada de um navegante chamado Utopos. Um povo nativo que More chama de "grosseiro e selvagem" habitava Utopia, que era uma península ligada ao continente. Utopos conseguiu formar uma ilha com apoio de vários nativos e trabalhadores. Por fim, o navegador se tornou o rei dos utopianos, criando um sistema político organizado e igualitário, formando "uma nação que supera quase todas as outras pela cultura e civilização".

Apesar de criticar muito o absolutismo e a monarquia inglesa, More entende que é possível ajustar tal sistema político. A ilha de Utopia é governada por um rei que escuta seu povo e dialoga com ele, levando em conta a vontade popular na hora de tomar decisões. Utopos é, de certa forma, um rei perfeito.

O sistema político utopiano é marcado pela representatividade efetiva dos habitantes das 54 cidades, que compartilham a língua, a cultura e as leis. Cada cidade elege três senadores sábios, uma vez por ano, para se reunirem e debaterem sobre as necessidades políticas, na capital Amaurota. Além disso, cada família de 30 membros tem um representante, chamado filarco. Para cada dez filarcos, há um protofilarco. Os protofilarcos elegem um príncipe, que governa a cidade. Se esse príncipe se tornar tirano, é deposto imediatamente.

More apresenta ao leitor um sistema político muito bem pensado e estruturado. Há, de certa forma, uma semelhança com a democracia, apesar de esta ser menos representativa.



As cidades de Utopia e a sua influência no Urbanismo Renascentista

[A **CAPITAL** É CERCADA POR UMA GRANDE MURALHA E POR FOSSOS... **HÁ UM RODÍZIO DE MORADIA A CADA DEZ ANOS.**]

As cidades de Utopia são muito parecidas. No livro há, entretanto, uma descrição mais detalhada de Amaurota, a capital. Amaurota fica às margens de dois rios, sendo que um serve para abastecer a cidade, através de uma complexa rede de canos. A capital é cercada por uma grande muralha e por fossos, tem ruas largas e espaçosas e casas de posse comum. Há um rodízio de moradia a cada dez anos.

Todas as cidades possuem uma zona agrária muito bem equipada para o cultivo de terras.

A influência que as cidades utópicas idealizadas por More tiveram no urbanismo e na arquitetura renascentista é muito grande, especialmente na Itália. A busca pela cidade ideal e perfeita aumentou muito entre os arquitetos, engenheiros e urbanistas, no final do século XVI. A influência do livro de More nesse processo é indiscutível.

A cidade italiana Palmanova, por exemplo, é frequentemente associada às cidades de Utopia, uma vez que foi construída no final do século XVI, de forma estrelar e simétrica, com casas semelhantes, uma muralha e um grande fosso, assim como Amaurota.

O trabalho em Utopia

Para suprir as necessidades públicas, cada utopiano trabalha seis horas por dia. Tanto mulheres quanto homens são trabalhadores ativos. A participação feminina no mercado de trabalho é algo impensável

na sociedade em que More vivia. O fato de More atribuir responsabilidade e importância à mulher no meio social e trabalhista reafirma que o seu pensamento estava muito à frente de seu tempo. More valorizava muito a formação acadêmica das duas esposas e das filhas que teve.

Cada cidade de Utopia produz excedentes, os quais são divididos com as outras cidades ou exportadas para outros países vizinhos. A construção trabalhista de More demonstra que, mesmo sendo católico, ele se distancia da ideia de o trabalho ser um castigo. A valorização do trabalho é um fator muito associado a outras correntes religiosas como, por exemplo, a calvinista, mas More, ao contrário dos protestantes, a associou à manutenção do bem-estar comum e não ao enriquecimento individual.

Outro fator importante do sistema trabalhista em Utopia é que tudo que se produz tem utilidade e qualidade. Ao contrário das sociedades do mundo contemporâneo, o povo utopiano é muito econômico. Os utopianos repudiam a futilidade, e para impedi-la, colocam jóias de ouro e prata em criminosos, visando evitar o uso dessas. More critica tanto o mercantilismo, sistema socioeconômico predominante na Inglaterra, quanto o metalismo, a busca intensa por metais preciosos na época. O ouro e a prata são usados para a construção de utensílios domésticos simples, desvalorizando esses materiais.

Em Utopia, há trabalho escravo, o qual é bastante diferente, porém, do escravismo moderno, presente nas colônias europeias no mundo todo. É possível, entretanto, traçar alguns paralelos ao escravismo antigo, uma vez que não havia questões racistas envolvidas. Na antiguidade era uma prática comum escravizar o povo vencido. Na época da Renascença, entretanto, cristãos vencidos não eram escravizados. Aceitava-se, porém, que povos não cristãos, especialmente indígenas e africanos, fossem tomados como escravos, devido ao racismo e ao darwinismo social. Na ilha de Utopia, só se tornam escravos os criminosos, prisioneiros de guerra, condenados à morte em países vizinhos e miseráveis de países vizinhos que se oferecem ao trabalho. More constrói, em sua obra, de forma classicista, um sistema escravista muito semelhante ao grego, romano e egípcio, possível de se observar nos relatos de Rafael Hitlodeu.

> *Os utopienses escravizam os prisioneiros de guerra apenas quando são capturados em guerras nas quais eles próprios estão diretamente envolvidos. A maioria dos escravos ou são ex-cidadãos de Utopia, que foram feitos escravos por terem cometido algum crime abjeto, ou pessoas de outras nações, condenadas à morte em seu próprio país. A maioria, na verdade, é desta última categoria* (MORE, 1516, p.92).

O sistema moderno de escravidão é mais agressivo do que o clássico, já que sua formação se deu durante o processo de consolidação do capitalismo nas sociedades ocidentais. Sendo assim, o escravo da Idade Moderna metalista era um produto comercial, ao contrário do escravo utopiano, criado por More, no mesmo período.

A religião em Utopia

Há diversas religiões em Utopia, que variam de cidade para cidade. Alguns utopianos adoram o Sol como um deus, outros a Lua ou outros planetas. Apesar de haver uma religião dominante, o Estado de Utopia é laico. A liberdade religiosa foi concedida pelo rei Utopos, quando este estruturou a sociedade utópica. Há, ainda assim, uma religião dominante, bastante parecida com o cristianismo, adotada pela parte mais sábia da população, segundo Rafael Hitlodeu. Essa maioria é monoteísta e acredita em uma causa final única, eterna e inexplicável.

Nesse capítulo de *A Utopia,* percebe-se, claramente, que More era um homem bastante religioso. O personagem fictício, Hitlodeu, conta que apresentou a história de Cristo aos utopianos, que ficaram muito

impressionados, entre outros, pela semelhança do cristianismo com a sua própria religião. Muitos utopianos acabaram adotando o cristianismo como a sua religião, após a apresentação feita por Rafael.

More, que viveu em uma época de muitos conflitos religiosos, preza por um cristianismo menos normativo e mais pacífico, que aceita todas as outras vertentes religiosas, nessa passagem. A luta contra a imposição do anglicanismo na Inglaterra e as críticas que More fez a Henrique VIII, por este perseguir católicos, fizeram com que ele fosse decapitado.

Considerações finais

Podemos dizer, finalmente, que *A Utopia* é um monólogo filosófico de More, que vivia, provavelmente, um conflito interno. Os personagens Thomas More e Rafael Hitlodeu representam, ambos, as visões de mundo contraditórias e indecisas do autor, o qual, como católico humanista, leu várias obras clássicas e racionais, em um mundo ainda muito teocêntrico. Vale a pena ressaltar que *A Utopia* tem alguns elementos em comum com *A República* de Platão, escrita também como um diálogo.

[MORE PODE SER, ENTÃO, CONSIDERADO UM DOS PRIMEIROS IDEALIZADORES DO **PENSAMENTO SOCIALISTA ...]**

O livro é, pois, uma grande crítica à sociedade em que More vivia e que o angustiava tanto. Como político e diplomata, ele tentou apontar os erros da conjuntura política de seu país. Outro tema abordado pelo autor é até onde as sociedades humanas podem ir e se é possível alcançar um estado perfeito e ideal. Essa questão foi muito abordada posteriormente por Friedrich Hegel, o qual teve uma influência grande sobre Marx. More pode ser, então, considerado um dos primeiros idealizadores do pensamento socialista, uma vez que, com elementos dialéticos, compreendeu a sociedade capitalista que estava se formando na Inglaterra, idealizando a sociedade utópica como uma antítese da inglesa.

Referências

CIRILO TEIXEIRA RODRIGUES, William. “Resenha descritiva completa da Obra A Utopia de Thomas More”. 18/11/2011. Disponível em: <http://www.paginadowill.com/2011/11/resenha-descritiva-completa-da-obra.html>. Acesso em: 29 out.2016.

CORREIA, Wilson. “A Utopia de Tomás Morus: sonho ou contestação?”. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/096/96esp_correia.htm>. Acesso em: 29 out.2016.

INSTITUTO DE PESQUISA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS, Editora Universidade de Brasília. “Utopia”. Disponível em: <http://funag.gov.br/loja/download/260-Utopia.pdf>. Acesso em: 29 out.2016.

MANGUEL, Alberto. GUADALUPI, Gianni. **Dicionário de Lugares Imaginários**. Rio de Janeiro. Companhia das Letras, 2003.

MORUS, Thomas. **A Utopia**. Porto Alegre: L&PM, 2001.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

SANTOS, Wigvan Junior Pereira Dos. “Utopia”; **Brasil Escola**. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/filosofia/utopia.htm>. Acesso em 29 out.2016.

„Utopia“ Zusammenfassung und Interpretation (Referat)“. 2002. Atualizado em: 23/07/2016. Disponível em: <http://www.schulzeux.de/deutsch/utopia-von-thomas--morus belegarbeit.html>. Acesso em: 29 out.2016.

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia livre, Utopia. 3/10/2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Utopia>. Acesso em: 29 out.2016

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre. “Thomas More”. 13/08/2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas More>. Acesso em: 29 out.2016.

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre. “Utopische Literatur”. 25/09/2016. Disponível em: <https://de.wikipedia.org/wiki/Utopische_Literatur>. Acesso em: 29 out.2016.

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre. “Utopia (Roman)”. 08/10/2016. Disponível em: <https://de.wikipedia.org/wiki/Utopia_(Roman)>. Acesso em: 29 out.2016.

WIKIPÉDIA, A Enciclopédia Livre. “Henrique VIII de Inglaterra”. 03/10/2016. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Henrique_VIII_de_Inglaterra>. Acesso em: 29 out.2016.

15maio2011. *Es tiempo de vivir sin miedo. (legendado).* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gujK5WEVG8g>. Acesso em: 29 out.2016.

LOGOPATIA NA SÉTIMA ARTE II

Orientador:

Robson Jorge de Araújo[1]

Orientandos:

Caio Emídio de Mendonça

Danilo Albuquerque Mendes Castro

Hélio Milito M. A. Neto

Pedro Cruz Marchese

Renata Rattis Pádua Dresch

Thaís Vitória Figueiredo Rodrigues

1. TOMMY: UM ESTUDO DO ROCK OPERA

Orientador: Robson Jorge de Araújo

Orientando: Caio Emídio de Mendonça

Título original: *Tommy*

Lançamento: 1975

Direção: Ken Russel

Roteiro: Ken Russel e Pete Townshend

Gênero: Musical

Duração: 108 minutos

Elenco: Ann Margret (Nora, mãe de Tommy), Oliver Reed (Frank, padrasto de Tommy), Roger Daltrey (Tommy)

Sinopse

Tommy é um filme inglês de 1975, baseado no rock ópera de mesmo nome de 1969, da banda The Who. Foi dirigido por Ken Russel e estrelado por Roger Daltrey como Tommy, um menino cego, surdo e mudo que se torna campeão de *pinball* e atrai uma legião de fãs, tornando-se uma figura messiânica. O álbum foi escrito por Pete Townshend, e o roteiro foi feito pelo diretor.

Análise logopática

Para melhor compreender *Tommy,* é preciso explorar um pouco o contexto em que o álbum e sua adaptação para o cinema estão inseridos. A década de 1960 representa a quebra do moralismo rígido, remanescente do “american dream”. Ao longo dessa década, a “inocência” vista em seu começo cede espaço à irreverência, experiências com drogas e reivindicações políticas e sociais mais radicais, dando início à contracultura.

1 Licenciado em Química pela UFMG/Cefet-MG, bacharel em Filosofia pela PUC Minas e mestre em Filosofia e em História pela UFMG.

A contracultura é um movimento de antagonismo e contestação dos valores centrais da sociedade da época. Ela critica valores de moral, hábitos e, como o uso de tóxicos e a liberdade sexual eram tidos como perigosos e ilegais, o movimento é também de cunho político. Seus principais representantes nos EUA, seu país de origem, eram Jimi Hendrix, Janis Joplin, Bob Dylan e Jim Morrison. Após, ela se espalha para o resto do mundo, inclusive para o Brasil, sendo representada por Caetano Veloso, Raul Seixas, Gilberto Gil, Mutantes, entre outros.

Essa passagem pode ser facilmente visualizada no trabalho do *The Who* ao comparar músicas do começo dos anos 60, como *I can't explain*, de 1964, a qualquer música do próprio Tommy, que carregam uma mensagem mais elaborada.

No entanto, a década de 1960 começou com grande prosperidade econômica, pelo menos nos países ricos e principais no cenário do rock. É essa prosperidade que é criticada na década de 70, quando o filme foi lançado. Também, nessa década são introduzidos conceitos da música erudita na música popular, sendo importante influência nos arranjos do disco.

O álbum é também fortemente influenciado pelos ensinamentos de Meher Baba, um mentor espiritual que fascina Pete Townshend. Baba ensinava sobre compaixão, amor e introspecção, sendo o último um conceito básico para o filme. Meher Baba, em seu livro *God Speaks*, descreve uma jornada da inconsciência inicial do ser (apresentada na música/cena *Amazing journey*) até um estágio final de consciência divina. Para tal, a alma deve passar por vários estágios (pedra, vegetal, minhoca, peixe, ave, animal e humano) para melhorar a sua capacidade reflexiva. Ao completar cada um dos estágios em reencarnações seguidas, a alma entra em uma jornada interna, até realizar sua real identidade como Deus.

A surdez, mudez e cegueira psicossomática de Tommy podem ser vistas ou como uma introspecção e autorreflexão ou como uma alienação ao mundo exterior e as indagações do ser humano. Para a análise das cenas, será utilizada a segunda opção.

Análise 1: conceito-imagem 1.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lO5bzRzZW1E>.

No primeiro grande momento do filme, a mãe e o padrasto de Tommy buscam diversas formas de tirar Tommy de seu estado de alienação. Uma delas é levá-lo a um culto a Marilyn Monroe, representada pela cena correspondente à música *Eyesight to the blind*.

É feita uma comparação entre a figura de Marilyn Monroe e Jesus Cristo, comparação que pode ser percebida em trechos da letra, como *"daddy gave her magic", "just a word from her lips"* (...e dizei uma só palavra e serei salvo!) e *"she brings eyesight to the blind"* (Jesus, ao fazer lama com seu cuspe e passar nos olhos de um cego faz com que ele veja novamente). O paralelo é presente também na atuação do culto, que é claramente inspirado em uma missa cristã.

Ao transformar a hóstia em uma pílula e o vinho em uísque, compara-se também a religião com o uso de drogas, contra as quais Meher Baba pregava. Baba lançara em 1966 um panfleto chamado *"God in a pill?"*, em que afirma que drogas são física, mental e espiritualmente prejudiciais.

As relações são feitas com o objetivo de clarificar a visão de que a religião, assim como drogas, sexualidade ou dinheiro, é uma válvula de escape, um afastamento do real questionamento do como e da finalidade da existência.

No final da cena, Tommy derruba a estátua de Marilyn Monroe, representando sua ruptura com a busca da solução do problema de existir, já que, como é completamente alheio, graças à sua condição, não indaga.

Análise 2:

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sKDO19Y0KWg>.

O momento em que Tommy é empurrado em direção ao espelho representa sua reunião com os sentidos. O público fica interessado pela melhora do Pinball Wizard e o eleva a um *status* religioso. Dessa vez, Tommy é comparado ao divino, em *"I leave a trail of rooted people, mesmerized by just the sight. The few that I touched now are my disciples. Love as one, I am the light."* Jesus diz: "Eu sou a luz do mundo. Aquele que me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida".

Tommy une seus seguidores em "colônias de férias", mas logo percebe que ele mesmo tinha assumido o papel de protagonista que incitava os males sociais na forma da religião, das drogas, da sexualidade ou do dinheiro. Ou seja, repetia os mesmos vícios da sociedade. Ouvindo os pedidos de seus seguidores, que acreditavam que ele detinha alguma resposta, Tommy decide mostrar-lhes que eles poderiam ser como ele. Para isso, colocou-lhes máscaras que os impediam de enxergar, ouvir e falar.

Quando os seguidores percebem que essa não era a resposta que eles buscavam, começam a cantar *"we're not gonna take it"* e rebelam-se contra Tommy, matando seus pais e deixando-o sozinho.

Considerações finais

Tanto o álbum quanto o filme *Tommy* foram um marco importante na história do *The Who* e da música popular. É possível considerá-lo como um dos responsáveis pelo começo de todo um movimento de resgate de aspectos da música erudita para o rock, e por isso tem uma enorme influência. A estrutura de álbum conceitual inspirou diversas bandas, desde Pink Floyd, com *The Wall*, a Green Day, com *American Idiot*.

A recepção do álbum foi polêmica e diversa. A BBC se recusou a tocar qualquer *single* do disco, mas nomes importantes do cenário musical da época, inclusive de música erudita, receberam-no com aprovação. A Metropolitan Opera de Nova York abriu, pela primeira vez, suas portas para uma banda de rock para que *The Who* pudesse tocar o álbum.

Já o filme tem fundamental influência no teatro e cinema musicais modernos, como *Evita*, *Jesus Christ Superstar* (ambos de Andrew Lloyd Webber e Tim Rice) e *Hedwig and the Angry Inch* (por John Cameron Mitchell e Stephen Trask).

Além disso, Pete Townshend acreditava que a música poderia servir também para guiar seus ouvintes em uma "jornada espiritual". Sendo esse aspecto alcançado ou não, o filme estourou após seu lançamento, e carrega interessantes reflexões metafísicas e sociais. Citando um artigo do portal Neatorama, *Tommy* fez mais do que jogar um *pinball* habilidoso, ele levou o *rock 'n' roll* para uma nova dimensão. E adiciono que levou junto a cultura popular.

2. MEMENTO

Orientador: Robson Jorge de Araújo

Orientando: Danilo Albuquerque Mendes Castro

Título original: *Memento*

Direção: Christopher Nolan

Roteiro: Christopher Nolan (baseado no conto de Jonathan Nolan)

Gênero: Drama; suspense.

Elenco: Guy Pearce; Carrie-Anne Moss; Joe Pantoliano

Duração: 113 min

Sinopse

Leonard, um ex-investigador de seguros, passa a vida perseguindo o assassino de sua mulher, também responsável por aca-

bar com sua capacidade de formar novas memórias. Então, como é incapaz de se lembrar de novas informações, ele faz uso de anotações e fotografias para determinar suas próximas ações e, assim, conseguir sua vingança.

Análise logopática: memória ou interpretações distorcidas do passado

A memória é a capacidade de reter ou readquirir informações. Ela é fundamental para nossa vida, para o aprendizado, conhecimento, habilidades intelectuais e mecânicas e para nossa orientação no tempo. Ela é formada a partir de ligações dos neurônios e envolve as informações já existentes no cérebro. Essas ligações, ou sinapses, são reforçadas quando estão associadas a situações de recompensa ou emoções fortes. Mas, de certa forma, as memórias não estão gravadas, elas apenas ativam um conjunto de sensações no cérebro que recriam o acontecido e, quando isso acontece, podem ser modificadas com outras informações presentes, e a memória, alterada.

Por isso, a memória não é confiável. Diversas experiências já realizadas demonstram a facilidade da criação de falsas memórias. Com pequenas sugestões, é possível induzir alguém a relatar um acontecimento de forma diferente. O que lembramos não são registros fiéis, eles estão sujeitos a mudanças de pequeno a grande porte, dependendo de vários fatores, externos ou internos.

E, além disso, é importante esquecer. Esquecer é um mecanismo que nos permite descartar informações irrelevantes ou não mais úteis e manter apenas as associações relevantes para as tarefas e o aprendizado. Ainda, não seria interessante se lembrássemos de todos os pequenos acontecimentos, como ocorre com certas pessoas. Essas também sempre se lembram de acontecimentos ruins, como a perda de um familiar, todo dia, como se ele tivesse acabado de acontecer.

Por fim, a memória pode ser armazenada de forma externa, por meio de dispositivos, o que constitui a memória artificial. Quando registramos algo por meio da escrita, da imagem, do som, estamos usando da memória artificial. Desde muito tempo ela está sendo utilizada para difundir conhecimento – principalmente por meio da escrita. Dessa forma, ela é muito bem-vista. Porém, atualmente, está sendo usada em demasia, quando as pessoas deixam de utilizar sua própria memória para registrar tudo externamente. É certo que, como registro, a memória externa é superior, na medida em que a interna pode ser facilmente distorcida e alterada. Contudo, sua utilização desenfreada prejudica o outro tipo, pois as pessoas não confiam mais em sua própria memória, apenas fazendo uso de meios externos. Assim, não a exercitam, o que a enfraquece e piora.

Para Leonard, a memória não é confiável, não apenas a que ele não tem, mas a de todos; ele afirma que apenas se pode acreditar em fatos, já que “lembranças podem ser distorcidas. Elas são só uma interpretação, não um registro.” Com isso, ressalta o caráter subjetivo das memórias, como uma interpretação pessoal, individual. Ele tenta substituir a memória interna que não possui pela externa, adotando uma máquina fotográfica de revelação imediata e anotações. Dessa forma, retira a subjetividade das lembranças e as transforma em fatos, nos quais ele tem a certeza de que pode confiar.

Esquecendo quem você é

Leonard afirma que, quando perdeu sua memória, perdeu sua “habilidade para viver”. Ele associa diretamente a memória – consequentemente as lembranças, aprendizados, conhecimentos, relações sociais – com a condição de viver. Quando perde essa habilidade, cria novos mecanismos para continuar com a vida, como seu inovador método de registros. Porém, ele não vê como continuar se não tem a capacidade de se situar no tempo, de planejar o futuro. Para isso, ele delimita um

objetivo: a vingança. E afirma que esse é o único meio de prosseguir em seu estado: com métodos adequados, disciplina e um objetivo claro.

Quando Teddy o confronta, afirmando que ele nem sabe quem é, Leonard afirma que se lembra, que é "Leonard Shelby, de São Francisco", e Teddy o interrompe, dizendo que esse é quem ele era e não quem ele é, que ele não sabe quem ele se tornou desde o incidente. Assim, há uma ligação entre a memória e a identidade. Leonard afirma ser alguém, mas todas as suas ações e seus comportamentos – detetive solitário, movido por vingança e que se tornou um assassino – diferem muito do seu "eu" anterior. Ele se tornou uma nova pessoa, apenas não se lembra disso.

A memória está ligada à vivência. O crescer, adquirir experiências, conhecimentos, tudo isso depende dela. Dessa maneira, Leonard, que não possui mais isso, está privado dessa parte da vida, das mudanças, e permanece a mesma pessoa. Porém, com o uso de sua memória externa (anotações, fotos), ele acaba por criar uma nova pessoa, por cima de seu antigo ser, e, embora acredite que continua o mesmo, essas duas personalidades diferem. Da mesma forma, alguém que perdeu memórias antigas perde partes de sua vida, seus feitos, emoções e, por fim, muda seus comportamentos, a ponto de os outros dizerem que ela é uma outra pessoa. Concluindo, o caso de Leonard ressalta a ligação entre a memória e o viver e o ser, exaltando a importância dos cuidados e estímulos com ela para promover sua preservação.

Lembrando-se do que se quer lembrar

Próximo ao final do filme, Leonard e Teddy travam um longo e profundo diálogo sobre a vida de Leonard e suas memórias. Nele, Teddy diz: "Então você mente para você mesmo para ser feliz. Nada de errado com isso, todos nós fazemos. E daí se têm alguns detalhes que prefere não lembrar." Com isso, ele quer dizer que Leonard suprime algumas de suas memórias e cria outras por cima. Como, por exemplo, Sammy Jankis, que na verdade seria o próprio Leonard, mas, para esquecer toda a angústia e sofrimento que causou, externaliza essas lembranças em outra pessoa. Quando Leonard diz que isso não é verdade, que é Sammy e não ele, e que já contou a história de Sammy, Teddy afirma: "Sim, como você conta a si mesmo repetidas vezes", dizendo com isso que Leonard apenas tenta se convencer de uma mentira, enganar sua memória e fingir que nada daquilo aconteceu com ele.

[... A MEMÓRIA É FACILMENTE DISTORCIDA E MANIPULADA ...]

Como já foi dito, a memória é facilmente distorcida e manipulada, seja por estímulos externos, seja por estímulos internos. Assim, é possível que Leonard tenha suprimido a sua para não se lembrar de acontecimentos terríveis e traumáticos. Quando Teddy diz que Sammy não tinha esposa, mas que a esposa de Leonard era diabética, ocorrem duas pequenas cenas, seguidas e similares, das lembranças dele: uma em que ele aplica uma injeção de insulina na esposa e outra em que ele a belisca no mesmo lugar, reforçando a instabilidade das lembranças e sugerindo que Leonard escolheu a que era mais agradável e o eximia da culpa.

Depois de mais conversas em que Leonard confronta o que seria a verdade e em que poderia confiar, ele decide no que irá acreditar e acatar como verdade. Ele prefere não confiar em Teddy e esquecer toda essa conversa e todo o conflito de pensamentos por que acabou de passar. Assim, ele deliberadamente decide esquecer e inventar anotações, alterando sua memória externa – o que demonstra a falta de confiabilidade até nela. Sabendo que quando ler seus escritos terá esquecido da conversa e acatado o comando, ele opta por se enganar e completa com a frase: "Eu minto para mim mesmo para ser feliz? No seu caso, Teddy, eu vou."

Referências

Memória | Nerdologia 37. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bj--7axay48w>.

Cérebro e mente. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n01/memo/memoria.htm>.

SocialMente. Disponível em: <http://scienceblogs.com.br/socialmente/2014/05/a--sua-memoria-e-boa>.

Renato Alves. Disponível em: <http://renatoalves.com.br/blog/?p=31>.

3. LUZ DE INVERNO

Orientador: Robson Jorge de Araújo

Orientanda: Renata Rattis P. Dresch

Título original: *Nattvardsgästerna*

Lançamento: 1962

Direção: Ingmar Bergman

Roteiro: Ingmar Bergman

Gênero: Drama

Duração: 81 min

Elenco: Ingrid Thulin, Gunnar Björnstrand, Gunnel Lindblom, Max von Sydow.

Sinopse

No domingo de um inverno frio, o pastor de uma pequena igreja rural (Tomas Ericsson) presta serviço religioso para uma pequena congregação, embora esteja sofrendo de um resfriado e uma grave crise de fé. Após o serviço, ele tenta consolar um pescador (Jonas Persson), que é atormentado pela ansiedade, mas Tomas só pode falar sobre seu próprio relacionamento conturbado com Deus. Uma professora da escola (Märta Lundberg) oferece a Tomas seu amor como consolo por sua perda de fé. Mas Tomas resiste a seu amor tão desesperadamente como ela se oferece a ele. Este é o segundo filme na trilogia de Bergman que lida com a relação do homem com Deus.

Análise logopática

Luz de inverno é o título que leva o segundo filme da famosa *Trilogia do silêncio*, feita em 1962 por Ingmar Bergman, que trabalha a temática da impossibilidade da comunicação com Deus, juntamente com *Através de um espelho* e *O silêncio*.

A trama, com uma hora e meia de duração, se passa em uma pequena vila na Suécia, num contexto de Guerra Fria. Acompanha um dia peculiar na vida de um padre chamado Tomas, interpretado por Gunnar Björnstrand, que, anos antes, após perder a esposa, perde também sua crença em Deus. Tomas é visitado pelo pescador Jonas (Max von Sydow), que vai em busca dele a fim de solucionar a crise que vem tendo: um medo implacável que toma conta de suas ações após ler uma notícia sobre a possibilidade da criação de uma bomba atômica pelos chineses. No fim, o desabafo de Jonas transforma-se num desabafo de Tomas, que viu no pescador uma pessoa que pudesse entender e aplacar suas aflições. Acontece justamente o contrário: o discurso extremamente existencialista e com tendências niilistas proferido por Tomas causa desespero tão grande em Jonas que o leva ao suicídio à beira de um riacho que passava pela vila pacata em que viviam.

Outro personagem essencial da trama é Märta (Ingrid Thülin), uma professora solteira e ateia que desenvolveu uma paixão implacável pelo clérigo. Essa paixão leva Märta a revelar certas contradições sobre sua crença ou não em Deus.

O filme é trabalhado em preto e branco, característica recorrente das direções de Bergman, e possui uma dinâmica relativamente monótona. Não há trilha sonora, representando o silêncio de Deus perante todo o desenrolar da história. São pou-

cos os personagens, e as cenas, em sua maioria, são filmadas em locais fechados, o que gera certa sensação claustrofóbica no espectador. A única cena que segue em exceção, que poderia levar o espectador a ter certo alívio, apresenta tema nem um pouco confortável: a identificação e retirada do corpo de Jonas próximo ao lago onde atirou em si mesmo.

O filme inicia-se com o pastor Tomas realizando uma missa. É uma cena de 12 minutos, completamente monótona. Alguns de seus fiéis demonstram claro desinteresse, que é grande parte das vezes compartilhado com quem está a assistir. E tal tédio também é presente em Tomas. O pastor não acredita no que prega e apresenta uma feição de desgosto visível.

Tomas tem repulsa por seus fiéis, como é observado em seu tratamento com um ajudante aleijado. Tal repulsa pode vir de sua descrença na religião e menosprezo por quem a segue. Apenas um dos personagens da trama lhe desperta interesse: Jonas, por compartilhar a mesma agonia que ele.

Märta é completamente apaixonada por Tomas. Ela cresceu numa família não religiosa, é ateia, mas passa a maior parte de seu tempo na igreja. Tenta convencer o pastor a admitir sua descrença, afirmando que Deus nunca respondeu a suas preces porque Ele não existe. Märta revela sua certeza quanto à falta de fé do pastor na carta em que lhe envia: "Tomas, nunca acreditei na sua fé. Para mim, ela parecia obscura e neurótica."

Em sua carta, Märta confessa infelicidade. Ela se sente vazia a ponto de implorar a um Deus, em quem ela não crê, por um objetivo de vida, o que se associa com o existencialismo de Kierkegaard, que afirma que o homem sente a necessidade de "uma verdade que seja para encontrar uma ideia pela qual eu possa viver ou morrer". Märta quer ter o direito de viver por alguém, mas seu ateísmo a impede de ir pelo caminho mais fácil e adotado pela maioria das pessoas, que enxerga esse objetivo máximo de vida na religião, vive por Deus. Mas a professora encontra essa verdade e passa a depositar toda a motivação em sua paixão por Tomas. Ela dá ao pastor o significado máximo de sua vida.

O conceito-imagem 1: a crise existencial e o absurdo

Em *Luz de inverno,* a noção do absurdo é o desencadeamento das crises existenciais passadas por Tomas e Jonas. O absurdo baseia-se na ideia de que não há sentido a ser encontrado no mundo além do significado que damos a ele. Não existe karma, não existe justiça, o mundo funciona de forma aleatória. O pânico de Jonas é desencadeado quando toma consciência do quão frágil é sua vida, medo acionado pela bomba atômica.

Quando a esposa de Jonas se encontra com o pastor e pede para ele acalmar seu marido, a fim de o confortar, Tomas diz: "Eu entendo sua angústia, mas a vida deve continuar". Tal linha de pensamento se associa às ideias de Albert Camus sobre o mito de Sísifo. De acordo com Camus, devemos reconhecer o absurdo, abraçar o absurdo, combater o absurdo. O objetivo da conversa, para a esposa de Jonas, era o padre tirar o pescador de sua paranoia, fazê-lo acreditar que havia um Deus e uma ordem no universo. Todavia, Tomas estava tão desesperado quanto Jonas, e viu nele alguém com quem podia desabafar e por quem ser compreendido.

O pastor conta que ele e Deus viviam num mundo que fazia sentido, em que ele amava acima de tudo. Era "um Deus bom, um Deus amor, que dava bênçãos reconfortantes". Tomas estava cego do mundo, era inocente. Como afirma Karl Marx, "a religião é o ópio do povo". Tomas estava satisfeito com o mundo em que vivia, ainda que fosse um mundo em conflito durante a Guerra Fria. Apenas quando foi colocado no meio da desgraça, no meio de uma Guerra Civil, ele viu Deus como feio. Feio por ser ausente, feio por permanecer em silêncio perante o sofrimento, a morte, a

guerra. O falecimento de sua esposa só o fez ter convicção total desse novo Deus de que ele tomava consciência: um Deus inexistente.

“Se não houvesse Deus, faria alguma diferença? A vida seria um alívio. A morte não seria temida. A verdade seria transparente”, desabafa o pastor. Não seria necessária a explicação do sofrimento. Não haveria a busca incessante por respostas. Esse pensamento compactua com a filosofia de Sartre. Sem Deus, não existiria nenhum bem *a priori*, não haveria contradições como um pai que ama e permite a guerra. O homem seria verdadeiramente livre. Essa liberdade aterroriza Jonas, uma vez que o único responsável por suas ações seria ele mesmo, regido pelo caos. O suicídio é apenas um meio de adiantar o resultado final do destino de cada um. De acordo com Camus, é apenas uma forma de evitar o absurdo: ao invés de lutar contra ele, dar-se por vencido.

Tomas vai para uma das poucas locações de filmagem em ambiente externo para ver o corpo de Jonas. No início do filme, durante a realização da missa, aparecem várias imagens da vila completamente deserta. A última consiste no mesmo rio cuja margem foi o local do suicídio do pescador. Na cena, não há nenhum som além da voz do pastor, o que mostra que Deus também não estava lá para Jonas durante sua morte. Na cena após o suicídio, não há nenhuma tática de melodrama. O corpo é retirado de forma rápida, sem cerimônias, até com certo desleixo, dando uma sensação de desajuste entre a reflexão causada e a cena em si.

O conceito-imagem 2: a imagem de Jesus

Tomas possui um ajudante aleijado, que está sempre à disposição da igreja. No início da trama, tenta comunicar ao pastor alguma ideia sua, mas é rejeitado. Mais tarde, no fim do filme, consegue o momento de conversa que desejava com Tomas. Ele exprime seus pensamentos quanto à Paixão de Cristo. Incomoda-o o enfoque na dor física sofrida por Jesus, dor que ele mesmo já teve o desgosto de provar. Na opinião do aleijado, o sofrimento foi muito mais amplo que isso. Baseava-se na dor da dúvida. O medo, a incerteza, a falta de fé e o abandono foram o maior sofrimento de Jesus em seus momentos finais. E esta é a mesma agonia pela qual passa Tomas.

É feita uma clara alusão a Cristo na imagem do pastor. Quando pregado na cruz para morrer, Jesus olha para o céu e pergunta: “Deus, meu Deus, por que me abandonastes?” Tomas fez a mesma indagação após a partida de Jonas de seu escritório, cena na qual aparece uma luz por sua janela, criando a cena mais clara de todo o filme. Outro fator que evidencia a alusão se refere às diversas vezes em que um Jesus Cristo com uma expressão marcante, morto e crucificado, é colocado estrategicamente atrás de Tomas. O silêncio de Deus perante o mundo e o que acontece nele é o que assola Cristo e pastor. Todavia, Tomas apresenta uma repulsa perante a imagem de Jesus. “Que imagem ridícula!”, ele mesmo diz quando se depara com um crucifixo. A própria Märta já tomou consciência desse desgosto do pastor. E essa repulsa, uma vez que ele é relacionado a Cristo, representa o desgosto que ele sente por si mesmo, do próprio sacerdote, fajuto que ele é. “Está insatisfeito com a vida e acima de tudo com você mesmo”, diz Märta. “Odiarás a ti mesmo até a morte”.

No fim do filme, a professora apaixonada e desiludida reflete que o amor prova a existência de Deus. Märta começou a rezar e a se afastar de seu ateísmo quando se viu apaixonada por Tomas, da mesma forma que o pastor perdeu a sua fé com a morte de sua esposa, que amava acima de tudo. A crença em Deus só se torna possível com algo para depositar sua confiança, seja um amor, como para Märta e Tomas, seja com uma falsa ideia de segurança, como foi para Jonas. Mas, a partir do momento em que se destrói esse pilar, é aberto um caminho para uma entrada numa crise existencial que questiona

todos os seus princípios básicos, gerando a agonia da dúvida, da incerteza e da solidão. Medo que talvez só seja finalizado com a morte.

4. SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS

Orientador: Robson Jorge de Araújo

Orientanda: Thaís Vitória Figueiredo Rodrigues

Título original: *Dead Poets Society*

Diretor: Peter Weir

Roteiro: Tom Schulman

Lançamento: 1989 (EUA) e 1990 (Brasil)

Elenco: Robin Williams (Professor Keating), Robert Sean Leonard (Neil Perry), Ethan Hawke (Todd Anderson), Josh Charles (Knox Overstreet), Dylan Kussman (Richard Cameron), Gale Hansen (Charlie Dalton), James Waterston (Gerard Pitts), Allelon Ruggiero (Stephen Meeks)

Gênero: Drama

Duração: 128 min

Sinopse

Em 1959, na Welton Academy, uma tradicional escola preparatória, um ex-aluno (Robin Williams) se torna o novo professor de literatura, mas logo seus métodos de incentivar os alunos a pensarem por si mesmos cria um choque com a ortodoxa direção do colégio, principalmente quando ele fala aos seus alunos sobre a "Sociedade dos Poetas Mortos". (**Adorocinema**. Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-5280/)

Um acontecimento especial do filme é quando Neil Perry, um jovem aluno, comete suicídio após ser proibido por seu pai de seguir o seu sonho de atuar. Sr. Perry, ao descobrir que o filho tinha participado da peça *Sonhos de uma noite de verão* (Shakespeare), decide tirá-lo do colégio e matriculá-lo na Escola Militar. O jovem, desolado por ter que abandonar seus desejos e sendo pressionado pelo pai, prefere a morte.

Análise logopática

Como o suicídio foi visto ao longo dos anos – uma análise filosófica sobre o tema

Durante todo o filme, professor Keating propaga as ideias do romantismo, que propunham a busca por um pensamento próprio e a quebra dos valores ortodoxos, diferente do que era incentivado pelos pais e pela escola. Quando o aluno cometeu suicídio, o educador foi considerado o culpado por incitar a rebeldia em sua turma.

O professor tinha um modo de pensar oposto àquele disseminado pela escola. Ele apresentou aos alunos uma diferente realidade, mostrando-lhes que era possível escolher o próprio futuro e tomar diferentes rumos para a vida.

Esse novo pensamento causou grandes modificações nos alunos, cada um deles mudou um pouco a maneira de agir e passaram a questionar as atitudes da instituição, depois da influência de John Keating; porém, o mais afetado foi Neil Perry, que já era reprimido pela família.

Neil era um romântico, assim como as ideias apresentadas pelo professor. Ele detinha um enorme desejo pelas artes, e o encontro com o professor de literatura apenas fez com que não se conformasse mais com as imposições do pai.

O rapaz, ao perceber que não conseguiria seguir seu sonho de ser ator, ficou extremamente insatisfeito com sua vida. Sem o reconhecimento do seu talento pelo pai, sentia que ninguém poderia ajudá-lo a conquistar seu desejo e, para fugir do futu-

ro que não o agradava, acaba cometendo o suicídio.

Ao analisarmos as causas do suicídio de Neil, é possível chegar à conclusão de que o rapaz escolheu deixar a vida porque não queria abrir mão de sua liberdade e seus sonhos. Morreu por seus ideais.

Talvez, no momento do ato, o jovem estivesse tomado pela emoção e não tenha pensado nas possíveis consequências para a família, professor e escola. Isso não significa que o autocídio é sempre consequência de um feito precipitado. Muitas vezes ele é planejado, e a pessoa, depois de avaliar os prós e contras da sua existência, conclui que prefere a não permanência no mundo, como é relatado em algumas proposições filosóficas.

Um pouco dos pensamentos a respeito do suicídio

O ato de suicídio é considerado um grande tabu na sociedade, e na filosofia é visto como um problema muito sério para vários pensadores. Muitos deles já escreveram teses com suas ideias a respeito. E, para ilustrar isso, algumas delas serão aqui citadas.

O século IV a.C. foi marcado por grandes filósofos, e o primeiro deles a ser aqui comentado é Sócrates. Nascido em 469 a.C., foi um filósofo ateniense do Período Clássico da Grécia Antiga. Segundo ele, o homem não tem o direito de cometer suicídio, pois é propriedade dos deuses. Sendo assim, a vida e a morte dependem deles e não da escolha humana (PLATÃO, p. 8). Além disso, acreditava que era melhor o sofrimento do que cometer um mal, e o suicídio era visto como um mal.

O sábio foi condenado à morte pelo povo de Atenas, acusado de não venerar os deuses da cidade, de introduzir inovações religiosas e de corromper os jovens de Atenas, tendo que beber uma taça de cicuta. Mais tarde, sua morte – teoricamente um suicídio – foi justificada por seu seguidor, Platão (428-348 a.C.). O filósofo do Período Clássico não considerava o suicídio lícito quando motivado por covardia, porém admitia sua validade caso fosse autorizado por uma instância superior, como no suposto caso de Sócrates (PLATÃO, p. 8). Os seus pensamentos sempre eram baseados em um ponto de vista político e legal. Para ele, aquele que retira a própria vida sem que seja forçado a isso, que comete o ato apenas por fraqueza, deverá ser enterrado em um lugar isolado e deserto, sem glória e sem nome.

Um filósofo do mesmo período de Sócrates foi Egésia, representante do Hedonismo de característica cineraica que viveu em Alexandria. Era conhecido como *peisithánatos*, que significa “aquele que persuade a morrer”. Existem poucas menções históricas a ele, uma das quais ocorre em uma passagem de Cícero, em *Disputações tusculanas,* e sua principal obra sobre o assunto, *Apokarteron* (morte por inanição), foi perdida. Nela é passada a mensagem de que, diante dos inúmeros desprazeres e aborrecimentos da vida, o melhor mesmo é escolher a morte. Egésia, sendo defensor aberto e incentivador do suicídio, foi proibido pelo rei Ptolomeu de ensinar, já que era tão convincente que seus alunos passaram a enxergar a morte provocada de maneira muito natural. Para ele, morrer é libertar-se, a ação humana não tem por objetivo a satisfação do prazer, mas sim a exclusão da dor e, mesmo assim, jamais será possível escapar realmente à dor, à má sorte, ao absurdo, à ausência de sentido ou à futilidade da felicidade (PUENTE, 2008, p. 20-21).

Ainda no século IV a.C., encontramos os epicuristas, aprendizes de Epicuro de Samos (filósofo ateniense), que pregava que na vida deve-se buscar prazeres moderados para, assim, atingir um estado de tranquilidade e libertação do medo, com a ausência de sofrimento corporal pelo conhecimento do funcionamento do mundo e da limitação dos desejos. Se isso não é conquistado, a melhor saída é a morte, que põe um ponto final em todas as questões. No epicurismo, se a vida não trouxer

felicidade e prazer, e tornar-se dolorosa, geradora de sofrimentos e aflições, o mais natural e justo é matar-se, sair dela por decisão própria (EPICURO, 2015, p. 3).

Já Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), aluno de Platão e filósofo ateniense, acreditava que o suicida era um covarde que foge da pobreza ou da dor. O suicídio é duramente condenado por ele como um ato que vai contra a vida em sociedade, pois ele defendia o compromisso com a comunidade, o qual seria rompido por quem decidisse se matar, porque iria representar o desprezo à cidade. A sua teoria é a de que um homem naturalmente deseja o seu próprio bem e não pode ser injusto consigo mesmo. O suicídio é uma afronta aos outros homens da *pólis*, pelo fato de que o desesperado rejeita o auxílio que a comunidade poderia lhe oferecer (PUENTE, 2008, p. 19).

Nesse mesmo século, o estoicismo, uma escola de filosofia helenística fundada em Atenas por Zenão de Cítio, introduz um novo ponto de vista. Os estoicos buscavam tomar consciência da situação trágica do homem condicionado pelo destino. Eles ensinavam o desenvolvimento do autocontrole e da firmeza para superar as dificuldades e costumavam assumir uma postura de indiferença e resignação diante dos problemas da vida. Para eles, o suicídio era aceitável se você estivesse sofrendo, já que, antes de tudo, morrer é um ato de conformidade com a razão, e a morte voluntária deve ser algo racionalizado e não uma insanidade ou fuga, determinada por um acontecimento trivial. É importante saber que, no estoicismo, a morte voluntária não é saída, como pode soar parecido com os pensamentos epicuristas. Na verdade, os estoicos acreditavam que somente se o sofrimento e a dor impedissem o homem de viver racionalmente seria melhor a escolha pela morte, ou seja, essa atitude só era tomada depois de uma avaliação consciente (PECORARO, 2004, p. 96).

Durante a Idade Média, o suicídio foi altamente combatido, pois era considerado um pecado imperdoável. Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino acreditavam que essa prática é uma ofensa a Deus, pois foi Ele quem deu a vida e só Ele poderia tirá-la. Essa posição foi maioria entre os filósofos até o século XVIII, e Tomás de Aquino utiliza os mesmos argumentos que Aristóteles, incorporando apenas que é um pecado (PECORARO, 2004, p. 99-101).

Baruch Espinosa (1632-1677), racionalista da filosofia moderna, defendia que o desejo é a essência mesma do homem, o que faz o homem perseverar no seu ser. O princípio da virtude é o esforço para conservar o próprio ser. O autocídio não pode ser considerado uma virtude porque destrói a essência mesma do homem e sua tendência fundamental, e, por esse motivo, não há virtude nesse ato, que se conclui ser um ato de fraqueza (PECORARO, 2004, p. 103-104).

Rousseau (1712-1778), filósofo suíço do iluminismo, teórico político, escritor, compositor autodidata e precursor do romantismo, alega que ninguém é inútil, já que todos os homens são úteis à humanidade só pelo fato de existir. Portanto, o suicida estaria cometendo um roubo contra o gênero humano, pois sempre sobrará uma boa ação para ser feita somente por ele (PUENTE, p. 145).

Immanuel Kant (1724-1804), prussiano, considerado o principal filósofo da era moderna, torna a questão mais complexa ao afirmar que o suicídio não pode ser definido como um padrão para a espécie humana e sim como uma exceção, pois é usado como um fim em si mesmo, sendo um atentado à liberdade e uma negação própria do desejo de vida da Natureza (PECORARO, 2004, p. 110).

A visão kantiana relaciona-se com a de Jean-Paul Sartre em relação à falta de respeito ao livre-arbítrio. O filósofo, escritor, crítico francês e representante do existencialismo afirma que o autocídio é errado porque é um ato de liberdade que destrói todos os atos futuros de liberdade.

Assim sendo, torna-se uma afirmação do ser na qual a pessoa nega seu ser. Nessas condições, é considerado um ato irracional devido à falta de uma base lógica (PECORARO, 2004, p. 110).

O filósofo alemão do século XIX, Arthur Schopenhauer, dizia que não podemos afirmar o que conhecemos, mas sim o que percebemos, porque nossa percepção não define como é um objeto e sim a sua essência. Desse modo, tudo o que conhecemos a nossa volta faz parte da nossa representação. Apesar de pregar pensamentos que estavam ligados à desesperança, opunha-se ao suicídio porque, para ele, o suicida entra em desespero devido ao fato de o mundo não ser a mesma coisa que a pessoa imaginava, ou seja, esse ato representa o desejo do indivíduo de se ver livre do que não o agrada, e não um verdadeiro ato de renúncia. Propõe que o suicídio é uma tentativa inválida de nos livrarmos do sofrimento do mundo porque o mundo é sofrimento, e a única forma de suportar as infelicidades aqui vividas é anulando a vontade de viver, assim como fizeram santos católicos e sábios hindus (SCHOPENHAUER**,** 2002, p. 63).

Nesse mesmo século, surgiu o romantismo, movimento artístico, político e filosófico, caracterizado pelo espírito livre e ousado, busca pelo impossível e oposição aos valores clássicos. O suicídio cometido por Neil Perry em *Sociedade dos poetas mortos* se relaciona a esse período. Toda a atmosfera romântica presente na obra reforça a característica da corrente de pensamento quanto ao suicídio, a sua visão sobre esse ato, que era tido como heroico. Morrer por uma ideia e pensamento era digno, considerado a salvação.

O último filósofo a ser comentado é Albert Camus (1913-1960), francês nascido na Argélia, que diz, no início de seu ensaio sobre o absurdo: “Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio”, registrado em *O mito de Sísifo*. Para Camus, a lucidez diante da existência pode levar o homem a não querer mais existir, por isso é necessário aceitar o absurdo de tudo o que nos cerca, a falta de sentido na existência deve ser na verdade um estímulo, e não o contrário. Na sua perspectiva, o suicídio é uma fuga, um insulto à existência e uma negação de si mesmo. O homem deixa consumir-se pelas irracionalidades e se mata. Com essa ação, o homem encontra-se fora da lucidez, deixou-se consumir pelos resultados do absurdo. Essa atitude não é uma solução, apenas uma fuga, retira do homem a responsabilidade de seu próprio destino (CAMUS, 2010, p. 101).

O pensamento em relação ao suicídio foi variando com o passar dos anos, e inúmeros filósofos envolveram-se na questão para definir causas e fazer sua análise própria a respeito desse objeto de estudo. A conclusão que se pode tirar é que o assunto ainda é abordado com cuidado e que o período da história em que nos localizamos é um grande definidor da visão de pensadores e leigos.

Referências

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu).** São Paulo: UNESP, 2015.

PECORARO, Rossano. **Cioran, a filosofia em chamas**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

PLATÃO. **Fédon** (a imortalidade da alma). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaObraForm.do>.

PUENTE, Fernando Rey. **Os filósofos e o suicídio**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo** *é um humanismo*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte / Metafísica do amor / Do sofrimento do mundo**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

5. A MONTANHA SAGRADA

Orientador: Robson Jorge de Araújo

Orientando: Pedro Cruz Marchese

Título original: *The Holy Mountain*

Lançamento: 1973

Direção: Alejandro Jodorowsky

Roteiro: Alejandro Jodorowsky

Gênero: Aventura, Fantasia, Drama

Duração: 114 min

Elenco: Alejandro Jodorowsky, Horacio Salinas, Ana de Sade, Ramona Saunders

Sinopse

O ladrão (Horacio Salinas), figura similar a Jesus, perambula por estranhos cenários repletos de símbolos religiosos e pagãos. Um guia espiritual (Alejandro Jodorowsky) o apresenta a sete pessoas, cada uma representante de um planeta do sistema solar. O grupo segue para a Montanha Sagrada. A ideia é ocupar o lugar dos deuses imortais que lá vivem e dominam o mundo.

Análise logopática

Um entendimento do filme *A montanha sagrada* parte do contexto que circunda tal produção cinematográfica, marcado por uma bipolarização do mundo e os conflitos resultantes desse processo, que caracterizam a Guerra Fria. A passagem dos anos 60 para 70 explodiu em um flagrante contraste entre a enorme riqueza social disponível e seu uso miserável, destrutivo, desperdiçado, investido majoritariamente em conflitos armados, como a Guerra do Vietnã. Nesse sentido, surge a contracultura, como expressão da contestação sociopolítica da época, na busca por novos valores, uma vez que as instâncias valorativas do século XX não mais se sustentavam. Desse modo, é nesse contexto que é produzido o filme em questão, que busca, utilizando-se de um simbolismo exacerbado e de imagens chocantes, não apenas ir contra os valores impostos, conduzindo o espectador a um processo de profundo questionamento, como também o conduz a uma experiência estética psicodélica, de modo a promover, durante toda a narrativa, a expressão de diversos conceitos-imagem, como sugere o filósofo Júlio Cabrera.

No filme, os seres humanos mais poderosos, políticos e industriais, buscam, através de uma jornada mística, a verdadeira fonte de poder, isto é, a imortalidade, única limitação àqueles que controlam o mundo. Nesse processo de subida à montanha sagrada, onde, na teoria, iria ser alcançada a imortalidade, os personagens se defrontam com o anticlímax da narrativa, ao perceberem que a eternidade não pode ser alcançada através de meios metafísicos, como demonstrado na fala do alquimista: “A vida real nos espera”. O final da narrativa leva o espectador para além do próprio filme e propõe, utilizando-se da ironia como recurso, que o objetivo de toda jornada mística não seria o de conduzir o indivíduo a algum ilusório paraíso espiritual ou a algum estado nirvânico, mas sim o de confrontar a finitude humana e aceitar a vida de forma plena. Desse modo, a forte crítica presente no filme a todos os aspectos da vida contemporânea, como, dentre outros, o consumismo, a exploração sexual e a indústria bélica, possui um sentido maior, que é encaminhar o espectador para um entendimento mais crítico da realidade. Torna-se, portanto, de extrema importância analisar melhor os conceitos-imagem, abordados na personificação dos planetas do sistema solar, que buscavam representar, cada um deles, um aspecto negativo da sociedade e as subsequentes críticas que partem desses momentos específicos.

Fon é não apenas a personificação do planeta Vênus, uma alusão à deusa do amor e da beleza, mas também a personificação

da sociedade de consumo e do espetáculo atual. O capitalismo transformou todas as instâncias humanas em mercadorias, voltadas para a produção e consumo em massa. Assim, na sociedade contemporânea, a beleza deixa de ser um mero atributo e passa a mercadoria de consumo, legitimada, a todo instante, pela indústria cultural, que ocupa um papel fundamental nesse processo. Isso porque a sociedade capitalista, marcada pela luta e divisão de classes, como forma de se recompor enquanto sociedade e se perpetuar, cria a falsa ideia de ser indivisa e homogênea através da massificação. Para isso, vende cultura na forma de senso comum cristalizado, apresentando sempre, na busca por agradá-lo, tudo aquilo que o consumidor já viu, já sabe ou já fez, ainda que em constante modificação, em um processo de rápida obsolescência programada.

Segundo Marx, as relações econômicas e produtivas de uma sociedade determinam os seus valores sociais e culturais. Nesse sentido, aplicando tal ideia para a atualidade, a volatilidade do capital, característica de um mercado neoliberal desregulamentado, condicionaria também um contexto de objetos facilmente substituíveis e mutáveis.

Ademais, o sistema capitalista está constantemente remodelando-se como forma de perdurar, encontrando na sociedade do espetáculo a forma mais perversa da sociedade de consumo. O espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida; é a máxima da fetichização da mercadoria, na medida em que cria a ilusão da permanente aventura, felicidade, grandiosidade e ousadia. Com isso, busca, principalmente, a aceitação dos valores preestabelecidos pelo capitalismo, uma vez que propõe que o indivíduo abdique da sua dura realidade e passe a viver em um mundo movido pelas aparências, tema também abordado no filme, ao descrever uma linha de máscaras para as pessoas e que se assemelham a rostos perfeitos e permitem que o indivíduo possa ser como ele quiser. Portanto, não é mera coincidência que tais acontecimentos sejam narrados em uma indústria, local onde, no século XIX, a exploração capitalista era mais perceptível: o capitalismo, no seu processo de evolução, utilizando-se da indústria cultural como forma de sustentação ideológica, encontrou formas mais discretas de exercer a dominação e o controle, massificando os indivíduos, na busca por abafar a luta de classes, em detrimento das condições óbvias de exploração do capitalismo liberal. Por isso, o diretor, ao inserir os acontecimentos narrados em um núcleo industrial, buscava expor e tornar mais perceptível um processo de exploração, que ainda se perpetua, ainda que de formas mais sutis.

Outro personagem que merece destaque na narrativa é a denominada Sel, personificação de Saturno, deus do tempo. Sel é uma industrial que produz brinquedos de guerra, voltados para crianças, como bombas falsas ou revistas em quadrinhos que lembram muito as propagandas durante a Guerra Fria, impondo uma visão dicotômica do bem e do mal, como forma de afirmação do próprio sistema. Nesse trecho do filme, a personagem afirma que o seu principal cliente é o governo, e a produção industrial está sempre voltada para seus interesses, a fim de condicionar as crianças desde seu nascimento. Segundo Marx, ideologia é o conjunto de proposições elaboradas, na sociedade burguesa, com a finalidade de fazer aparentar os interesses da classe dominante com os interesses coletivos. Tal momento do filme é, portanto, uma proposição para se discutirem os processos de manipulação de massas na sociedade contemporânea. Hannah Arendt, estudando os regimes totalitários, descreve as condições necessárias para a implementação de tais governos, diferenciando-os dos regimes ditatoriais, uma vez que naqueles há uma tentativa de moldar a sociedade civil de cima para baixo, de modo que ela se torne ativamente militante em prol do *status quo*, condicionada pela ideologia oficial do Estado. Assim, através da ideologia, a população voluntariamente militaria em defesa dos ideais promovidos pelo governo. O nacionalismo, por exemplo, pode

ser entendido como um mecanismo de condução de massas, uma vez que atua como instrumento de agregação ideológica em torno de um objetivo útil politicamente, anulando as diferenças entre os indivíduos e criando a falsa ideia de união e igualdade, paradoxal ao excludente sistema capitalista.

Ainda que os regimes totalitários tenham se extinguido, as sementes do totalitarismo encontram-se sempre presentes na sociedade, expressas em momentos de grande crise política e econômica, em que o florescer de traços totalitaristas buscam, constantemente, a massificação de ideias e a agregação ideológica.

Outra forma de manipulação de massas é através do medo, que se mostra como uma categoria "econômico-ideológica" na sociedade capitalista. Para produzir armas, é preciso produzir, antes de tudo, inimigos e, nesse sentido, o medo, assim como o valor monetário, é uma categoria abstrata, impalpável, mas que dá sustentação ao sistema capitalista, fortalecendo-o. A prática do poder, nesse sentido, está associada à instauração do medo como forma de institucionalizar e legitimar a dominação pelas classes dominantes. No filme, as crianças eram condicionadas a verem os peruanos como inimigos, a fim de eliminá-los. Todavia, a utilização do medo como sustentação ideológica não está longe da nossa realidade. O capitalismo, desde a 1ª Guerra Mundial, já se mostrou incapaz de resolver os conflitos originados do imperialismo e, por isso, encontra na promoção do medo a forma imaterial de controlar tais embates, como pode ser analisado nas crescentes ondas xenofóbicas contemporâneas.

Dado o exposto, entende-se que o filme *A montanha sagrada*, desde seu lançamento, foi marcado por grande polêmica também por expor um retrato sem escrúpulos das contradições da sociedade contemporânea. Mais sugerindo do que realmente consolidando ideias, é necessário que o espectador, paradoxalmente, adentre o mundo fictício proposto na narrativa para que compreenda a realidade em que está inserido de fato. A indústria cultural produziu uma sociedade que não busca refletir, apresentando para o espectador tudo aquilo que ele já viu ou já viveu, na busca por evitar chocá-lo de qualquer forma. Nesse sentido, em tempos de hiperpublicidade e hiperconsumo, é de extrema importância a existência de filmes que subvertem tal ordem, como este em questão, que exige uma reflexão ativa e constante dos indivíduos, de modo a formar pensadores e cidadãos e não consumidores.

6. MATRIX

Orientador: Robson Jorge de Araújo

Orientando: Hélio Milito M. A. Neto

Título original: *Matrix*

Lançamento: 1999

Direção: Andy e Lana Wachowsky

Gênero: Ação, fantasia, ficção

Duração: 136 min

Sinopse

Matrix se passa em um tempo futuro, tempo em que os seres humanos se tornaram apenas ovoides dominados por máquinas, sem sequer saber disso. Têm suas repetitivas e monótonas vidas, **não reparando que vivem em uma mera ilusão** e que esse mundo "perfeito" não existe.

Análise logopática: Tratado sobre a dominação das massas, segundo *Matrix*

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise logopática do filme *Matrix*, lançado em 1999 pelos irmãos Wachowsky, mas, diferentemente do comum, fugindo à temática da Alegoria da Caverna, apre-

sentada por Platão no livro *A República*. Serão analisados, portanto, o controle e a dominação das massas, temática presente em toda a trama.

No filme, isso é tratado e apresentado de forma máxima, com as máquinas dominando totalmente os humanos, criando um complicado sistema virtual à parte do real, uma simulação. Os humanos são, literalmente, cultivados em enormes "plantações", incubados e utilizados como fontes de energia para as máquinas, como baterias. Tendo seus subconscientes colocados dentro dessa simulação, a Matrix, acreditam que aquele é o mundo real, e que suas vidas são aquelas, enquanto, na realidade, o mundo foi destruído há décadas, em uma guerra entre humanos e máquinas. O Sol já não ilumina a Terra, depois que os humanos, em uma tentativa de desativar as máquinas, cobriram todo o céu com fumaça, e já não há vida em sua superfície. Os poucos humanos remanescentes fora da Matrix localizam-se em uma colônia subterrânea, cuja localização é secreta, chamada Zion, tentando, ao mesmo tempo, sobreviver às máquinas, que não podem descobrir onde está a cidade, e retirar seus semelhantes da Matrix, mas sabendo que nem todos estão preparados para realizar tal transição.

Morpheus, enquanto mostra a Neo o que é a Matrix e como está o mundo real, diz: "O que é a Matrix? Controle. A Matrix é um mundo dos sonhos gerado em computador, construído para nos manter sob controle, a fim de transformar um ser humano nisso." Nesse momento, Morpheus mostra a Neo uma pilha. As máquinas não dominam o homem pelo prazer da superioridade, já que não sentem isso, mas pela necessidade de uma fonte de energia, suprida muito bem pelo corpo humano, capaz de produzir eletricidade e calor. Os humanos, que sempre precisaram de tecnologia, no sentido mais amplo da palavra, para sobreviver, agora, ironicamente, são a condição de existência das máquinas.

E, para garantir tal domínio, é necessária a existência de seguranças do sistema, os agentes. Eles são programas criados para enfrentar qualquer um que tente ir contra a Matrix, tendo a capacidade de modificar as regras do sistema, como um programador faz em um computador. Podendo tomar o corpo de qualquer um que ainda esteja ligado ao sistema para si, são uma ameaça frequente àqueles que tentam invadir a Matrix, a fim de destruí-la de dentro para fora, como os tripulantes da nave Nabucodonosor o fazem. A Matrix é construída de forma que quem está nela não quer sair, podendo inclusive, lutar por ela, como Cypher, que trai os humanos em troca de voltar para a Matrix, vista por ele como uma zona de conforto, com uma posição privilegiada no sistema. Ele entrega Morpheus aos agentes, como parte de um acordo em que ele seria colocado de volta na Matrix, sem se lembrar de nada, e ocupando uma posição privilegiada, sendo rico e importante. Ele escolhe a ignorância e o domínio das máquinas sobre ele, traindo seus companheiros sem nem mesmo saber se a outra parte do tratado seria cumprida.

Pode parecer apenas coisa de cinema, mas diversas vezes nos rendemos ao sistema, nos entregamos, dando a ele o que quer. E o mundo em que vivemos já é feito e pensado para ser assim, para preferirmos nos manter no conforto de nosso lar; para que seja difícil, ou quase impossível, rompermos completamente com o sistema. Aqueles que tentam logo se veem pressionados de todas as maneiras a voltar, a fazer aquilo para o que foram programados. O sistema é cínico e dissimulado, mostra mil maravilhas, entretém, para que não se percebam os problemas ao redor e para que se queira continuar fazendo parte dele, e acreditando que aquilo é o melhor. Tem um discurso positivo para convencer que ele é bom e que cada um está agindo por vontade própria, com livre-arbítrio, sem perceber que são escravos, presos em uma prisão que não podemos ver, cheirar ou provar, uma prisão para a mente, nas palavras de Morpheus.

O LÚDICO DE PETER PAN E A IMAGINAÇÃO

THE PETER PAN PLAYFULNESS AND THE IMAGINATION

Orientadora:

Cleide de Fátima Simões[1]

Orientanda:

Maria Clara Elias Zanzoti de Sousa[2]

RESUMO

A consideração principal do artigo foi contrapor a obra Peter Pan e a realidade que nos cerca, tendo como propósito refletir sobre o termo *utopia*. Para isso, foram estudados, além da obra, os personagens da Terra do Nunca. Em muitos pontos, o real se confunde com o imaginário, principalmente na mente das crianças, levando os leitores a ponderar sobre sua própria realidade.

Palavras-chave: Utopia. Peter Pan. Imaginário.

ABSTRACT

The clause's main regard was to interpose the Peter Pan's shell--work and the reality around us, having, as a purpose, to speculate on the term *utopia*. Thereunto, it was studied, apart from the book, the Neverland characters. In many ways, the tangible is very confused with the imaginary, mainly in the children's minds, making readers consider their own reality.

Keywords: Utopia. Peter Pan. Imaginary.

1 Graduada em Letras pela PUC Minas e especialista em História da Arte pela Escola Guignard.

2 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

Apresentação

James Matthew Barrie, conhecido como J. M. Barrie, foi um escritor e dramaturgo escocês que viveu durante o final do século XIX e início do XX. Durante sua vida, escreveu diversas peças teatrais e livros, sendo, porém, mais conhecido por sua obra *Peter Pan*, escrita em 1904.

Tendo sido escrito primeiramente como um romance para adultos, *Peter Pan* (obra originalmente batizada como *Peter Pan e Wendy*) depois se tornou um livro de arte e uma peça de teatro, sendo somente convertido em livro infantil em 1911.

O motivo para sua criação, porém, encontra-se até hoje nebuloso. Há, no entanto, duas versões que se destacam das demais, apesar de não existirem comprovações. Uma defende que James haveria criado o personagem ao contar histórias para os filhos de uma amiga, Sylvia Llewelyn Davies, enquanto também defende-se que o escritor possa tê-lo criado em homenagem a seu irmão mais velho, David, que havia morrido em um acidente de patinação de gelo quando James tinha apenas 13 anos (sugerindo que seu irmão, em sua visão, seria uma criança eterna, um menino que não iria crescer).

Disponível em: <http://panmusical.com/>. Acesso em: 15 out.2016.

O livro, cuja história sofreu várias modificações durante os anos – muitas delas, pelo próprio autor − narra a história de um menino, Peter Pan, diferente dos outros: ele é eternamente uma criança. O conto, classificado como uma versão ficcional da vida real, articula-se na Terra do Nunca, ilha onde o tempo não passa e os Meninos Perdidos, crianças que são levadas para lá após serem abandonadas por suas babás e mães, vivem com Peter. A história tem início quando ele convida Wendy Darling e seus irmãos, crianças inglesas, para voarem com ele e Sininho, sua fada ciumenta, em direção à Terra do Nunca, para que então possam viver grandes aventuras.

De fato, Peter, interessado nas histórias que Wendy contava para seus irmãos todas as noites, já os havia visitado diversas vezes, mas sem ser notado. Por outro lado, os garotos já o conheciam, por ser um personagem em que todas as crianças acreditavam. Dizia-se ser uma criança que vivia com fadas, havendo muitas histórias que rondavam acerca de seu nome, embora ninguém soubesse ao certo quem era. Wendy inclusive acreditava que “às vezes Peter vinha de noite ao quarto, sentava ao pé da cama e

ficava tocando sua flauta de Pan para ela" (BARRY, 2006, p. 19).

Certa noite, durante uma de suas visitas, Peter depara-se com a senhora Darling e, em defesa, Naná, babá-cachorro da família, pula sobre o menino: "não conseguiu agarrá-lo, mas a sombra não teve tempo de fugir e, quando a janela bateu, cortou a sombra fora..." (BARRY, 2006, p. 22). A sombra foi guardada numa gaveta, até que a senhora Darling pudesse pensar propriamente sobre o assunto e conversar com o marido. No entanto, numa noite em que os dois adultos não estavam em casa, Peter decide visitá-los novamente, com o propósito de recuperar sua sombra, e acaba por acordar Wendy. Depois de ajudá-lo, costurando a sombra aos seus pés, Wendy é convencida a viajar com Peter para a Terra do Nunca, terra em que moram fadas, sereias e na qual ela poderia cuidar de Peter e dos Meninos Perdidos. Além de sua companhia, ele deseja que ela conte histórias para ele e para as outras crianças, assumindo uma função materna, figura que eles não tinham por perto e sonhavam ter. A garota, então, persuade Peter a levar seus irmãos também e, depois de aprenderem a voar com o pó de Sininho, os quatro partem para a Terra do Nunca.

Espaço da Terra do Nunca

A narrativa, a partir daí, desenrola-se no cenário de uma ilha, espaço associado diretamente com a mente das crianças.

> Mas eles nunca se metem a desenhar a mente de uma criança. [...] É cheia de linhas em ziguezague, parecidas com os gráficos de temperatura. Provavelmente essas linhas são estradas da ilha. Ah, sim, porque a Terra do Nunca é, sempre, mais ou menos uma ilha, com manchas surpreendentes de cores aqui e ali, com recifes de coral e embarcações cheias de mastros se fazendo ao largo, com selvagens e covis solitários, com gnomos que quase sempre são alfaiates, com cavernas por onde correm rios, com príncipes que têm seis irmãos mais velhos, e uma cabana que está caindo aos pedaços, e uma velha muito velha de nariz torto. (BARRIE, 1937, p. 16)

> Podemos ver que a Terra do Nunca é fundamentada no imaginário da criança, portanto, também é ligada ao imaginário de Peter Pan. Simplificando, podemos dizer que o espaço da obra é diretamente ligado ao seu enredo e dependente de seus personagens (CAGNIN)[1].

Esses personagens − dentre os quais piratas, fadas, sereias e até mesmo um crocodilo – têm seu objetivo e razão para estarem ali, representando algo. A família Darling, por exemplo, retratada principalmente durante o início da obra, em todo o seu cotidiano e simplicidade, cria um efeito verossímil, fazendo com que os leitores sejam mais facilmente manipulados, estipulando o que estão lendo como verdade. O pai das crianças, senhor Darling, aqui merece certa atenção: ele é apresentado como um homem preocupado com as finanças e com sua própria família, porém é ridicularizado por seus filhos por isso, o que confirma, mais uma vez, a visão que o livro tenta exprimir, desprestigiando o mundo adulto e as características que este carrega consigo, como as preocupações e responsabilidades.

Barrie também faz uso de elementos mágicos para complementar seu livro, visto que a "magia" induz o leitor a construir a fantasia e se deixar levar pela história. O narrador aparece como uma ajuda nesses momentos: ele conversa com o leitor. É importante ressaltar que ele não é o autor, mas sim um narrador-personagem que

1 CAGNIN, Bruna. **Entre fadas e piratas**: a psicanálise do herói em Peter Pan e Wendy de J. M. Barrie. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistaletrasfafibe/sumario/34/30032015202259.pdf>. Acesso em: 15 out.2016.

ajuda a contar a história. Assim, a narrativa é diferente, como se brincasse com o leitor, apelando para a pureza e a magia do universo infante.

> Será que vão chegar a tempo no quarto das crianças? Se chegarem, que bom para eles, e todos vamos dar um suspiro de alívio. Só que, nesse caso, não tem história. Por outro lado, se eles não chegarem a tempo, prometo solenemente a vocês que no final tudo vai dar certo e acabar bem (BARRIE, 1937, p. 59).

[... NÃO EXISTIRIA APENAS UMA TERRA DO NUNCA, E SIM VÁRIAS, UMA PARA CADA CRIANÇA, ADEQUANDO-SE AOS **SONHOS E DESEJOS** DE CADA UMA ...]

Da mesma forma que a criatividade está incorporada em toda a obra e associada com a infância, a Terra do Nunca seria um lugar em que todo o imaginário infantil seria possível e, acima disso, real. Ademais, não existiria apenas uma Terra do Nunca, e sim várias, uma para cada criança, adequando-se aos sonhos e desejos de cada uma em especial, de certa forma adquirindo os jeitos de cada uma. Mesmo assim, todas elas seriam um lugar acolhedor e familiar, que as crianças poderiam visitar e passar o tempo.

> País insular de localização incerta, onde as mulheres não são admitidas. Seu acesso é feito de três maneiras. Crianças que flutuam na beira do sono às vezes podem vê-lo. Também chegam lá os bebês que caem de seus carrinhos (sobretudo os de Kensington Garden, Londres) enquanto a babá não está olhando. Se não forem recuperadas no decorrer da semana seguinte, essas crianças são mandadas para a Terra do Nunca, onde se tornam Meninos Perdidos. Por fim, os visitantes podem ser convidados à ilha por Peter Pan, um menino que se recusa a crescer e afirma ter fugido no dia em que nasceu (MANGUEL, 2003, p. 307).

A existência desse local na obra nos faz atentar para a extensão do imaginário infantil, ao mesmo tempo inocente e utopista. No entanto, é necessário ponderar sobre essa última palavra, referente ao termo *utopia*, traçando o imaginário como idealizador utópico.

Utopia e sua existência no "mundo real"

Utopia é um vocábulo cunhado por Thomas Morus, que acabou por nomear sua obra com esse termo. Utopia, ou, melhor dizendo, *Utopos*, significava, para Morus, lugar nenhum – uma ironia, pois é o nome que ele usou para nomear sua sociedade perfeita. Esta é descrita em seu livro, no qual ele, ao mesmo tempo em que critica a sociedade inglesa, cria uma sociedade visitada por seu personagem, que a considera ideal: um lugar onde há tolerância religiosa, a guerra é evitada e o bem geral é posto em primeiro lugar. Nesse caso, Morus concebe "utopia" como um lugar diferente e melhor, ideal − do seu ponto de vista −, muito diferente da realidade em que vivia. Essa definição é bastante atual,

como se pode notar na definição do dicionário Aurélio.

> ***Utopia***
>
> 1 País imaginário em que tudo está organizado de uma forma superior.
>
> 2 Sistema ou plano que parece irrealizável.
>
> 3 Fantasia.[2]

Como consta nessa definição, comum em dicionários, Utopia é desenhada como um lugar imaginário, uma fantasia. Embora seja um lugar que não existe (e que, por vezes, nunca será concretizado), nota-se a necessidade que o homem tem de criar esses planos imaginários, como os que compõem ficções. Essa premência surge a partir da necessidade de projetar algo, dando lugar a um escapismo, uma urgência para lidar com o mundo que cerca e limita, seja para enfrentá-lo ou libertar-se dele. Em um mundo imaginário não há restrições, fazendo com que o autor dê vazão às suas frustrações com o mundo real. Barrie cria a Terra do Nunca nessa perspectiva, reparando-a na lógica do imaginário.

Ao criá-la, carregada com visões de piratas, índios, sereias, fadas e meninos que não crescem, mais do que apenas projetar um lugar-refúgio, o autor evidencia a didática de Peter Pan. Desejosos de eternizar a infância e de afastá-la da consciência que se adquire com os anos, almeja-se a eternidade do descuido e a serenidade que se carrega tão facilmente quando se é criança. Paradoxalmente, costuma-se desprezar o que é construído em ficções, como se tudo não passasse de um mero "conto de fadas", sendo, portanto, um mundo desprovido de possibilidade e encantamento, instaurando-se o paradoxo.

"The moment you doubt whether you can fly, you cease for ever to be able to do it" (Robbie Williams). No instante em que isso acontece, há uma resistência contra a fantasia e, ao negá-la, ela é extinta. Na contramão, Barrie sutilmente lembra que o caminho para a eterna infância reside, na verdade, no poder mental e na capacidade profundamente humana de se fantasiar. Através de Pan, ele cogita sobre como é importante o faz de conta, a liberdade de criar e inventar mundos, personagens e cenas. Ele resgata a infância enquanto narra, evidenciando a importância do lúdico, ferramenta fundamental durante o processo de ensino-aprendizagem das crianças. A brincadeira para a criança "gira em torno da espontaneidade e da imaginação" e, sendo seu desenvolvimento diretamente ligado à sua criatividade, o livro possui grande magnitude nesse ponto.

> MEU BEM, ASSIM ACORDADOS,
> ASSIM LÚCIDOS, SEVEROS,
> OU ASSIM ABANDONADOS,
> DEIXANDO-NOS À DERIVA
> LEVAR NA PALMA DO TEMPO
> – MAS O TEMPO NÃO EXISTE,
> SEJAMOS COMO SE FÔRAMOS
> NUM MUNDO QUE FOSSE:
> O MUNDO. (DRUMMOND, 1951)

Referências

BARRIE, James. **Peter Pan**. São Paulo: Moderna, 2006.

CAGNIN, Bruna. **Entre fadas e piratas**: a psicanálise do herói em Peter Pan e Wendy de J. M. Barrie. Disponível em:<http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistaletrasfafibe/sumario/34/30032015202259.pdf>. Acesso em: 15 out. 2016.

CLAEYS, Gregory. **Utopia, a história de uma ideia**. São Paulo: Edições SESC SP, 2013.

GUADALLUPI, Giani; MANGUEL, Alberto. **Dicionário de lugares imaginários**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

2 Disponível em: <http://dicionariodoaurelio.com/utopia>. Acesso em: 31 out. 2016.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2017

FRATERNIDADE:

BIOMAS BRASILEIROS E DEFESA DA VIDA

Cultivar e guardar a criação *(Gn 2,15)*

09 abril
Domingo de Ramos

COLETA NACIONAL DA SOLIDARIEDADE

CNBB

SENSIBILIZAÇÃO DE **COMUNIDADE ESCOLAR** PARA AS DIFICULDADES DE COMPATIBILIDADE ENTRE **DOADOR-RECEPTOR** EM **TRANSPLANTE** DE **MEDULA**

Orientador:
Felipe Scalabrini Pinto

Orientandos:
Bruna Eduarda Ribeiro Ramos
Carolina Pereira Pires
Chiara Menezes Greco
Fernanda Moreira H. Nascimento
Júlia Azevedo Lemos Salomão
Larissa Luppi Monteiro de Barros
Letícia Alves Moreira
Lígia Morais Fonseca
Luísa Castro de Souza Pires
Luísa da Silva Martins
Mara Luiza de Almeida Santos
Maria Tereza Chaves de Almeida
Micaela Flávia Moreira Santos
Mylena Costa Rosenburg Alvares
Saulo Guimarães Moreira

RESUMO

O presente trabalho objetivou demonstrar a dificuldade da compatibilidade de doador e receptor em um transplante de medula óssea, sensibilizando a comunidade escolar para o cadastramento no Registro de Doadores de Medula Óssea (REDOME). Para isso, foi realizada uma simulação em que estudantes, de posse de um hipotético resultado de sua tipagem HLA, procuraram entre os colegas aquele de medula compatível. Após catorze dias, mesmo com intensa participação dos alunos, inclusive por meio de redes sociais, o par compatível não foi encontrado, simulando a dificuldade vivida por quem necessita de um doador. O transplante de medula óssea pode ser a única esperança de cura para milhares de pessoas que enfrentam doenças hematológicas e, por isso ressalta-se, neste artigo, a importância do cadastramento no REDOME e a doação de medula.

Palavras-chave: Imunologia. Medula Óssea. Conscientização.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the difficulty of donor compatibility and receiver in a bone marrow transplant, sensitizing the school community for the registration in the Donor Registry Bone Marrow (REDOME). In this context, it will give focus on a transplantation of one of the principal organs of the immune system: the bone marrow. This, in turn, is responsible not only for the production of red blood cells and platelets, but also the production and maturation of B and T lymphocytes, responsible for defending the body. Bone marrow transplantation may be the only hope of cure for thousands of people facing hematologic diseases and, therefore, it is highlighted in this article the importance of registration in REDOME and marrow donation.

Keywords: Imunology. Bone Marrow. Awareness.

1 Graduado em Ciências Biológicas pela UFMG e mestre em ensino de Ciências e Biologia pela PUC Minas.
2 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
3 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
4 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
5 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
6 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
7 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
8 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
9 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
10 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
11 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
12 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
13 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
14 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
15 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.
16 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio

Introdução

O sistema de reconhecimento de antígenos e componentes não próprios do sistema de defesa humano funciona através do complexo principal de histocompatibilidade (MHC). O MHC corresponde a uma região de genes polimórficos cujos produtos são expressos em todas as células humanas. Os Linfócitos T (LT) só reconhecem peptídeos provenientes dos antígenos apresentados por moléculas de MHC na superfície de uma célula apresentadora de antígeno. A interação do complexo peptídeo/MHC com o receptor de LT (TCR), inicia uma cadeia de eventos que levam os LT auxiliares à expansão clonal e à produção de citocinas, que estimulam a proliferação e diferenciação dos Linfócitos B (ABBAS, 2012).

O reconhecimento de um antígeno pelo linfócito T leva à tolerância, à ausência de resposta imune, ou, à intolerância, havendo resposta. A tolerância é antígeno específico, dessa forma, quando somos intolerantes a um corpo estranho, podemos continuar tolerantes a outros antígenos (ABBAS, 2012).

A ativação de linfócitos T requer o reconhecimento de antígenos pelo TCR e o reconhecimento de coestimuladores, que surgem por reações da resposta inata como inflamação e febre. Para que o sistema imune crie tolerância a um corpo estranho os linfócitos T devem reconhecê-lo sem a presença de coestimuladores, causando nele inativação ou morte. O sucesso de transplantes ocorre pela inativação de linfócitos T, levando à tolerância ao enxerto (ABBAS, 2012).

Em suma, o sistema imunológico humano corresponde a uma extensa rede de células, tecidos e órgãos que atuam na defesa do organismo. Neste artigo dar-se-á enfoque ao transplante de um dos principais órgãos do complexo: a medula óssea. Essa, por sua vez, é responsável não só pela produção de hemácias e plaquetas, mas também pela produção e amadurecimento de linfócitos B e T.

O transplante de medula óssea é um tipo de tratamento proposto para algumas doenças malignas que afetam as células do sangue, consistindo na substituição de uma medula óssea deficitária pela de um doador compatível em um bom estado de saúde. Algumas dessas doenças são: anemia aplástica (doença em que a medula para de criar novas células sanguíneas), cânceres que afetam a medula (como leucemia, linfoma e mieloma múltiplo), medula óssea danificada (devido à quimioterapia), neutropenia congênita (uma doença hereditária que causa infecções recorrentes), anemia falciforme (doença sanguínea hereditária que causa má formação de glóbulos vermelhos), talassemia (doença hereditária do sangue em que o corpo não fabrica glóbulos vermelhos suficientes) e outras (FIGUEIREDO, 2011).

Para que um transplante seja bem-sucedido, é necessário que haja, entre outros fatores, compatibilidade doador-receptor para moléculas glicoproteicas codificadas pelos genes HLA (*Human Leucocyte Antigens*) pertencentes às classes I e II, localizados no braço curto do cromossomo 6. Os genes de classe I, codificados pelo *loci* HLA-A, HLA-B e HLA-C, são encontrados em células nucleadas e plaquetas e, os de classe II, em linfócitos T e células do sistema histiocítico-macrofágico (OLIVEIRA, 2014).

Atualmente sabe-se que existem mais de 230 polimorfismos para 24 alelos dos *locus* A, 511 em 49 do B, 128 em 10 do C. Em relação aos antígenos de classe II, do ponto de vista prático, consideram-se apenas 3 *loci*: HLA-DR, -DQ e –DP. Nesses, os *loci* B1 são os mais conhecidos, descrevendo-se 330 polimorfismos para 14 *loci* DRB1, 53 em 7 DQB1 e 103 em 6 DPB1. O polimorfismo nos *loci* HLA torna esse sistema o que apresenta maior variabilidade genética no genoma humano, contando com mais de 11.000 variantes alélicas apenas para os genes clássicos (OLIVEIRA, 2014).

[... ESTIMA-SE QUE AS **CHANCES** DE SE ENCONTRAR ALGUÉM COMPATÍVEL SEJA POR VOLTA DE **35%** ENTRE **DOADORES PARENTES ...]**

Considerando os *loci* não interligados, há grande probabilidade de que haja graus de disparidade, mesmo entre irmãos HLA-idênticos. Os genes de classe I e II são interligados e, portanto, há 25% de chance de um paciente ser HLA-idêntico a um irmão de uma mesma prole. Ainda estima-se que as chances de se encontrar alguém compatível seja por volta de 35% entre doadores parentes e de 0,1% entre pessoas não aparentadas (INCA, 2016).

Para definir a compatibilidade entre doador e receptor, existem três testes principais: o Painel de Reatividade a Anticorpo (PRA), a tipificação HLA e a Prova Cruzada. O primeiro deles é um exame obrigatório que define a porcentagem de reação do soro do receptor a cultura de células de 100 diferentes doadores, escolhidos aleatoriamente no banco de sangue, revelando a probabilidade de encontro de um doador compatível dentro da população. Quanto maior a porcentagem de reação no PRA, menor a probabilidade de encontrar um doador compatível. Mesmo se essa porcentagem apresentar-se muito alta, esse teste não pode servir de critério para excluir receptores do *ranking* (OLIVEIRA, 2014).

O segundo teste, tipificação HLA, reconhece os genes do receptor e do doador e pode ser feito de modo sorológico ou molecular. O exame corresponde a uma comparação entre os alelos dos dois indivíduos, buscando "*mismatches*", ou seja, genes diferentes entre eles (OLIVEIRA, 2014).

O terceiro exame, Prova Cruzada, só é realizado caso os outros dois apresentem possibilidade de doação. Assim, um enxerto do órgão do doador é colocado para reagir com o soro do receptor. Se houver reação, devido à presença de anticorpos específicos do receptor contra algum antígeno do doador, o resultado é positivo e não

é possível realizar o transplante. Se o resultado for negativo, o transplante pode ser realizado, mas ainda não é garantida a inexistência de rejeição pós-transplante. Isso ocorre porque o resultado pode ser momentâneo, visto que a taxa de anticorpos produzidos sofre variações ao longo do tempo (OLIVEIRA, 2014).

Após a confirmação dos exames, doador e receptor encontram-se prontos para o transplante. Dependendo do tipo de transplante a ser realizado pelo paciente (autoplástico, se as células forem provenientes do próprio paciente ou alogênico, se forem de doador), as fontes de células hematopoiéticas podem ser: ossos da bacia ou do esterno; sangue periférico (as células tronco periféricas são retiradas através do processo de aférese) ou cordão umbilical (rico em células totipotentes) (SAUDETO, 2015).

Se o TMO for alogênico, normalmente, o doador passa por uma cirurgia de cerca de 90 minutos e são realizadas de 4 a 8 punções na região pélvica posterior para retirar a medula. Já o procedimento completo realizado pelo receptor pode ser dividido em três fases principais: pré-transplante, infusão medular e pós-transplante (AMEO, 2016).

A primeira fase corresponde à preparação do corpo do paciente através da quimioterapia e/ou radioterapia com a finalidade de destruir células imunes. Atualmente, em alguns casos, é utilizado o TMO não mieloablativo que consiste em doses reduzidas de quimioterapia e radioterapia durante o regime de condicionamento. A fase seguinte compreende a infusão da medula e, por fim, tem-se a fase de aplasia medular (caracterizada pela queda da quantidade de hemácias, leucócitos e plaquetas) e o chamado “pega medular” (momento em que a medula já consegue produzir suficiente quantidade de células do sangue) (ABRALE, 2012).

Após o transplante, uma das complicações mais comuns é a DECH (Doença de Enxerto Contra Hospedeiro). Essa condição caracteriza-se pelo não reconhecimento das células do enxerto como próprias do organismo, o que cria uma resposta imune que ataca, principalmente, os tecidos da pele, do fígado e do trato gastrointestinal. A DECH é divida em níveis de gravidade – de aguda a grave – e para amenizar seus efeitos são usados imunossupressores associados à quimioterapia. A ocorrência da DECH é menos frequente nos casos de transplantes entre gêmeos idênticos e quando a medula transplantada é do próprio paciente (transplante autólogo) (FIGUEIREDO, 2011).

Para se inscrever como doador de medula óssea, a pessoa precisa ter entre 18 e 55 anos e basta se cadastrar nos hemocentros localizados em todos os estados do Brasil. Os dados do cadastro são agrupados em um registro único e nacional (REDOME). Assim, pacientes inscritos por médicos no Registro Nacional de Receptores de Medula Óssea (REREME) têm seus dados cruzados com os de um possível doador do REDOME. Atualmente, o REDOME atua em conjunto com os cadastros mundiais e a busca por doadores para pacientes brasileiros é realizada simultaneamente no Brasil e em outros países (REDOME, 2016).

No Brasil, a miscigenação da população dificulta a localização de doadores compatíveis. No entanto, existem hoje, no país, cerca de 3 milhões de doadores voluntários cadastrados no REDOME e, no mundo, essa quantidade chega a 20 milhões (IMUNOGENETICA, 2016).

Dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA) indicam que em 10 anos (2003-2013) a quantidade de doadores voluntários passou de 30 mil a 3,2 milhões. As chances de encontrar um doador compatível no país foram de 15% a 80%. Atualmente, a possibilidade de um paciente brasileiro encontrar um doador compatível ao início da busca é de 88%, e cerca de 64% encontram um doador compatível confirmado.

Apesar do crescimento de doadores voluntários cadastrados no REDOME, o que determina a efetivação do transplante é a compatibilidade doador-receptor. Alguns dados do INCA, relacionando REDOME e REREME, apontam a dificuldade de compatibilidade, através da comparação da quantidade de doadores e quantidade de receptores cadastrados nos programas (Gráfico 1).

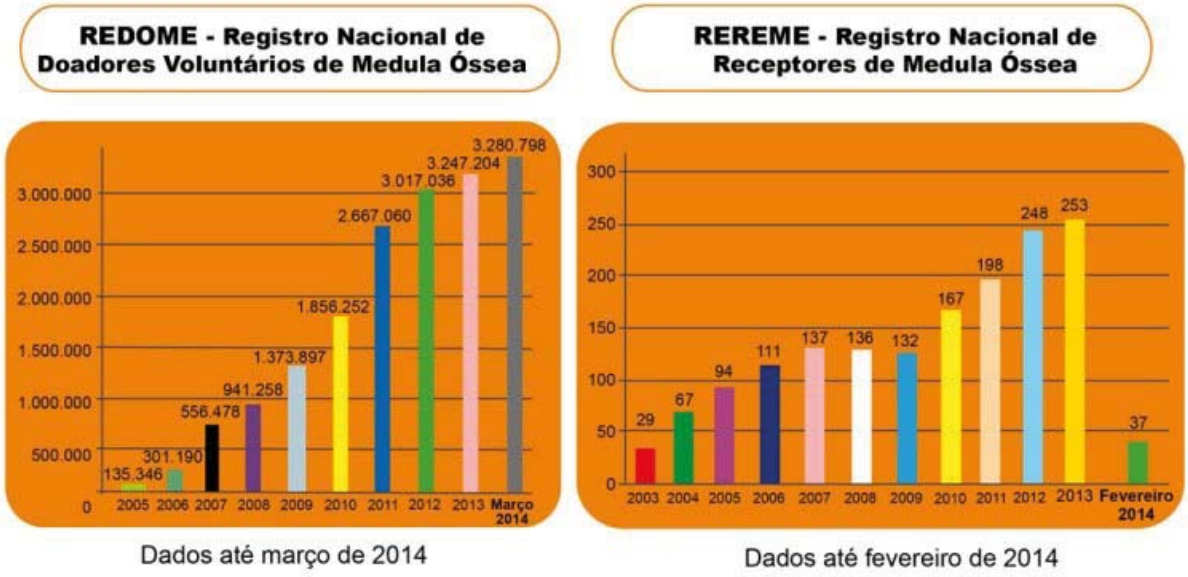


Gráfico 1. Dados de cadastrados no REDOME e no REREME entre 2003 e 2014.

O aumento do número de pacientes cadastrados no REREME indica a necessidade do aumento do número de cadastrados no REDOME.

Nesse sentido, o presente trabalho objetivou demonstrar a dificuldade da compatibilidade de doador e receptor em um transplante de medula óssea, sensibilizando a comunidade escolar para o cadastramento no Registro de Doadores de Medula Óssea (REDOME).

Metodologia

1. Visita ao hemocentro Hemominas, em Belo Horizonte.

2. Palestra exclusiva com o farmacêutico-bioquímico Felipe Carlos Brito de Sou-

za sobre tipificação HLA, no hemocentro Hemominas em Belo Horizonte.

3. Realização de uma simulação a fim de representar a dificuldade do encontro doador-receptor compatíveis:

3.1. Local de realização: Colégio Santo Antônio

3.2. Participantes: 743 alunos do Ensino Médio

3.3. Adesivos contendo diversas combinações de tipagem HLA (imagem 1) foram entregues aleatoriamente em cada uma das 18 turmas do ensino Médio, sendo 7 da 1ª série, 6 da 2ª série e 5 da 3ª série. Havia, dentre essas combinações, apenas um par compatível.

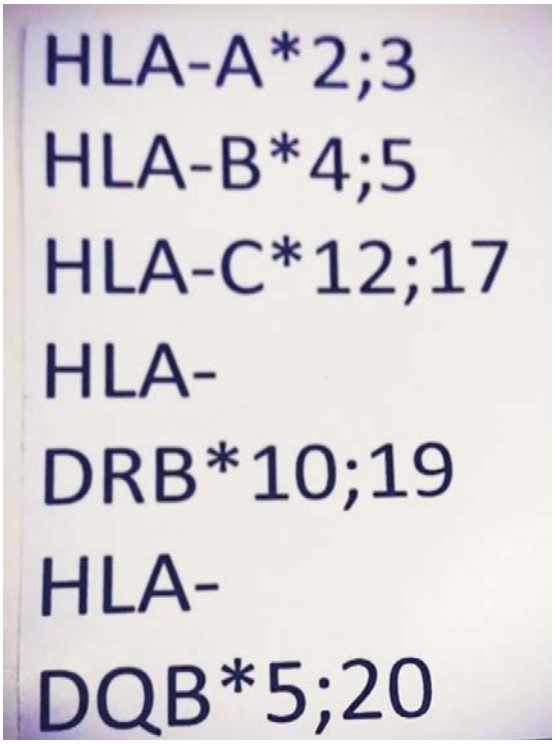


Imagem 1. Exemplo de adesivo entregue aos alunos.

Os alunos, ao receberem seu hipotético resultado da Tipificação HLA, foram motivados a afixar os adesivos em suas mochilas e a encontrarem um colega compatível entre todos os estudantes do ensino médio.

4. Elaboração de um vídeo de conscientização acerca da importância da doação de medula óssea, a ser transmitido no site do Colégio Santo Antônio.

Resultados e discussão

O grupo, no dia 29 de agosto de 2016, iniciou a simulação proposta. Cada estudante recebeu uma tipagem com os cinco alelos dos HLAs clássicos e procuraram por um par compatível. A atividade foi encerrada no dia 12 de setembro de 2016 sem ter ocorrido sucesso no encontro de receptor-doador compatíveis.

Como a probabilidade de encontro doador-receptor é de 1 a cada 100 mil, esperava-se que em um espaço amostral de 743 pessoas não fosse encontrada compatibilidade. Contudo, em um espaço amostral tão restrito, não se pode excluir a possibilidade do encontro ao acaso dessas pessoas. Com o resultado dessa simulação, demonstrou-se a dificuldade da compatibilidade de doador e receptor em um transplante de medula óssea.

Durante toda a atividade, o grupo registrou diversas manifestações de envolvimento dos alunos na simulação, divulgando e incentivando a doação de medula óssea (imagem 2). Muitos dos estudantes fotografaram a tipagem da simulação para divulga-lá nas redes sociais, não apenas buscando o par compatível na escola, mas alertando família e amigos sobre a necessidade e a importância do cadastramento no REDOME, tirando eventuais dúvidas sobre tal processo.

[... MUITOS DOS ESTUDANTES FOTOGRAFARAM A TIPAGEM DA SIMULAÇÃO... ALERTANDO FAMÍLIA E AMIGOS SOBRE A NECESSIDADE E A IMPORTÂNCIA DO CADASTRAMENTO NO REDOME ...]

já que facebook é lugar de textão, eu vo explicar o que sao esses numeros que tão dominando as redes sociais e muita gente ta entendendo é nada (hehehe)! um grupo de estudo avançado de biologia do meu colégio ta fazendo uma dinâmica show pra incentivar e conscientizar os alunos quanto à questão da importância do cadastro como doador de medula óssea. há uma grande variabilidade de alelos que pode compor o nosso sistema informativo genético. em caso de transplante de medula, a compatibilidade entre doador e receptor é determinante do sucesso da operação. mas, no brasil, a probabilidade de encontrar um doador compatível é de 1 em 100 mil. por isso, é muito importante estarmos todos, se possivel, cadastrados e aptos a doar. a ideia da dinâmica é que todos os alunos do ensino medio recebam um adesivo cada, sendo que pra cada adesivo tem um par, e tentem encontrar o seus respectivos pares compatíveis no colegio. essa simulaçao, é claro, é bem menos complicada que a realidade mas já da pra ter uma ideia do quão dificil é. mas esse projeto não precisa ficar restrito ao CSA! sejam doadores de sangue e medula óssea!! cadastrem-se nos centros hematologicos e hemoterapeutas de suas cidades (hemominas em beagá) e chama ozamigo tb!

Imagem 2. Manifestação de uma aluna comentando a atividade em suas redes sociais.

Ao fim da simulação foi levantado entre os alunos aqueles que, após a participação no trabalho, passaram a ter intenção de se cadastrarem no REDOME assim que alcançarem a idade permitida. Dos 743 alunos participantes 73 % manifestaram intenção de se tornarem doadores de medula. Mesmo que a manifestação da intenção não configure propriamente a garantia de cadastro no banco de doadores, o montante representa porcentagem superior à porcentagem da população brasileira entre 18 e 55 anos cadastradas no REDOME (2,5 %), revelando resultado positivo de nossa ação de sensibilização.

Considerações finais

O trabalho buscou analisar e compreender o funcionamento do sistema imunológico humano, com destaque ao comportamento do sistema imune que dificulta a execução com sucesso de transplantes. Dessa maneira, o grupo conseguiu constatar a importância do transplante de medula para as pessoas que sofrem de doenças hematológicas. Mas a dificuldade do encontro de doador compatível torna essa alternativa inviável para muitos pacientes. O sucesso da busca de uma medula compatível depende, antes de mais nada, da disponibilidade da população em se prontificarem a serem doadores, cadastrando-se no REDOME. Os cidadãos não têm clareza dessa realidade, sendo importante ações de sensibilização que deem clareza desse desafio de encontrar doador compatível, motivando as pessoas a se integrarem ao cadastro de doadores.

Espera-se que a campanha realizada incentive, de fato, a doação de medula óssea. Afinal, o transplante pode ser a única esperança de cura para milhares de pessoas.

Referências

ABBAS, A. K.; LICHTMAN, A. H.; PILLAI, S. H. I. **V. Imunologia celular e molecular**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

AMEO, 2016. Disponível em: <http://www.ameo.org.br/paciente/informacoes-para--o-paciente/152-passo-a-passo-do-transplante-de-medula-ossea-tmo>. Acesso em: 16 ago. 2016.

FIGUEIREDO, M. S.; KERBAUY, J.; LOURENÇO, D. M. **Hematologia. Guia de Medicina Ambulatorial e Hospitalar da UNIFESP – EPM**. Manole, 2011.

IMUNOGENÉTICA, 2016. Disponível em: <http://imunogenetica.org>. Acesso em: 14 ago. 2016.

INCA, 2016. Disponível em: <http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/inca/portal/home>. Acesso em: 18 ago. 2016.

MEINERZ, Carine. *Avaliação do percentual de compatibilidade HLA entre membros da mesma família para pacientes à espera de transplante de medula óssea em Santa Catarina, Brasil.* Graduação em Farmacêutica Bioquímica. UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, 2008.

OLIVEIRA, Raquel Aparecida Fabreti. *Antígenos leucocitários humanos (HLA) na avaliação imunológica para a seleção de receptor-doador para transplantes*. Tese de doutorado Instituto de Ciências Biológicas, UFMG, 2014.

REDOME, 2016. Disponível em: <http://redome.inca.gov.br/>. Acesso em: 15 ago. 2016.

TERRITÓRIO E IDENTIDADE:

ESTUDO DE CASO ILÊ WOPO OLOJUKAN

TERRITORY AND IDENTITY:

THE CASE STUDY OF ILÊ WOPO OLOJUKAN

Orientadores:

Bruno de Araújo[1] Rangel

Wanda Rodrigues[2]

Orientandos:

Beatriz Lopes Grego[3]

Gabriel Oliveira Santos[4]

Lillie Lima Vieira[5]

Pedro Chabot Barroso[6]

Victor Dourado Alves Reis[7]

O presente trabalho tem como intuito principal examinar a construção da identidade negra estabelecida no Ilê Wopo Olojukan, a partir do estudo da influência histórica e religiosa na promoção das relações territoriais e culturais mantidas nele. Ou seja, buscamos entender como a identidade religiosa, expressa a partir de rituais, tradições e crenças do candomblé, contribui para a formação da identidade negra no território específico do Ilê Wopo Olojukan, tendo em vista o significado de sua existência para a consolidação identitária negra através das diversas simbologias e interferências culturais recebidas pelo mesmo ao longo de sua história.

Palavras-chave: Candomblé. Identidade. Território. Simbologia.

RESUMO

1 Graduado em História pela UFJF e especialista em História da Cultura e da Arte pela UFMG.

2 Graduada em História e especialista em História da Arte e Maneirismo no Brasil pela UFMG.

3 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

4 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

5 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

6 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

7 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

ABSTRACT

The main focus on this research is to examine the construction of black identity established in Ilê Wopo Olojukan, from the study of the historical and religious influence in the promotion of territorial and cultural relations sustained in it. In other words, we seek to understand how religious identity, expressed from rituals, traditions and Candomblé beliefs, contributes to the formation of black identity in the specific territory of Ilê Wopo Olojukan, in view of the meaning of its existence to the black identity consolidation through various symbologies and cultural interference received throughout its history.

Keywords: Candomblé. Identity. Territory. Simbology.

ANÁLISE FÍSICA DO TERREIRO ILÊ WOPO OLOJUKAN

Histórico do espaço

O terreiro de candomblé Ilê Wopo Olojukan – que na tradução da língua iorubá para o português significa Casa do Trono de Oxóssi – é o mais antigo de Belo Horizonte. Construído em 1964 por Carlos Ribeiro da Silva, está atualmente sob a regência de Sidney Ferreira da Silva (MORAIS, 2006, p. 41).

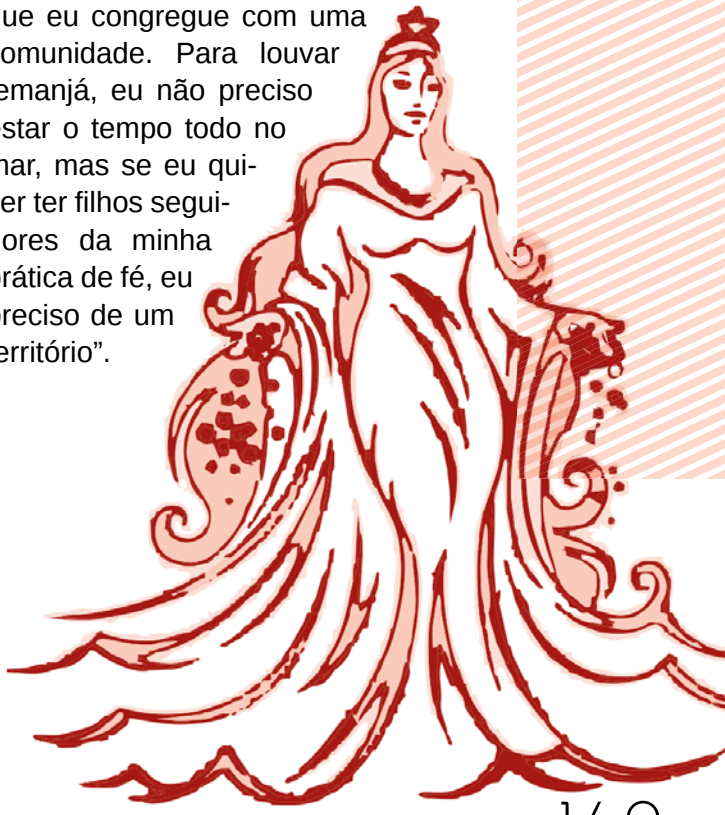
De acordo com Denísia Martins Borba, atual equede do terreiro, houve uma travessia de Carlos Ribeiro da Silva entre oito diversos espaços de Belo Horizonte, até que se encontrasse a locação atual na rua Dr. Benedito Xavier, 2030, Aarão Reis, Belo Horizonte. Apesar da longa caminhada até o endereço adequado, o nome fora mantido desde o início da história do espaço.

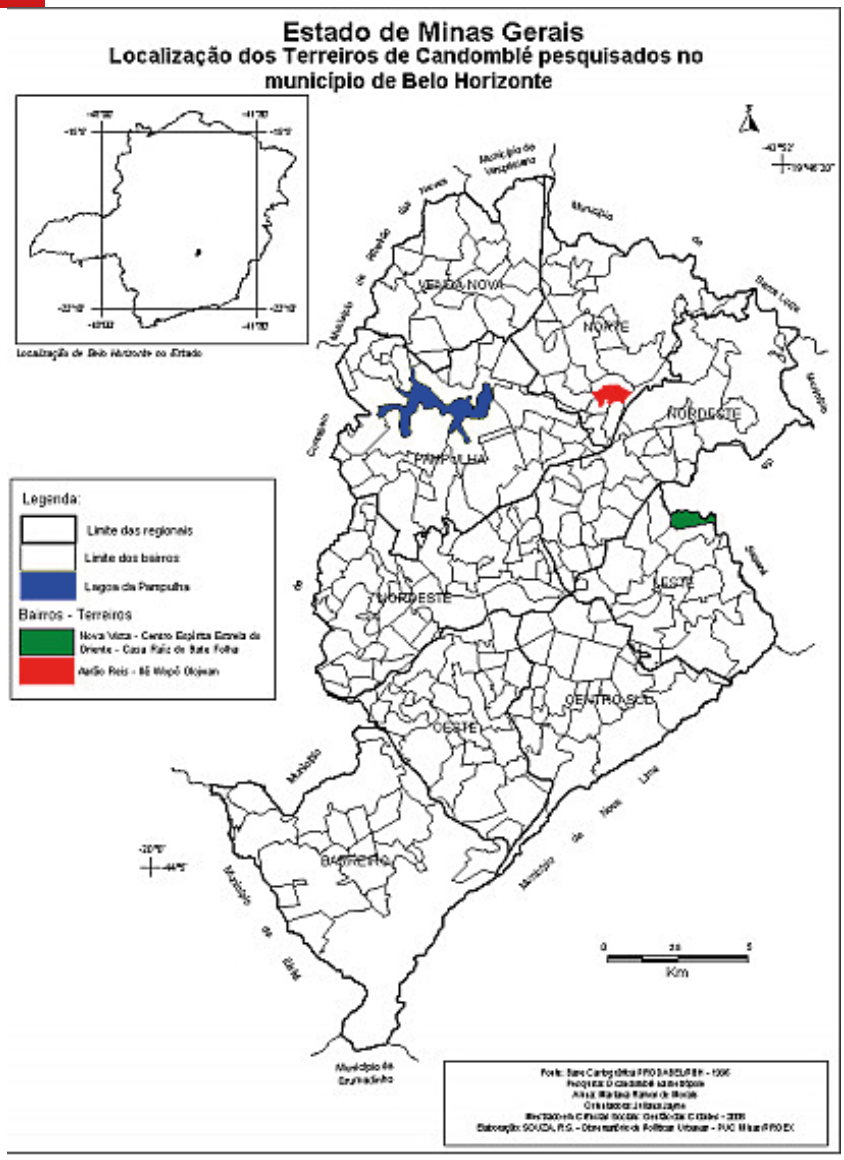
Figura 1: Placa de tombamento do terreiro Ilê Wopo Olojukan como Patrimônio Cultural de Belo Horizonte. BH. MG. Foto do acervo particular.

A localização atual, constituída por uma área total de 2.000 metros quadrados, foi disputada pela via 240, rodovia que liga os municípios de Belo Horizonte e Santa Luzia, que foi construída logo à frente do espaço. Entretanto, o plano original da prefeitura, dirigido pela BH Trans à época, era de construir a via no espaço pertencente ao terreiro. Para que tal ocorresse, uma grande porção do território em estudo teria que ser desapropriado. Na mesma época, teve início um movimento pela preservação do local durante o primeiro Festival de Arte Negra (FAN), evento promovido pela Prefeitura de Belo Horizonte em 1995, na ocasião do tricentenário de Zumbi de Palmares (LOTT e BOTELHO, 2004), o que foi essencial para o tombamento do terreiro realizado sob o processo 010915349580 em 09 de novembro de 1995. Com o objetivo de discutir questões relacionadas à exclusão social da população negra e a integração da mesma de forma sistemática à comunidade, o FAN reuniu artistas e estudiosos da África e do Brasil para a realização de shows, oficinas, mostras de artes plásticas e cinema, conferências e seminários. Entre as atividades do festival, destacou-se a eleição de comunidades negras para se tornarem oficialmente patrimônio cultural do município (MORAIS, 2006, p. 42).

Em seu relato, Denísia Martins Borba conta um pouco de seu sentimento ao conseguir o tombamento e disserta acerca da importância da manutenção do território para a vivência dos seus integrantes enquanto comunidade:

> “Sem território é muito difícil que eu congregue com uma comunidade. Para louvar Iemanjá, eu não preciso estar o tempo todo no mar, mas se eu quiser ter filhos seguidores da minha prática de fé, eu preciso de um território”.





Mapa 1: Localização dos terreiros de candomblé pesquisados no município de Belo Horizonte. "O Candomblé na metrópole [...]" (MORAIS, 2006, p. 34).

Manutenção do espaço

Atualmente, alguns terreiros fogem das concepções comumente atribuídas ao Candomblé, escapando do próprio significado da palavra terreiro, pois segundo a definição a seguir, encontrada em alguns dicionários de grande circulação, terreiro é definido como:

> "s.m. Faixa, espaço ou porção de terra plana e extensa. Espaço de terra utilizado para o cultivo. Espaço de terra batida sem cobertura. Quintal pequeno, geralmente de terra batida, localizado no exterior de uma casa; terraço ou eirado. Tipo de largo ou praça localizada dentro de uma cidade, vila ou povoação."

Disponível em: <http://www.dicio.com.br/terreiro>. Acesso em: 11 set.. 2016.

O terreiro visitado possui uma estrutura interna construída sobre pavimentação de cimento, não seguindo o tradicional costume da realização dos ritos e costumes candomblecistas em um ambiente terreado. No entanto, o Ilê Wopo Olojukan ainda persiste com uma área dedicada ao contato direto com a natureza, diferentemente de outros espaços de culto a orixás, que esbanjam luxo em suas construções e instalações; hábito comum na cidade de São Paulo e muito criticado por alguns dos integrantes do espaço estudado, como relatado pela Bárbara, paulista, atendente de *Marketing* e católica que frequenta o terreiro desde que nasceu:

> "O começo era quando as casas usavam tudo muito simples, aqui é tudo simples. Se você for em algumas casas em São Paulo você vai ver que o pessoal acha que quanto mais luxo houver, mais bonito é, e não é assim. O orixá é humildade, o orixá é simplicidade, o orixá é pé no chão".

De acordo com Sidney Ferreira da Silva, dirigente espiritual do Ilê Wopo Olojukan, o terreiro poderia passar por grandes reformas e modernizar-se, mas essa não é a sua intenção:

> Os orixás pregam a simplicidade, porém não desgostam do luxo. Fazemos alguns itens ricamente adornados, como as suas roupas, pois os orixás gostam, mas não fazem questão.

As principais fontes de renda do terreiro advêm dos aluguéis dos prédios que pertencem ao espaço, ajuda financeira proveniente dos integrantes do lugar e da cobrança de Sidney Ferreira da Silva pelos seus serviços oferecidos de matriz candomblecistas. O dirigente relembra que o gasto do espaço é imenso, originário da compra de comidas, pagamento de água e luz.

DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Sincretismo religioso

> "DE MANHÃ NA MISSA,
> À NOITE NO CURANDEIRO"
> (MBEMBE, 2013, p. 69).

Os movimentos colonialistas do século XV, em especial os que foram responsáveis pela colonização do continente africano, mudaram a forma com que o africano se relacionava com a sua própria religião, representando a fusão definitiva de determinados aspectos do cristianismo com os segmentos religiosos de matriz africana.

Achille Mbembe, em seu livro *África Insubmissa*, detalha as estratégias que foram adotadas pelo negro africano para tentar evitar uma completa conversão do seu povo à cultura europeia, a fim de preservar a sua própria história. Mbembe destaca que, evidenciada a pluralidade dos povos da África, algumas de suas populações indígenas[8] chegaram a fingir a sua própria submissão com o objetivo de encontrar tréguas nas formalidades e nos costumes ocidentais.

Ao questionar "porque se converteram eles?", Mbembe percebeu que se negligenciou muito frequentemente a quota de artimanha e de cálculo que terá persuadido os nativos a "entrar em contato" com os sistemas religiosos e simbólicos, que saíram vitoriosos dos confrontos que já não podiam adiar (MBEMBE, 2013, p. 63).

Apesar de o Candomblé ter surgido em território brasileiro, as suas influências africanas foram determinantes no elo das relações entre candomblecistas e cristãos. Como constatado após a visita ao Terreiro, a presença de santos católicos e de rituais cristãos são visíveis e marcantes. Além de todas as evidências do sincretismo presente nas vestimentas e nos aspectos ritualísticos do Candomblé, pode-se observar que trinta e seis por cento dos entrevistados, todos frequentadores do Terreiro, autodeclaram-se católicos.

Quando questionados acerca das características católicas que as religiões africanas carregam até os dias atuais, trinta e seis por cento dos entrevistados se dizem contrários ao sincretismo do Candomblé com o cristianismo, o que desperta a discussão acerca da reafricanização, na medida em que "se baseia em um rompimento com a tradição católica a fim de estabelecer uma identidade religiosa própria para o candomblé" (RANGEL *et al*, 2015, p. 1997). No entanto, aqueles entrevistados que declararam ser a favor desse sincretismo religioso salienta a ideia de que "o processo de reafricanização não levará nenhum terreiro de candomblé a atingir o *status* de religião pura" (RANGEL *et al*, 2015, p. 1997), fato comprovado pelos setenta por cento dos entrevistados que declararam conviver de forma harmoniosa com a presença de elementos de outras religiões no terreiro. Falar sobre fusão de culturas, apropriação e sincretismo é delicado para uma etnia que sofreu tanto nos últimos séculos com imposição cultural e ainda carrega o pesado fardo do preconceito religioso e étnico-racial. Dessa forma, é de suma importância mostrar que o Candomblé continua na "busca por uma identidade que não obrigue o terreiro a ter uma ascendência baiana, ou ainda, a possibilidade real de separar-se do catolicis-

8 Noção de indígena utilizada por Achille Mbembe para designar o "não-sujeito" da época colonial, alargando o termo a tudo o que, nas sociedades africanas, pode ser aceito como sendo "autóctone", contrariamente ao que "vem de fora" (MBEMBE, 2013, p.15).

mo e deixar de ser uma religião sincrética" (RANGEL *et al*, 2015, p. 1997).

Evidenciou-se que, em uma tentativa de justificar a presença de influências cristãs no terreiro, como a realização de missas católicas no espaço, cinquenta e cinco por cento dos entrevistados remetem a questões tradicionais e restritas ao Ilê, e dizem-se favoráveis à manutenção destes aspectos unicamente em respeito ao fundador do lugar, Carlos Olojukan (RANGEL *et al*, 2015, p. 2005).

Por fim, apesar da grande quantidade de similaridades entre o Candomblé e a Umbanda, as quais foram inclusive destacadas pelos frequentadores durante a visita ao terreiro, apenas trinta e três por cento dos entrevistados consideram ser adequado o sincretismo entre essas duas religiões. O dado supracitado demonstra, novamente, a dificuldade da discussão do tema apropriação cultural em território negro, e sugere que, mesmo se tratando de duas religiões afro-brasileiras, os seus respectivos fiéis, com o intuito de consolidar "uma identidade própria a partir da rejeição das influências de outras religiões" (RANGEL *et al*, 2015, p. 1997), lutam para que as suas crenças não sejam confundidas.

Território negro e submissão

O território negro, e até mesmo sua existência, é controverso. Da mesma forma se dá a abordagem do racismo e da identidade. A presença de brancos no local em estudo é totalmente aceita, sendo justificada pela identidade. Existe certa concordância entre os frequentadores de que a raça negra vai além da melanina, passando também pela origem familiar, a criação e a cultura. No entanto, isso se desvia quando se trata da associação entre o território negro e a identidade negra. Para muitos, uma coisa não leva à outra. Nota-se também que muitas vezes é colocada em questão a existência de um território negro ou da identidade negra.

A bandeira da apropriação cultural também é levantada. A relação entre a presença no território negro e a negritude foi defendida por alguns dos frequentadores. Porém, a opinião mais presente entre os entrevistados foi a de que toda a questão de cor e raça não passa de uma questão de melanina, um posicionamento que pode ser classificado como um estágio de submissão. Esse seria uma consequência da normatização da cultura branca a qual estamos submetidos (FRANKLIN, 2000, p. 70).

É questionada, portanto, a visão da religião negra e do território negro como uma militância. Para alguns, o preconceito pode se originar deste tratamento de separação entre cultura negra e branca. Um dos candomblecistas entrevistados salientou uma importante reflexão sobre o preconceito, ao afirmar que muitas vezes esse começa quando se levanta a bandeira da militância ou quando se associa determinado espaço à negritude, o que seria quase uma provocação ao branco. Portanto, a causa negra não é unânime e até mesmo sua necessidade é colocada em xeque.

A própria presença no território negro seria uma característica do estágio de militância, tese que é desafiada pela situação, onde negros, em território negro, que tem ciência dos preconceitos que sofreram e sofrem ao longo da vida, discordam da classificação de sua religião como uma luta (FRANKLIN, 2000, p. 79). Para eles, o Candomblé é apenas uma expressão da sua fé, e a cultura negra é uma valo-

rização da origem comum, a africana. Em outro ponto, as ideias de alguns dos entrevistados e a descrição do estágio de submissão se chocam, tirando do Ilê Wopo Olojukan o *status* de território negro.

Questionados sobre intolerância religiosa, alguns dos frequentadores responderam pedindo, ao invés de tolerância, respeito, um método de pacificação do Candomblé, urgindo apenas que esse não fosse atacado. Entretanto isso nos leva novamente ao posicionamento acerca da submissão. Se o Ilê Wopo Olojukan fosse um espaço de afirmação da identidade negra, e nesse existisse (como existe de fato), a atribuição ao branco de simplesmente respeitar o território, os candomblecistas desse terreiro estariam no estágio de submissão (HELMS, 1993 *apud* FRANKLIN, 2000 p. 69-70), se não fosse por um fato: eles não tentam se adaptar ao mundo branco. O simples fato de participarem de uma religião negra e valorizarem essa origem coloca em xeque a classificação destes como submissos ou militantes.

Nota-se que, para quem o frequenta, o Ilê Wopo Olojukan é um espaço de acolhimento e representatividade para qualquer um, independente da cor. A origem africana é vista como uma origem comum, como um orgulho, e não como uma luta. Não se pode dizer, dessa forma, que o racismo não está presente na vida dos entrevistados, ou que estes são submissos ou não têm consciência da relação entre o negro e o Candomblé. Entretanto, parece existir uma visão de que o Ilê não existe para ser um símbolo que visa combater o racismo, mas sim para ser uma expressão da fé e da identidade de seus fiéis.

A IDENTIDADE DO TERREIRO

Análise da simbologia

O símbolo revela-se como "um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós" (JUNG, 1964, p.18). As simbologias e seus significados estão presentes em suas mais variadas formas no terreiro.

Figura 2: Figura de Oxóssi na roça – Ilê Wopo Olojukan. BH. MG. Foto do acervo particular.

> Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que frequentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens (JUNG, 1964, p. 19).

Logo, o homem utiliza símbolos para representar aquilo que não pode ser alcançado por meio de seus sentidos, já que esses são limitados por conta da pouca percepção que ele tem em relação ao mundo à sua volta (JUNG, 1964, p. 19).

As simbologias e seus significados estão presentes em suas mais variadas formas nos espaços do Ilê Wopo Olojukan. Por meio desse contexto, podemos observar uma evidente relação entre a simbologia encontrada no terreiro e a construção de sua identidade, na medida em que os símbolos servem como reafirmação da ex-

pressão de práticas, crenças e rituais realizados nesse espaço.

Elementos de diferentes crenças e religiões convivem simultaneamente em um mesmo ambiente, dentro do Ilê Wopo Olojukan. A figura de São Jorge, que tem um espaço próprio, faz referência a Oxóssi, orixá da caça. Os filhos da casa batem cabeça a ele ao chegaram ao terreiro, isto é, os frequentadores do Ilê demonstram seu reconhecimento perante a sabedoria da entidade representada pela figura de São Jorge, mas admitem significados distintos à presença dele na casa, pois, apesar de reconhecerem a referência ao santo católico, é ao orixá a que são fiéis, não excluindo, de antemão, a possibilidade de sincretismo entre o catolicismo e o candomblé, o que viabilizaria um frequentador a prestar culto a ambas as divindades.

Há também no terreiro, em meio às casas de orixás, uma casa destinada ao caboclo do terreiro, associado à Umbanda, mas ali presente devido à cessão do espaço para a realização da Festa do Caboclo, que ocorre no Ilê Wopo Olojukan uma vez por ano. Além disso, alguns dos candomblecistas que outrora frequentaram terreiros de umbanda ainda veem no caboclo um símbolo de fé e oração, o que demonstra novamente a forte presença do sincretismo religioso.

[... A IDENTIDADE DO **ILÊ WOPO OLOJUKAN** ESTÁ EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO ...]

A simbologia nutre o terreiro de significados e marca o sincretismo e a mobilidade de crenças desse espaço, o que nos leva a concluir que a identidade do Ilê Wopo Olojukan está em constante transformação, já que esta sofreu mudanças ao longo do tempo, apropriando-se de elementos de crenças distintas, atestando a liquidez da identidade, bem como sua crise (HALL, 2014, p. 7-9).

A formação da identidade negra a partir do território

O conceito de território não tem seu sentido voltado apenas ao aspecto geográfico referido à terra, tomando-o como materialidade, mas também ao significado relacionado aos sentimentos que o território provoca (NETO, 2012, p. 24). No entanto, o estabelecimento de relações de poder se mostra como uma característica tangente a ambos os sentidos de território.

> De outro modo, a centralidade da noção de poder nos parece presente no pressuposto da multiescalaridade; afinal, pensar na formação de territórios em múltiplas escalas espaciais e temporais e, não apenas, na escala unitária do Estado-nação, pressupõe outra(s) concepção(ões) de poder, que não se reduz(em) ao poder soberano do Estado, mas que possa(m) considerar sua manifestação em toda microfísica social. Portanto, são as complexas relações de poder entre os mais variados agentes que operam em múltiplas escalas que permitem pensar na multiescalaridade do território, ou seja, nas múltiplas escalas em que o poder se manifesta e se exerce (NETO, 2012, p. 24).

Outro aspecto fundamentador do conceito de território remete ao estabelecimento de fronteiras, novamente não apenas físicas e designadoras de espaços físicos, mas também aquelas delimitadas por um conjunto de peculiaridades de um povo que ocupa um espaço e faz dele um referencial de “medo para quem dele é excluído, de satisfação para aqueles que dele usufruem ou com o qual se identificam” (HAESBAERT, 2004, p. 44).

> Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos [aqueles que realizam um programa] que ‘produzem’ o território”, pois, “em graus diversos, em

> momentos diferentes e lugares variados, somos todos atores sintagmáticos que produzem 'territórios (RAFFESTIN, 1993 [1980], p. 152).

Ao lançarmos mão do Ilê Wopo Olojukan, verificamos que seu espaço se constitui não apenas como um território, mas um território negro, pois além de admitir relações de sentimento e pertencimento do povo negro, dá a ele o poder de expressar a sua religião em um ambiente no qual os costumes, rituais, vestimentas e experiências pessoais são oriundos de um arcabouço religioso negro, ou seja, o Ilê Wopo Olojukan não se apresenta nos moldes de religiões massificadas por etnias brancas e elitistas, se concretizando, portanto, como uma área na qual o negro pode estabelecer poder através de sua fé, enaltecendo um sentimento de satisfação, pertencimento e expressão de sua identidade, fronteiras entre o exercício da religião negra e a imposição branca e cosmopolita religiosa imposta ao longo da história de exploração étnico-racial cerceada em nossa sociedade.

Apesar de não ser um espaço ocupado exclusivamente por negros, o terreiro continua sendo território negro, pois carrega vertentes religiosas, culturais e sociais negras em seu cerne, e, portanto, influencia na constante construção da identidade desse povo. No entanto, o Ilê Wopo Olojukan não é utilizado para combater diretamente o racismo e outras militâncias de cunho político-social, pois é visto pela maioria de seus frequentadores como um lugar de manifestação religiosa e de grande apelo afetivo e familiar para todos que lá se encontram, influenciando primordialmente a busca pela tolerância religiosa, ao mostrar que o que eles procuram ao estar lá é fé, família, conhecimento. Ninguém que atua no terreiro manifestou incômodo ou desconforto com a presença de brancos ativos no espaço, e nem de brancos que pegavam a "identidade negra" para si e se diziam negros. Tudo isso é aceito com muito bom grado por lá. O conceito de etnia deixa de valer apenas como o fenótipo – a cor da pele de cada um – e passa a ter significados mais ligados ao que acreditam e a como vivem sua vida. Apesar de se constituir como um território negro e ser importante para a formação da identidade desse povo, o Ilê Wopo Olojukan é revelado como imprescindível, sobretudo, para a construção da identidade religiosa de todos os seus frequentadores, não importando etnia, raça, classe social, gênero, orientação sexual ou demais características que normalmente levam ao preconceito e à intolerância nos moldes basilares da sociedade contemporânea.

Considerações finais

[... O ESPAÇO É ENTE FORMADOR DO PROCESSO QUE CONSTRÓI A CARGA IDENTITÁRIA DE TODOS OS POVOS. ...]

A identidade é entendida, por fim, como um conjunto de processos inconscientes somados ao longo do tempo, resultantes em várias vertentes de influências históricas, religiosas e culturais que se mesclam e compõem o arcabouço formador da mentalidade do ser, constituindo a força motriz das características que o faz se entender como tal. O espaço se apresenta como um elemento fundamental para a lapidação dessas características, na medida em que consolida a relação de pertencimento do indivíduo à sua identidade, ou seja, o espaço é ente formador do processo que constrói a carga identitária de todos os povos. No estudo em questão, o Ilê Wopo Olojukan revela-se, através das representações e simbologias do sagrado e da matriz africana, como parte da formação da identidade negra ligada ao candomblé em Belo Horizonte. Isso porque o terreiro transcende a ideia de espaço material e geográfico, comumente definido como a porção da superfície terrestre habitada, transformada e utilizada pelo ser humano, na medida em que

> no espaço geográfico, as ações e os objetos são indissociáveis e não podem ser considerados separa-

damente, pois desta forma não têm sentido. O espaço social está contido no espaço geográfico. Os objetos só têm sentido a partir da ação humana, a qual resulta nos objetos e é realizada sobre eles (SANTOS, 2006 [1996] *apud* GIRARDI, 2006[9]).

Dessa forma, o Ilê Wopo Olojukan releva-se como um espaço geográfico e social, e, como toda sociedade atribui percepções e sensações ao espaço que ocupa, ele se apresenta também e, primordialmente, como um lugar para seus frequentadores, haja vista que "o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (TUAN, 1983, p. 6).

Em linhas gerais, conclui-se que o Ilê Wopo Olojukan não é apenas um território negro por cultivar relações de poder expressas pela afirmação da religião e costumes oriundos de ancestrais negros e da matriz africana, mas sim por ser entendido pelos seus frequentadores como um espaço de acolhimento, fé, pertencimento, e, sobretudo, como um lugar no qual, apesar de haver candomblecistas de diferentes etnias que não passaram pelo mesmo processo de submissão, reafricanização e preconceito que os negros, estão submetidos à religião e à cultura desse povo, pois frequentam um espaço regado pelas diversas simbologias, crenças, rituais e vestimentas que constituem o candomblé como religião negra. "As ideias de "espaço" e "lugar" não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa" (TUAN, 1983, p. 6). Assim, os frequentadores do Ilê Wopo Olojukan, inseridos em território negro, reafirmam a existência do espaço social, descrevendo-o como uma "grande casa", "família", "meu tudo", e estão atrelados aos diversos significados que os permitem chamá-lo de lugar. E é essa visão de lugar que possibilita a seus frequentadores a oportunidade de construir e reafirmar a sua identidade, seja ela ligada à questão étnico-cultural negra, seja ela afirmada pela expressão da prática religiosa candomblecista, pois, na medida em que o indivíduo atribui sensações ao terreiro e estabelece uma relação de pertencimento nele, está cada vez mais integrado aos diversos processos que o levam a compreender a sua identidade em todas as suas vertentes, e assim, se afirmar na sociedade na qual está inserido.

9 GIRARDI, Eduardo. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/atlas/espaco_territorio.htm>. Acesso em: 29 set. 2016.

VOCABULÁRIO[10]

Angola – Região do sudoeste da África, na costa do Atlântico, habitada por povos do grupo linguístico banto. De lá vieram escravos para o Brasil, os quais trouxeram línguas como kimbundo e kikongo. Angola é uma nação de candomblé. Ex: candomblé de angola.

Assentamento – Altar das divindades africanas.

Babalorixá – Chefe masculino de terreiro, sacerdote que dirige um candomblé queto.

Banto – Grupo linguístico, compreendendo milhões de africanos, que veio da região onde estão situados os países Angola e Congo para o Brasil. Também designa a origem de certos candomblés, como o de Angola.

Barracão – Sala ou salão em que se realizam as festas públicas do candomblé e outros cultos afro-brasileiros.

Caboclo – Entidade indígena presente na umbanda e no candomblé.

Candomblé – Religião dos orixás no Brasil. Também pode designar o local do culto das divindades africanas.

Equede – Cargo ritual exclusivo das mulheres que não entram em transe. Auxiliar dos filhos-de-santo em transe.

Exu – Orixá mediador, mensageiro e intérprete das demais divindades africanas.

10 MORAIS, Mariana, 2006, p. 124. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_MoraisMR_1.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

Iemanjá – Divindade rainha das águas, do mar, a mãe dos orixás.

Iorubá – Povo sudanês que habita a região da Nigéria, na África, e que originou o candomblé queto; como é comumente chamado o povo nagô.

Nagô – Nome dado no Brasil aos escravos iorubás.

Orixá – Divindade do panteão iorubá.

Oxalá – Orixá da criação, o pai dos orixás.

Oxóssi – Orixá da mata, da caça.

Pai-de-santo – Sacerdote do candomblé, chefe do terreiro.

Preto-velho – Entidade da umbanda que representa os antigos escravos africanos no Brasil.

Umbanda – Religião afro-brasileira com influência dos rituais africanos, do espiritismo kardecista, do catolicismo e dos rituais indígenas.

Referências

FRANKLIN, Ricardo. **Afro-descendente:** Identidade em construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

GIRARDI, Eduardo. **Espaço geográfico e território:** conceitos-chave para a Geografia. São Paulo: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, 2006. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/atlas/espaco_territorio.htm>. Acesso em: 29 set. 2016.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade:** a rede gaúcha no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade.** 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JUNG, Carl. **O homem e seus símbolos.** Tradução de Maria Lúcia Pinho. 5ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1969.

LOTT, Wanessa Pires; BOTELHO, Tarcísio. **O patrimônio cultural na cidade de Belo Horizonte:** o caso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá e do Terreiro de Candomblé Ilê Wopo Olojukan. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPOCS, 18, 2004, Caxambu. Anais. Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2004.

MBEMBE, Achille. **África Insubmissa:** Cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial. Tradução: Narrativa Traçada. Mangualde: Edições Pedago, LDA, 2013.

MORAIS, Mariana. **O Candomblé na metrópole** – A construção da identidade em dois terreiros de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2006. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencSociais_MoraisMR_1.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

NETO, Agripino. **Componentes definidores do conceito de território:** A multiescalaridade, a multidimensionalidade e a relação espaço poder. Bahia: Artigo publicado pela Universidade do Estado da Bahia, 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/603/367>. Acesso em: 29 set. 2016.

RAFFESTIN, Claude. (1986). **Ecogénèse territoriale et territorialité.** In: AURIAC, F.; BRUNET, R. (coord.). Espaces, jeux et enjeux. Tradução de Agripino Souza Coelho Neto. Paris: Fayard-Diderot, 1986.

RANGEL, B. A.; FINELI. R. M. G.; SILVA. L. L. S. **O Candomblé como agente da reconstrução da identidade afrodescendente.** In: Simpósios da ABHR, 14, 2015. Anais. Juiz de Fora UFJF. Editora Vozes. 2015. p. 1996.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

TESOURO DIRETO X POUPANÇA

COMPARANDO AS DUAS FORMAS DE INVESTIMENTO

DIRECT TREASURE X SAVINGS

COMPARING THE TWO FORMS OF INVESTMENT

Orientador:
Eustáquio Júnior[1]

Orientandos:[2]
Cristiano Fabrino Seuser
João Guilherme Marcondes de Souza Costa
Igor Tadeu Rodrigues Furlan
Ivan Mena Brandenberger Valente
Luiz Fernando Sêda Grossi
Pedro Henrique Nunes Rocha

RESUMO

Por meio deste artigo científico temos como objetivo conscientizar a população leiga diante desse assunto sobre os benefícios do investimento no tesouro direto em comparação com a poupança. Apresentaremos as duas formas de investimento e explicaremos suas características. Posteriormente, através de gráficos e estatísticas, compararemos as formas e mostraremos a rentabilidade de cada uma, enquanto explicitamos seus prós e contras, dando ênfase em quão grandes são as perdas, mesmo que em pequenos investimentos, ao longo dos anos.

Palavras-chave: Educação. Finanças. Tesouro Direto. Poupança.

ABSTRACT

With this article, we have a goal to give knowledge to the people who don't know about economy, about the benefits of investing in direct treasure in comparison with the savings account. We'll present the two ways of investing and explain their caracteristics. Following that, we'll use graphics and statistics comparing both, and we will show the rentability in each one, showing their pros and cons, to emphasize how big are the loss, even in small investments throughout the years.

Keywords: Education. Finances. Direct Treasure. Savings.

1 Graduado em Engenharia Mecânica e pós-graduado em Ensino de Matemática pela UFMG.

2 Estudantes da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

Introdução

Vivemos em um país no qual a educação financeira é um artigo de luxo, sendo intangível para grande parte da população que passa a vida inteira sendo "lesada" por seus bancos e gerentes que, na maioria das vezes, os induzem a investimentos como a Poupança ou impondo taxas de administração para aplicação do dinheiro na bolsa de valores, tesouro e outros meios de investimento, levando-os a deixar de ganhar o tanto que ganhariam se fossem educados financeiramente. O grande beneficiado com isso é o banco que lucra por meio de pequenas porcentagens, porém, com o grande capital investido, essa taxa produz uma alta rentabilidade para esse mercado financeiro.

Outros importantes fatores que devemos levar em consideração ao investirmos é o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que pode alterar nas taxas de retorno do investimento e sua rentabilidade, interferindo no ganho real e no seu poder de compra, e a Selic que é uma taxa que consiste em taxa média ajustada dos financiamentos diários apurados no Sistema Especial de Liquidação e de Custódia. A Selic é definida a cada 45 dias pelo COPOM. É a partir da Selic que os bancos definem a remuneração de algumas aplicações financeiras feitas pelos clientes. A Selic também é usada como referência de juros para empréstimos e financiamentos.

Em um país que vive em uma profunda crise econômica, a diferença entre as aplicações pode render fortunas.

[EM UM PAÍS QUE VIVE EM UMA PROFUNDA **CRISE ECONÔMICA**, A DIFERENÇA ENTRE AS APLICAÇÕES PODE **RENDER FORTUNAS**.]

Poupança

A Poupança é uma das aplicações financeiras mais tradicionais no Brasil, devido à sua praticidade. É um investimento oferecido pela Caixa Econômica Federal, o maior banco do Brasil.

O investimento funciona como um "empréstimo" de seu dinheiro ao banco, com a promessa de juros mensais. É um investimento de baixo risco, e, consequentemente, de baixo rendimento.

Nos últimos 12 meses, a Poupança rendeu 8.32%, ou seja, uma perda de poder de compra, pois o rendimento foi menor do que a taxa IPCA (8,84%). Segundo o Banco Central, a Poupança teve o pior resultado dos últimos 22 anos para o primeiro semestre de 2016. As retiradas superaram os depósitos em 42 bilhões de reais, sendo um reflexo do desemprego, da inadimplência e da recessão do país (OLIVEIRA, 2016).

De acordo com o site da Caixa Econômica Federal, existe uma regra da Poupança. Essa regra determina que quando a taxa Selic ficar igual ou menor que 8,5% ao ano, o rendimento da poupança passará a ser 70% da taxa Selic + TR (taxa referencial, taxa de juros de referência), sendo válida para depósitos realizados a partir de 04 de maio de 2012. Se a Selic ultrapassar os 8,5% da regra, vai render 0,5% mais a TR.

A remuneração acontece na data de aniversário da abertura da Poupança, ou seja, o rendimento é creditado no mesmo dia em cada mês, com exceção dos dias 29, 30, e 31, e, em casos assim, o crédito ocorre no primeiro dia útil de cada mês.

Caso o banco quebre, contas que possuem até R$ 250.000,00 são remuneradas pelo Fundo Garantidor de Crédito do Banco Central.

A Taxa Referencial de juros é uma taxa divulgada diariamente, atuando como um índice de correção monetária, para evitar

eventos como o ocorrido em 1990, em que a inflação beirava 1600%.

Para calcular a TR, é preciso conhecer o valor de um índice denominado TBF (Taxa Básica Financeira). O Banco Central faz uma pesquisa diária sobre as 30 maiores instituições analisando suas taxas de juros dos CDB prefixados, chegando a um valor médio ponderado.

A partir do valor de TBF divulgado, é calculado o valor da TR mensal, que corrige o saldo das aplicações nas Cadernetas de Poupança. Para realizar o cálculo, é necessário calcular o valor de R, que é um referente constituído de três parâmetros.

$$R = a + b.TBF$$

O parâmetro ***a*** representa um valor fixo igual a 1,005, ***b*** é encontrado a partir do valor do TBF, e o ***TBF***, como explicado anteriormente, é a média ponderada calculada.

Quando o TBF estiver abaixo de 11%, o Banco Central divulga novos valores de ***b***.

Conhecendo ***R***, é necessário substituir seu valor na fórmula abaixo:

$$TR = 100.\left[\frac{1+TBF}{R} - 1\right]$$

A seguir, apresentaremos alguns prós e contras da Poupança:

VANTAGENS:

– A Poupança é isenta da cobrança do imposto de renda.

– O capital pode ser sacado e depositado a qualquer momento, sem cobrança de taxas.

– É um dos meios mais fáceis de investimento.

– Os rendimentos da Poupança nunca podem ser negativos, por mais que o TR seja zero, o rendimento é sempre igual a 0,5% ao mês mais a TR.

– Não é necessário um valor mínimo para ser investido.

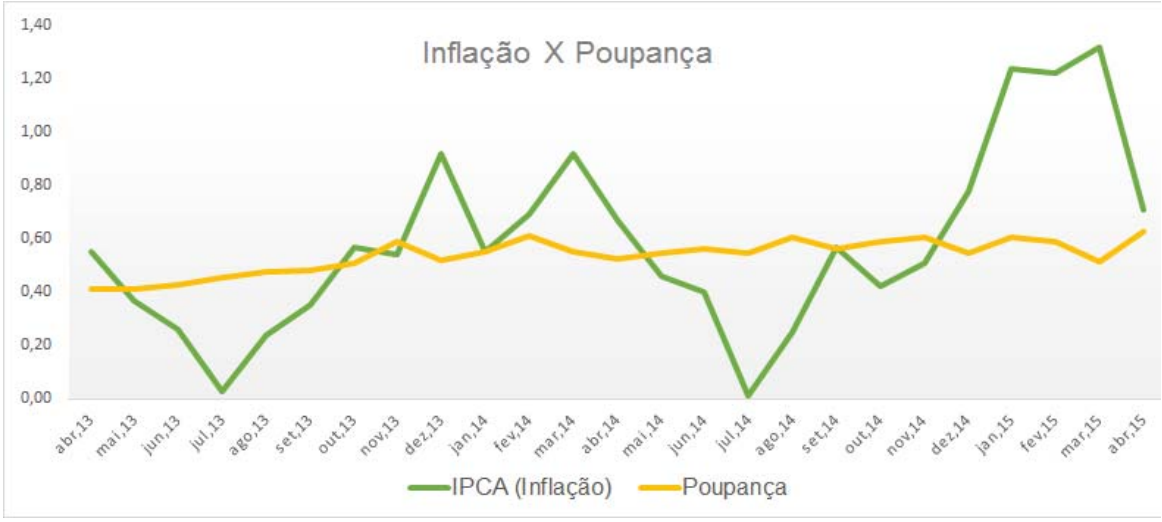
– As contas poupanças podem ser abertas gratuitamente.

DESVANTAGENS:

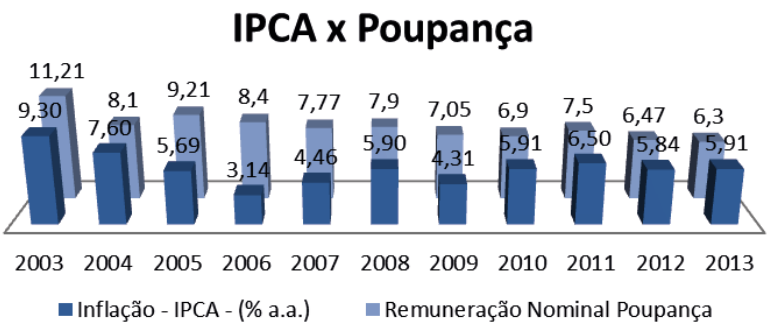
– A taxa de juros é mais baixa, comparada a outros investimentos.

– Se mexer no dinheiro antecipadamente, perde os juros ou parte deles.

– Perda de dinheiro em termos reais por causa da inflação (quando a inflação for maior que a taxa de juros, levará a uma perda no poder de compra).



Disponível em: <http://viverdeinvestimento.com/basico/inflacao>. Acesso em: 05 nov.2016.



Disponível em: <http://www.wgfinancas.com.br/artigos/cultura-investimento-poupanca.php>. Acesso em: 05.nov.16

Tesouro Direto

O Tesouro Direto é um programa de negociação de títulos públicos a pessoas físicas por meio da internet. Ele é uma ótima opção para quem quer uma renda extra e não possui muito dinheiro, pois é um investimento de baixo custo e seguro. Existem alguns mitos em relação ao Tesouro Direto como: é preciso permanecer com o título até o vencimento; os títulos podem ser vendidos diariamente, o resgate antes do vencimento é sempre desvantajoso; o Tesouro Direto não é isento da cobrança do imposto de renda. A cobrança no tesouro pode ser conferida na tabela abaixo.

Prazo	Alíquota de IR
Até 180 dias	22,50%
De 181 a 360 dias	20%
De 361 a 720 dias	17,50%
Acima de 720 dias	15%

Disponível em: <http://seuguiadeinvestimentos.com.br/desvendando-o-tesouro-direto-2-entendendo-o-tesouro-direto>. Acesso em: 05.nov.16

Outro mito é uma suposta dificuldade em abrir uma conta no Tesouro Direto. Mostraremos a seguir o quão fácil é criar sua conta. O 1º passo é abrir sua conta em uma corretora (quais corretoras, indicações). O 2º passo é transferir o dinheiro da sua conta corrente para a corretora, que lhe dará uma conta no site do tesouro direto. Agora é só analisar e comprar os melhores títulos de acordo com a política do país, a disponibilidade do dinheiro, melhores taxas e descontos.

Existem três tipos de Tesouro Direto, o pós-fixado, o prefixado e o tesouro Selic.

- **Pós-fixado:** investimento em que se tem uma taxa de rentabilidade fixa (NTNB) somado ao IPCA e um prazo de vencimento fixo para cada taxa. Indicado quando se tem expectativa do aumento da inflação, melhorando a porcentagem de lucros. É possível vender os títulos a qualquer momento, porém, isso pode diminuir a rentabilidade.

- **Prefixado:** investimento em que se tem uma taxa de rentabilidade definida e um prazo de vencimento. Indicado se você acredita que a taxa prefixada será maior que a taxa de juros básica da economia (Selic). É possível vender os títulos a qualquer momento, porém, isso pode diminuir a rentabilidade.

- **SELIC:** investimento em que se tem uma média das taxa Selic durante o tempo da aplicação. Indicado para um perfil conservador, já que não há risco de perda.

Poupança vs Tesouro Direto

Apesar de a Poupança ser o investimento mais conhecido entre os brasileiros, nem sempre é a melhor opção. Como exemplo, ao pegarmos um capital de R$ 100.000,00 e aplicarmos na Poupança, no prazo de um ano, temos um rendimento de 8,32% chegando à quantia de R$ 108.320,00. Ao aplicarmos esses mesmos R$ 100.000,00 no Tesouro Direto Selic, obteremos o rendimento de 14,25% e, ao retirarmos a quantia referente ao imposto de renda, obtemos um rendimento de R$ 11.421,00, totalizando R$ 111.421,00. Ao compararmos tais valores, percebemos que o investimento no Tesouro, no mesmo período de tempo em que a Poupan-

ça, nos dá um retorno cerca de 37% maior. Enquanto a Poupança rende R$ 8.320,00, o Tesouro rende R$ 11.421,00. Essa diferença pode parecer irrisória, porém, em aplicações de longo prazo, essa diferença pode custar mais alguns dígitos no valor obtido. Demonstraremos tal diferença a seguir.

Investimento na Poupança em 5 e 10 anos com taxa de rendimento de 8,32% ao ano (para calcular usaremos a fórmula capital (1+taxa) elevado ao tempo em anos):

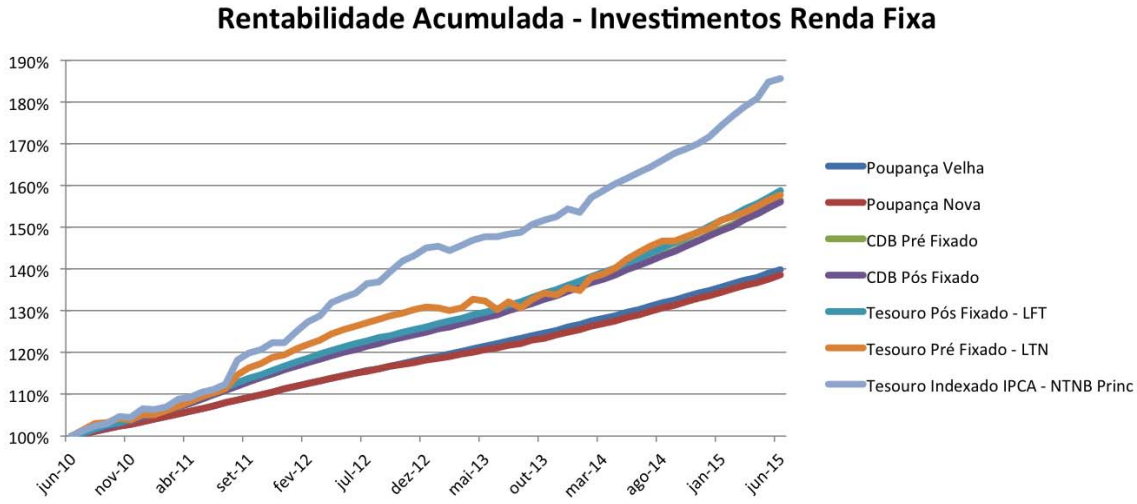
5 anos:	10 anos:
100.000(1,0832)	100.000(1,0832)
100.000(1,4912)	100.000(2,2237)
149.120	222.370

Enquanto no Tesouro Direto Selic com taxa de rendimento de 14,25% (calculado no site da fazenda):

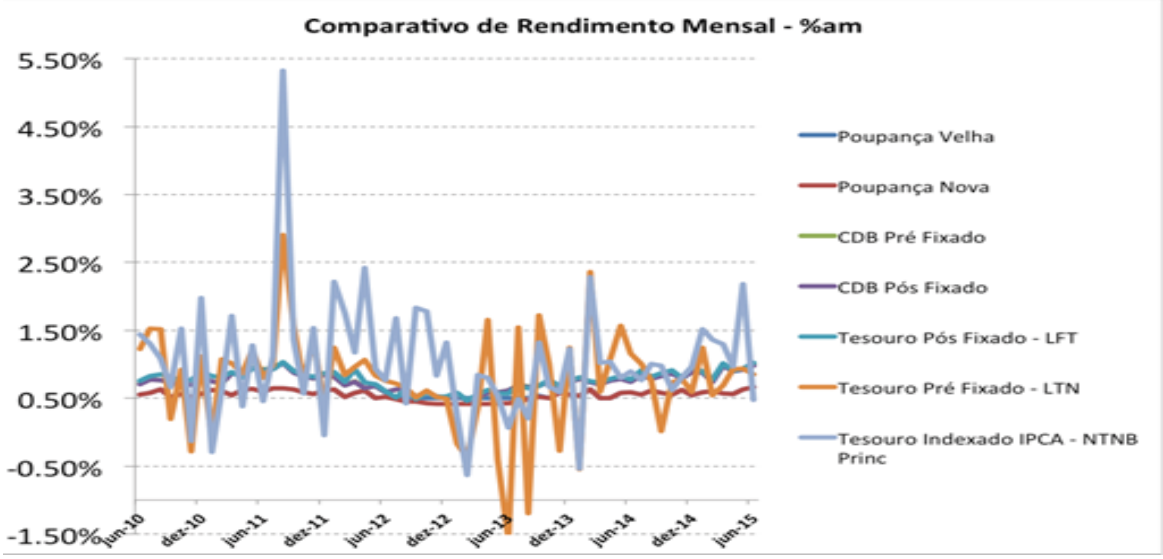
Em 5 anos no Tesouro Direto Selic, obteremos o valor líquido de R$ 178.310,00, quase 30,000,00 a mais do que a aplicação na Poupança.

Em 10 anos no Tesouro Direto Selic, obteremos o valor líquido de R$ 330.259,00, cerca de R$ 110.000,00 a mais do que a mesma aplicação na Poupança.

Como uma forma de ilustrar a diferença entre os diferentes investimentos, apresentaremos gráficos, comparando taxa de rendimento e o retorno líquido de cada opção.



Disponível em: <http://blog.bussoladoinvestidor.com.br/descubra-a-verdade-comparacao-de-rentabilidade--poupanca-cdb-ou-tesouro-direto>. Acesso em: 05.nov.16



Disponível em:http://blog.bussoladoinvestidor.com.br/descubra-a-verdade-comparacao-de-rentabilidade--poupanca-cdb-ou-tesouro-direto>. Acesso em: 05 nov.2016.

Considerações finais

Vivemos em um país onde temos a cultura de investir na poupança e para desconstruirmos isso, devemos incentivar a educação financeira nas escolas, debatendo com os alunos as diversas maneiras de investir e suas vantagens e desvantagens. Esse tema acaba sendo muito mais importante que várias matérias do currículo escolar, tendo uma real influência em nossas vidas no futuro. Mesmo sem a educação prévia, as pessoas devem pesquisar em diversos sites, ler especialistas sobre o assunto, notícias sobre economia etc.

Para as pessoas que ainda não entenderam como funciona o processo para começar a investir, aconselho que procurem alguma corretora (sugestões: Easyinvest, XP Investimentos e Ricoinvestimentos) para pedir mais detalhadamente como funciona a transferência do dinheiro da sua conta para a conta na corretora.

Ficou claro que a Poupança nunca é um bom investimento, portanto estudem muito sobre o assunto e peçam conselhos a pessoas que entendem do assunto antes de fazer qualquer investimento. Fiquem atentos ao lucro, à inflação e à valorização da moeda, pois vocês poderão perder poder de compra apenas com o dinheiro na conta.

Uma boa dica é fazer diversos cálculos e comparar estatísticas sobre diversos investimentos. Nunca invistam todo seu dinheiro em apenas uma aplicação, dividam a quantia e invistam um pouco no Selic, um pouco no pós-fixado e um pouco no prefixado, assim a rentabilidade será maior e seus riscos ainda menores.

Referências

Disponível em: <http://viverdeinvestimento.com/basico/inflacao>. 05 nov.16

Disponível em: <http://profelisson.com.br/2015/07/11/o-que-significa-tr-como-calcular-com-planilha-em-excel>. 05 nov.16

Disponível em: <http://www.wgfinancas.com.br/artigos/cultura-investimento-poupanca.php>. 05 nov.16

Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2016-07/saques--superam-depositos-e-poupanca-registra--o-pior-semestre-desde-1995>. 05 nov.16

Disponível em: <http://www.infomoney.com.br/tesouro-direto>. 05 nov.16

Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto-entenda-cada-titulo-no-detalhe>. 05 nov.16

Disponível em: <http://blog.bussoladoinvestidor.com.br/descubra-a-verdade-comparacao-de-rentabilidade-poupanca-cdb--ou-tesouro-direto>. 05 nov.16

A **IMPORTÂNCIA DE INVESTIR** EM DIFERENTES TIPOS DE APLICAÇÕES

THE **IMPORTANCE OF INVESTING** IN DIFFERENT TYPES OF APPLICATIONS

Orientador:

Eustáquio Junior[1]

Orientandos:

Caio Rodrigues Gotelip[2]

Camilla Laureano Marques[3]

Gabriel Arruda Prates[4]

Henrique Martins Ferreira Pinto[5]

Olavo Moreira Barbosa[6]

RESUMO

Este trabalho visa mostrar e comprovar a necessidade e importância da educação financeira para as pessoas, além de estimular o investimento em diferentes tipos de aplicações, baseando-se em fatos, comparando tipos de investimentos e as particularidades de cada um. Na hora de escolher onde aplicar o dinheiro, onde e como montar um plano de previdência ou qual ação escolher para investir, muitas pessoas procuram pelo gerente do banco que tem como maior preocupação a própria estabilidade e a do banco, não se preocupando assim com o sucesso de aplicações pessoais.

Palavras-chave: Aplicação. Poupança. Dinheiro. Investimento.

ABSTRACT

This work aims to show and prove the need and importance of financial education for people, as well as stimulating investment in different types of applications, based on facts, comparing types of investments and the particularities of each one. When choosing where to apply the money, where and how to set up a pension plan or what stock to choose to invest, many people look for the bank manager who is most concerned about their own stability and that of the bank, not worrying about the success of personal applications.

Keywords: Application. Savings. Money. Investment.

1 Graduado em Engenharia Mecânica e pós-graduado em Ensino de Matemática pela UFMG.

2 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

3 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

4 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

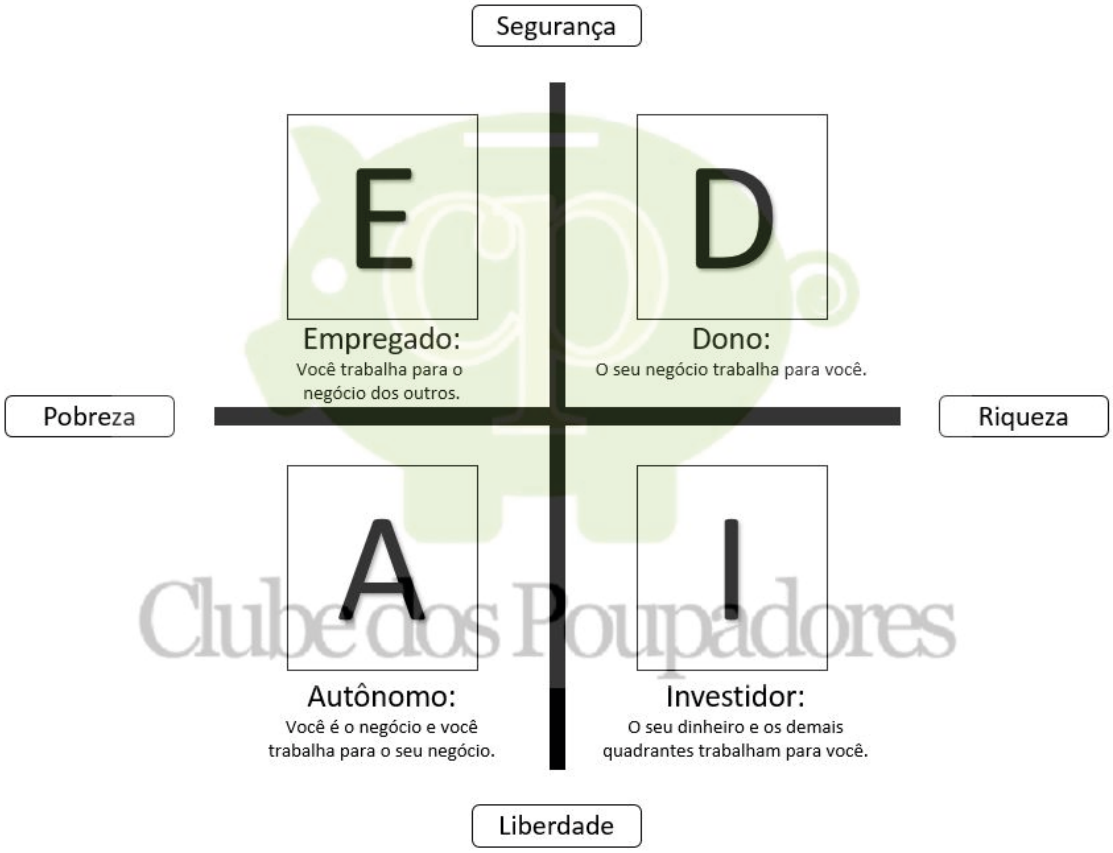
5 Estudante da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

6 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

Introdução

Desde a primeira convivência com o mundo financeiro, seja este um pedido de bala aos pais, ou mesmo um presente, todas as crianças são educadas financeiramente pelos pais, principalmente. Como toda educação paterna, essa diverge e se diferencia entre outras, levando a uma vantagem injusta daqueles que receberam a educação que leva ao enriquecimento perante os outros.

O site clube dos poupadores, baseado na obra de Robert Kiyosaki, estabelece os quatro tipos de educação financeira a seguir:



Disponível em: <https://www.clubedospoupadores.com/enriquecimento/vantagem-injusta.html>. Acesso em: 01 dez. 2016.

O grupo dos empregados, que trabalha para pagar contas a empresas e ao governo, determina o trabalho como segurança. Todo ensino tradicional existe para transformar crianças e adultos em bons empregados e, dessa forma, "cadjuvantes" no cenário econômico. Outro grupo é determinado pelos pequenos empresários, trabalhadores autônomos, donos de pequenas empresas que se julgam sem tempo para viver pois trocam o seu tempo por dinheiro. Trabalham pela independência financeira. O quadrante dos donos representa todos os empresários. Nesse quadrante, o negócio trabalha para o dono. O último quadrante é o dos investidores, aqueles que investem em empresas de terceiros, emprestam dinheiro ao governo em troca de juros e dividendos (renda fixa, títulos públicos etc.), levando estes uma vida de mais liberdade, visto que o dinheiro e os outros quadrantes trabalham para aqueles que estão nesse quadrante.

A injustiça na educação financeira leva a essa divisão em quadrantes. Aqueles que receberam instrução diferenciada se tornam privilegiados e compõem os investidores e donos. O impressionante disso tudo é que existe uma influência, uma manipulação do governo para que as pessoas fiquem na "ignorância financeira", e assim se mantenham estagnados no quadrante dos empregados. O governo estimula essa educação financeira que apoia e fortalece grandes bancos, operadoras de crédito e seguradoras que oferecem planos de previdência privada. Para isso, o governo fornece o "Selo de qualidade" para iniciativas que estimulam a educação financeira.

O único objetivo dessas instituições é o de que a maior parte das pessoas se mantenha no quadrante dos empregados, para poder, assim, permitir o funcionamento do sistema que tanto favorece tais entidades. Portanto, é muito importante adquirir uma educação financeira própria, para poder fazer os próprios investimentos, visando única e exclusivamente ao próprio sucesso e realização financeira. Tudo já dito vai ao encontro da proposta deste trabalho, que é reconhecer a importância de se aplicar em diferentes investimentos, mas antes, reconhecer a importância da educação financeira para as pessoas. Para isso, são apresentados a seguir os principais tipos de aplicação, suas vantagens, desvantagens, riscos e erros mais cometidos ao aplicar em cada um deles.

Caderneta de Poupança

Com grande facilidade de aplicação, isenção de Imposto de Renda e atrelamento à conta corrente, a Caderneta de Poupança é o investimento preferido no Brasil e uma das aplicações financeiras mais tradicionais do mercado. Porém, apesar disto, nem sempre a poupança é uma boa opção para o investidor, devido à baixa rentabilidade.

Além dos já ditos, a alta liquidez do investimento e a não exigência de taxa de administração levam as pessoas a enxergar a poupança como um investimento seguro e rentável. Seguro, de fato é, tendo em vista que existe uma garantia do FGC (Fundo Garantidor de Crédito) para aplicações de até R$ 250 000,00, ou seja, se for aplicada uma quantia inferior a esta e o banco quebrar, o FGC devolve todo o dinheiro aplicado somado à rentabilidade alcançada até o dia da intervenção na instituição financeira. Porém, a Poupança está longe de ser uma aplicação rentável, visto que, para que se considere rentável, o retorno deve superar a inflação, o que na maioria das vezes não acontece nesse investimento. Levando a um retorno de 0,5% ao mês, 6% a 7% ao ano, esse pode parecer positivo para aqueles que não analisam a inflação. Em tempos de alta nos preços, onde a inflação é de aproximadamente 8% ao ano, aqueles que aplicam na Caderneta de Poupança perdem dinheiro. Tal perda não é direta nem numérica, a mesma se dá no poder de compra do investidor, que diminui. Então, independente do tempo que se aplica na Poupança, pode não haver ganho real do investimento inicial, dependendo do índice IPCA (inflação). Logo, nesse investimento pode-se perder dinheiro. Além deste, muitas pessoas, ao usarem a Poupança como conta corrente, movimentam o dinheiro investido e perdem a "data de aniversário" desse investimento, que é o dia do mês em que os rendimentos são de fato entregues ao investidor.

VANTAGENS
Segurança, alta liquidez e possibilidade de recorrer ao dinheiro em horas de necessidade.
DESVANTAGENS
Rendimento consideravelmente inferior a outros investimentos, possível perda do poder de compra e nos lucros.

Tesouro Direto

O Tesouro Direto é um programa que permite a venda de títulos públicos para investidores como pessoa física. Esse pro-

grama foi criado pelo Tesouro Nacional em parceria com a Bovespa em 2002, e as negociações ocorrem por meio da internet.

O Tesouro Direto foi criado como uma forma encontrada pelo Governo Federal para arrecadação. O governo contrai dívida por meio dessa emissão dos Títulos Públicos, uma vez que possui investimentos que precisa fazer. Com isso, ele assume essa dívida com o investidor do tesouro e lhe paga nas datas e com os juros estabelecidos no ato da compra. Ou seja, basicamente o investidor empresta dinheiro ao governo que vai pagar essa dívida na data acordada no momento da compra dos títulos e pagando com os juros estabelecidos no momento em que investe.

Os títulos públicos são ativos de renda fixa. Ou seja, no momento em que se adquirem já se sabe o valor que será recebido no futuro.

Os riscos de se investir no Tesouro Direto são mínimos, uma vez que os títulos são garantidos pelo Tesouro Nacional e, caso o governo deixasse de cumprir com a responsabilidade de pagar, o impacto na economia seria extremamente forte, e o governo não vai querer isso.

Sob um ponto de vista mais informal, seria como dizer que o investimento no Tesouro Direto é, de certa forma, parecido com os investimentos bancários, porém com rentabilidade diferente (mais lucrativa) e também, ao invés de emprestar seu dinheiro aos bancos, você empresta ao governo.

Dessa forma, ao combinar alta rentabilidade bruta e baixo custo, seu investimento apresentará uma maior rentabilidade final. A rentabilidade do tesouro pode variar de acordo com o tipo de investimento, taxas, dia da compra, inflação, quantidade investida e tempo de investimento. Abaixo, uma tabela de títulos públicos disponíveis para compra, bem como seus respectivos preços e rentabilidades.

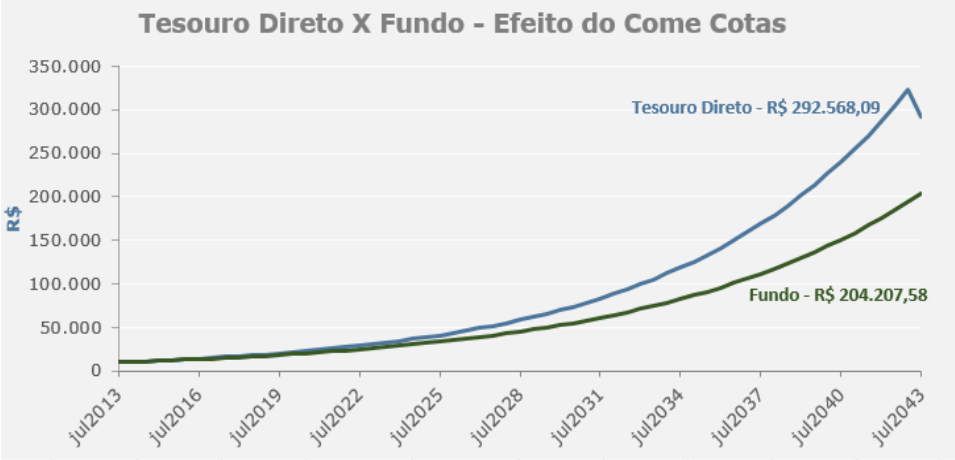
Preços e taxas dos títulos públicos disponíveis para compra

Título	Vencimento	Taxa % a.a.		Preço Unitário Dia	
		Compra	Venda	Compra	Venda
Indexados ao IPCA					
Tesouro IPCA+ 2019 (NTNB Princ)	15/05/2019	6,31	-	R$2.461,54	-
Tesouro IPCA+ 2024 (NTNB Princ)	15/08/2024	5,93	-	R$1.837,97	-
Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2026 (NTNB)	15/08/2026	5,98	-	R$3.002,57	-
Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2035 (NTNB)	15/05/2035	5,87	-	R$3.000,55	-
Tesouro IPCA+ 2035 (NTNB Princ)	15/05/2035	5,84	-	R$1.007,58	-
Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2050 (NTNB)	15/08/2050	5,77	-	R$3.100,52	-
Prefixados					
Tesouro Prefixado 2019 (LTN)	01/01/2019	12,29	-	R$757,77	-
Tesouro Prefixado 2023 (LTN)	01/01/2023	12,11	-	R$481,97	-
Tesouro Prefixado com Juros Semestrais 2027 (NTNF)	01/01/2027	11,93	-	R$902,01	-
Indexados à Taxa Selic					
Tesouro Selic 2021 (LFT)	01/03/2021	0,03	-	R$7.991,59	-

Atualizado em: **02/08/2016 14:07**

Disponível em: <http://www.tesouro.gov.br/web/stn/tesouro-direto-precos-e-taxas-dos-titulos>. Acesso em 01 dez. 2016.

O valor mínimo para compra de um título é 1% dele, desde que se respeite a plausível quantia de R$ 30,00, mas com valor máximo de R$ 1.000.000,00 por mês. O Imposto de Renda só é cobrado no vencimento do título, no recebimento de juros semestrais ou em caso de venda antecipada.



Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/in/tesouro-direto-vantagens>. Acesso em: 01 dez. 2016.

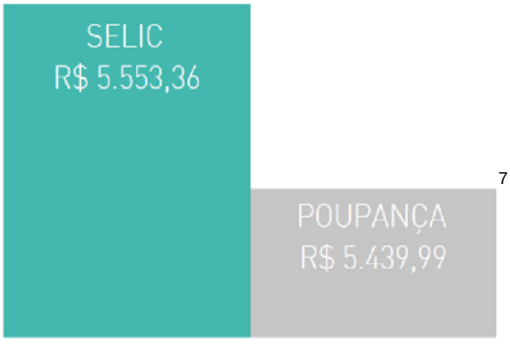
Os títulos públicos são os ativos de menor risco da economia, pois são 100% garantidos pelo Tesouro Nacional, ou seja, o Governo Federal garante o seu pagamento. Porém, existem certos riscos que devem ser observados no momento do investimento, em relação ao tipo de tesouro em que se vai investir. Em investimentos no Tesouro Selic, o investidor não tem preocupações, pois esse não apresenta riscos. Como o investidor acompanha a variação diária da taxa Selic, se ele quiser vendê-lo antes do vencimento, o título não fica mais ou menos vantajoso em relação a outros títulos do mercado, afinal todos os Tesouros Selic pagam a variação da taxa básica.

Já em investimentos prefixados ou pós-fixados, deve-se ficar atento às questões como prazo. Investimentos resgatados antes do prazo determinado podem não ser rentáveis para o investidor. Deve-se ficar atento também à inflação e à taxa Selic pois elas afetam diretamente no rendimento, uma vez que as taxas dos títulos variam de acordo com os juros básicos da economia.

O Tesouro Nacional garante a recompra diária dos títulos públicos. Ou seja, pode-se vender antecipadamente os títulos adquiridos no Tesouro Direto ao Tesouro Nacional, todos os dias, a preços de mercado. Essa opção de venda dos títulos pelos investidores está aberta todos os dias úteis, a partir das 18h, e é encerrada às 5h do dia seguinte. Nos fins de semana e feriados, essa funcionalidade será oferecida o dia inteiro. Em todos os casos, as transações serão executadas sob os últimos preços de fechamento de mercado disponíveis, fazendo, assim, do Tesouro Direto um investimento de alta liquidez.

Tesouro Selic

Como vantagem deste investimento, deve-se destacar que não há riscos, e a taxa sempre é positiva. Por outro lado, dentre os três tipos de tesouro, é o que menos apresenta rentabilidade. Analistas recomendam deixar 50% do investimento nele, uma vez que se pode efetuar a retirada a qualquer momento sem prejuízos. Porém, ao solicitar a retirada, o dinheiro só entra em conta 24 horas após o solicitado, o que pode se tornar um problema em caso de necessidade de extrema urgência desse dinheiro.



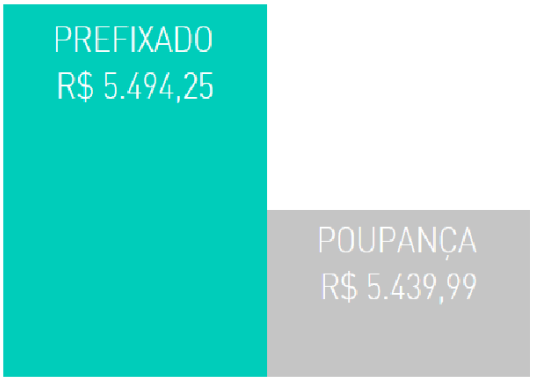
[7]

Disponível em: <https://www.easynvest.com.br/simulador-investimentos>. Acesso em: 01 dez.2016.

7 Gráfico baseado em simulações do investimento de R$ 5000,00 durante 1 ano.

Tesouro Prefixado

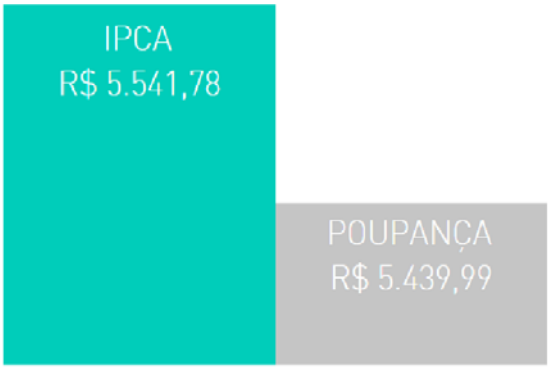
Neste tipo de tesouro a rentabilidade é definida no momento da compra. Portanto, como vantagem tem-se que já é possível calcular valores de rendimento no momento da compra. Porém, caso resgatado antes do prazo determinado, pode levar a uma rentabilidade negativa. É indicado para momentos de baixa inflação, e analistas veem que se deve destinar 25% do investimento total a esse Tesouro.



Disponível em: <https://www.easynvest.com.br/simulador-investimentos>. Acesso em: 01.dez.2016.

Tesouro Pós-fixado

Indicado para momentos de alta da taxa Selic ou da inflação, o Tesouro pós-fixado é também o mais indicado para aposentadoria e previdência, é o que gera maior aumento no poder de compra. Entretanto, assim como no prefixado, pode ocasionar rentabilidade negativa se resgatado antes do prazo. Aconselha-se investir 25% do investimento total nesse Tesouro.

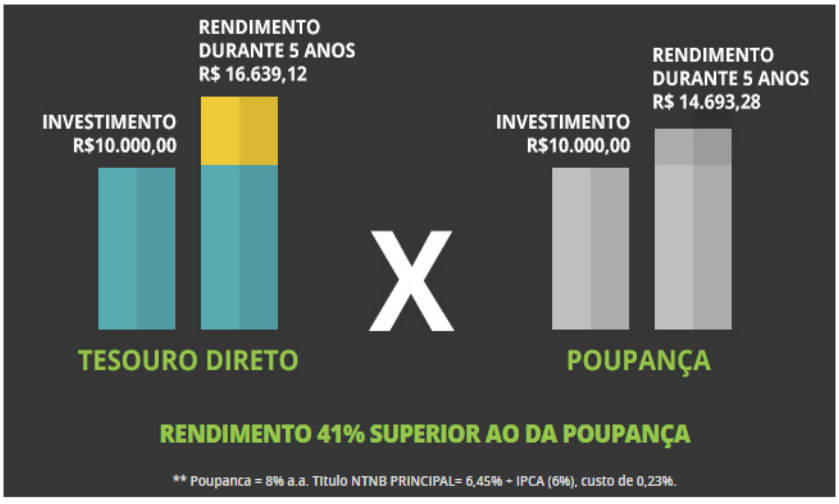


Disponível em: <https://www.easynvest.com.br/simulador-investimentos>. Acesso em: 01 dez.2016.

VANTAGENS
Aplicação de alta liquidez, baixo risco e alto rendimento.
DESVANTAGENS
Não é possível retirar o dinheiro em momentos de urgência.

A Poupança e o Tesouro Direto

Por que investir dinheiro na Poupança se existe outra aplicação que rende muito mais? A maior parte das pessoas que investem seu dinheiro na poupança fazem parte do grupo dos empregados que não receberam uma educação financeira que visa ao crescimento econômico individual. Portanto, não sabem da diferença entre os rendimentos da Poupança e do Tesouro Direto, muitos até não sabem da existência do Tesouro Direto.



Disponível em: <http://www.investirnotesouro-direto.com.br/>. Acesso em: 01 dez. 2016.

A taxa de rendimento da Poupança em 2016 variou de 0,63% até 0,76% ou seja, na melhor das hipóteses, caso o dinheiro fosse aplicado no intervalo de 01/08/16 até 01/09/16, o rendimento seria ainda menor do que se o mesmo investidor apostasse no tesouro prefixado (01/01/17) que renderia 1,09% ao mês (considerando ainda que as taxa de rendimento do Tesouro prefixado dos dias 01/01/18, 01/01/19, 01/01/21, 01/01/23 são respectivamente de 1,14%, 1,37%, 1,68% e 2,29%. Já o Tesouro Selic (07/03/2017) tem a taxa de rendimento de 1,16%. O Tesouro Pós-fixado teria a taxa de rendimento de acordo com a taxa Selic do dia em que o investidor decidisse retirar o seu dinheiro.

Certificado de Depósito Bancário - CDB

O CDB é um título que os bancos emitem para "captar" dinheiro das pessoas. Assim, o banco remunera com juros, os quais variam de acordo com cada banco, o valor emprestado e o tempo desse empréstimo. É um investimento interessante, pois, apesar de cobrar o imposto de renda, continua sendo mais vantajoso que a Poupança. Além disso, é mais fácil resgatar o dinheiro antes do prazo combinado. Os títulos costumam possuir valores iniciais baixos, os mais rentáveis são aqueles emitidos por instituições de menor porte, pois, como elas possuem menor visibilidade no mercado, precisam pagar taxas melhores para atrair os investidores. É uma aplicação de médio a longo prazo, com cobrança de imposto de renda sobre o lucro.

CDB X Poupança

Simulação de retorno do CDB líquido do IR em diferentes cenários*

Período da aplicação	Quando o CDB paga do CDI - em %					Poupança
	75%	80%	85%	90%	100%	
6 meses	2,43	2,59	2,66	2,91	3,23	2,91
12 meses	5,10	5,44	5,58	6,12	6,80	5,91
18 meses	8,02	8,56	8,77	9,65	10,74	9,00
24 meses	10,86	11,60	11,90	13,11	14,62	12,18

Elaboração: Valor Data * Projeções com juro a 8,50% em um ano e caderneta a 0,48% ao mês (70% da Selic)

Disponível em: <https://fernandonogueiradacosta.wordpress.com/2012/05/05/comparacao-nova-poupanca--x-fundos-ou-cdb/>. Acesso em: 01 dez.2016.

É importante ressaltar que, após o empréstimo, não é obrigação da instituição financeira resgatar o dinheiro antes do tempo. Além disso, ao investir no CDB, sempre há o risco de que o banco emissor quebre. Embora isso possa gerar uma preocupação à primeira vista, este é um investimento bastante seguro, sendo garantido pelo FGC (Fundo Garantidor de Crédito) em até R$ 250 mil por CPF e emissor, o que faz com que essa aplicação possua baixíssimo risco para o investidor. O risco mesmo é para quem investe uma quantidade com rentabilidade maior que R$ 250 mil, neste caso, a melhor instrução é a de não aplicar em pequenas instituições. Outro risco está nos títulos prefixados, pois existe a possibilidade de que a taxa de juros suba, o que leva ao prejuízo, em caso apenas da efetuação do resgate do dinheiro em curto prazo. Esses títulos são divididos em dois tipos básicos. São eles:

Prefixados

O Rendimento é exato, quando se aplica nesse título, sabe-se exatamente quanto irá receber no vencimento do mesmo. Por exemplo, um título com 10% a.a. significa que o investidor recebe 10% ao ano sobre o valor inicialmente investido.

Pós-fixados

Recebe-se um valor de acordo com o indexador. No geral, é utilizado o valor do CDI como base para o CDB. CDI significa Certificado de Depósito Interbancário e ele é medido de acordo com o valor médio diário que os bancos emprestam dinheiro entre si. É o mais indicado quando os juros estão em tendência de alta, porque a rentabilidade acompanha a elevação dos juros. Exemplo: Investiu-se em um CDB que paga 95% do CDI. Se o CDI estiver pagando 10% ao ano, o CDB investido irá render 9,5% ao ano. Não se deve esquecer que o CDI pode variar anualmente.

O CDB é interessante para se investir, tendo em vista a alta liquidez, o baixo risco e o fundo garantidor de crédito. Além disso, a maioria dos títulos possui rentabilidade maior que a Poupança, mesmo com a cobrança do imposto de renda, mas, é preciso tomar cuidado com a quantidade de dinheiro envolvido, pois as outras aplicações de renda fixa irão apresentar maior segurança para uma grande quantia. Escolha o CDB para diversificar as aplicações, invista quantidades razoáveis em bancos de menor porte.

Letras de Crédito (LCA e LCI)

As letras de crédito são títulos muito semelhantes ao CDB, também emitidos por instituições financeiras, mas com o objetivo de estimular o comércio e financiar os setores imobiliário (LCI) e o do agronegócio (LCA), são investimentos isentos de imposto de renda, e por isso, o rendimento final desses títulos já é líquido. Têm rentabilidade baseada na porcentagem contratada do CDI, se for contratado 100% do valor do CDI, o juro acrescido à quantia será equivalente à taxa (14,13% ao ano nesta data), os grandes bancos costumam render entre 80 e 85%.

Em geral, os títulos de LCA e LCI são mais rentáveis que o CDB, e muito mais vantajosos que a Poupança, portanto, a preferência por essa aplicação se dá se os altos preços iniciais, juntamente com a baixa liquidez, não forem um problema, uma vez que é muito mais difícil e improvável resgatar o dinheiro aplicado antes do prazo sem obter prejuízo.

É um investimento seguro, também é garantido em R$ 250 mil pelo Fundo Garantidor de Crédito, portanto, o seu dinheiro está seguro até esse valor, e, novamente, precisa-se tomar cuidado com a quantia aplicada

Bancos	Liquidez	Vencimento	Rentabilidade	Rating	Agência de rating	Aplicação mínima	Rende mais que a poupança?
BMG	1507 dias	16/01/2021	118 % CDI	A	Moodys	R$ 5.000	73% mais
Pine	1130 dias	05/01/2020	117 % CDI	A+	S&P	R$ 5.000	71% mais
BMG	1300 dias	23/06/2020	117 % CDI	A	Moodys	R$ 5.000	71% mais
BMG	1130 dias	05/01/2020	116,5 % CDI	A	Moodys	R$ 5.000	71% mais

Disponível em: <http://www.infomoney.com.br/solucoes-financeiras/comparador-renda-fixa/cdb-lci-lca>. Acesso em: 01 dez.2016.

Bolsa de Valores

A Bolsa de Valores é um mercado onde se negociam ações do capital privado ou público no intuito de obter lucro com as mesmas. A ascensão ou queda de uma ação depende da "lei" básica para se tratar de economia, a "lei" da oferta e procura.

Quando um grande volume de ações é ofertado e esse número não é correspondido pela procura dos compradores, os vendedores abaixam o preço do título, visando possibilitar a negociação, o que leva à queda de uma ação. O mesmo acontece inversamente. Quando uma ação tem muita procura e pouca oferta, ela se valoriza pois, para que se convença um proprietário a vender seus títulos, é necessária uma oferta generosa e convincente. Logo, a ação valoriza-se.

O que define a valorização de um ativo é a comparação percentual entre dois fechamentos ou duas negociações, podendo estes serem definidos por horas, dias, meses, anos ou qualquer outro período. O fechamento de um dia é correspondente à última venda do mesmo dia. Para controlar os preços, o volume, a compra e a venda de ações, existem pregões administrados por cada corretora. Tais pregões funcionam como leilões, logo vendem-se títulos quando duas ofertas se equivalem (uma de compra e outra de venda). Cada um desses pregões é chamado de *home broker*, ilustrado na imagem a seguir.

Disponível em: <http://mercadoreal.net/wp-content/uploads/2012/05/homebroker.png>. Acesso em: 01 dez.2016.

Aplicar na Bolsa pode ser altamente rentável ou levar a um prejuízo altamente significativo. Corretores de ações podem insistir em dizer que é certo que uma ação vá subir, ou que é certo que outra vá despencar, mas ninguém consegue prever com exatidão o real comportamento do mercado. Portanto, há momentos em que se espera uma forte ascensão no gráfico de uma ação, mas devido a alguma notícia, alguma complicação, ou mesmo devido ao comportamento do mercado (compradores não escolheram aquela ação para comprar), a ação não só pode deixar de subir, como pode cair drasticamente, levando, assim, a um retorno baixo que muitas vezes não corresponde nem à aplicação inicial.

Um exemplo dessa queda é ação da Usiminas (USIM5), uma indústria do setor metalúrgico que passou (junto a todas outras empresas de metalurgia) em 2007 pelo fortalecimento desse setor do mercado. O Brasil alcançou em 2007 e 2008 a maior produção de aço bruto de toda a América Latina, sendo a Usiminas a principal responsável por esse número, visto que ela produziu 25,7% em 2007 e 23,8% em 2008 de todo o aço bruto provido do país. A Usiminas aparentava uma empresa estável, forte na economia e em suas exportações, como realmente foi por muito tempo. Visto todo esse quadro, muitos investiram na ação USIM5, esperando retornos a longo prazo. E não se preocuparam muito com essas ações. Perante pequenas quedas, pensava-se que não era momento para vender, pois previa-se que essa ação voltaria a subir e retornaria os investimentos feitos nela, provando assim sua rentabilidade. O que não ocorreu, após auge de R$ 43,75, a ação caiu para R$ 11,69 em 8 meses (queda de 73% entre tais períodos), levando aqueles que investiram inicialmente a uma situação de investimento nada rentável. Um ano após o primeiro auge, a Usiminas atingiu seu segundo maior auge, alcançando R$ 30,46, mas para aqueles mais insistentes que mantiveram as ações por muito tempo, o prejuízo foi ainda maior. No dia dois de fevereiro de 2016, a ação da Usiminas foi negociada por R$ 0,82, o menor valor de sua história no mercado financeiro. O gráfico que segue mostra os valores da ação USIM5 desde sua entrada no mercado de ações até o dia 01/08/2016. No gráfico, é possível perceber a forte ascensão e queda da empresa.

Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?hl=pt-BR#hl=pt-BR&q=grafico+usim+5>. Acesso em: 01 dez.2016.

No mercado de ações, a liquidez propriamente dita de uma ação depende diretamente da especulação. Mais especificamente, da empresa da qual se trata, do momento político do país, da situação do mercado no qual ela mantém suas atividades. Logo, existem várias variáveis para tratar da liquidez de um título.

Mas pode-se afirmar que ações da BM&F Bovespa, a mais importante Bolsa do país, são de alta liquidez, existindo, sim, uma diferença entre a liquidez delas. A consultoria Economática listou as 10 ações de maior liquidez na Bolsa no ano de 2015. Lista essa que segue abaixo.

1- Petrobras (PETR4)

2- Itaú Unibanco (ITUB4)

3- Vale do Rio Doce (VALE5)

4- Bradesco (BBDC4)

5- Ambev (ABEV3)

6- Petrobras (PETR3)

7- Kroton (KROT3)

8- Itaú SA (ITSA4)

9- Cielo (CIEL3)

10- BRF (BRFS3)

Considerações finais

Devido a influências do governo e à falta da educação financeira, o brasileiro sempre deixou o dinheiro na Poupança, e a maioria não chega nem a considerar outros investimentos.

Ao procurar informações sobre o assunto, descobrimos a variedade de aplicações no mercado, e o mais surpreendente, a poupança é bem fraca, sua rentabilidade, na maioria das vezes, mal bate a inflação, ou seja, perde-se poder de compra. São muitos os tipos de aplicação e cada um deles tem um principal propósito e função. Administrando-se essas funções, pode-se usar de muitas delas e levar assim a uma estabilização própria. A principal delas é o Tesouro Direto, onde deve estar a maior quantidade das ações. Além da liquidez diária, o dinheiro renderá em uma aplicação segura, ficando a escolha da aplicação a critério do investidor, visto que esta escolha depende sempre do momento e de outras variáveis, como, por exemplo, se é uma época de alta inflação, vale a pena aplicar nos títulos indexados à Selic, o dinheiro deve ser também destinado ao Tesouro Pós-fixado. Para criar um fundo de aposentadoria, deve-se reservar 25% do total investido. Para não deixar o dinheiro parado e variar os investimentos, boas aplicações para colocar uma pequena parte do dinheiro são o CDB, LCA e LCI, uma vez que podem ser até mais rentáveis do que o TD, porém, o Fundo Garantidor de Crédito não poderá assegurar grandes quantias. E, por fim, para os ambiciosos que já têm a segurança financeira e aposentadoria garantidas pelo Tesouro, letras de crédito e crédito bancário, a Bolsa de Valores é de longe a aplicação mais arriscada, que precisa de mais estudo e cuidado, mas que pode multiplicar o investimento como nenhuma outra faz.

Disponível em: <https://www.modalmais.com.br/investimentos/lci-promocao>. Acesso em: 01 dez.2016.

Referências

Disponível em:

<http://www.orama.com.br/renda-fixa/cdb/>. Acesso em: 01 dez.2016.

<https://www.rico.com.vc/mercado/investimentos/renda-fixa/>. Acesso em: 01 dez. 2016.

<http://www.xpi.com.br/blog/artigos/lci-e-lca-seguranca-com-rendimentos-superiores-a-poupanca.aspx>. Acesso em: 01 dez.2016.

<http://www.bradescouniversitario.com.br/html/cub/grana/pra-investir-melhor/lci-e-lca.shtm>. Acesso em: 01 dez.2016.

<http://economia.uol.com.br/financas-pessoais>. Acesso em: 01 dez.2016.

1909

INAUGURAÇÃO DO COLÉGIO SANTO ANTÔNIO

O Colégio Santo Antônio abre suas portas em São João del-Rei, numa iniciativa da Ordem Franciscana dos Frades Menores. Referência de educação no Brasil da época, o CSA recebe estudantes de todas as regiões do país.

1950

CSA EM BH

O Colégio Santo Antônio foi instalado num ponto que se tornaria tradicional na cidade: rua Pernambuco, 880, no bairro Funcionários. Em 17 de fevereiro de 1950, numa capela improvisada, celebra-se a missa inaugural da escola. E, em 1960, são concluídas as instalações do CSA.

1964

INAUGURAÇÃO DA PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO

Em 30 de dezembro de 1964, é inaugurada a Paróquia Santo Antônio, sendo nomeado como primeiro pároco Frei Hilário Meekes. Integrando-se ao cotidiano do CSA e à comunidade cristã da cidade, a Paróquia torna-se importante referência da vida religiosa em Belo Horizonte.

1977

QUALIDADE CONSOLIDADA

COLÉGIO SANTO ANTÔNIO

A qualidade de ensino do CSA está consolidada em 1977. Nasce o "Coleginho", para receber as classes dos quatro anos iniciais do primeiro grau (hoje, Ensino Fundamental), completando-se, assim, o atendimento ao aluno - desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

Há mais de um século ensinando Paz e Bem!

O PAÍS DAS MARAVILHAS DENTRO DO SONHO

Orientadora:

Cleide de Fátima Simões[1]

Orientanda:

Sofia Haikal Moreira[2]

RESUMO

No trabalho a seguir, a obra *Alice no País das Maravilhas* será estudada com foco em dois aspectos: a aplicação da concepção de utopia no sonho de Alice e a consciência no sonho, que é fundamental para a construção do País das Maravilhas na obra. Será feita uma análise cartográfica do ambiente e sua estruturação enquanto lugar imaginário e sonhado dentro da narrativa.

Palavras-chave: Utopia. Alice. País das Maravilhas. Sonho. Consciência. Espaço. Tempo.

ABSTRACT

In the following essay, the book *Alice's Adventures in Wonderland* will be studied focusing on two main points: the use of ideia of utopia in Alice's dream and the consciousness in that dream, which is fundamental for constructing Wonderland in this literary work. A cartographic analysis of the place will be made, just as one of its structure as an imaginary and inside-the-story dreamed place.

Keywords: Utopia. Alice. Wonderland. Dream. Consciousness. Space. Time.

1 Graduada em Letras pela PUC Minas e especialista em História da Arte pela Escola Guignard.

2 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

Apresentação

Alice no País das Maravilhas é uma obra em estilo *nonsense*,[3] destinada ao público infantojuvenil, escrita em 1865 pelo britânico Charles Lutwidge Dodgson, que publicou a obra sob o pseudônimo de Lewis Carroll. O texto-base aqui usado será *Alice: aventuras de Alice no País das Maravilhas & através do espelho,* na tradução de Maria Luiza X. de A. Borges.[4]

A história foi concebida quando, num passeio de barco, as três irmãs Liddell, crianças e pré-adolescentes, pedem ao matemático, fotógrafo e amigo da família, Dodgson, que ele conte uma história. O episódio é narrado em um poema sem título que aparece, na publicação, antes do início da história.

O texto narra a história de Alice ao entrar no País das Maravilhas, um ambiente sonhado por ela durante uma tarde tediosa de leitura com sua irmã mais velha. No sonho, Alice persegue um Coelho Branco que chamou sua atenção por usar um colete e carregar no bolso um relógio. Ela acaba caindo em sua toca, um "poço muito fundo" (CARROLL, 2013, p. 12). Ao fim da queda, a garota se encontra em uma sala com diversas portas, mas consegue abrir apenas uma, que "dava para uma pequena passagem, não muito maior que um buraco de rato" (CARROLL, 2013, p. 15). Através da porta, avistava-se "o jardim mais encantador que já se viu". Esse jardim é, dentre os mitos literários, a mais frequente tradução de um local utópico, desde o Éden Bíblico aos inúmeros correlatos em Morus (*Utopia*), Dante (*A divina comédia*), Borges (*O jardim dos caminhos que se bifurcam*), DeFoe (*Robinson Crusoé*), Jonathan Swift (*As viagens de Gulliver*), bem como na recente filmografia do diretor espanhol Guillermo del Toro (*O labirinto do fauno*, *O jardim secreto*). Ao longo da história do mundo, os jardins sempre tiveram imagem de paraíso, sempre representaram o mundo sonhado. Podemos ver essa imagem em várias culturas: para os romanos, os jardins representavam um paraíso perdido; no Oriente, eles eram o mundo em miniatura; na Pérsia, o jardim começa a ser mistificado e constitui uma representação de todo o universo.

Espaço e cartografia de *Wonderland*

A narrativa constrói-se em torno da luta de Alice para alcançar esse belo jardim e, nesse percurso, a menina passa por diversos ambientes do chamado País das Maravilhas, como a casa do Coelho Branco, o Bosque, a Casa da Duquesa, a Casa do Chapeleiro Louco. A descrição do País das Maravilhas é, segundo o *Dicionário de lugares imaginários* (MANGUEL, 1999, p. 270):

> Reino sob a Inglaterra, habitado por um baralho e algumas outras criaturas. O acesso se faz através de um buraco de coelho, possivelmente localizado às margens do Tâmisa, entre Folly Bridge e Godstow, em Oxford. Uma simples queda, horrivelmente longa, em meio a artigos domésticos, é suficiente para aterrissar sobre um monte de folhas

3 O *nonsense* é um estilo literário marcado pelo absurdo e pela falta de sentido na narrativa. Nas obras desse estilo, o universo criado não segue as regras convencionais e desafia a lógica humana.

4 CARROLL, Lewis. **Alice: aventuras de Alice no País das Maravilhas & através do espelho.** Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

secas e gravetos. Daí, um corredor interminável conduz a um cômodo baixo iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas no teto. Há várias portas nas paredes dessa sala, mas o viajante deve escolher a menor de todas, escondida atrás de uma cortina, através da qual se pode ver o jardim de rosas da Rainha.

[…]

Vários lugares do País das Maravilhas valem uma visita: o delicioso chalé do Coelho Branco, a cozinha da Duquesa e o salão de chá do Chapeleiro Maluco, aberto a qualquer hora.

Por se tratar de um sonho, o percurso de *Alice no País das Maravilhas* conta com diversos elementos que marcam a ficção ao estilo *nonsense* na narrativa. Ocorre que a perspectiva de tornar-se, ao longo do tempo, uma espécie de referência ao gênero *nonsense,* algo peculiar ao gosto inglês, fez com que os estudos revelassem um livro que era, na verdade, dois: um para crianças, livre na aventura e na narrativa intrigante, e outro, cheio de referências matemáticas, sátiras ao gosto britânico pela educação tradicional, paródias, elogios e críticas a amigos e desafetos do autor, mais dirigido, portanto, aos adultos.

Como a pretensão deste texto é mais restrita, quanto ao "espaço", restará referenciado ao próprio itinerário do "País das Maravilhas". Uma possibilidade de guia neste mundo onírico é a presença de personagens peculiares, como animais que falam. Esses personagens predominam ao longo da história e, a partir de diálogos com Alice, são relacionados a personalidades da realidade da menina e fruto de uma fantasia muito comum às crianças: a de comunicação com os animais. Os personagens também têm a função de montar a ponte entre a realidade e o sonho de Alice. Os principais responsáveis por essa ponte são o Coelho Branco e Dinah, a gata de Alice, que representam, respectivamente, o sonho e a realidade. Isso é mostrado pelo fato de o primeiro sinal de fantasia na obra ser a presença de um coelho vestido e falando e, por causa dele, a personagem principal entrar em um "mundo alternativo". Porém, ao longo de sua jornada pelo mundo imaginado, Alice usa a gata para referir-se à realidade:

Tenho a impressão de que Dinah vai sentir muita falta de mim esta noite! […] Dinah, minha querida! Queria que você estivesse aqui embaixo comigo! (CARROLL, 2013, p. 13)

"Mesmo assim, gostaria de poder te mostrar nossa gata Dinah: […]" Alice continuou, falando mais para si mesma […] (CARROLL, 2013, p. 25)

"Quem dera que a nossa Dinah estivesse aqui, quem me dera!" Alice disse alto, sem se dirigir a ninguém em particular. "Num instante ela o traria de volta!"

"E quem é Dinah, se é que posso me atrever a perguntar?" disse o Papagaio.

Alice respondeu com entusiasmo, pois estava sempre disposta a falar sobre sua bichana: "Dinah é a nossa gata. Vocês não imaginam como é formidável para apanhar camundongos! E, oh! gostaria que pudessem

> vê-la atrás de aves! Ah! Mal vê um passarinho, e ele já está no papo." (CARROLL, 2013, p. 33).

Em todas as citações anteriores, Dinah está distante e existe uma impossibilidade de sua existência no novo mundo, representada pela fuga dos personagens imaginários após a menção da gata na conversa. A gata é o único elemento da vida real ao qual Alice refere-se diretamente ao longo da narrativa.

Sonho e realidade – as "duas Alices"

Desses episódios pontuais com animais que falam, podemos destacar os relacionados à Lagarta. A Lagarta representa uma personalidade instrutora, cuja experiência está evidenciada pelo narguilé, que seria um instrumento de uso apenas de pessoas mais velhas que a garotinha. Seu perfil reflexivo e ar de superioridade fazem com que Alice fique intrigada e tentada a reagir, começando a refletir para isso.

[... PODE-SE DIZER... QUE O AUTOR É NÃO UM **"ONISCIENTE"**, MAS UM **"INCONSCIENTE"**, OU, NO MÁXIMO, RESPEITADA A LÓGICA DA GRAMÁTICA SIMPLES, UM **"INCONSEQUENTE"**. ...]

Até neste momento narrativo, as únicas manifestações de corpo e espaço por parte de Alice acontecem devido às mudanças no seu tamanho. No entanto, esses problemas refletem predominantemente na identidade da garota.

> "Quem é você?" perguntou a Lagarta.
>
> Não era um começo de conversa muito animador. Alice respondeu, meio encabulada: "Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então."
>
> "Que quer dizer com isso?" esbravejou a Lagarta. "Explique-se!"
>
> "Receio não poder me explicar", respondeu Alice, "porque não sou eu mesma, entende?"
>
> "Não entendo", disse a Lagarta.
>
> "Receio não poder ser mais clara", Alice respondeu com muita polidez, "pois eu mesma não consigo entender, para começar; e ser de tantos tamanhos diferentes num dia é muito perturbador." (CARROLL, 2013, p. 45).

Vê-se que Lewis Carrol não é um narrador preocupado em separar claramente o que é seu juízo daquilo que é dedução da protagonista. Este é o espaço-tempo da escrita, aquilo que é. Ou, em outro modo, o grau de compromisso de sua escritura "em si mesma": trata-se, afinal, de uma história surrealista para divertir crianças. Pode-se dizer, dentro da tradição do papel do narrador, que o autor é não um "onisciente", mas um "inconsciente", ou, no máximo, respeitada a lógica da gramática simples, um "inconsequente".

Carrol não consegue sequer fugir ao seu destino de homem culto de ciências exatas. A Lógica, considerada no âmbito de uma disciplina comum à Matemática e à Filosofia, possui, no campo de seus objetivos, uma busca pela verdade "em si mesma" e por uma "coerência formal". Assim, uma expressão lógica está "certa" mesmo que na "realidade" não possa ser tomada como verdadeira. Essa ambiguidade emerge do texto de Alice sempre que: 1) ela não consegue dizer as coisas da "maneira correta", apesar de, em sonho, reconhecer-se errônea; 2) ela fala de si mesma consigo, de modo a ser "duas", coisa que o texto deixa claro que vive fazendo, ainda que sem consciência. Em mais de um momento a narrativa utiliza esta dualidade para

misturar, profundamente, o estado onírico da personagem.

> […] embora essa não fosse uma oportunidade "muito" boa de exibir seu conhecimento, já que não havia ninguém para escutá-la, era sempre bom repassar (CARROLL, 2013, p. 10).

> […] desta vez estava muito satisfeita por não "haver" ninguém escutando, pois aquela não parecia mesmo ser a palavra certa (CARROLL, 2013, p. 11).

> E aqui Alice começou a ficar com muito sono, e continuou a dizer para si mesma, como num sonho: […] (CARROLL, 2013, p. 11)

O tempo e o sonho

O tempo é um elemento importante no livro. Dentro do sonho, ele é um tema difuso, pois Alice não tem noção de um tempo objetivo, e este varia nas diversas partes do País das Maravilhas. Especialmente no capítulo em que aparecem o Chapeleiro e a Lebre de Março, ele é mencionado diversas vezes.

> Alice suspirou, entediada. "Acho que vocês poderiam fazer alguma coisa melhor com o tempo", disse, "do que gastá-lo com adivinhações sem resposta."

> "Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu", disse o Chapeleiro, "falaria dele com mais respeito" (CARROLL, 2013, p. 70).

> "Bem, eu mal acabara de cantar a primeira estrofe", disse o Chapeleiro, "quando a Rainha deu um pulo e berrou: 'Ele está assassinando o tempo! Cortem-lhe a cabeça!'"

> "Terrivelmente cruel!" exclamou Alice.

> "E desde aquele momento", continuou o Chapeleiro, desolado, "ele não faz mais o que eu peço! Agora, são sempre seis horas!" (CARROLL, 2013, p. 72-73)

Esse tempo parece, inicialmente, triplo, uma espécie de cronômetro daquilo que ocorre (1 – ou seja, uma tarde de leitura e sono), daquilo que se sonha (2 – o tempo coincidente daquilo que é percebido pela protagonista, em sonho) e o tempo "em si mesmo" (3 – que, por sua vez, equivale tão-só ao tempo da leitura/narrativa dos fatos). Essa categoria comparece como uma "entidade" que controla todas as noções implícitas ou explícitas, ou seja, é um "quarto tempo", o Supremo. A utilização da marcação temporal no livro cria, de uma certa lógica apenas formal, uma proximidade com o real, como na cena a seguir:

> O Chapeleiro foi o primeiro a quebrar o silêncio. "Que dia do mês é hoje?" disse, voltando-se para Alice. Tinha tirado seu relógio da algibeira e estava olhando para ele com apreensão, dando-lhe uma sacudidela vez por outra e levando-o ao ouvido.

> Alice pensou um pouco e disse: "Dia quatro."

> "Dois dias de atraso!" suspirou o Chapeleiro. (CARROLL, 2013, p. 69)

Sempre essas "duas Alices" voltam-se, em suas consciências, para duas personagens: Dinah, a gata, gradualmente servindo como elemento de ligação com a realidade desperta, e o Coelho com o Relógio, que a conduzirá nos meandros da saga. E é justamente no primeiro momento de aprofundamento do sonho que Dinah

(ou a lembrança da Gata – afinal, é Alice quem sonha, e ela que é responsável pelo roteiro) comparece como "ela mesma", para lembrar o pouco que resta de contato com a realidade: logo após o capítulo 2, quando o mar de lágrimas deixa na margem um bando de aves, o Camundongo e Alice, é que o contrafluxo entre o discurso "histórico" e o segmento da história se apresenta. Alice, ainda no imbróglio do mar, com o Camundongo, deixa escapar (um dos sabidos truques de afloramento do inconsciente) lapsos sobre o gosto de Dinah em comer Camundongos e Aves.

Confluência e libertação

E, seguindo o tempo da narrativa, leitura ou enunciado da jornada, segue-se até o Chá Maluco, quando, como já dito, o Chapeleiro ("louco" como a "Lebre", o "Gato", Alice...) diz sem rodeios: "Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu, […] falaria 'dele' com mais respeito" (CARROLL, 2013, p. 57). Daí, uma vez no campo de croqué da Rainha de Copas, mais números e símbolos hierárquicos na forma do Baralho. O corpo de personagens quase desaparece com a loucura da Rainha em executar todos durante a parafernália do jogo, o Gato retorna para desaparecer de vez, a Duquesa, àquela altura na prisão, reaparece e passa a conduzir Alice pelo mesmo espaço, com alusões a favor de uma moral necessária nas coisas e o amor como condição para tanto.

As referências de Alice ao seu sempre crítico senso de alternância entre bons modos, serventia de estudos e uma irritação mais que compreensiva ante o caos e a impossibilidade de se expressar livremente num "país" estranho são comoventes, instigantes e a chave do sonho libertador. Como exemplos, dois encontros, um com a Lagarta e outro com a Rainha de Copas (paradoxalmente, a já tirana do Jardim utópico inconsciente):

> "Quem é você?" […]
>
> "Acho que primeiro você deveria me dizer quem é".
>
> "Por quê?" Aqui estava outra pergunta desconcertante […] (CARROLL, 2013, p. 46).

Já a Rainha de Copas, longe da figura professoral e conselheira da Lagarta, representa uma figura autoritária e temida por suas punições, e dificilmente é contestada. Ao final do conto, quando Alice finalmente consegue contrariá-la, ela só o faz porque se encontra, a princípio, em uma situação de vantagem sobre todos os personagens: a menina tinha quase três quilômetros de altura, o que horrorizou os presentes.

> "Não, não!" disse a Rainha. "Primeiro a sentença… depois o veredito."
>
> "Mas que absurdo!" Alice disse alto. "Que ideia, ter a sentença primeiro!"
>
> "Cale a boca!" disse a Rainha, virando um pimentão.
>
> "Não calo!" disse Alice. (CARROLL, 2013, p. 121)

Outra confluência muito forte do sonho na obra é a mutabilidade do ambiente e a desconexão das cenas: a ausência de linearidade no tempo e no espaço, ao longo da narrativa, faz Alice passar por diversos

ambientes com personagens diferentes e situações variadas. As passagens de uma cena a outra detêm elementos conectivos fracos, geralmente um deslocamento curto da personagem.

Os cenários destroem-se e reconstroem-se sem que Alice perceba, tornando a narrativa muito dinâmica. A personagem não tem a exata consciência de estar num sonho; no entanto ela lida com a fluidez do sonho de forma natural, o que permite que o leitor acompanhe a história sem grandes problemas. O narrador caracteriza esses deslocamentos e súbitas condensações de sentidos no tempo e no espaço de modo repentino, sem descrevê-los ou decifrá-los. Ao usar termos como "de repente", o narrador possibilita ao leitor compreender a dinâmica do sonho sem precisar entender a transição entre os ambientes. Com a inserção de elementos matemáticos e físicos, Lewis Carroll monta a história com base nas suas áreas de domínio, criando uma narrativa com lógica própria, para além dos modelos conhecidos. É preciso relembrar deste quase "quarto" tempo, prenunciado justamente no início da narrativa, por Lewis/Alice:

> "Puxa! Puxa! Como tudo está tão estranho hoje! E ontem as coisas estavam tão normais! O que será que mudou à noite? Deixe-me ver: eu era a mesma quando acordei de manhã? Tenho a impressão de ter me sentido um pouco diferente. Mas se eu não sou a mesma, a próxima questão é 'Quem sou eu?' Ah! esta é a grande confusão!" E Alice começou a pensar em todas as crianças que ela conhecia e que tinham a mesma idade dela, para ver se tinha se transformado em alguma delas (CARROLL, 2013).

[O **MERGULHO** NA SUA **"BIBLIOTECA" PARTICULAR** SE INTRODUZ NO DEVANEIO ...]

Deste modo, o ponto de confluência entre o tempo e a consciência "de si" (ou a conjectura de outro tempo e ser) logo no espaço da queda na toca é prenunciado claramente pelo tédio da leitura de sua irmã: um livro sem figuras e sem diálogos. A aceitação de cair num poço "sem-fundo", mas recheado de coisas em suas "paredes" faz Alice brincar com seu conhecimento pouco aprofundado das lições recebidas sobre a natureza e a ciência. O mergulho na sua "biblioteca" particular se introduz no devaneio: "Ou aquilo era muito fundo ou ela caía muito devagar, pois a menina tinha muito tempo para olhar ao seu redor e para desejar saber o que iria acontecer a seguir" (CARROLL, 2013)

Considerações finais

Tem-se uma narrativa intensa já em seu início, principalmente se considerados os parâmetros de sua peculiar narrativa que, aparentemente, não se afasta muito da técnica de divertir crianças com uma história rocambolesca. E assim, a cena da "queda", encerra o prelúdio com uma inusitada forma de retorno ao "mundo real": Alice toca de modo suave o "fundo da toca", onde o forro é o que se espera de uma toca de coelho, com ramos, folhas e acolhimento. O início de um sono profundo, aparentemente.

Claro que muito do poder de convencimento perde-se numa tradução de uma obra de fôlego. Coisas inusitadas como a que acabamos de escrever ("toca o fundo da toca") são por demais sublinhadas no original, com o uso frequente do itálico para ressaltar as sutilezas.

O que mais surpreende no fluxo narrativo é a capacidade de mesclar a continuidade do interesse em histórias oníricas dentro de um sonho narrado com a garantia clássica da lógica interna no texto. E o modo bastante exigente de não diminuir

a ação, sempre pontuada com exageros críticos e experimentos lógicos da infância e juventude. Conclui-se, com licença da fuga do texto-base, com o final de *Alice através do espelho*: “Quem ‘você’ pensa que sonhou?”

Referências

BLUME, Rosvitha Friesen. A narrativa de Kafka nas bordas no *nonsense*. **Revista Fragmentos**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2004.

CARROLL, Lewis. **Alice:** aventuras de Alice no País das Maravilhas & através do espelho. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos. Tradução de Vera da Costa e Silva. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. **Dicionário de lugares imaginários**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

OUTRA VERSÃO DA **VERDADE**

(ANOTHER VERSION OF THE TRUTH)

Orientadores:

Miguel Renato de Almeida[1]

Robson Jorge de Araújo[2]

Wanda Rodrigues[3]

Orientandos:

Artur Ribeiro De M. Cardoso[4]

Vivienn Carvalho Cânfora[5]

Introdução

"Uma Hiperpotência é uma nação que exerce seu domínio mundial através da economia, poder militar e proezas tecnológicas. O termo foi usado para descrever os Estados Unidos na década de 1990 e, retrospectivamente, o Império Britânico, no século XIX."

Site "Ninwiki" sobre a faixa de abertura do álbum, "*Hyperpower!*": Disponível em: <http://www.nin.wiki/Hyperpower!>. Acesso em: 12 jul. 2016.

A peça de estudo escolhida é o álbum *Year Zero*, lançado em 2007 pela banda estadunidense *Nine Inch Nails*. O projeto musical, executado predominantemente pelo músico Trent Reznor, visa a este como um álbum conceitual, retratando uma distopia que se passa no ano de 2022 nos EUA, onde a distinção entre a Igreja e o Estado foram apagadas e, sob a justificativa de ameaça de bioterrorismo, um regime totalitário fascista se instala. No decorrer do álbum, diversas perspectivas são tomadas para mostrar aspectos distintos da sociedade retratada, onde há uma ambiência *cyberpunk* e uma compreensão de embate entre diversos movimentos de resistência da população e a repressão exercida pelo Estado.

Para além do álbum em si, foi desenvolvido um ARG (*Alternative Reality Game,* em inglês, traduzido para Jogo de Realidade Alternativa) promocional para contextualizar melhor a narrativa desenvolvida no álbum, compreendendo trinta websites, uma coletânea de clipes de áudio, e-mails, pendrives deixados em shows da banda, pichações na cidade de Los Angeles e linhas telefônicas que simulam ter vindo da realidade retratada no álbum. Trataremos dos elementos envolvidos no ARG como parte da expressão artística compreendida no conceito do álbum, visto que há elementos nele que ilustram melhor as críticas que possuem veia comum com ideias promovidas por Marx e Engels.

1 Licenciado em História pela UFJF e mestre em Ciências Sociais pela PUC Minas.

2 Licenciado em Química pela UFMG/Cefet-MG, bacharel em Filosofia pela PUC Minas e mestre em História e em Filosofia pela UFMG.

3 Graduada em História e especialista em História da Arte – O Barroco Rococó, pela PUC Minas. Diretora da CUT MG, gestões 1992 a 1996.

4 Estudante da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

5 Estudante da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio.

Para a análise, partiremos dos questionamentos que viabilizam a realização de *Year Zero*: o que torna válido o Estado totalitário do álbum? Por que podemos assumir a possibilidade da instalação de tal regime? Que elementos atribuem à distopia a verossimilhança que nos assombra enquanto sociedades que tomam a democracia como imutável premissa? Fundamentaremos a resposta como espelho de bases sobre as quais as civilizações contemporâneas ocidentais (alvos principais da crítica proposta) se sustentam, divididas em três pilares que dialogam entre si para a coesão social: o pilar militar, que impõe a ordem estabelecida pela classe dominante, garantindo a submissão da população oprimida por meio do *medo físico*; o ideológico, que tem como objetivo, sempre, ou a mudança ou o fortalecimento do *status quo* que, neste último caso, garante à classe dominante a submissão das camadas oprimidas a estas, na maioria das vezes, são levadas através de um *medo metafísico* a não crer na existência de sua opressão; e, por fim, o religioso, que atua de forma semelhante ao pilar ideológico, porém contando não só com uma maneira institucionalmente mais direta, uma vez que o Estado laico está extinto, como também na esfera espiritual da presença divina, embasando-se em um estado de euforia religiosa do indivíduo para garantir a aceitação indiscutível por parte dos oprimidos, que não veem sentido em lutar contra seus opressores porque acreditam que fazem parte de uma estrutura muito maior, para além da compreensão das massas, onde a revolução não se faz necessária, mas sim destrói e afasta os fiéis de seu propósito maior.

Primeiro Pilar do Poder: a Ideologia

O primeiro pilar a ser analisado, que desempenha papel substancial na validação da sociedade e desempenho do papel do Estado, é a ideologia transmitida. De acordo com as ideias marxistas, a infraestrutura econômica determina e define o rumo da superestrutura política, social e cultural. Mas como se faz a ponte entre infraestrutura e superestrutura? De forma mais sucinta: como adormecer a consciência de massas para garantir os fins que viabilizem a mobilização da infraestrutura vigente? Insere-se para tal a ideologia, como instrumento de transmissão da aceitação e condescendência social à submissão necessária para o funcionamento da distopia retratada. Essa só pode ser estabelecida pelas classes dominantes, pois são pertencentes a elas os artifícios da superestrutura de produzir cultura e identidade a se propagarem pelas massas. José Luiz Fiorin menciona a ideologia como *"elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, a ideologia é "falsa consciência"*(2002, p.29). Que significa, portanto, a falsa consciência dentro do universo projetado por *Year Zero*? Executa-se a ideologia com a própria finalidade de falsa consciência, de ilusão, o que se torna metaforizado no álbum sob várias formas, abrindo uma interseção entre a religião, o militarismo, a alienação farmacêutica, entre outros exemplos. Em se tratando de discurso, há dois níveis de estudo a se dissecarem: conteúdo e forma. Como forma de se garantir a assimilação da ideologia, é necessário que haja uma mensagem forte o suficiente para submeter as massas. O propósito de tal conteúdo foi bem explicitado em *Capital G*, falta portanto trabalhar a forma. Por que meios o Estado anestesia a consciência – tanto de si quanto em si, questões a serem mais trabalhadas no estudo das músicas *My Violent Heart* e *The Great Destroyer*. Ainda na obra de Fiorin,

> [...] pode-se afirmar que o discurso materializa as representações ideológicas. As ideias, as representações não existem fora dos quadros linguísticos. Por conseguinte, as formações ideológicas só ganham existência nas formações discursivas (FIORIN, 2002, p. 34).

Nesse capítulo, o foco de estudo é a linguagem, um dos alicerces no campo da expressão artística enquanto crítica social e política, como não deixará de ser nesse caso.

Compreende-se, em diversas peças de *Year Zero*, a questão do discurso instrumentalizado em função da ideologia. Por se tratar de um aspecto do *modus operandi* da classe burguesa, o álbum menciona as motivações capitalistas que servem de motor para a execução do álbum. Estudemos alguns excertos de faixas do álbum:

A décima segunda faixa do álbum chama-se *The Greater Good* e, enquanto trata predominantemente de uma música instrumental, alguns trechos apresentam versos que tratam de uma listagem separada em cinco partes em uma espécie de formato de "lavagem cerebral" ideológica. Na primeira parte, a voz de comando sussurra: *"Respire-nos devagar"* e, na segunda, método para a ação coercitiva do Estado: *"Persuasão, coerção, submissão, assimilação"*. Posteriormente, é revelada uma justificativa para o processo de opressão dinamizado pelo Estado, estabelecendo uma nova configuração da consciência de si do sujeito: *"Bem-vindo ao seu novo ponto de vista / Nós desaparecemos em você"*. A presença da influência estatal se estende por todos os aspectos da vida do sujeito, como narrado: *"Tudo o que você faz, todos os lugares onde vai, qualquer coisa que nós queiramos."* No final, a música estabelece a confiança dos poderes em ação de sua predominância sobre a consciência das massas, encerrando a faixa com a frase *"Agora, é só uma questão de tempo"*.

O papel da ideologia na sociedade de *Year Zero* é de viabilização para as ações de censura, ganância e dominação da elite retratada em *Capital G*, *Survivalism* e *Meet Your Master*. Aplica-se de forma prática através da censura ilustrada em instituições fictícias do governo, sendo seu melhor representativo o *US Bureau of Morality* (Bureau da Moralidade dos Estados Unidos em português). Esse departamento desempenha a função de regular as liberdades civis e aplicar a censura necessária sobre a mídia, inclusive sendo satirizado como a página "falsa" que mascara o site *Another Version of the Truth*[6]. Outras formas de coerção retratadas pelo governo são a distribuição do farmacêutico *Parepin*[7] na reserva de água potável

6 *Another Version of the Truth - Outra Versão da Verdade*, em português, trata de um website (anotherversionofthetruth.com) implantado no ARG que se passa por um fórum onde diversos usuários debatem formas de resistência ao governo estadunidense. A aparência inicial do site é de uma propaganda do *US Bureau of Morality*, porém, quando se clica sobre a imagem, pode-se revelar uma versão mais pessimista da imagem na propaganda, com uma paisagem destruída por poluição, o que leva ao fórum escondido no sítio.

7 *Parepin* trata de um produto farmacêutico produzido pela empresa fictícia *Cedocore*, sob a jus-

nacional, como uma ação para se suprimir a capacidade de a consciência de classe se manifestar; a concessão de "pontos de cidadania" para a população, que restringem direitos tais como o matrimônio, o emprego e a reprodução baseados no grau de desobediência civil; e o uso de tecnologia como *chips* implantados nos pulsos dos cidadãos e câmeras de tráfego para monitoramento de possíveis resistências.

No decorrer da narrativa de *Year Zero*, no entanto, compreendemos os pontos em que a ideologia se mostra ineficaz para o controle das massas, ou que se volta contra o próprio Estado. Estudaremos as manifestações de resistências em outro capítulo, mas um incidente salta aos olhos: ao estudar o fórum *Another Version of the Truth*: o áudio *ballgameOver.mp3*[8], um personagem desconhecido narra os procedimentos básicos para um ataque terrorista em um jogo de *baseball*, enquanto os executa e descreve orçamentos e especificações técnicas. Algo a ser notado no atentado do áudio é a importância de fazer uso de um evento familiar e midiático como um campeonato esportivo para gerar o caos de forma a não ser ignorada, e depois, demonstrar como qualquer indivíduo pode executar atos de terrorismo ou desobediência civil e assim estabelecer um questionamento sobre o sistema vigente.

Ao confrontar as evidências de resistências no universo de *Year Zero* com a pressão coercitiva exercida pelo governo, começamos, portanto, a perceber o ponto em que a ideologia falha como meio de manipulação – ou alienação – das massas na narrativa. No entanto, não deixa de ser um instrumento de suma importância para a manutenção da superestrutura de um governo totalitário, sem Estado laico e que busca ganhar forças através de um controle sobre a visão do povo de liberdade, felicidade e proteção.

Segundo Pilar do Poder: o Militarismo

"[...] mas, como é difícil reuni-las, em tendo que faltar uma das duas é muito mais seguro ser temido do que amado" (MAQUIAVEL, 2011. p. 68).

Nicolau Maquiavel, em sua obra *O Príncipe*, afirma que, para o governante ideal, que, segundo ele, é o Príncipe, é mais seguro ser temido do que amado. Essa segurança à qual ele se refere está relacionada ao poder do Príncipe que, ao estar

tificativa de desenvolver o sistema imunitário dos cidadãos estadunidenses contra possíveis ataques de bioterrrorismo, quando os efeitos da droga são provados como deixando o usuário mais suscetível à coerção e ao ambiente em que se encontra.

8 *ballgameOver.mp3*, *jogoAcabado.mp3* em português, é um áudio encontrado em um dos tópicos do fórum de resistência *Another Version of the Truth* (anotherversionofthetruth.com/forum. Acesso off-line em: 10/07/2016), postado pelo usuário Be The Hammer, mas posteriormente revelado ser um militante próprio em seu website.

seguro, tem ele garantido, sem o medo de rebeliões contra seu governo. Maquiavel visualiza dois caminhos para que o Príncipe conquiste essa segurança.

O primeiro deles, ser amado, é de fácil entendimento. Quando um governante é extremamente aclamado por seu povo, o seu poder passa a ser validado por essa admiração, tornando golpes de Estado e motins muito improváveis. Porém, Maquiavel revela que esse caminho é incerto. Segundo ele, o povo ama seu governante enquanto a sociedade não passa por maiores problemas, mas, ao primeiro indício de crise geral, o próprio povo se volta contra seu líder, esquecendo qualquer admiração passada. Com isso, ele prefere o segundo caminho até a segurança desejada pelo Príncipe: ser temido.

Esse caminho à estabilidade governamental descrito por Maquiavel se concretiza em nosso mundo por meio do militarismo, como ferramenta do Estado. À luz da história, usar uma força militar para garantir que permaneçam caladas as vozes da revolução, na maioria das vezes, se mostrou uma forma eficiente de manter o *status quo*. O universo de *Year Zero* retrata uma época diferente da de Maquiavel, logo não devemos pensar no governo de *Year Zero* como uma organização em um principado, que é o objeto de estudo do livro *O Príncipe*. Contudo, é possível fazer uma relação entre um governo recém-eleito, que está promovendo manobras para adquirir mais poder, e o príncipe que acabou de conquistar um novo principado. Nesse caso, é perceptível que as ações que o príncipe deveria tomar seriam similares às que esse novo partido, do universo de *Year Zero*, precisará para, sorrateiramente, acumular mais poder e dissolver a democracia. Nesse capítulo, será dado um maior enfoque ao uso da violência em nome da manutenção da ordem, onde as classes opressoras a utilizam das mais variadas formas para manter amansadas as oprimidas.

O principal autor, apresentado durante o curso, que trata desse tema é Slavoj Žižek. Em sua obra *Violência*, lançada em 2013, Žižek reflete sobre como a violência se insere em nossa sociedade. Segundo ele, quando pensamos em um ato violento, ocorre-nos a mentalização de crimes e terrorismo, confrontos civis e guerras internacionais. A esse tipo de violência ele dá o nome de "*violência subjetiva*". Porém, essa não é a única violência em nossa sociedade e, de fato, é a de mais fácil "combate". Existem outros dois tipos de violência, as quais ele chama de "*violências objetivas*", que são mais dificilmente perceptíveis e seus agentes não são claramente explicitados. Essas são a violência "*simbólica*" e a "*sistêmica*". A violência simbólica está mais relacionada à linguagem, enquanto a sistêmica é a violência de que o sistema econômico ou político usufrui para seu funcionamento. Logo, é dado um maior destaque à violência sistêmica nesse capítulo, pois ela nada mais é do que a base de manutenção de um governo totalitarista, o mesmo governo que temos em *Year Zero*. Isso ilustra a frase de Žižek: "Assim, a violência sistêmica é de certo modo algo como a célebre 'matéria escura' da física, a contrapartida de uma violência subjetiva (demasiado) visível" (Žižek, 2008, p. 17).

[O CAPITALISMO TEM A CAPACIDADE DE CRIAR, "AUTOMATICAMENTE", **INDIVÍDUOS EXCLUÍDOS E DISPENSÁVEIS ...]**

A violência sistêmica, no caso de uma sociedade capitalista, como a de *Year Zero*, está presente em sua própria base, ao valorizar mais o capital do que o indivíduo. O capitalismo tem a capacidade de criar, "automaticamente", indivíduos excluídos e dispensáveis, dos sem-teto aos desempregados.

Em *Year Zero*, contudo, a sociedade não é somente capitalista como também tota-

litária, logo a violência sistêmica extrapola sua própria descrição, assumindo-se para a população por meio do uso da força militar. As forças do exército e da polícia passam a funcionar como um “olho que tudo vê e tudo pune”, onde qualquer ideia ou ação subversiva aos interesses estatais é reprimida, não importando o meio pelo qual isso é feito. Um bom exemplo para essa dinâmica está no videoclipe da terceira faixa do álbum*: Survivalism*. O videoclipe mostra uma mesa de controle com 23 monitores de câmeras de segurança espalhadas por um prédio domiciliar. O público tem a visão de quem, provavelmente, seria o segurança do prédio, que durante o videoclipe permanece a observar os monitores. O ambiente do videoclipe foi esquematizado na seguinte imagem:

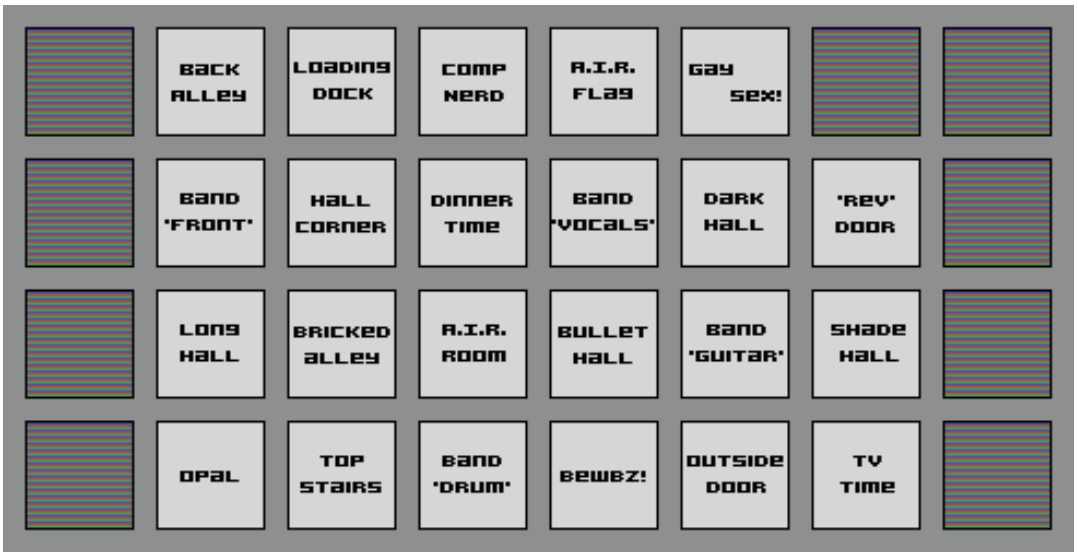


Imagem disponível em: <http://www.nin.wiki/survivalism(song)>. Acesso em: 20 jul. 2016.

A localização dessas câmeras já se mostra bastante peculiar por estarem não só nos corredores do prédio, mas também dentro dos apartamentos, revelando momentos íntimos dos moradores como, por exemplo, um homem sentado à mesa comendo e uma mulher deitada em seu sofá. Em vários monitores a banda *Nine Inch Nails* aparece de diferentes ângulos tocando a música *Survivalism*. Os equipamentos e instrumentos presentes na sala onde a banda está sugerem que aquele é seu local de trabalho. Além disso, em alguns monitores só é possível ver uma imagem que diz “censurado para a sua proteção”, e acompanha um símbolo do anteriormente citado *US Bureau of Morality*.

A seguir, vemos um grupo de soldados posicionando-se para invadir um prédio. A invasão militar prossegue adentrando no prédio, e é possível perceber que a banda continua a tocar enquanto os soldados avançam. Em certo momento, a junta militar para em frente a uma nova porta e realiza uma segunda invasão arrombando-a e, a partir daí, as telas que antes mostravam imagens da banda passam a revelar somente estática. Depois de pouco tempo, a imagem de apenas uma câmera retorna, mostrando a sala, onde a banda anteriormente tocava, revirada, com a porta arrombada, e com uma grande poça de sangue no chão. Então, olhando o monitor da câmera de um corredor, anteriormente percorrido pelos soldados para chegar à porta onde ocorreu a segunda invasão, notamos que eles fazem, agora, o caminho contrário, e estão arrastando um corpo sangrando. O corpo usa o mesmo cachecol que o vocalista Trent Reznor usa durante todo o videoclipe. Nesse momento, fica claro que a junta militar invadiu a sala onde a banda estava e os aniquilou.

Em análise do videoclipe, inserido em seu contexto, conclui-se que essa ação militar contra a banda não passa de uma repressão a uma manifestação de revolta contra o Estado, ou seja, a violência sistêmica de um governo totalitarista. A letra da música *Survivalism* revela um eu lírico satírico, que debocha da elite, como visto na análise da letra feita no Texto de Abertura deste trabalho. Um comportamento que pode ser encarado como "subversivo" pois parte de pensamentos críticos à ordem social que a elite luta para manter.

O universo de *Year Zero* ainda traz uma nova perspectiva, dessa vez sob o olhar de um militar. Nesse ponto, vale lembrar que por mais visto como uma instituição de poder, o exército de qualquer nação é composto de pessoas comuns, que, por mais doutrinadas que possam ser, em colégios militares por exemplo, ainda possuem livre capacidade de pensar racionalmente. Nisso se insere a letra da música *The Good Soldier*[9], que é um depoimento de um militar do universo de *Year Zero*.

Nota-se, na letra da música, a posição reflexiva em que o soldado se encontra, a partir dos seguintes versos:

"Ninguém tem, de fato, certeza / Pelo que nós estamos lutando / Ou quem, de fato, nós somos"

"Eu estou tentando ver / Estou tentando acreditar / Isto não é onde eu deveria estar / Eu estou tentando acreditar"

O eu lírico se questiona sobre os motivos pelo qual luta, tentando manter em mente as ideias a ele ensinadas anteriormente. Ele chega a questionar a própria função na sociedade. Marx dizia que o homem se afirma na sociedade por meio de seu ofício, logo, é perceptível a profundidade desse questionamento.

Além disso, a partir dos dois últimos trechos da música, aqui citados, percebe-se que essas reflexões foram despertadas pela observação da realidade. O eu lírico está desacreditado de seus antigos ideias de batalha, justamente por ver os resultados no mundo real. A violência praticada por ele revela seu caráter obscuro, por meio do pânico, da dor e da submissão dos oprimidos.

A música ainda guarda mais um detalhe interessante, a partir do seguinte verso:

"Não há mais lugar para se esconder / Porque Deus está do nosso lado / Eu continuo dizendo isso a mim mesmo"

Por meio desse verso, nota-se quem, na verdade, é o eu lírico. Ao afirmar que Deus está do lado dele, no contexto de *Year Zero*, ele se delata como um integrante da *105th Airborne Crusaders*, um batalhão de caráter religioso do Estado, que utiliza da violência armada para defender a disseminação de seus próprios ideais, mas isso será explicado com maior profundidade no próximo capítulo.

[... O **MEDO** É A FORMA MAIS SEGURA DE SE GARANTIR O **PODER**. ...]

Este capítulo pode ser sintetizado pela seguinte frase: o uso das forças militares do universo de *Year Zero* não é só uma ferramenta do Estado, mas um pilar que deve ser mantido para o funcionamento geral do sistema. O Totalitarismo, embora sendo um sistema que utilize muito da propaganda ideológica, trabalhando-a de forma incessante em todos os setores da sociedade, a ferramenta militar também lhe é necessária. A propaganda estatal apresenta as ideias, mas a força bruta em nome do Estado (na forma de exército, polícia secreta, etc.), garante a certeza do não questionamento dessas ideias. Não é apenas uma forma de controlar levantes populares, mas também uma garantia de controle ideológico a um nível indispensável ao Estado. É, por fim, um ótimo exemplo do que foi concluído por Maquiavel: o medo é a forma mais segura de se garantir o poder.

9 "*The Good Soldier*" ("O Bom Soldado", em Português)

Terceiro Pilar do Poder: a Religião

Ao contrário do que o senso comum afirma, as religiões não se baseiam apenas em crenças fantásticas facilmente refutáveis por meio do pensamento racional e científico. Na condição em que todos os humanos se encontram, a religião vem como a peça final para a mente de cada um, ou seja, ela surge para explicar e dar sentido a certos vazios que não possuem uma explicação efetiva, justamente por serem o que são. A religião é mais uma alternativa de experiência de vida que atrai muitas pessoas, pois o crente não precisa mais refletir sobre questões sem resposta concreta, a religião faz isso por ele. Ela consegue explicar todas as dúvidas sem explicação que assombram qualquer indivíduo por meio de seus dogmas, que ao se relacionarem entre si, cobrindo todos os setores da vida de qualquer pessoa, criam uma rede sólida onde a explicação de um está no outro, logo ela não pode ser duvidada, só refutada completamente. Porém, sua refutação implicaria um vazio existencial terrivelmente perturbador a qualquer indivíduo.

Nesse mesmo caminho, de explicar a forte presença da religião na sociedade, Marx entra com seu famoso trecho, de seu livro *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*:

> A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo (MARX, 2006, p. 145).

Segundo ele, a religião vem do sofrimento do povo. A massa oprimida cria, sem perceber, para si um Deus, que os protege e apoia. No cristianismo, por exemplo, essa divindade julga todos os homens como iguais, logo, certas correntes cristãs julgam ser inaceitável que uns oprimam outros. Esse Deus incentiva a caridade e a comunhão, abominando qualquer ideologia que coloque o valor do capital acima do bem-estar do indivíduo. Disso, percebemos que a religião, para o povo, é a esperança necessária em seu cotidiano, o "coração de um mundo sem coração". Ela funciona como um calmante para o constante sofrimento causado pela opressão, como uma droga, no caso, o ópio.

Assim sendo, é possível perceber o peso da religião na vida de qualquer indivíduo da massa. Ela é a verdade e a motivação principal para se seguir como uma vida marcada pela exploração. Questioná-la não é uma opção viável nessa realidade e uma instituição que consegue alcançar o patamar de inquestionável exerce poder sobre a sociedade, pois representa algo maior que ela, que está presente na mente de cada cidadão, de formas diferentes. Mas como o desempenho religioso influencia as massas e reflete em *Year Zero*?

Em *Year Zero* não há um esforço de disfarce para a eliminação do Estado laico. Percebemos isso, em primeira instância, através da manifestação do batalhão militar *105th Airborne Crusaders*, que se descreve em seu próprio website como constituído por "homens e mulheres que mantinham um relacionamento pessoal com nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e permitiam o Espírito Santo guiar fielmente seus rifles". Seguimos, portanto, para a igreja

de maior afiliação com o Estado de *Year Zero*: a *Church of Plano* (*Igreja de Plano*, em português). Essa se apresenta como uma igreja protestante, *sola scriptura* (que crê na palavra das escrituras bíblicas acima de qualquer lei terrestre) e fortemente afiliada aos *105th Airborne Crusaders*, tendo doado terras para o estabelecimento da primeira base do batalhão. No website divulgado como oficial da *Church of Plano*, havia um anúncio de um sermão intitulado "Quem Resiste À Autoridade Está Resistindo A Deus", frase que dificilmente abre espaço para qualquer questionamento da interseção entre a Igreja e o regime totalitário.

Naturalmente, haverá uma representação da atuação institucional da religião em uma música do álbum. Esta será *God Given*, décima faixa do álbum, em que a perspectiva adotada é precisamente a da *Church of Plano* em questão, não como unidade (a voz do eu lírico não trata de um fiel ou pastor), mas como todo. A enunciação adotada no desenvolvimento da narrativa de *God Given* é uma que busca convencer o seu interlocutor da necessidade da fé em sua participação enquanto cidadão na sociedade:

"Quão difícil é ver? / Tenha fé em mim / Eu certamente não gostaria de estar rezando / Para o pedaço errado de madeira / Você deveria voltar para onde pertence / Tudo que você sabe está errado"

Deve ser feita, então, a relação da instituição religiosa com a própria entidade sagrada no contexto de *Year Zero*. A representação disso é a *The Presence* ("A Presença", em português), uma suposta visão do que parece ser uma mão de quatro dedos descendo do céu e tocando a terra. Há muitas controvérsias acerca do significado da visão, e muitos que a veem possuem reações extremas, tais como epifanias religiosas, desespero e certeza de um futuro evento apocalíptico. É sugerido no ARG que a *The Presence* é na verdade uma alucinação induzida tanto pelo uso de Parepin quanto por Opal, uma droga que vinha como substituta à cocaína na distopia. Além disso, é interpretada como a presença de Deus na Terra, como sugerido no website *The Water Turned to Blood*[10].

A *The Presence* funciona em *Year Zero,* em um aspecto espiritual, como transfiguradora daqueles que a presenciam. De certa forma, quem testemunha a visão se submete à religiosidade de forma assídua, crente na aproximação do fim do mundo. O efeito é de ter-se o indivíduo posto contra Deus e seu potencial, visto que a mão gigantesca que desce do céu é a representação mais simples e objetiva para a "força divina".

Em duas faixas de *Year Zero*, o encontro com a *The Presence* é retratado como uma reflexão sobre o comportamento do humano em sociedade. A primeira música que traz isso à tona é a nona faixa do álbum, *The Warning*, que consta como um relato de uma testemunha da *The Presence* e a mensagem enviada:

"Estávamos assistindo vocês com todos nossos olhos / E o que vocês parecem valorizar mais / Tanto potencial / Ou pelo menos costumávamos achar / Sua cobiça, egocentrismo e arrogância / Vocês jogaram tudo fora / Ouvimos um pedido / Viemos intervir / Vocês vão mudar seus modos e fazer reparos / Ou vamos limpar esse lugar todo"

A sensação constante de estar sendo vigiado serve como uma espécie de "controle comportamental autônomo" para todos os seguidores daquela religião. Um vigilante e juiz ininterrupto, que lista e pune, sem piedade, os erros de cada cidadão. E essa punição vem a partir da morte, no Purgatório, por exemplo, ou seja, não há

10 *The Water Turned to Blood* - A Água Se Tornou Sangue, em português, é um website (thewaterturnedtoblood.com. Acesso off-line em: 10/07/2016.) criado por um homem internado em uma clínica psiquiátrica depois de ter sofrido um acidente diante de um vislumbre da *The Presence*. O homem, subsequentemente, se autodenominou John of Boston e passou a dar discursos em espaços públicos de cunho religioso.

escapatória. A antiga Lei de Talião[11] interpretada da forma mais objetiva possível.

Daí vem uma outra forma de poder, por meio da religião: o controle pela consciência e a moral. Se esse Deus é aquele que tudo vê e tudo pune, deve ser respeitado e obedecido em quaisquer circunstâncias. Mas, se o Estado se apodera desse Deus, ele ganha um poder incontestável. Como se apoderar de um Deus? Para compreender esse ponto, é necessário esclarecer que a existência ou não de uma divindade não diz respeito a essa questão, o Deus que controla o povo é o que este acredita existir. Exatamente como vimos na análise de Marx, anteriormente citada nesse capítulo, a religião vem do povo, é sua criação. Portanto, basta que o Estado manipule o discurso religioso que seja predominante na sociedade (como visto no capítulo sobre ideologia), para que o que uma vez foi um Deus que apoiava o povo contra a opressão do Estado se torne conformista e aliado do governo. Desse modo, temos: o que é desejado pelo Estado é também vontade de Deus. Isso dá a aparência de que o governo é "ferramenta divina", pois concorda com o Sagrado, mas na verdade a relação é inversa: o Sagrado é forjado para concordar com o Estado. Os crentes se tornam apoiadores assíduos do governo sem perceberem, pois creem estar servindo a uma força divina maior.

A suspeita de que a *The Presence* é uma alucinação causada pelo *Parepin* baseia-se nessa análise. Seria muito lucrativo ao Estado tomar posse desse Deus e, caso este tivesse o poder de amedrontar os civis o suficiente para que se convertessem, o investimento seria benéfico ao Estado.

A quinta faixa de *Year Zero*, *Vessel*, vem como a visão de um usuário de Opal, que inicia relatando a experiência da aplicação da droga:

"Eu deixo você colocar na minha boca / Eu deixo entrar debaixo da minha pele / Eu deixo você injetar nas minhas veias / Eu deixo você me tomar por dentro"

Mais à frente, é relatada uma experiência de natureza espiritual e um tanto divina, bem similar às epifanias vivenciadas por testemunhas da *The Presence*:

"Eu finalmente encontrei meu lugar em tudo / Eu finalmente encontrei minha casa / Eu posso deixar essa carne para trás / Eu consigo ver através da fachada / Estou me tornando em algo / Estou me tornando Deus"

Podemos, finalmente, concluir que a religião é que detém poder na sociedade e que pode ser usada como pilar de sustentação por um governo. A instituição religiosa, com o discurso de fé ao seu lado, tem extrema influência nas massas que, movidas pela crença, atendem a qualquer chamado dela, dificilmente questionando-a. Por ser a porta-voz do Sagrado, a instituição é a representação da divindade no mundo "terreno" e, sendo assim, tem poder total sobre sua aparência. Mesmo que o indivíduo perceba isso, é difícil fugir da interpretação das escrituras que a instituição proclama. Alguma mudança pode ser feita, uma ou outra interpretação pode se sustentar, mas, como falado anteriormente nesse capítulo, é difícil ir contra algum dogma religioso, sem confrontar todos os

11 Lei de Talião – "*Olho por olho, dente por dente.*" – consiste na rigorosa reciprocidade do crime e da pena.

outros. Então, para que a divindade favoreça algum grupo social dentro ou fora da instituição, basta que ela molde seu discurso para satisfazer certos interesses. Daí, basta que o Estado conquiste a instituição e está feito: ele tem a força infinita e universal da divindade ao seu lado, tornando-se uma entidade que está acima de todas as coisas, que traz a certeza do que é bem e mal e que é simplesmente, incontestável. Literalmente, como um Deus.

Considerações finais

Podemos, primeiramente, extrair conclusões separadas da análise de cada um dos "pilares do poder" estudados neste trabalho. Começando pelo pilar ideológico, podemos compreender que a validação do Estado não se pode fazer sem a concordância comportamental do povo. A ideologia trabalha no âmbito de fazer as massas acreditarem que o mundo em que vivem é o mundo em que desejam viver, trazendo complacência com as atitudes que abrangem os outros pilares. O pilar militar funciona na segurança e prevenção do poder, trabalhando para que as massas se mantenham na redoma ideológica imposta, garantindo, através da violência e do medo, que ela não será questionada. O pilar religioso complementa os outros dois, atuando de ambas as formas. Ele sacia quaisquer questionamentos dentro da redoma ideológica do Estado, tornando desnecessário o questionamento e trabalha com a culpa e o temor do poder maior, ou seja, também utilizando do medo para evitar o raciocínio questionador. Além disso, ele cria um sentimento comum de pertencimento a algo maior em toda uma população, tornando-a mais coesa e menos aberta a correntes de pensamento diferentes.

O que torna válido o Estado totalitário do álbum? Por que podemos assumir a possibilidade da instalação de tal regime? No universo de *Year Zero*, a ação conjunta desses três pilares tira, majoritariamente, da população, a possibilidade de reação ao Estado. Dessa forma, o povo é impedido de participar ativamente da máquina política e social, tornando-se passivo em relação ao Estado. Este se autovalida, pois não há, *a priori*, meios consideráveis de questioná-lo.

Que elementos atribuem à distopia a verossimilhança que nos assombra enquanto sociedades que tomam a democracia como imutável premissa? Através da associação entre elementos encontrados na distopia de *Year Zero* e conceitos presentes no pensamento marxista, conseguimos compreender a proximidade entre o retratado na peça de estudo e o mundo em que vivemos. São eles: o Estado totalitário como superestrutura, servindo aos interesses de uma elite que reflete seu pensamento na população (referindo à ganância e expropriação como requisito ao capitalismo), a ideologia como método de alienação das massas, que passam a ligar suas identidades com uma burocracia estabelecida na cidadania (referindo aos "pontos de cidadania" que garantem às pessoas direitos como de se casar, manter um emprego e ter filhos), e a religião como um método de alienação mais profundo e espiritual, ligando também a identidade das pessoas como parte do Estado que, não mais sendo laico, está "sob a proteção de Deus" e garante às pessoas a noção de que estão trabalhando para um plano de uma entidade maior, e para isso, precisam se entregar ao contexto em que vivem. A esses pilares, mantém-se como objetivo anestesiar a consciência de si, fator que desencadeia uma possível resistência de dentro do povo para fora, atingindo a superestrutura.

Por fim, podemos inferir que a obra *Year Zero* promove a reflexão acerca da vigilância que o povo deve manter com seu próprio governo. Este, como analisado, tem a capacidade, através dos processos explicados ao longo deste trabalho, de criar uma espécie de "autovalidação" – no entanto, como explicado também, pode ver suas estruturas ruírem, quando progressivamente as pessoas se tornam alertas do mundo em que foram colocadas.

Referências

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2002.

Leitura Capital, “O que é a revolução do ponto de vista marxista?” Disponível em: <https://leituracapital.wordpress.com/2011/02/11/o-que-e-a-revolucao-do--ponto-de-vista-marxista/>. Acesso em: 13 ago.2016.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Trad. Antonio Caruccio-Caporale. São Paulo: L&PM Editores: Porto Alegre, 2011.

MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Tradução de Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Tradução de Rubens Ederle e Leonardo de Deus. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

MELO, Demian Bezerra de. Considerações sobre o revisionismo: notas de pesquisa sobre as tendências atuais da historiografia brasileira. Disponível em: <http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/79T.pdf>. Acesso em: 2 jul.2016.

VICENTINO, Cláudio, DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. 2012. São Paulo: Scipione, 1997.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**. Tradução de Miguel Serras Pereira. São Paulo: Boitempo, 2014.

Websites:

Anti Nova Ordem Mundial: O que é sobrevivencialismo? Disponível em: <http://www.anovaordemmundial.com/2013/08/o--que-e-sobrevivencialismo-conceito-e.html>. Acesso em: 17 dez.2016.

NINWIKI. Disponível em: <http://www.nin.wiki>. Acesso em: 10 jul.2016.

INVESTIMENTOS ADEQUADOS A **TEMPO DE APLICAÇÃO**

INVESTMENTS ADEQUATE AT APPLICATION TIME

Orientador:

Eustáquio Júnior[1]

Orientandos:

Clara Estillac Leal Silva[2]

Rafael Moreira dos Santos Borges[3]

RESUMO

O artigo a seguir trata das opções de investimentos de acordo com o tempo desejado para a aplicação. Há aspectos que devem ser considerados com pesos diferentes em cada caso, como segurança, vencimento e rentabilidade. Como principais investimentos analisados estão LCI, CDB e Tesouro Direto, sendo este último dividido em prefixado, pós-fixado e Selic.

Palavras-chave: Tempo. Objetivo. Investimento.

ABSTRACT

The following article deals with the investment options in accordance with the desired time for the application. There are aspects that should be considered with different weights in each case, such as security, maturity and profitability. The main investments are analyzed LCI, CDB and Treasury Direct, the latter being divided into pre-fixed, post-fixed and Selic.

Keywords: Time. Goal. Investment.

1 Graduado em Engenharia Mecânica e pós-graduado em Ensino de Matemática pela UFMG.

2 Estudante da 3ª série do ensino médio do Colégio Santo Antônio.

3 Estudante da 3ª série do ensino médio do Colégio Santo Antônio.

Introdução

O artigo tem como objetivo especificar quais os melhores investimentos, dependendo do prazo desejado de aplicação. O desenvolvimento está dividido pelos prazos, cada um contendo os investimentos mais indicados. A curto prazo, opta-se por investimentos seguros e de fácil retirada a qualquer momento, e sobressaem-se nesse aspecto o Tesouro Direto SELIC, o LCI e o CDB. Para investimentos a médio prazo, considera-se também a segurança, além de alta rentabilidade, e, para isso, recomenda-se Tesouro Direto préfixado e também o LCI. Por fim, a longo prazo, o fator mais importante é a rentabilidade com longos vencimentos, e o mais apropriado é o Tesouro Direto pós-fixado. Todos os investimentos estão explicados de maneira mais detalhada no desenvolvimento do artigo. O trabalho acrescenta uma simulação dos investimentos sugeridos com um capital inicial investido de R$ 1000,00.

Investimentos a curto prazo

A curto prazo, ou seja, entre três meses e um ano, os investimentos devem ser feitos de maneira que tenham pouco riscos, pois não há prazo para recuperar os prejuízos. Outro aspecto importante é poder resgatar o capital investido a qualquer momento, visto que não há investimentos com vencimento em períodos curtos. Os principais investimentos a curto prazo são:

• Tesouro Direto Selic[4]: Trata-se de um programa federal em parceria com a Bovespa para a venda de títulos públicos federais para pessoas físicas, utilizando a internet como meio. Neste caso, acompanha as taxas de variação Selic. Logo, se a taxa subir, o investimento valoriza, e se ela desce, o investimento desvaloriza. Apesar disso, essa taxa tem baixa volatilidade, além de que, com esse investimento, o montante resgatado será sempre maior do que o investido. Portanto, pode ser considerado um investimento de baixo risco.

• LCI (Letras de Crédito Imobiliário)[5]: Trata-se de papéis de renda fixa lastreados em crédito imobiliário garantidos por hipoteca ou por alienação de fiduciários de um bem imóvel. Portanto, a empresa usa do capital investido para o setor imobiliário, e pagam-se juros por esse capital. É considerado um investimento viável a curto prazo por possuir títulos à venda com vencimentos até um ano depois da aplicação. Os juros pagos nesse investimento estão atrelados à taxa CDI. Dessa forma, para que o investimento renda mais que a poupança, é importante que sejam oferecidos juros acima de 90% do CDI. Esse investimento é isento do Imposto de Renda. Além disso, é seguro, uma vez que é protegido pelo Fundo Garantidor de Crédito, que garante uma retirada de até R$ 250.000,00, em caso de quebra do banco.

• CDB (Certificado de Deposito Bancário)[6]: Trata-se de um empréstimo feito aos bancos, com juros. Os juros desse investimento estão atrelados à taxa CDI. Por não ser isento de Imposto de Renda, o CDB só rende mais que a poupança se forem oferecidos juros de mais de 100% do CDI. Pode ser considerado seguro, já que é protegido pelo Fundo Garantidor de Crédito, que garante uma retirada de até R$ 250.000,00.

4 Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto-precos-e-taxas-dos-titulos>. Acesso em: 28 jul. 2016.

5 Disponível em: <http://exame.abril.com.br/seu--dinheiro/noticias/onde-investir-em-3-e-6-meses--sem-correr-muito-risco>. Acesso em: 28 jul. 2016.

6 Disponível em: <http://exame.abril.com.br/seu--dinheiro/noticias/onde-investir-em-3-e-6-meses--sem-correr-muito-risco>. Acesso em: 28 jul. 2016.

Investimentos a médio prazo

A médio prazo, ou seja, entre um e cinco anos, os investimentos devem ser feitos com segurança, pois visam atingir um objetivo específico, seja ele a compra de um carro ou uma casa. Outro aspecto importante é uma alta rentabilidade, para que os objetivos sejam financeiramente possíveis no prazo previsto. Os investimentos a médio prazo são indicados para quem não necessita de complementar sua renda desde já. Os principais investimentos a médio prazo são:

- Tesouro Direto Pré-fixado[7]: Trata-se de um programa federal em parceria com a Bovespa para a venda de títulos públicos federais para pessoas físicas, utilizando a internet como meio. Nesse caso, sabe-se exatamente o quanto o montante investido irá render na hora da compra dos títulos. O pagamento ocorre de uma só vez no final da aplicação. Dessa forma, é importante conciliar o tempo de vencimento da aplicação com o prazo desejado para atingir o objetivo financeiro.

- LCI[8]: Trata-se de papéis de renda fixa lastreados em crédito imobiliário garantidos por hipoteca ou por alienação de fiduciários de um bem imóvel. Portanto, a empresa usa do capital investido para o setor imobiliário, e paga-se juros por esse capital. É considerado um investimento viável a médio prazo por possuir títulos a venda com vencimentos entre um e cinco anos depois da aplicação. Pode-se, também, adquirir títulos com liquidez diária, entretanto esses normalmente apresentam menores taxas de juros. Os juros pagos nesse investimento estão atrelados à taxa CDI. Dessa forma, para que o investimento renda mais que a poupança, é importante que sejam oferecidos juros acima de 90% do CDI. Esse investimento é isento do Imposto de Renda. Além disso, é seguro, uma vez que é protegido pelo Fundo Garantidor de Crédito, que garante uma retirada de até R$ 250.000,00, em caso de quebra do banco.

Investimentos a longo prazo:

A longo prazo, ou seja, acima de cinco anos, o investimento deve ser feito com um capital que não será utilizado nos próximos anos. Esses investimentos devem buscar a maior rentabilidade possível, visto que visam grandes objetivos, como a aposentadoria. O principal investimento a longo prazo é:

- Tesouro Direto Pós-fixado[9]: Trata-se de um programa federal em parceria com a

7 Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto-precos-e-taxas-dos-titulos>. Acesso em: 29 jul. 2016.

8 Disponível em: <http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/noticias/onde-investir-em-3-e-6-meses-sem-correr-muito-risco>. Acesso em: 29 jul. 2016.

9 Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto-precos-e-taxas-dos-titulos>. Acesso em: 29 jul. 2016.

Bovespa para a venda de títulos públicos federais para pessoas físicas, utilizando a internet como meio. Nesse caso, os juros estão atrelados à uma taxa predefinida além da taxa IPCA, que mede a inflação. O pagamento é feito de uma só vez no final da aplicação. Além disso, seus vencimentos são muito posteriores à data da compra do título.

Título	Vencimento	Taxa % a.a.		Preço Unitário Dia	
		Compra	Venda	Compra	Venda
Indexados ao IPCA					
Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2017 (NTNB)	15/05/2017	-	6,34	R$ 0,00	R$ 2.976,07
Tesouro IPCA+ 2019 (NTNB Princ)	15/05/2019	6,15	6,19	R$ 2.497,03	R$ 2.494,53
Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2020 (NTNB)	15/08/2020	-	6,06	R$ 0,00	R$ 2.933,88
Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2024 (NTNB)	15/08/2024	-	5,91	R$ 0,00	R$ 2.958,26
Tesouro IPCA+ 2024 (NTNB Princ)	15/08/2024	5,81	5,87	R$ 1.873,11	R$ 1.864,73
Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2026 (NTNB)	15/08/2026	5,86	5,94	R$ 2.971,50	R$ 2.954,45
Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2035 (NTNB)	15/05/2035	5,82	5,90	R$ 3.046,82	R$ 3.020,75
Tesouro IPCA+ 2035 (NTNB Princ)	15/05/2035	5,82	5,90	R$ 1.021,20	R$ 1.006,93
Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2045 (NTNB)	15/05/2045	-	5,95	R$ 0,00	R$ 3.009,34
Tesouro IPCA+ com Juros Semestrais 2050 (NTNB)	15/08/2050	5,80	5,90	R$ 3.031,29	R$ 2.988,34

Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto-precos-e-taxas-dos-titulos>. Acesso em: 29 jul. 2016.

Considerações finais

Pode-se concluir, do artigo apresentado, que aspectos diferentes devem ser considerados para cada prazo de aplicação. A curto prazo, deve-se levar em consideração a segurança do investimento, visto que não há tempo para recuperação, e vencimentos de aplicação curtos ou a possibilidade da retirada do capital com lucro a qualquer momento. A médio prazo, é necessário que os investimentos sejam seguros e de alta rentabilidade, porque visam a um objetivo específico e, portanto, não é um capital passível de ser arriscado e precisa atingir um valor determinado. Os investimentos a longo prazo devem ter alta rentabilidade porque são um capital de reserva para o futuro. Para investimentos a curto prazo, aconselha-se Tesouro Direto Selic, LCI e CDB; para os de médio prazo são adequados Tesouro Direto Prefixado e LCI e, para longo prazo, indica-se o Tesouro Direto Pós-Fixado.

Simulação:

Iniciando os investimentos com um capital de R$1000,00, seguem os rendimentos dos investimentos sugeridos durante o trabalho, de acordo com os prazos estabelecidos. Os rendimentos baseiam-se em taxas atuais (Julho de 2016).

- Tesouro Direto Selic:
  - ✓ Capital inicial investido: R$ 1000,00
  - ✓ Capital bruto resgatado em sete meses: R$ 1082,53
  - ✓ Capital líquido resgatado em sete meses: R$ 1064,53

- Tesouro Direto Prefixado:
  - ✓ Capital inicial investido: R$ 1000,00
  - ✓ Capital bruto resgatado em dois anos e cinco meses: R$ 1310,73
  - ✓ Capital líquido resgatado em dois anos e cinco meses: R$ 1257,00

- Tesouro Direto Pós-Fixado (IPCA 8,74):
  - ✓ Capital inicial investido: R$ 1000,00
  - ✓ Capital bruto resgatado em dezoito anos e dez meses: R$ 13828,28
  - ✓ Capital líquido resgatado em dezoito anos e dez meses: R$ 11548,71

- CDB (Taxa 111% do CDI):
  - ✓ Capital inicial investido: R$ 1000,00
  - ✓ Capital bruto resgatado após um ano: R$ 1157,51
  - ✓ Capital líquido resgatado em um ano: R$ 1129,95

- LCI (Taxa 98% do CDI)
  - ✓ Capital inicial investido: R$ 5000,00
  - ✓ Capital líquido resgatado após três anos: R$ 7332,59

Fundo garantidor de crédito. Disponível em: <http://www.fgc.org.br/>. Acesso em: 29 jul. 2016.

Onde investir em 3 e 6 meses sem correr muito risco. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/noticias/onde-investir-em-3-e-6-meses-sem-correr-muito-risco>. Acesso em: 29 jul. 2016.

Rentabilidade de títulos públicos. Disponível em: <http://www.tesouro.fazenda.gov.br/tesouro-direto-precos-e-taxas-dos-titulos>. Acesso em: 29 jul. 2016.

Colecione os *bottons* do Colégio Santo Antônio.

São diversos modelos. PARTICIPE!

A PERPETUAÇÃO CAPITALISTA ATRAVÉS DO HIPERCONSUMISMO

CAPITALIST PERPETUATION THROUGH HYPERCONSUMERISM

Orientadores:

Miguel Renato de Almeida[1]

Robson Jorge de Araújo[2]

Wanda Rodrigues[3]

Orientando:

Pedro Cruz Marchese

RESUMO

A ascensão do mercado neoliberal e do Estado Mínimo Burguês marcou o início da hipermodernidade, momento em que é possível perceber uma intensificação dos valores introduzidos durante o período Moderno. Nesse processo, o consumo foi ressignificado, com a incorporação sistemática da forma moda, isto é, houve a introdução de valores ao processo produtivo que antes eram característicos da moda, mas que agora se aplicam à sociedade de consumo como um todo, como a obsolescência, a diversificação e a sedução. Não por mero acaso, contudo, tal processo ocorreu: essa alteração nas condições de consumir, colocando-o como um ato prazeroso e momentâneo, advém da necessidade de substituir a ausência estatal representada pelo Estado Neoliberal no que tange às questões trabalhistas e políticas sociais, capazes de promover uma felicidade mais duradoura para a sociedade.

Palavras-chave: Consumismo. Sociedade de Consumo. Hipermodernidade. Neoliberalismo. Mercadoria. Capitalismo.

1 Licenciado em História pela UFJF e mestre em Ciências Sociais pela PUC Minas.

2 Licenciado em Química pela UFMG/Cefet-MG, bacharel em Filosofia pela PUC Minas e mestre em História e em Filosofia pela UFMG.

3 Graduada em História e especialista em História da Arte – O Barroco Rococó, pela UFMG. Diretora da CUT MG, gestões 1992 a 1996.

ABSTRACT

The rise of the neo-liberal market and the minimal Bourgeois state marked the beginning of hypermodernity, at which point it is possible to perceive an intensification of the values introduced during the Modern period. In this process, consumption was re-signified, with the systematic incorporation of fashion. In other words, the introduction of values to the productive process that were once characteristic of High dressmaking, but which now apply to a consumer society as a whole, such as obsolescence, diversification and seduction. Not by chance, however, did such a process occur: this change in the conditions of consuming, turning it into a pleasant and momentary act comes from the need to replace the state's absence represented by the Neoliberal State in labor issues and social policies, capable of promoting a more lasting happiness for society.

Keywords: Consumism. Consumism Society. Hypermodernity. Neoliberalism. Capitalism.

Introdução

A sociedade contemporânea é produto da hegemonia burguesa, em que prevalecem as noções de preservação do capital e da propriedade privada, a fim de garantir a sua supremacia econômica de classe. "A necessidade de um escoamento sempre mais extenso para os seus produtos persegue a burguesia por todo o globo terrestre. Tem de se implantar em toda parte, instalar-se em toda parte, estabelecer contatos em toda a parte" (Marx, 1848, p. 3). O comentário do filósofo Karl Marx, em sua obra *O Manifesto do Partido Comunista*, de 1848, soa, ironicamente, como uma premonição à configuração capitalista atual, marcada pela apropriação dos avanços tecnológicos nas áreas da comunicação, que, por sua vez, demonstrou ser útil na construção de novas formas de dominação, de modo a configurar a multinacionalização sob a premissa da globalização. Nesse sentido, a busca por um crescente escoamento da produção remete a um processo dinâmico e remodelador em que, diante das adversidades, o sistema capitalista tem demonstrado sua flexibilidade de superar crises econômicas, no fortalecimento de uma hegemonia burguesa cada vez mais plural em sua complexidade. Materialmente, a separação final entre o capital e trabalho foi uma das formas encontradas pelo capitalismo, desde seu estágio embrionário, para se perpetuar. Contudo, na Hipermodernidade[1], assentada no mercado neoliberal e no Estado Mínimo Burguês, a imposição do desejo de consumo, que vai além da necessidade e tangencia o efêmero, vem como forma de abafar um sucateamento sistemático – de caráter neoliberal – dos direitos sociais, de tal forma que se mostra como uma instância ideológica proeminente e inédita desse período, com o intuito de promover a perpetuação capitalista.

A mercadoria

A burguesia contemporânea é, por si só, fruto de um longo movimento de progresso e de uma série de desenvolvimentos técnicos, entendidos por Marx como os instrumentos de produção. Desse modo, a incorporação da forma moda como o centro da indústria de consumo de massa alterou as condições anteriores de produção, onde vigorava a produção fordista de mercadorias esteticamente padronizadas. Esse processo, ainda que seja caracterizador da Hipermodernidade, tem seus princípios edificados muito anteriormente através da Alta Costura. Para Lipovetsky:

> Iniciativa e independência do fabricante na elaboração das mercadorias, variação regular e rápida das formas, multiplicação dos modelos e séries – esses três grandes princípios inaugurados pela Alta Costura não são mais apanágio do luxo do vestuário, são o próprio núcleo das indústrias de consumo (Lipovetsky 2007, p. 159).

[... A OBSOLESCÊNCIA, A SEDUÇÃO E A DIVERSIFICAÇÃO, RESPONSÁVEIS POR MOLDAR A SOCIEDADE ...]

Nesse aspecto, a Alta Costura detinha um papel muito importante, durante o século XVIII e XIX, ao reafirmar distinções sociais, constituindo, portanto, uma estrutura social de segregação de uma sociedade que, em seu cerne, ainda carregava resquícios feudais, expressos na pouca mobilidade social dos estamentos. Atualmente, contudo, a incorporação do design industrial na escala produtiva al-

1 A Hipermodernidade é um conceito criado por Lipovetsky, que busca designar a condição social humana após a globalização, principalmente, em que teria ocorrido uma acentuação de valores edificados durante a modernidade. Tal período é, portanto, o momento do hiperconsumo, do hipermercado e do hiperindividualismo, por exemplo.

terou tal lógica, uma vez que atua menos na busca por reafirmar as desigualdades socioculturais de classe e mais no sentido de caminhar para uma maior individualização dos produtos dentro da lógica de produção em massa. Não por mero acaso, a sociedade de consumo coincide com a incorporação da forma moda, haja vista que tal processo alterou substancialmente o sentido das mercadorias nas sociedades contemporâneas, ao introduzir de forma definitiva valores a elas, entre as quais a obsolescência, a sedução e a diversificação, responsáveis por moldar a sociedade como um todo na construção da era do consumo.

Após o esgotamento do padrão de acumulação fordista-taylorista, o design industrial eclodiu em uma multiplicidade de cores, formas e padrões de um mesmo produto, construindo um mercado de microdiferenças que, contudo, são supermultiplicadas. Lipovetsky exemplifica, de forma clara, como esse processo ocorre na prática ao destacar que:

> 22 versões *Supercing* em um ano, a que se acrescentaram as cores e acessórios opcionais, cerca de 200 mil veículos diferentes na Renault, todos os modelos e opções confundidos. Nike e Adidas propõem cada uma várias dezenas de modelos *training* de diferentes cores. A Sony propunha, em 1986, cinco novos toca-discos *laser*, dezenas de caixas acústicas, amplificadores, toca-fitas. Os *softs drinks* pegaram o trem andando: a Coca-Cola criou uma verdadeira linha de refrigerantes – *Classic Coke, New Coke, Diet Coke, Cafeine Free Coke, Cafeine Free Diet Coke, Cherry Coke* –, vendidos em diferentes embalagens e volumes (Lipovetsky, 2007, p. 163).

Dessa maneira, cria-se um mercado que supera o funcional e perpassa o lúdico, mas que atinge o público através da ideia de buscar se compatibilizar com a individualização crescente dos gostos, uma vez que a utilidade principal das mercadorias passa a ocupar um lugar secundário diante das possibilidades múltiplas de escolha dos consumidores. O consumo transforma-se, assim, em uma atividade que aparenta buscar o prazer individual. Tal ato, contudo, é confundido pela falsa ideia de escolha e liberdade do consumidor, que acredita ser a mercadoria um espelho da sua personalidade, quando, na verdade, o consumo representa a manifestação de um individualismo hedonista, isto é, que coloca o alcance do prazer como um bem supremo, voltado para a realização especialmente do prazer consumista, obtido com a imposição do desejo de consumo.

A mercadoria, portanto, tem como uma de suas características básicas a sedução, não apenas reafirmada por uma sociedade em que a opinião espontânea é de que, inevitavelmente, o novo é superior e mais atrativo, mas também porque é vendida como sendo capaz de trazer o entusiasmo insubstituível da mudança, da velocidade e da diferença (Lipovetsky 2007, 160). O produto vai além da concretização material de aquisição e, juntamente a ele, são também vendidos valores que agregam ao indivíduo um *status* social apto a ser consumido. Esse processo de personificação material, que extrapola a própria mercadoria e entra na esfera da idealização, insere-se dentro da lógica do fetichismo da mercadoria, já analisado por Marx em:

> O materialismo grosseiro dos economistas que consideram como propriedades naturais das coisas as relações de produção entre as pessoas e qualidades que as coisas

> adquirem porque estão subunidas a essas relações é, ao mesmo tempo, um idealismo igualmente grosseiro, um fetichismo mesmo, já que atribui a coisas as relações sociais como características que lhes são inerentes e, com isto, as mitificam (Marx, 1973, p. 687).

A indústria cultural, nessa perspectiva, possui um papel fundamental nesse processo ao difundir a ideia do espetáculo para a sociedade através dos meios midiáticos. O marketing cria a ideia no consumidor de que ele seja único em meio a diversos outros, uma vez que a mercadoria é diversificada e, supostamente, voltada para atender aos seus desejos pessoais. O espetáculo é a aparência que confere uma falsa integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida; é a máxima da fetichização da mercadoria, na medida em que cria a ilusão da permanente autonomia, felicidade, grandiosidade e ousadia. Com isso, busca, principalmente, a aceitação dos valores preestabelecidos pelo capitalismo, uma vez que propõe que o indivíduo abdique de uma realidade menos atraente e passe a viver em um mundo movido pelas aparências.

[... O ESPETÁCULO É A APARÊNCIA ...]

Somam-se a esses dois valores mercadológicos complementares – a sedução e a diversificação – outra característica essencial da mercadoria que é a obsolescência. A estilização do comportamento aboliu de vez toda ideia de permanente no consumo, ao colocar a renovação precipitada como um imperativo que rege a produção capitalista. Renovação esta que não se expressa apenas na obsolescência programada dos produtos, isto é, na decisão voluntária do produtor de desenvolvê-los para que rapidamente tornem-se não funcionais, mas que se manifesta, principalmente, no campo ideológico ao ser reafirmado pela sedução do Novo. Isso porque, na economia de consumo, o desuso acelerado é impulsionado pelo tempo breve da moda, em que é necessário que as empresas criem constantemente novos modelos a fim de manter o seu poder de penetração no mercado. Nesse sentido, é compreensível que a obsolescência programada não seja o foco, na hipermodernidade, com a incorporação sistemática da forma moda: a própria sociedade age no sentido de, ela própria, promover a renovação precipitada dos produtos, guiada pela busca de se obter um desejo artificial, criado e condicionado por instâncias de dominação, como a indústria cultural.

Tais valores, incorporados à mercadoria de forma concomitante pela forma moda, condicionaram um consumo voltado para o efêmero, que vai além da necessidade real dos indivíduos, uma vez que nele há, como nunca antes visto, a imposição do desejo de consumo, em uma espécie de micropoder foucaultiano, na busca por formar, constantemente, consumidores. Isso porque, da mesma forma que grandes instituições sociais, exemplificadas por Foucault, como as escolas, os presídios e os centros psiquiátricos, a indústria cultural molda os comportamentos humanos, interferindo na sua autonomia, tornando-os condescendentes e aptos a serem controlados pelo Estado.

Portanto, ainda que a sociedade de consumo tenha se consolidado durante o cenário da Guerra Fria, em que as potências capitalistas buscavam, ao promover o *American Way of Life*, a propagação e o fortalecimento de valores capitalistas, na Hipermodernidade, a dissolução de potências socialistas fez com que o socialismo não mais se tornasse uma ameaça e, dessa maneira, o consumo, estrategicamente usado, possui outros fins no ato de dominação.

O Estado Neoliberal

A Hipermodernidade caracteriza-se pela presença de um Estado burguês, inserido dentro da lógica neoliberal, exatamente pelo fato de que tal conjuntura alterou os sentidos daquilo que configura o consumo, principalmente a partir da metade do século XX. Tal período demarca o surgimento do neoliberalismo enquanto teoria, que se dá em 1944, quando o economista Friedrich Hayek publica sua base teórica denominada *A caminho da Servidão*. No livro, Hayek critica veementemente as práticas de intervenção planejada do Estado da economia, ao defender que:

> [...] Sua teoria do conhecimento afirma que, devido à própria natureza do conhecimento econômico, nenhum cérebro único, individual ou coletivo (e ele poderia ter acrescentado agora o sistema computadorizado) é capaz de conhecer todos os fatores relevantes para as decisões econômicas que possam vir a tomar. Da mesma forma, uma autoridade única não pode centralizar com eficácia o conhecimento dos indivíduos. (Hayek *apud* Wainright, 1998, p. 44).

"TUDO QUE A MENTE DO HOMEM PODE EFICAZMENTE COMPREENDER SÃO OS FATOS DO LIMITADO CÍRCULO DO QUAL É O CENTRO."

Nota-se aqui um apelo ao individualismo quando Hayek afirma que existem limitações aos interesses e ao conhecimento dos homens, haja vista que eles não podem saber ou prever todos os efeitos possíveis das suas ações para a sociedade. Essas limitações partem do princípio de que "tudo que a mente do homem pode eficazmente compreender são os fatos do limitado círculo do qual é o centro" (Wainright, 1998, p. 51). A obra, portanto, lança as bases teóricas daquilo que viria a ser o Estado Neoliberal em âmbitos práticos, consolidado a partir de 1979, com a ascensão de Margareth Teatcher na Inglaterra, ao defender que, sendo uma única autoridade, expresso aqui na figura do Estado, incapaz de conhecer todos os fatores relevantes na tomada de medidas para a sociedade, este deveria ter uma atuação mínima, de tal maneira que viabilizasse que diferentes setores da economia, como as empresas, se organizassem de forma livre e espontânea de acordo com seus interesses.

O Estado Neoliberal encontra as condições propícias para seu desenvolvimento a partir dos anos 70, quando o mundo capitalista se deparou com intensas taxas de inflação e profunda recessão, advindas da crise do Estado do Bem-estar Social. Isso porque, tendo uma política voltada para o capital, possui como fundamentos econômicos básicos:

1. Promoção da desestatização, ao eliminar a participação estatal enquanto agente produtivo e regulamentador, paralelamente a uma política de ampla privatização, a fim de diminuir os gastos públicos.

2. Redução progressiva dos gastos públicos nos setores sociais, como saúde, educação, transporte e previdência. E, portanto, a dissolução do Estado do Bem-estar Social.

3. Enfraquecimento dos sindicatos organizados, aproveitando-se do momento de recessão econômica e do subsequente aumento nas taxas de desemprego, de modo a promover a flexibilização das conquistas trabalhistas adquiridas, principalmente, durante as décadas de 50 e 60, momento de prosperidade capitalista. Essas medidas visam aumentar a acumulação das empresas, extremamente necessária para a obtenção de recursos utilizados em novos investimentos.

4. Promoção de reformas fiscais no sentido de diminuir a taxação sobre as grandes fortunas, paralelamente ao aumento dela sobre os setores médios e populares. Essa medida parte do pressuposto de que é necessário aliviar os impostos sobre os rendimentos mais altos e rendas como forma de viabilizar que estes realizem grandes investimentos com o capital remanescente, promovendo o crescimento econômico.

5. Aumento e diversificação dos aparelhos repressivos estatais como forma de conter os avanços populares possíveis, advindos dos cortes nos gastos públicos voltados para políticas sociais inclusivas e da flexibilização dos direitos trabalhistas.

Nesse sentido, o Estado Neoliberal é aquele que, efetuando uma política voltada para o capital, voluntariamente prevê uma redução progressiva de conquistas sociais e trabalhistas historicamente obtidas através de processos inseridos dentro da lógica da luta de classes e, presumindo um subsequente avanço das camadas populares, articula-se no sentido de conter tais movimentos através do desenvolvimento de aparatos repressivos, normalmente de caráter militar.

Contudo, na Hipermodernidade, que se dá a partir dos anos 90, surge uma novidade, pois o próprio consumo é ressignificado com a consolidação do Estado Neoliberal e da globalização, agindo como uma instância ideológica de caráter alienador e, portanto, repressivo. Isso se dá em um contexto em que as potências capitalistas difundiram a necessidade de serem promovidas reformas pró-mercado, como a homogeneização da economia mundial, através da suspensão de barreiras econômicas e do enfraquecimento da atuação estatal, na busca por uma integração mundial, mas que, entretanto, mostrou-se ser um processo que teve como consequência a intensificação da pobreza e da desigualdade social. A globalização representou a hegemonia do capital transnacional e, nesse sentido, globalizou-se apenas aquilo que é vantajoso dentro da lógica financeira; as necessidades básicas da vida, contudo, não são globalizadas, nem se deseja globalizá-las. Dessa maneira, não se globaliza, por exemplo, o fortalecimento das condições de trabalho, mas a flexibilização dos direitos trabalhistas.

Conclui-se que, não por acaso, a incorporação sistemática da forma moda à mercadoria consolidou uma sociedade hedonista e materialista: o consumo voltado preponderantemente para o lúdico e não para o funcional, expresso na obsolescência estrutural dos produtos e nas microdiferenças supermultiplicadas, visa abafar um processo de aumento das desigualdades sociais resultante da globalização. Esse processo é constantemente legitimado por um Estado de caráter neoliberal, ao flexibilizar conquistas sociais históricas em nome do grande capital. Desse modo, o hiperconsumo, dentro da lógica das sociedades hipermodernas, é um ato que busca o prazer desmedido, isto é, representa a realização do desejo de consumo imposto pelo design industrial e, portanto, tem como perspectiva, na visão de Bauman (2007, p.18), transferir para o mercado a tarefa de recomodificar o trabalho, como resultado da conversão do Estado ao culto da desregulamentação e da privatização.

O Estado do Bem-estar Social esfacelado deu lugar a um amplo processo de privatização e desregulamentação, o que fez com que fosse rompida a ideia de que o governo deveria atuar como um agente de promoção social. Tal momento representou, portanto, no âmbito trabalhista, a redução de direitos e a precarização da atividade produtiva. De forma extremamente analítica, Bauman (2007, p. 18) utiliza a palavra “recomodificação” do trabalho, a fim de apontar o sentido maior da mercadoria: o consumo nas sociedades hipermodernas visa substituir, ao tornar-se um ato que busca o prazer individual e momentâneo, a ausência estatal representada pelo Estado Neoliberal no que tange às questões trabalhistas e sociais.

Considerações finais

Quando se pensa na contribuição da sociedade de consumo para a perpetuação capitalista, é frequente a reflexão acerca da sua função de revigoramento do mercado mundial, regido sob a lei da obsolescência, de modo a promover um consumo constante. Contudo, uma análise possível de tal processo é através do entendimento do papel primordial da mercadoria na tarefa de recomodificar o trabalho. Segundo Lipovetsky, a Hipermodernidade é o tempo de excesso do próprio moderno, vigorando o hiperconsumo e o hipermercado. A globalização não apenas representou a hipertrofia do mercado, como também mundializou o comércio, rompendo barreiras físicas e, principalmente, representando a hegemonia do mercado financeiro. Nesse sentido, como consequência de uma lógica imaterial em que o próprio capital gera mais capital, não há um retorno produtivo de valor social para a população. A precarização do trabalho, bem como o aumento das desigualdades sociais, embasam um consumo enquanto atividade lúdica, numa tentativa de substituir o espaço vazio antes ocupado pela presença do Estado. Essa lógica, contudo, tem formado indivíduos extremamente angustiados, com um consumo movido pela ansiedade e pelo prazer instantâneo, valores que se mostram a serviço do capitalismo, na busca por sua perpetuação.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. **O Mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARX, K. & ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Editora Cortez, 1998.

MARX, Karl. ***Grundrisse***. London: Penguin, 1973.

MENEZES, Wellington Fontes. **A Ilusão da Felicidade**: autofagia, angústia e barbárie na sociedade do hiperconsumo. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

PINTO, Ana Teresa. *O que a Globalização está fazendo com o planeta?* Avanços tecnológicos, impactos na educação e resgate da identidade cultural. Artigo. Instituto Nossa Senhora da Glória - Castelo. Macaé. S/A.